Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23149 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA, 2 JANEIRO 90 60$00

Os portugueses e o dinheiro

Medo do futuro impede o prazer de gastar

Insegurança não joga com prazer. O português segura-se ao dinheiro com medo do futuro. O consumismo é ainda, e só, uma fúria de afirmação da classe média urbana. Na maioria, os portugueses nem sempre cumprem o adágio «Quem tiver dinheiro fará o que quiser». A «vivinha tilintada em magros cobres», de que falava Alexandre O'Neill, é ainda predominante na sociedade portuguesa. O dinheiro dá segurança, entendem 69,1 por cento dos portugueses; o dinheiro dá prazer, apenas 5,2 o afirmam. Esta desvalorização da relação do dinheiro com o prazer é sinal de algum persistente subdesenvolvimento e também de baixo índice cultural.

Sondagem Euroteste/DL

Os livres anos 80

A história contemporânea, *cortada* em décadas pelos media, reduz-se facilmente a caricaturas de almanaque: "os loucos anos 20" ou "os românticos 60". Desse modo, a década de 80 se vai deixando aprisionar nas fórmulas do "triunfo da liberdade" ou da "nova era de paz e prosperidade". Não se trata, é evidente, de pura fantasia, mas a realidade é demasiado complexa para coincidir com tais *clichés* jornalísticos...

Em pleno salazarismo, havia quem nos ensinasse, com rara capacidade persuasiva, que os regimes fascistas não morriam de morte natural: só poderiam cair devido a intervenções externas, à semelhança das "libertações" ocorridas no final da Guerra de 1939-45. De então para cá, sem ingerências armadas, muitas ditaduras ruiram como castelos de cartas, enquanto outras tiveram de procurar o caminho da autoreforma. Assim aconteceu, nos anos 70, em Portugal, Espanha e Grécia; na década de 80, além das transições do Brasil e do Chile, tivemos a "perestroika" de Gorbatchev e o respectivo efeito dominó em todo o Leste europeu: Polónia, Hungria, RDA, Bulgária, Checoslováquia e Roménia...

O ano de 1989 colocou-nos perante uma noção alargada de cidadania. Ou seja, tudo se passou como se a crescente mediatização da vida pública tivesse alargado a esfera da nossa responsabilidade para além das fronteiras e dos limites do Estado a que pertencemos. As novas perspectivas de paz e cooperação, o esboço de uma

Mário Mesquita

Continua na Pág. 2

Ainda se mata em Bucareste

Da nossa enviada especial Marina Tadeu

Bucareste, 1 de Janeiro, cinco horas da manhã. Um carro dirige-se para uma rua secundária, junto ao edifício parcialmente destruído onde funciona a TV romena. Do lado oposto, à saída da estação de Metro de Victoriei, emergem dois homens. Têm vinte e tantos anos, vestem miseravelmente e trazem um papel amarelo pendurado na lapela. Acabaram o seu turno de vigilância do Metro, onde, como em todo o lado, se aguardava a ofensiva de fim de ano dos elementos da Securitate. Encaminham-se para essa rua secundária. No passeio, espetadas na neve, cinco velas ladeiam uma cruz e uma pequena bandeira nacional esfarrapada.

Os dois seguem normalmente o seu caminho. Do outro lado da rua secundária o carro acelera. De lá é disparada uma rajada. Segundos depois, a bandeira e os jovens caem por terra. Entre a sua saída do Metro e a sua queda houve pouco mais do que cinco minutos. Mais tarde, foram ali colocadas velas para assinalar a tragédia desta noite de passagem do ano em Bucareste, que vivi junto dos grupos de segurança do Metro.

A noite passada, o meu hotel, o Continental, foi atacado também com rajadas de metralhadora e os militares romenos levaram-nos, a todos, rapidamente para as caves do edifício. Várias janelas ficaram estilhaçadas. Na passagem do ano, o Presidente Iliescu dirigiu uma mensagem à nação e nela anunciou a abolição da pena de morte, proclamou a semana de trabalho de cinco dias, a entrega gratuita de terras aos que as queiram regressar e reconstruir as duas mil aldeias destroçadas por Ceausescu e, ainda, a liberalização dos preços agrícolas.

Págs. 9 e 10

Especial Anos 90

O primeiro dos quatro suplementos especiais em que faremos a prospectiva da nova década. Uma imagem plausível da evolução dos fenómenos mais influentes no nosso futuro com artigos de Paquete de Oliveira, Lucas Pires, Zita Seabra, Adriano Moreira, Agostinho Jardim Gonçalves, Serras Gago, Laura Ayres e Riccardo Petrelha e entrevistas de Edgar Morin, Fausto Amaral, Delgado Domingos, Ribeiro da Silva e Agostinho Roseta.

Bases do PSD pedem contas a Cavaco

Cavaco Silva chamou a Lisboa todo a orgânica do PSD, numa movimentação que faz lembrar os tempos de crise vividos durante a liderança de Pinto Balsemão ou Mota Pinto. A Comissão Permamente dos sociais-democratas reune esta tarde, a seguir o encontro alarga-se às 18 distritais e aos líderes das regiões autónomas. A terminar haverá, amanhã, uma reunião da Comissão Política Nacional.

Estas reuniões em série destinam-se a fazer um balanço das autárquicas e os dirigentes distritais vão pedir contas ao primeiro-ministro, numa contestação que ganha força. A distrital de Lisboa pede explicitamente a remodelação, considera que o Governo «não tem sabido fazer política», enquanto Eurico de Melo, à frente de uma linha mais moderada, se opõe a mudanças rápidas e prefere deixar arrefecer os ânimos.

Pág. 7

DL

Savimbi quer ser recebido por Soares em Lisboa
Pág. 8

Fukuyama entrevistado pelo DL em Washington
Págs. 18 e 19

Auto-Retrato de Mário Dionísio
Pág. 4

Crónicas de Umberto Eco Artur Portela e Luís de Sttau Monteiro
Págs. 4 e 5

Os livres anos 80

continuação da 1ª página

era pós-Ialta, o empenho das populações do Leste europeu na conquista das liberdades públicas e do pluralismo constituem boas razões para o entusiasmo com que as capas dos magazines internacionais se despedem da década.

A evolução registada nos países do Pacto de Varsóvia - contrastante com o retrocesso da China Popular - veio confirmar a necessidade de sociedades abertas, onde exista espaço para o debate e, mesmo, para o conflito. O sistema unidimensional das "democracias populares" abriu falência, mesmo se não resulta ainda claro que tipo de organização da vida política e económica lhe irá suceder. Palavras como democracia, pluralismo ou mercado correspondem, possivelmente, aos anseios dos polacos, dos checos ou dos alemães da RDA, mas são fórmulas demasiado vagas para esclarecerem as nossas dúvidas e interogações.

O regozijo e a alegria que perpassaram nas homílias, religiosas e laicas, de fim de ano justificam-se plenamente, mas não faz sentido substituir a análise pelo optimismo beato. A mudança em curso no Leste europeu representa um desafio à descoberta de novos modelos políticos para as sociedades contemporâneas - e não propriamente o triunfo definitivo de um supra-modelo liberal-capitalista que tivesse passado a constituir, de Bucareste à cidade do Panamá, património comum da Nato e do Pacto de Varsóvia.

Uma nova ordem internacional com vista à paz e à cooperação não pode, com certeza, reduzir-se a uma versão aperfeiçoada do condomínio soviético-americano, onde a nefasta teoria da "soberania limitada" de Brejnev cedesse lugar à noção, mais sofisticada, do "dever de ingerência" em nome dos direitos humanos.

Tanto optimismo de fim de década não deveria fazer esquecer que a democracia não é sinónimo de não-ditadura, que o Leste não fez desaparecer o Sul, com o seu cortejo de sub-desenvolvimento e miséria, ou que a política é uma tarefa sempre inacabada - "um trabalho sem fim..."

M. M.

Os portugueses

Inquérito - Sondagem «Diário de Lisboa» - Euroteste

Para si, ter dinheiro é importante para dar segurança, para dar felicidade, para dar prazer ou para dar poder?

	PERCENTAGENS VERTICAIS					
	TOTAL	Gran. Lisboa	Gran. Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Dar segurança	69,1	76,2	77,1	72,3	55,3	56,6
Dar felicidade	12,7	5,3	10,4	9,8	24,4	22,9
Dar prazer	5,2	7,1	3,1	3,3	9,7	3,4
Dar poder	10,0	9,6	9,1	9,9	6,4	16,1
Não sabe						
Não responde	3,0	1,8	0,2	4,8	4,2	1,0

	CLASSE				
	TOTAL	A/B	C1	C2	D
Dar segurança	69,1	72,6	68,4	72,2	60,1
Dar felicidade	12,7	7,2	9,5	13,9	20,5
Dar prazer	5,2	9,1	6,8	2,9	4,5
Dar poder	10,0	10,7	13,5	6,9	10,3
NS/NR	3,0	0,5	1,8	4,2	4,6

	RELIGIÃO					
	TOTAL	Católica	Protest.	Ortodoxa	Jeová	Agnóstica
Dar segurança	69,1	71,0	80,7	100,0	95,8	48,6
Dar felicidade	12,7	13,1				10,1
Dar prazer	5,2	4,2				10,4
Dar poder	10,0	8,7	19,3		4,2	27,3
NS/NR	3,0	3,1				3,5

	IDADE			SEXO	
	15/34	35/54	+ 55	Masc.	Fem.
Dar segurança	62,8	75,1	71,0	65,1	72,6
Dar felicidade	12,6	9,8	16,2	13,1	12,4
Dar prazer	8,9	1,8	4,0	6,9	3,8
Dar poder	13,5	10,8	4,1	12,1	8,1
NS/NR	2,2	2,6	4,7	2,9	3,1

Universo e amostra

O universo desta sondagem foi constituído por indivíduos com 15 anos ou mais, residentes no Continente em localidades de 100 ou mais habitantes. A amostra foi de 1000 entrevistas. Destas, 37,4 por cento foram realizadas no Litoral, 23,5 na Grande Lisboa, 15,7 no Interior Norte, 12,6 no Interior Sul e 10,8 no Grande Porto.

Por faixas etárias, a sondagem reservou 39,5 por cento da amostra ao grupo dos 15 aos 34 anos; 32 por cento ao grupo dos 35 aos 54 anos; e 28,5 aos de mais de 54 anos.

Por classes, a amostra foi constituída por 185 indivíduos das classes A/B; 423 da classe C1; 316 da classe C2; e 76 da classe D.

A caracterização das classes foi feita, sumariamente, pelos seguintes elementos:

Classe A: rendimento familiar superior a 150 contos e nível de instrução universitário; **classe média alta (B):** rendimento entre 100 e 150 contos, nível de instrução média; **classe média superior C1:** rendimento entre 60 e 100 contos e instrução média profissional; **classe média inferior C2:** rendimento entre 30 e 60 contos, operários e trabalhadores, com instrução primária; **classe baixa (D):** rendimento até 30 contos, trabalhadores não especializados e dos serviços domésticos, de instrução primária incompleta, residentes em zonas pobres.

A segurança dos e a felicidade

Numa sociedade que começa a ficar encharcada de interesses económicos, afinal os portugueses não pensam que o dinheiro dê poder ou felicidade, excepção feita aos mais novos. Na maioria os portugueses entendem que o dinheiro representa segurança, talvez uma resposta ao medo do futuro, quais gatos escaldados por quentes crises económicas.

A atitude da grande maioria dos portugueses face ao dinheiro é a da segurança, em especial os das classes mais ricas e os dos habitantes dos grandes centros urbanos. A expectativa de felicidade mora na classe baixa e na população das zonas do interior, o que vale bem por dizer que o dinheiro só não dá felicidade aos que já são ricos.

Esta é uma das primeiras conclusões de um vasto inquérito-sondagem, de que hoje publicamos este primeiro capítulo e, através do qual vamos tentar conhecer alguma da relação de íntima das pessoas com o dinheiro e, modestamente, por aí tentar uma aproximação à sociedade portuguesa, subitamente avassalada pelos interesses económicos, pela propriedade, pelo dinheiro.

Se esta sondagem tem algum rigor, e tem pelo menos a valor de uma aproximação à realidade, a partir desta primeira questão fundamental, que indaga da relação mais directa do indivíduo com o dinheiro, concluiríamos que vivemos ainda uma situação de insegurança. Uma insegurança quase atávica, vinda dos tempos do fascismo, a que não é estranha a crise económica do início dos anos 80, que leva as pessoas a segurar o futuro com o amealhar do dinheiro.

Concluiríamos ainda que, nesta fase de arranque para o desenvolvimento, o dinheiro não é considerado fortemente uma fonte de poder. Tal atitude só tem algum significado para as gerações mais novas (13,5%) e para a classe em ascendência, a classe média (13,5%). Em termos de mentalidade, é talvez preocupante que esta relação do dinheiro com o poder seja mais relevante, segundo dados de que dispomos, na faixa etária dos 15/19 anos (23,5%), que é aquela também que mais relaciona o dinheiro com o prazer.

Espanta que os jovens se relacionem com o dinheiro mais em termos de poder do que de felicidade, a não ser que já confundam um com outra coisa como, de certo modo, nos disse o sociólogo Paquete de Oliveira:

«Para os jovens de hoje, de modo mais flagrante, o dinheiro vale sobretudo pelo que dá, pelo que conquista, nas coisas, ou no espaço do mundo e da vida. Não é importante que o pai seja rico. O importante é ter o carro. Não é importante ser proprietário do "Frágil", o importante é ir ao "Frágil", conquistar esse espaço.»

É a vaga de hedonismo e de individualismo que atravessa a juventude, movida por um modelo liberalista de «sociedade das possibilidades imediatas». Sociedade em que - é ainda Paquete de Oliveira a falar-nos - «tudo é possível a todos; é possível ser rico, vir a ser rico, como vir a ser sábio; é possível ser súbdito, como vir a ser chefe, ter poder; é possível andar a pé ou de transportes públicos, como é possível ter um grande carro; é possível ser pobre ou vir a ter uma grande fortuna.»

Saídos de uma experiência hiperinflaccionista, as pessoas perderam o respeito ao dinheiro. Quando a inflacção caíu para menos de metade, e isso aconteceu em apenas quatro anos, de 1984 para 1988, começaram a gastá-lo, a tirar a barriga de misérias. A moeda desrespeitou-se. Paquete de Oliveira cita Michel Serres: «o dinheiro tem todos os sentidos por não ter nenhum, não vale nada e vale tudo, por ser, nesta sociedade o equivalente geral de todos os valores.»

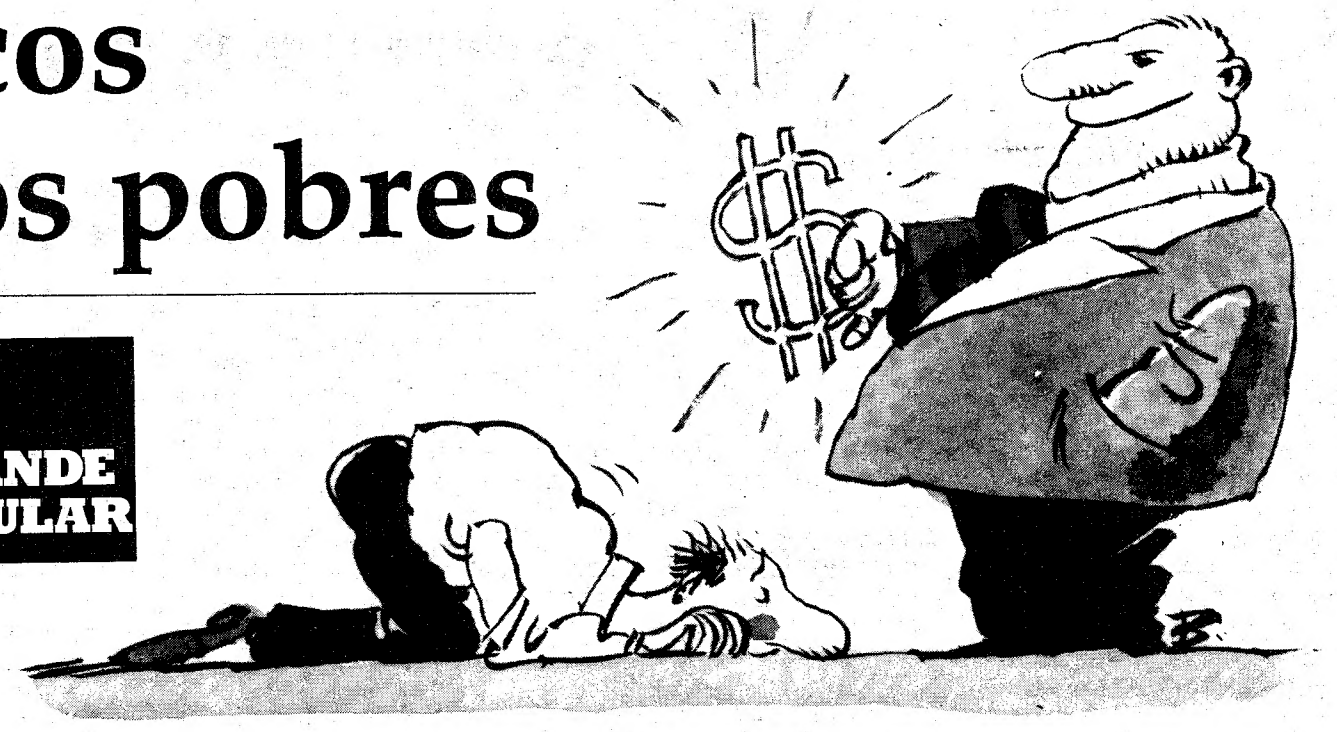
A relação prioritária do dinheiro com a segurança, que esta sondagem revela, reflete, de algum modo, a sociedade portuguesa. Uma sociedade que não é ainda uma sociedade rica e de bem estar, que não oferece segurança social, no emprego, na saúde ou na velhice e, daí, o dinheiro como um seguro

Usurário hebreu. Embora condenada pela Igreja, a usura era uma componente imprescindível da vida económica

e o dinheiro(1)

ricos dos pobres

GRANDE ANGULAR



para o futuro; daí, como veremos noutro dia, a propensão para a poupança, muito mais acentuada do que em outros países europeus mais desenvolvidos.

O dinheiro é maior fonte de segurança para as mulheres (72,6%) do que para os homens (65,1%); para os mais idosos (75,1%) do que para os jovens (60,1%).

A relação com o prazer é mais notória na Grande Lisboa e no Interior Norte (?), nas classes mais ricas e nos mais jovens.

No nosso contexto social, ainda marcado por algum subdesenvolvimento, é normal que a relação do dinheiro com o prazer, apareça desvalorizada, embora possamos admitir que os resultados da sondagem tenham alguma falibilidade, por a noção de prazer ter sido de difícil interpretação para os sondados. De qualquer modo, e sem entrar em grandes especulações, pode-se talvez adiantar que há pouco dinheiro disponível e, simultâneamente, um baixo índice cultural, para que os portugueses acedam pela moeda ao usufruto de bens ou serviços não essenciais e não fungíveis.

Noutra parte da sondagem, veremos em que grau os portugueses colocam o prazer na hierarquia dos seus consumos e aí se confirmará esta conclusão.

Adelino Cardoso

O dinheiro na literatura portuguesa

O Deus milhão e a rainha pecúnia

«Quem dinheiro tiver fará o que quiser», reza o adagiário, que também diz «Negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro» ou «Dai-me dinheiro, não me deis conselhos».

O dinheiro, de facto, atravessa a literatura portuguesa de uma ponta à outra. Primeiro, de Newcastle, e depois, de Paris, Eça de Queiroz, por exemplo, escreve a Ramalho: «As dívidas serviram a Balzac para aprofundar o mundo bancário, agiota, notário e forense; mas eu nem tenho essa consolação, que as minhas dívidas me tragam a revelação de tipos essenciais: elas só servem para me envelhecer e me bestificar. (...) Eu estou a *court d'argent*, além de toda a expressão: - e só me poderei equilibrar para o meado do mês que vem. Mas, até lá, nem um magro sou. E todavia é necessário pagar ao tendeiro».

Ainda de Paris, em carta ao seu amigo conde de Arnoso: «Enfim meu filho, a luta pela vida! Luta bem vã, quando se empreende com uma pena na mão, em língua portuguesa. Todo o meu erro foi, quando era moço e forte, não estabelecer uma mercearia, para o que aliás tenho jeito e gosto. Estava agora gordo e sossegado como o toucinho que cobriria o meu balcão, e quando tu por lá aparecesses, eu diria com deliciada superioridade: *Oh, Sr. Conde, temos agora aí um queijinho que é de se lhe arrebitar a orelha*. E seria o céu aberto».

Para Camilo, no universo do deus milhão, «o ouro sacratíssimo do trabalho, empolgado pelos grifos do demónio, e sacudido às rebatinhas, alastrará de sangue o ouro onde cair, como a chuva de betume candente sobre as cidades malditas».

Quase cego, dir-se-ia que as coisas começavam finalmente a tornar-se claras para o grande escritor nas solidões de São Miguel de Seide: «Não podemos alterar a letra dos dicionários: o roubo formulado legalmente - chama-se *propriedade;* a restituição da propriedade, imposta à mão armada, e sem camaradagem da justiça, chama-se roubo».

Pois sim, mas «O dinheiro é tão bonito, tão bonito o maganão! Tem tanta graça o maldito, tem tanto chiste o ladrão!», como o canta João de Deus, mestre da estrofe de metro variado, que quase nos enternece com a ideia do dinheirinho, ao arrepio dos diatribes de um Padre António Vieira, fulminando «a ladroeira dos ministros»: «Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me dirão onde acharam estes tesouros sem irem à Índia, ou que arte tiveram para medrarem tanto em tão pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a vizinhança? Já o sei, sem que mo digam: houveram-se como a raposa no galinheiro em que entraram. Cevaram-se não só no necessário, senão também no supérfluo. Não se contentam em se verem fartos e cheios como esponjas, querem engordar com acepipes; e por isso lançam o pé além da mão e estendem a mão até ao céu e as unhas até ao inferno, e metem tudo a saco, quando o ensacam, e são como o fogo que a nada diz - basta!»

O dinheiro, a massa, o móni, os carcanhóis, o pastarel transformam tudo, ao ponto de mais valer a velha com dinheiro que a moça com cabelo. Com efeito, mais abranda o dinheiro que palavras de cavalheiro. Que mais? D. Francisco Manuel de Melo, um português fino, põe na boca do Vintém tristes visões: «Vi desmanchar compras e vendas de grande interesse pela diferença de meu valor, porque a moeda é figura e cifra a vontade de quem a tem, que, segundo sua estimação, lhe dá o preço. Vi matarem-se homens por meu amor; arriscarem-se e não sei se perderem honras e conveniências por meu respeito, tão baixo preço põe a avareza aos homens, que suas mais ricas partes vendem por bem pouco dinheiro. E conheci dois pares de testemunhas e de testemunhos, que não custaram um ceitil mais daquilo que eu valho. Quantas honestidades se perderam por esta taxa! Quantas devassidões por ela se continuaram! Quantos negócios foram transtornados por este tal preço! Bastara que por mim desfizesse um casamento de muitos mil cruzados, que a ambas as partes estava muito bem. E o que mais me fazia era logo a sentença com que um destes malditos saía de revés, provando que estava averiguado que quem não estima um vintém não estima um tesouro. Ora dizei-me: parece-vos que será grande delito não estimarmos nós os homens, que tão pouco se estimam? Se aquelas cousas em cujo troco eles se deram foram de outra mossa ou raridade, bem puderamos enganar-nos; mas, sendo nós próprios o valor de suas honras e vidas e sabendo, como ladrões de casa, o pouco que valemos para ser preço de cousas de tanta valia, digo e torno a dizer que bem mal fará o dinheiro que destes tais fizer algum caso».

Furioso estava este vintém! Deus nos livre! Na casa de Herodes, porém, mais vale ser vintém que pai ou filho. «Penso no meu povo pobre, na vidinha tilintada em magros cobres, na mesquinhez à sobreposse» (Alexandre O'Neill) e creio que o pior do dinheiro é tornar natural a desigualdade entre os homens, estabelecer duravelmente que o valor de cada homem nunca será medido pela força e tamanho das convicções próprias, mas pela quantidade de dinheiro que possui.

Ernesto Sampaio

COMENTÁRIO

O Muro do Dinheiro

Há muros que se vão derrubando, o de Berlim, por exemplo. Há outros muros que vão crescendo, os das desigualdades, o do dinheiro, muros de opressão nas sociedades da liberdade.

Há dias, Jorge Sampaio, invectivado por não falar com veemência, com o suficiente júbilo, da queda do muro de Berlim, respondia que outros silenciavam e não derrubavam os muros existentes dentro da cidade de Lisboa, separadores dos que vivem e dos que vegetam.

Também recentemente, o Presidente da República dizia: «há dinheiro fácil e sente-se porventura demasiado o peso do dinheiro na sociedade portuguesa». Mário Soares falava de ostentação, de crise de valores e da necessidade de incentivar e preservar vastas áreas da vida nacional do simples poder do dinheiro.

Esta pacata sociedade portuguesa começa, de facto, a ficar encharcada de negócios, obcecada por êxitos fáceis. Ganha-se dinheiro na Bolsa, especula-se em imobiliários à custa de bens públicos, procura-se dinheiro fácil, rápido. Procuram-se cursos para carreiras de sucesso financeiro, procuram-se lugares nas grandes empresas e, se não se sabe fazer mais nada, cargos públicos.

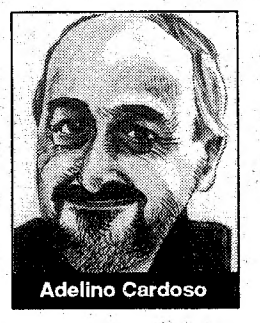
A luta é feroz, o objectivo é o dinheiro, a segurança e, se possível, a glória. Os litígios crescem, a vida não vai mal para os advogados. A competição aí está, a selecção não será a dos mais competentes e dos mais inconformistas, será a dos mais audazes e mais ardilosos.

O rasto que ficará para trás desta vertigem não lhes interessa muito. Quem vier atrás que feche a porta.

Mas a vertigem acabará por levá-los a bater com a cabeça no muro, e este ciclo acabará por ter o seu refluxo. Porque as pessoas hão-de voltar a querer encontrar-se consigo. Porque a sociedade não aguenta por muito tempo, nem excessos de ordem, nem excessos de desordem, como se está a ver a Leste e a Oeste.. Porque tem de haver limites para a destruição da Natureza ou para a desumanização das cidades. Porque, atafulhados de consumo, as pessoas acabarão por descobrir que nada acrescentaram a si mesmas e que, ao contrário do que disse um *yuppie* americano, o dinheiro não é o único resultado do que fazemos e a que os outros estão atentos.

Uma sociedade excessivamente comandada pelo dinheiro vai perdendo o rumo do bem público ou comum; torna-se agressiva e pouco solidária; desigual e pouco fraternal.

Quando as pessoas valorizam demais o dinheiro é porque deixaram de saber a que outras coisas dar valor. Esterilizaram.



Adelino Cardoso

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 65$00.

PORTE PAGO

PAULO, MÁRIO E INDIANA JONES

Será que podemos definir as regras que presidem à comunicação entre os seres humanos? Li há pouco tempo um livro onde se discutia precisamente o problema de que para se poder comunicar não basta conhecer a mesma língua, é necessário que os falantes possuam um fundo genérico de conhecimentos, pressupostos comuns. De outro modo, corremos o risco de cair constantemente em equívocos. Se me dizem: «Ontem Berlusconi comprou o «Corriere della Sera», devo saber se me estão a pôr ao corrente do que Berlusconi fez ontem, no quiosque, ou do que decidiu num Conselho de Administração.»

Eis outro exemplo extraído de uma obra sobre a filosofia da linguagem em que se discute o problema de saber se a comunicação deve produzir-se segundo regras «cientificamente» controláveis. Uma tarde, no escritório, Paulo e Mário lêem a edição da manhã do diário local e vêem que no cinema Roxy se exibe o «Indiana Jones». Horas depois, Mário lê a edição da tarde e verifica que o Roxy mudou a programação e apresenta agora o «Batman». Com um lápis, faz um círculo à volta da notícia e deixa o jornal na secretária de Paulo. Mais tarde, Paulo vê o jornal e apercebe-se do círculo. Mas compreende que Mário não sabe se ele, Paulo, o viu. Dias depois, Paulo pergunta a Mário: «Sempre viste aquele filme do Roxy?»

A que filme se refere Paulo e em que filme pensa Mário? Nós sabemos que ambos sabem que é o «Batman», e Paulo sabe que Mário o sabe. Todavia, Mário poderia supor 1) que Paulo está ainda a pensar no «Indiana Jones», por não ter visto a correcção, 2) que Paulo tenha reparado na correcção e conjecturado que ele, Mário, conjecturara que ele, Paulo, havia dado por ela (e, portanto, pensa no «Batman»), ou 3) que Paulo suponha que ele, Mário, não fez todas as conjecturas necessárias e que, por esta razão, pense que ele, Mário, pensa que ele, Paulo, está ainda a pensar em «Indiana Jones».

Neste livro demonstrava-se, por conseguinte que o único modo de assegurar uma referência comum e correcta pressuporia que Paulo não só soubesse que filme efectivamente o Roxy exibia, mas também que Mário o sabia, e que Mário soubesse que ele, Paulo, sabia, e que sabia que ele sabia que ele sabia que ele sabia, e que sabia que ele sabia que ele sabia que ele sabia, e assim indefinidamente. Logo, em teoria, a situação tornar-se-ia irresolúvel.

Naturalmente que, na vida de todos os dias, as coisas sucedem de maneira diferente. Em primeiro lugar, é difícil aceitar, numa situação tão complicada desde o começo, que Paulo, se não for estúpido, faça uma pergunta tão ambígua. Mas, admitindo mesmo que Paulo seja um irreflectido, o diálogo não se ficaria pelas primeiras frases, outras viriam mais clarificadoras. Dando de barato que tivesse havido um mal-entendido, se Paulo perguntasse depois a Mário: «Gostaste da cena inicial, a do comboio?» e Mário caísse das nuvens, descobria-se imediatamente que estavam a falar de filmes diferentes. Por outro lado, nem um nem outro fazem todas as conjecturas previstas pela teoria: normalmente, apostam na primeira que lhes vem à cabeça, e se a interacção se produz sem problemas ficam convencidos de que era essa a conjectura acertada. Teoricamente, a interacção é impossível mas, como de costume, na prática corre bem.

Umberto Eco

Devemos, portanto, concluir que a comunicação não se produz de um modo racional, mas desordenado e intuitivo? Esta pergunta remete-nos para uma série de debates actuais acerca da crise da razão, as oposições entre pensamento forte e pensamento fraco, as teorias da verdade e as do «tudo vale». Os que se comportam de um modo racional são os Paulos e os Mários da realidade; os do exemplo teórico, que seguem um modelo abstracto de raciocínio,portam-se irracionalmente - e, de facto, não chegarão a lado nenhum.

O bom senso, que preside ao pensamento científico e aos nossos comportamentos quotidianos, é o que tem em conta todas as variantes possíveis, os contextos, as circunstâncias, a impossibilidade de definir com rigor o que possa ser um conjunto global de pressupostos, e procede, antes, por tentativas, cálculos de probabilidade e plausibilidade, controlos, ajustamentos de direcção, hipóteses e erros. Foi assim que se descobriu que a terra girava em volta do Sol e é também assim que Paulo e Mário vão, enfim, saber de que filme estão a falar.

(Trad. de Maria Manuela Ferreira de Almeida)

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Mário Dionísio

É um fulano digamos que intratável, não porque trate mal a gente, pelo contrário, mas por nos deixar sempre hesitantes sobre por onde lhe pegar. Das várias actividades a que sempre se dedicou, qual é a principal? Como julgar as suas contradições, que acabam por se revelar confirmações?

Diz-se indiferente ao que os outros pensem dele, mas sentimo-lo infeliz quando o acham, por exemplo, intransigente ou passam pelo que fez e faz como cães por vinha vindimada. Chega a sofrer com isso, o pobre, não tanto por vaidade ferida como porque, então, talvez não tivesse valido a pena. A velha ideia fixa da utilidade, do dever. Uma seca. Contudo, só muito lá por dentro.

Meão de altura, como o outro, de cabelo mais escasso do que quem quer gostaria de ter, prognatismo muito acentuado, talvez pelo uso do cachimbo a toda a hora durante anos, é afinal um sujeito bem menos austero do que os que o conhecem mal geralmente supõem. Por baixo daquela exigência toda de rigor e de coerência (perante tudo e todos, a começar por si próprio), uma criança espreita.

Daí decerto o tal vício maior de gostar de brincar com o lume, ou seja, uma actividade permanente em desafio a si próprio e em sentidos diferentes, com a mesma paixão ou teimosia: professor (44 anos!), militante político, que continuou a ser, mesmo depois de, por discordâncias de metodologia, se ver ou julgar sozinho, ensaísta de pendor polemizante, ficcionista, poeta - antes e depois de tudo, melhor: em tudo -, pintor, agora a tempo inteiro.

Mário Dionísio

Tinetazinha incurável: um desejo de perfeccionismo quase doentio. Escreveu sempre cada página dezenas de vezes, pintou e repintou cada uma das suas telas até à saturação. Além das que destruiu, uma montanha. É um chato em certas coisas: come porque tem de ser e só bebe água, detesta demorar-se à mesa, gostando de conviver, lamenta-se de que haja tão pouca gente com que (lhe) valha a pena fazê-lo.

Os historiadores da cultura do futuro (que os de agora estão próximos de mais) terão algumas surpresas - veleidade dele - com uma ou outra coisa que disse ou fez antes de ninguém, muito particularmente na concepção e prática do neo-realismo (um bradar no deserto!), que ajudou a fundar e defendeu até lhe parecer possível e ainda útil fazê-lo. Agora foge quanto pode a refalar no assunto. O repisar enerva-o.

Bibliografia activa, resumidamente: entre muitos escritos, palestras, entrevistas de carácter ensaístico, «A Paleta e o Mundo», que teve o Grande Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores no ano da publicação do último volume (1962); cinco livros de poesia, desde 1941, incluídos no volume «Poesia Incompleta» (1966), a que se tem de acrescentar «Le Feu qui Dort» (1967) e «Terceira Idade» (1982), prémio ex-aequo, da Associação Internacional dos Críticos Literários; três livros de contos: «O Dia Cinzento» (1944), reescrito e reeditado, a partir de 1967, com o título de «O Dia Cinzento e Outros Contos», Monólogo a Duas Vozes (1988) um romance: «Não há Morte nem Princípio» (1969); uma pequena «Autobiografia» (1987).

Viajou pela Europa, teve duas ou três doenças graves, morrerá breve ou daqui a muitos anos. A propósito da sua primeira exposição individual de pintura aos 73 anos, terminou uma entrevista na TV desta maneira: «Aos cem anos aqui estarei de novo».

Todavia, de há tempos para cá, começou a dizer-se velho, sobrevivente, etc., porque não consegue fazer tanto quanto quer, passou a detestar deslocar-se e escabuja com a invasão da literatura pelo *marketing*.

Não perdoa o festim. Que com coisas sérias não se brinca e outros propósitos desactualizados. Mas a tal criança ri-se e lá o vai puxando alegremente.

No catálogo da sua exposição na Nasoni (Out./Nov. de 1989), escreveu isto: «Vou caminhando sem destino e sem repouso. Gostando sempre pouco do que pinto, precisando sempre muito de pintar. Assim foi, certamente assim será. Não ambiciono mais».

Resta saber se sim. O mais prudente é esperar.

FORUM

FALSA PARTIDA PARA A CHECOSLOVÁQUIA

Escrevo estes apontamentos - não têm a pretensão de ser outra coisa - sentado à mesa num hotel de Frankfurt, sob a ameaça de partir para a Checoslováquia de um momento para o outro.

Mentiria se dissesse que a perspectiva me agrada - a verdade é que não gosto das viagens que sou forçado a fazer, de quando em quando, a países da Europa Central, e estou convencido de que nunca gostarei de os revisitar, seja qual for o regime político a que estejam sujeitos.

Não gosto da sua luz, do aspecto da sua gente, das pobríssimas montras das suas lojas, do aspecto das suas multidões que vagueam, de um lado para o outro, unicamente porque não tem mais nada que fazer e, sobretudo, da tristeza que parece dominar as pessoas, as casas, as ruas. Estive em Praga, recentemente, duas vezes, e em ambas as ocasiões saí da cidade deprimido, e ansioso por regressar a Paris. Quando aterrei, novamente, na capital francesa, tive a sensação de alívio que se apossa de mim, ao sair de um cemitério, depois de um enterro.

Da última vez, entrei apressadamente numa pequena «brasserie» à procura de vozes, de gargalhadas, de ditos alegres, de gente da minha raça, tal a sensação de tristeza e de isolamento que sentira em Praga...

Sei que alguns portugueses, desses que visitaram os países do Leste «a convite» das autoridades locais, se sentirão ofendidos com estas minhas afirmações, mas faltaria à verdade se não as expussesse e, pior ainda, entraria, definitivamente, no imenso exército dos responsáveis pela mentira que tentou levar-me, durante anos, a pensar que os homens do Leste eram livres e felizes. Despeço-me, no meu hotel de Frankfurt, do conforto europeu - dentro de horas vou enfrentar os móveis horrorosos do hotel checo, decorado num estilo pomposo e pseudo-antigo que talvez impressione os camponeses da Morávia ou do Ohre, mas que deixa os restantes europeus a rir.

Enquanto aguardo o telefonema de Paris que me obrigará a fazer das tripas coração, recordo a Checoslováquia, que visitei há tão pouco tempo e, sobretudo, o clima com que deparei, e que é conhecido de muitos portugueses que percorreram, como eu percorri, os caminhos da oposição ao regime de Salazar.

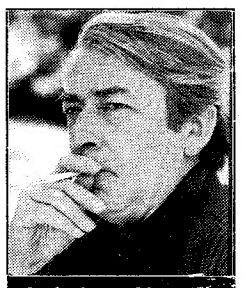
Embora arriscando-me à maledicência com que, em Portugal, a «velha oposição» ainda premeia os que não repetem, ad infinitum, as suas «verdades», sou compelido a dizer que encontrei, em Praga, um clima igual ao português do tempo de Salazar: conspirava-se, em surdina, por toda a parte; distribuía-se, também por toda a parte, folhetos contra o regime; havia múltiplas reuniões de estudantes e de professores em que se criticava o governo, os estudantes nomeavam representantes seus que eram incumbidos de acompanhar os visitantes amigáveis, para que estes evitassem a polícia; as notícias «policiais» eram conhecidas através de uma complexa rede de informadores eficientes e corajosos; os nomes dos indigitados chefes da oposição eram murmurados em voz baixa, e os visitantes tidos por favoráveis ao regime eram objecto de gargalhadas e de comentários desprimorosos.

Inútil será dizer que, no meio de tudo isto, passeavam excursões de visitantes sorridentes profundamente convictos de terem chegado ao céu...

Tentei, uma vez, contar tudo isto a um meu amigo, de longa data, e de convicções profundas, mas não consegui. A sua incredulidade foi absoluta e, julgando-me capciosamente informado, tentou fazer-me o discurso da praxe: eu andara, certamente, metido com marginais, ou com gente ligada à propaganda dos EU e deixara-me captar pelos seus argumentos...

Desisti, tal como desisti de discutir com outro amigo meu - director, ou coisa que o valha, de um jornal em que trabalhei vai para dez anos - que afirmava não haver oposição na Rússia soviética, já que meia dúzia de escritores, suportados pelo regime, não constituíam, nem serviam de base, a uma oposição...

Que dirão, hoje, estes meus dois amigos - ambos profundamente sérios e profundamente convictos de estarem a emitir opiniões «correctas» - face ao vendaval que percorre a Europa do Leste e que revela, insofismavelmente, o falhanço de um regime que não pôde, ou não soube, criar o bem-estar económico, e a felicidade, dos povos que lhe estão sujeitos?


Luís Sttau Monteiro

Que pensarão eles, perante este levantar imenso de massas, até agora silenciosas, mas desde há muito murmurando em surdina contra um regime que permanecia agarrado a teorias do século XIX, postas em dúvida pelo passar do tempo?

Terão a coragem de admitir que este levantamento se equiparou, psicologicamente, ao do 25 de Abril? Ou, pelo contrário, cairão, de novo, nas explicações «subtis» do costume, e voltarão aos velhos e estafados argumentos, que, apenas, serviram para criar o estado em que se encontram actualmente: é tudo uma mentira capitalista, é tudo produto de uma conspiração americana, é tudo produto de erros humanos que nada têm a ver com o que se passa em Portugal, é tudo um exagero sem consequências, é tudo produto de um «complot» que estão fazendo contra nós...

Vêm chamar-me ao telefone e não tenho outro remédio senão atender, até porque se eu não quisesse, não estava aqui, à mercê de partir, outra vez, para o Inferno que ainda reina em certas partes desta Europa a que orgulhosamente pertenço.

Volto, feito um homem novo. Posso beber um whisky em paz de espírito e voltar, novamente a Paris. Dentro de muito pouco tempo, vou jantar, com a minha mulher, a um restaurante bom - vamos celebrar o facto de eu não ter ido à Checoslováquia.

Apesar de tudo, é bom estar vivo!

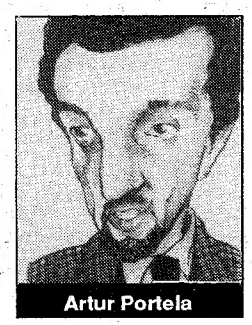
Frankfurt, Novembro de 1989

O TUBARONISMO DOS CARAPAUS DE CORRIDA

Aqui há uma ou duas gerações, as administrações dos jornais não existiam. No sentido de que não iam na primeira página. No sentido de que, sendo sua obrigação gerir bem, não tinham de escrever bem. No sentido de que, não apenas não eram notícia, como não a fabricavam.

Os jornais eram, facialmente, as redacções. Os cabeçalhos, o nome que levavam era o do director. E, timidamente, porque obrigado por lei, o do editor. E mais não diziam. As administrações, as moagens e os bancos, os Queiroz Pereira e os Balsemão tinham a discrição da eficácia, delegada que fosse. Deixavam para os Augustos de Castros e para os Norbertos Lopes o rosto do papel.

O sector público de Comunicação Social que emergiu da Revolução confirmou este protagonismo dos jornais jornalísticos. As gestões eram delegações de delegações. Não queriam a primeira página. Fugiam da primeira página. Também, se a quisessem, não lha davam. O sector privado da Comunicação Social, esse, mantinha os seus gestores na reserva do profissionalismo. Francisco Balsemão não precisava de ser administrador do «Expresso», para ser administrador do «Expresso» para ser quem era. E a administração do «Expresso», para ser administração, não precisava de ser o «Expresso».


Artur Portela

O cavaquismo veio alterar isto tudo. Sobretudo, pela nova sociologia que trouxe, ao poder político e ao poder económico. Em termos de gestão culturais. Em termos de gosto. Em termos de maneiras. Em termos de gestão cultural da gestão ela-própria.

Administrações jornalísticas, mesmo algumas que formalmente não devem nada ao Estado, mas culturalmente devem tudo ao estabelecimento, passaram, de súbito, para as mãos do que poderemos definir como o social-garotismo. E abriram escritório nas primeiras páginas dos jornais. Dos seus jornais.

Elas aí estão, produzindo os seus editoriais, as suas cartas abertas, as suas réplicas, as suas polémicas, os seus avisos de despedimento, as suas nomeações, os seus comunicados sobre o seu estado de saúde empresarial.

Elas aí estão, fazendo estilo, negrejando tipos fortes, corpos dez, doze, catorze, recortando-se em filetes, impondo-se em caixas.

Elas aí estão, empurrando, lá para o fundo, os directores, os editoriais, os grandes títulos jornalísticos propriamente ditos.

Dantes, o arrivismo arrivava aos jornais de outra maneira. Arrivava por dentro do dinheiro, por dentro da inteligência e do instinto do dinheiro. Não era padrão, era entretela. Não informava, enformava. Havia casos-tipo, casos legendários, casos míticos. Aquele começou a acarretar sacas. Aquele como bufarinheiro, Aquele como talhante. Eram, não os doutores das calças listradas que andavam subsecretariando o salazarismo, mas os senhores-senhores. Tinham subido a pulso. Um pulso lento, implacavelmente lento. Tinham medo do Inferno. O Inferno, às vezes, tinha medo deles. Chegavam aos jornais pelo entardecer, na sombra dos pára-brisas. Envelheciam longamente, na calda compotada do Poder.

Hoje, o dinheiro perdeu a cautela. E o tino. Tornou-se fácil. É garoto. Qualquer adolescente, desses, está nele. Fez-se político. Não económico-político, que ainda os há, mas político-político. Empresário de ambições, intermediário, arrolador, meio capataz de almoços, meio comissário de «faxes». Brinca ao Estado. Brinca aos grupos urbanos. Brinca com os jornais que comprou e descomprou, e trocou, e baralhou, e deu de novo. Entra por portas de gestão jornalística, e sai quase imediatamente por outras, julgando que percebe alguma coisa do que está a fazer. Que percebeu alguma coisa do que esteve a fazer. Do que julga que esteve a fazer. Tendo, afinal, cometido erros grossos como calhaus. Perdido paradas. Metido casas da venda a pique. Comprometido títulos.

Pelo que será, talvez, altura de os jornais reflectirem no que se está a passar com alguns deles. E, quando se diz jornais, diz-se jornalistas, diz-se público leitor, diz-se opinião, diz-se sociedade.

Exigindo, de todos aqueles que assumem as responsabilidades da gestão jornalística, esses dois mínimos: a competência profissional e o sentido social e cultural da sua função.

Fazendo saber a esses senhores que não estamos, definitivamente não estamos, interessados nos seus trivial «pursuits» político-empresariais, nos seus processos de implosão de aparelhos partidários, no seu vedetismo com o dinheiro dos outros, nos seus relógios e nos seus tacos de golfe.

No seu tubaronismo dos carapaus de corrida.
Porque os jornais não são isto.
Não servem para isto.
São muito mais do que isto.

ECONOMIA

BREVES

Emigrantes mandam mais dinheiro

Em começo de ano, o balanço do que foi o princípio de 1989. Segundo o último boletim mensal do INE, citado pela Lusa, as receitas e remessas de emigrantes atingiram, no primeiro trimestre do ano passado, cerca de 117 milhões de contos, o que representa um aumento de 17 milhões em relação a igual período de 1988.

Para além destes números, os dados estatísticos divulgados mostram que as receitas e remessas de emigrantes canalizadas para a Região Autónoma da Madeira representam apenas 2,9 por cento do total nacional.

Nos primeiros três meses do ano que passou as receitas da Madeira atingiram quase os 3,5 milhões de contos, dos quais 45,7 por cento são de madeirenses residentes em países europeus da OCDE, sendo 30 por cento remetidos por residentes nos Estados Unidos e Canadá.

Quanto à Região Autónoma dos Açores registou-se um decréscimo de receitas e remessas, no período em referência, em comparação com o primeiro trimestre de 1988. O valor percentual foi de 20,1, situando-se o montante em 1,5 milhões de contos. Como dado comparativo, o facto de que o total de receitas e remessas, nos Açores, representar 1,3 por cento do total nacional.

Cerca de 96,4 por cento das receitas e remessas dos emigrantes que vivem nos Estados Unidos e Canadá, países europeus da OCDE e restantes países do mundo foram canalizadas para o Continente.

SIVA aumenta capital

O aumento de capital para 1,3 milhões de contos acompanhou a transformação da Siva --Sociedade de Importação de Veículos Automóveis, em sociedade anónima. Esta empresa, que tem Manuel Ortigão Ramos como administrador-delegado, desde Agosto de 1987 que importa e distribui em Portugal as marcas Volkswagen e Audi. O volume de negócios, em 1989, apontam para um montante superior a 25 milhões de contos, com o alvo dos 30 milhões para 1990.

Bolsa portuguesa sobe e estrangeiros investem

Estudo refere aumento de 151 por cento nas transacções

A Bolsa portuguesa foi a que mais subiu, nos últimos 11 meses, no conjunto de nove mercados, com uma evolução de 45,3 por cento. Para tal contribuiram os 166 milhões de contos de acções transaccionadas nos primeiros nove meses de 1989, o que corresponde a mais 151 por cento do que registado em igual período do ano anterior.

Um estudo feito pela Interfinança compara a evolução das cotações nas principais praças europeias, norte-americanas e japonesas, entre 31 de Dezembro de 1988 e 30 de Novembro de 1989 e conclui que a valorização das cotações portuguesas surge muito distanciada das restantes, com a França em segundo lugar, seguida do Reino Unido e dos Estados Unidos.

Também o Conselho Nacional do Plano (CNP) fez um estudo que conclui que o número de acções compradas e vendidas foi de cerca de 37 milhões, nos primeiro nove meses de 1989, o que corresponde a um aumento de 236 por cento em relação ao ano anterior.

A tendência altista da evolução global das cotações foi sentida nas nove praças analisadas pela Interfinança, apesar do «mini-crash» de 13 de Outubro, que causou alguma preocupação nos mercados europeus. No que se refere ao mercado nacional, afirma a sociedade gestora do grupo BCP «*não ser de estranhar que a Bolsa de Valores tenha atraído consideráveis volumes de fundos estrangeiros*».

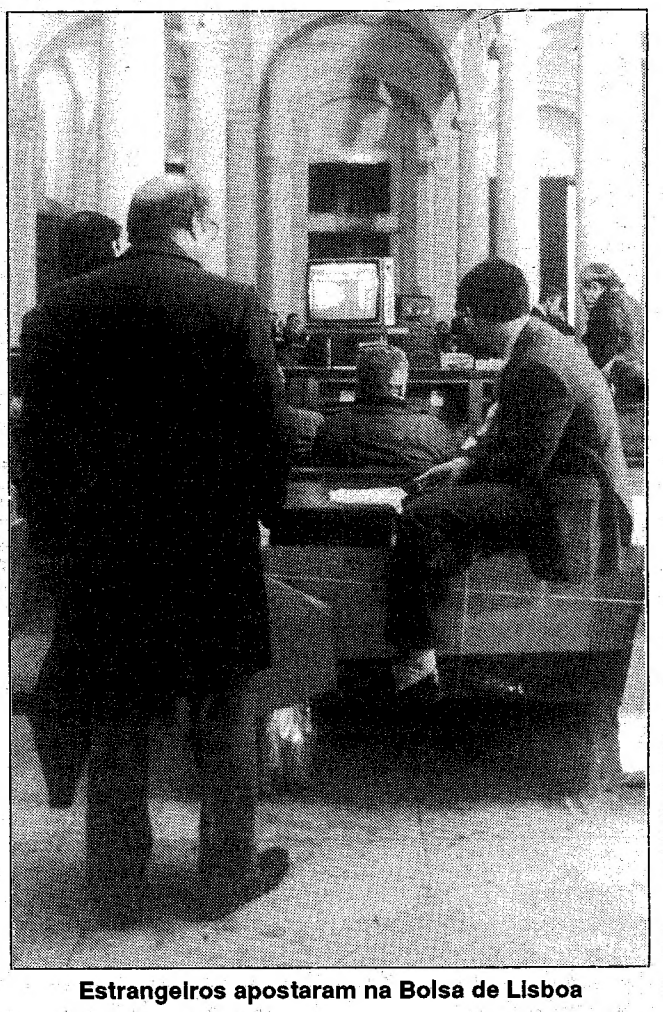
Peso estrangeiro

De acordo com dados divulgados pelo Banco de Portugal a Interfinança calcula que o peso dos investidores estrangeiros nas bolsas nacionais «*ronde os 50 a 60 por cento das transacções acumuladas*».

Contudo o mercado de capitais português e as empresas nele cotadas continuam a ser de pequena dimensão. Tendo como base de análise a capitalização bolsista total do mercado, a japonesa, primeira do «ranking», é 297 vezes maior que a portuguesa, a dos EUA 205 vezes, a do Reino Unido 47 vezes maior. Mesmo Espanha mantem uma certa distância, traduzida num valor 4,6 vezes maior que o de Portugal.

Como dado complementar, a informação divulgada pelo CNP segundo a qual, em termos comparativos entre os primeiros nove meses de 89 e o mesmo período de 88, o crescimento do número de obrigações compradas e vendidas fora da Bolsa foi mais acentuado que o dos mercados bolsistas.

Enquanto o número destes títulos transaccionados fora das bolsas cresceu 192 por cento, o dos movimentos em Bolsa apenas aumentou 59 por cento.



Estrangeiros apostaram na Bolsa de Lisboa

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$35	56$35
ALEMANHA FED. (marco)	87$35	88$55
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	3$968	4$218
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$85	130$35
(notas de 5 a 1000)	128$35	130$85
DINAMARCA (coroa)	22$45	22$85
ESPANHA (peseta)	1$318	1$438
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$15	151$65
(notas de 5 a 1000)	148$65	152$15
FINLÂNDIA (marka)	36$55	37$15
FRANÇA (franco)	25$55	26$25
HOLANDA (florim)	77$35	78$45
IRLANDA (libra)	231$10	235$10
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$988	1$043
NORUEGA (coroa)	22$45	22$95
REINO UNIDO (libra)	239$60	244$10
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	95$80	97$30
VENEZUELA (bolívar)	3$335	4$135

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Responsabilidade acrescida na segunda BTL

Promotores apostam em mais expositores e participantes

Uma responsabilidade acrescida é o que vai ter a Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL/90), que decorrerá entre 10 e 14 deste mês, com apresentação formal na quinta-feira próxima. E isso porque se insere nas comemorações do Ano Europeu do Turismo e será o primeiro evento de grande relevo a decorrer nesse âmbito.

O palco será a Feira Internacional de Lisboa (FIL), tal como aconteceu o ano passado. A organização é conjunta, desenvolvida pelo Instituto de Promoção Turística (IPT), pela Direcção-Geral do Turismo (DGT) e pela Associação Industrial Portuguesa (AIP). Mas, de um modo geral, a BTL conta com a participação e apoio de todo o sector.

Segundo foi já divulgado, a BTL irá apresentar-se com um novo rosto, com um espaço de exposição mais alargado, devido ao crescente número de entidades e países participantes, entre os quais se conta o Japão, que faz deslocar uma delegação especial.

O certame de 1989 foi um êxito e os seus promotores pretendem, conforme afirmaram, que este seja maior, pelo que apresentam novidades. Subordinado ao tema «As novas tecnologias aplicadas ao turismo» irá decorrer, num espaço novo --o Pavilhão dos Congressos da FIL, o seminário técnico organizado no âmbito da Bolsa.

Outras actividades

Em paralelo irão decorrer actividades que, no ano passado, provaram agradar aos visitantes, entre as quais há a destacar o arraial gastronómico, no âmbito do qual será realizado o primeiro concurso da tasquinha regional.

O cartaz terá também o seu festival internacional, estando programado o segundo congresso para o melhor «stand», o segundo festival de «cocktails» e o segundo festival internacional do filme e do vídeo turísticos.

A BTL é, na segunda edição, tal como aconteceu o ano passado, uma mostra de potencialidades turísticas nas suas mais diversas vertentes e «*o espaço priveligiado para um contacto estreito entre os profissionais do sector, tanto nacionais como estrangeiros*», segundo afirmam os seus promotores.

Estes preparam-se para repetir o êxito da primeira edição da Bolsa, que foi visitada por mais de 30 mil pessoas e contou com a presença de cerca de 200 jornalistas, 450 operadores turísticos e 3 mil profissionais do sector, provenientes de 31 países.

Portugal na cauda da CEE

Portugal tem o mais baixo poder de compra da Comunidade Europeia, revelam dados divulgados pelo Departamento de Estatístistas da CEE, o Eurostat, referentes ao mês de Setembro.

Com a Bélgica a servir de base de comparação (índice 100), Portugal apresentava então o valor 61,3.

A Grécia e Espanha acompanhavam Poortugal no fundo da tabela com os valores respectivos de 73 e 81,6.

Só a Dinamarca (135,9), a Alemanha Federal (111,6) e a França (104,9) apresentavam valores superiores aos belgas. Enquanto a Itália (96,9) e a Irlanda(96,6) " perseguiam" os lideres, a Holanda(95,6), o Reino Unido(92,8) e o Luxemburgo(90,2) encimavam a metade inferior do "ranking".

Os Estados Unidos eram a única das potências económicas não pertencentes à Comunidade Europeia com um valor inferior ao belga, exactamente 94,3. Valores superiores eram, em contrapartida, apresentados pelo Japão (127,9), Áustria (112,7) e Canadá (101,4).

POLÍTICA

Cavaco chamou a Lisboa toda a orgânica social-democrata numa movimentação que faz lembrar os agitados tempos da liderança de Balsemão e Mota Pinto

PSD: dois dias de reuniões para relançar o partido

O lider social-democrata inicia a fase de consultas com uma reunião da comissão permanente, esta tarde, na Rua de S. Caetano. Participam os cinco vice-presidentes (Eurico de Melo, Fernando Nogueira, Carlos Brito, António Capucho e Correia Afonso), além de Dias Loureiro, secretário-geral do PSD, e Montalvão Machado, líder parlamentar.

Logo depois o debate alarga-se às 18 comissões políticas distritais do PSD, inclui os dois líderes regionais e termina com um encontro da Comissão Política Nacional, marcado para amanhã, depois do jantar e que, tudo o indica, se vai prolongar noite dentro. A agenda destas reuniões é sucinta, embora se preste a todas as interpretações: vai ser debatido o resultado das eleições autárquicas e também a estratégia do partido da maioria «para a segunda fase do mandato».

Em dois dias todo o estado-maior do PSD passará pela (nova) casa-mãe, numa concentração de forças a preconizar mudanças. Desde os tempos em que Pinto Balsemão ou Mota Pinto lideravam o partido, que não se assistia a uma concentração das hostes sociais-democratas de tal envergadura.

Sabe-se que Cavaco Silva quer ouvir promenores sobre os resultados das autárquicas distrito a distrito, pensa-se que daí partirá para a remodelação governamental, tão noticiada como adiada, mas ninguém se atreve a fixar-lhe um calendário.

«Até agora o primeiro-ministro só se aconselhou sobre a estrutura do Governo, nunca falou em pessoas nem em alterações de cargos», disse ontem ao DL um dirigente social-democrata. De acordo com a mesma fonte, Cavaco Silva admite e fala de mudanças apenas em termos teóricos. Por exemplo, é capaz de analisar, com alguns escolhidos, as vantagens de reunir num só Ministério as pastas do Comércio e Indústria até agora separadas, mas «não se descose» sobre pessoas ou cargos.

Cavaco «tem na cabeça a orgânica de um novo Governo mas nem ao travesseiro faz confidências», acrescenta outro dirigente do PSD. Mas já ninguém desmente a remodelação anunciada logo a seguir às autárquicas. De facto esteve prevista, foi referida pelo primeiro ministro num encontro institucional, não se chegou a concretizar por uma inesperada fuga de informação.

A «maré» laranja de 1987 está a esvaziar

Uma noite de facas longas

A contestação a este sistema de «um só homem, um só pensar» sobe de tom no PSD, tanto mais que, confrontados com o resultado das autárquicas, os «lobbies» tradicionais realinham forças. Grupos há que nem esqueceram a derrota no Congresso da Figueira da Foz e, cansados de três anos de travessia do deserto, preparam-se para pedir contas.

«Vem aí uma noite de facas longas», disse-nos um dos dirigentes do partido, referindo-se à reunião da Comissão Política Nacional.

Mas os acertos de contas começam a desenhar-se já na reunião de hoje da Comissão Permanente. Nela Cavaco Silva terá de defrontar pelo menos dois tipos de opiniões: Eurico de Melo considera necessário «acalmar as hostes e pensar a frio», enquanto António Capucho é partidário de acção mais rápida e defende, há umas semanas, a necessidade de mudar o Executivo, por estar desgastado e com fraca imagem.

Entretanto, Carlos Brito e Dias Loureiro, também membros da comissão, fazem papel de penitentes. O primeiro por ser responsável por uma das mais estrondosas derrotas dos sociais-democratas nestas autárquicas, ao perder a Câmara do Porto para o socialista Fernando Gomes; o segundo porque, sendo secretário-geral do PSD desde que António Capucho foi para Estrasburgo, teve «más notas» logo no primeiro teste, as eleições de 17 de Dezembro.

Enquanto os sociais-democratas reunem todas as estruturas partidárias, os socialistas organizam uma «reunião de reflexão», também hoje, no Largo do Rato. Preparam o encontro do Secretariado Nacional que vai «debater assuntos pendentes», fazer uns acertos de estrutura interna e talvez marcar a data do congresso antecipado. Também o PS reclama reestruturação do Governo mas, fazendo jus à temosia que é considerada um dos seus defeitos, Cavaco Silva é bem capaz de deixar tudo em suspenso, e só anunciar decisões a meados de Janeiro, depois da visita aos Estados Unidos, onde se vai encontrar com George Bush e Perez de Cuellar.

MGL

Dirigentes lisboetas querem remodelação

A distrital de Lisboa do PSD vai pedir hoje à Comissão Permanente do partido a urgente remodelação do Governo. Foi o que afirmou ao *DL* um dirigente da distrital que considera que «não basta governar bem, é necessário também saber fazer política e o Governo não tem sabido fazer política». Para este dirigente da distrital de Lisboa, os recentes resultados eleitorais espelham as consequências de «um braço de ferro entre o Governo e o eleitorado». Cavaco Silva teimou em não alterar a composição do seu Executivo nem os objectivos da sua acção. Daí a situação de perda em que vive.

«Há que saber tranpôr o que se faz para a opinião pública e este Governo não o tem sabido realizar» - acrescentou ao *DL* a mesma fonte. Ministros como Miguel Cadilhe, Leonor Beleza, Silva Peneda e João de Deus Pinheiro são alguns dos nomes mais visados para uma remodelação. Remodelação que já devia ter sido feita antes das eleições - refere o mesmo dirigente. Apesar de esta não ser a altura ideal, «a verdade é que Cavaco Silva está a ano e meio do final do mandato e, caso não remodele agora, vai faltar-lhe espaço de manobra» - concluiu.

BREVES

Eleições em Arcos só no dia 7

Foi adiada para domingo, dia 7, a repetição das eleições para a Assembleia de Freguesia de Arcos, concelho de Estremoz, inicialmente marcadas para 31 de Dezembro. A repetição das eleições deve-se ao facto de ter havido igualdade de votos em 17 de Dezembro nas listas mais votadas: PCP/PEV e PS. Aquelas duas listas obtiveram 273 votos cada uma entre os 812 votantes dos mil e duzentos eleitores inscritos.

A Assembleia de Apuramento Geral do resultado das eleições decidiu que o acto deveria ser repetido por não ter havido qualquer protesto por escrito nas duas assembleias de voto que funcionaram em Arcos.

Presos das ex-FP/FUP em greve de fome

O estado de saúde de um dos dois detidos das ex-FP/FUP em greve de fome pelo facto de não ter sido restituído à liberdade ao completar três anos de prisão preventiva, «é preocupante», segundo comunicado da organização Solidariedade Contra a Repressão (SCR).

José Ramos dos Santos, em greve de fome desde o passado dia 11, exige muita atenção, pois já perdeu 14 quilos e tem a creatininémia em 1,5. Por seu turno, Aldino Mendes Pinto, que entrou em greve de fome no dia 20 de Dezembro baixou também ao Hospital-Prisão de Caxias a 27. Foi-lhe diagnosticada uma arritmia-extrassistelia, segundo documento de protesto assinado por Francisco Martins Rodrigues. A SCR defende que «só uma amnistia total a todos os os envolvidos neste processo pode constituir uma saída política».

Distrital do Porto tenta evitar transformações radicais

O PSD entrou no ano de 1990 com os passos trocados. Os defensores da mudança são cada vez mais. Fartas de reivindicar a restruturação dentro do partido, sem obter resposta adequada, as distriais sociais-democratas querem acelerar o processo e apresentam como argumento a derrota do PSD nas últimas eleições autárquicas.

No Porto, foram tomadas precauções de forma a afastar as hipóteses de uma transformação mais radicalizada. Depois de amanhã, durante a reunião da Comissão Política Distrital os actuais dirigentes sociais-democratas na cidade nortenha vão apresentar o pedido de demissão. No mesmo dia à noite, a Assembleia Distrital vai ratificar o pedido de exoneração da Comissão Política e marcar eleições.

«Não se trata de nos responsabilizar-mos pelos resultados no Porto. É a oportunidade para mudar de caras», disse-nos uma fonte do PSD.

A questão não é tão linear como parece. A mudança foi negociada para evitar que a tradicional oposição à actual direcção tome o poder.

Luis Filipe Menezes, deputado pelo círculo do Porto é o candidato à liderança que conta com maior número de apoiantes. Em nome do consenso ele aceitou a candidatura de Brochado Coelho à Assembleia Distrital e na sua lista para a Comissão Política vão ficar nomes da direcção demissionária.

Em declarações ao «Diário de Lisboa», Luis Filipe Menezes assumiu a candidatura, considerando-a «um compromisso entre o passado e o futuro» e avançou com alguns projectos.

«Os partidos políticos não cresceram em termos de máquina organizativa. É necessário que o PSD no Porto tenha uma máquina, leve, funcional, que dê uma resposta rápida em qualquer momento, à semelhança do que acontece com os partidos europeus. Não podemos ficar dependentes da boa vontade dos militantes na preparação dos actos eleitorais», disse.

Este candidato defendeu «uma participação mais autonomizada das gentes do Porto nos orgãos nacionais» comparando com as posições «claras e coesas da distrital de Lisboa, muitas vezes contrárias à ortodoxia do partido».

No entanto, os habituais opositores à liderança de Brochado Coelho não vão ficar parados. Tudo indica que nomes como Rui Rio e José Pedro Aguiar Branco vão aparecer numa segunda lista contra Luis Filipe Menezes e, noticia a Lusa, está a ser formada mais uma candidatura nas secções de Bonfim, Campanhã, Cedofeita e Santo Ildefonso, enquanto Faria de Almeida, antigo secretário de Estado da Saúde, lidera uma outra alternativa, agregando um grupo de «militantes históricos».

A distrital do Porto é apenas uma entre muitas das estruturas regionais do PSD que reivindicam uma mudança inadiável quer a nível do partido quer no Governo., embora neste segundo caso os militantes recusem avançar com nomes, remetendo toda a responsabilidade para o primeiro-ministro.

Fontes contactadas pelo DL consideram um «sinal positivo» a entrevista dada aos semanários pelo ministro da Agricultura Álvaro Barreto. Nalguns círculos próximos do primeiro-ministro há a convicção de que as declarações de Barreto foram feitas com a «cobertura das mais altas instâncias do partido», ou seja o governante disse aquilo que por razões politicas Cavaco Silva ainda não podia admitir publicamente.

MJR

POLÍTICA

Presidente da República no Ano Novo

«A Década de 9O é um grande desafio»

«A década de 9O representa para Portugal um grande desafio», disse Mário Soares na mensagem de Ano Novo, na qual traça um quadro muito amplo da situação internacional, nomeadamente a que se vive no Leste europeu, considerando que Portugal foi «pioneiro no movimento de liberdade e democracia política que sopra em todo o mundo».

O Presidente da República lembrou que Portugal conseguiu apanhar o «comboio europeu» quando este se encontrava praticamente em marcha, encontrando-se numa «posição privilegiada na Europa e no Mundo», porque não se debate com problemas regionais, de fronteiras, religiosos, linguísticos ou de especial violência.

Reportando-se a questões internas de ordem social, que num período festivo como o que se viveu dão sempre afloradas nas mensagens dos responsáveis, Soares sublinhou que «há muitos portugueses que continuam a viver mal, em condições de extrema pobreza que não fomos ainda capazes de erradicar», enquanto outros estarão, porventura, a «ficar marginalizados e comparativamente mais pobres por força do próprio desenvolvimento», acrescentou. «É preciso alargar o diálogo social e político a todos os níveis da sociedade portuguesa e aprofundar a participação e concertação», propôs.

Apelo à reconciliação em Luanda e Maputo

Isso não impede que Portugal disponha presentemente de «condições de natureza financeira, e mesmo económica, para dar um grande salto qualitativo quanto ao nosso desenvolvimento, por forma a construir em Portugal uma sociedade mais justa», disse ainda o Presidente da República, que na mensagem de Ano Novo dirigida aos portugueses considerou injustificado o «pessimismo nacional».

Mário Soares

Soares sublinhou ainda «o desabar de certas ideologias e dos mitos totalitários», acentuando que coube a Portugal inspirar as democracias grega e espanhola, ocorrendo em 1989 passos irreversíveis para acabar com as divisões e antagonismos da guerra fria e consolidar a paz», ao mesmo tempo que que os povos davam mostras de estarem «maduros para o exercício da liberdade», salientou. Defendendo que a partir de agora «é difícil justificar poderes despóticos e não legitimados pelo sufrágio popular», Soares referiu serem também importantes para Portugal os ventos de mudança que vêm de África, com de Klerk a fomentar o diálogo inter-racial, razão pela qual acredita que em Angola e Moçambique estão a ser criadas condições que levarão «inevitavelmente à paz e à reconciliação nacional».

Convite a Havel para nos visitar

Mário Soares convidou o presidente da Checoslováquia a visitar oficialmente Portugal, no encontro que teve sábado com Havel. É, contudo, sua opinião, no campo das deslocações oficiais a fazer pelo novo presidente checo, que irá à URSS antes dos EUA. Foi esse o conselho que deu a Havel no decurso do encontro entre os dois estadistas na embaixada de Portugal em Praga, quando Havel recebeu uma mensagem de Georges Bush. Foram entretanto esclarecidas as condições em que Soares se deslocou a Praga: convidado por Havel, mas na sua qualidade de presidente do Forum Cívico. Não, portanto, para assistir à posse do novo Presidente da Checoslováquia.

Havel manifestou ao Presidente português o seu apreço por ter compreendido as transformaçoes na Checoslováquia, oferecendo Soares os seus préstimos para o que a Checoslováquia necessitar. Havel disse-lhe que o País precisa de «apoio rápido», mas rejeitou «empréstimos que o endividem»,.

Mário Soares advogou entretanto o «apoio imediato das comunidades europeias aos países da Europa de Leste em democratização», sustentando que não se deve mexer nas fronteiras, embora haja problemas de minorias dentro dos Estados que têm que ser resolvidos depois de plenamente instaladas as democracias pluralistas. Mexer agora nas fronteiras envolveria a Europa num processo muito difícil», disse.

Savimbi quer ver Soares mal chegue a Portugal

O líder da UNITA deverá chegar a Lisboa antes do dia 21 e Portugal poderá supervisionar o futuro cessar fogo em Angola

Nas 24 horas seguintes à aterragem de Jonas Savimbi em Portugal, será solicitada uma audiência ao Presidente da República, porque se o líder da UNITA «foi recebido por Mário Soares no estrangeiro, não vemos razão para que o mesmo não aconteça aqui», disse ao DL Tony da Costa Fernandes, chefe da diplomacia deste movimento angolano, general na hierarquia dos guerrilheiros da Jamba.

Se bem que ainda não esteja assente a data da chegada a Portugal de Jonas Savimbi, é praticamante certo que não ocorrerá depois de 21 deste mês, dada a agenda de contactos internacionais sobrecarregada que o presidente da Unita tem.

Ao aludir à posição do Governo português perante esta deslocação, antecedida de uma polémica sobre a concessão de um visto a Savimbi, Tony Fernandes foi cauteloso e optimista, salientando que «até ao momento não registámos posições hostis... a situação não é tão má como parece».

Ainda no capítulo das hostilidades pretéritas, fez questão em encerrar o contencioso com o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, dizendo que está «ultrapassado» neste momento.

Savimbi chegará com passaporte de «um país amigo» da UNITA e de Portugal.

Marrocos?«Possivelmente», afirmou Tony Fernandes.

Oportunidade dourada

«Portugal tem agora uma oportunidade dourada de entrar com o pé direito no processo de paz em Angola», segundo o responsável da UNITA pelas relações exteriores. Ao nosso País caberia a «supervisão técnica», no terreno, do cumprimento do cessar-fogo em Angola, a ser controlado por seis países africanos designados pelo MPLA e pela UNITA, em termos paritários. Já estão escolhidos dois dos países apontados pela UNITA, Marrocos e Nigéria. O terceiro aguarda o conhecimento das escolhas do MPLA, ainda por fazer.

Jonas Savimbi deseja visitar a Universidade de Coimbra e a Associação Académica, segundo Tony Fernandes

O papel de supervisão visto com bons olhos pelo movimento de Savimbi seria bastante credível do ponto de vista técnico, dado que os portugueses se exprimem no idioma adoptado pelos dois contendores.

Quatro razões para os tiros

A ofensiva militar desencadeada pelo MPLA contra as forças da UNITA, a partir de 23 de Dezembro, tem quatro razões, do ponto de vista de Tony Fernandes. Em primeiro lugar, o objectivo seria ganhar «uma posição de força», para depois obstar a novas iniciativas diplomáticas da UNITA, cujos efectivos ficariam logisticamente bloqueados, caso o Governo de Luanda conseguisse o controle de Mavinga.

A quarta razão releva da política interna do MPLA. Na opinião da UNITA, tratar-se-ia de manter os militares ocupados, para que a ala menos dialogante não desse um golpe de Estado contra o Presidente José Eduardo dos Santos.

A presente ofensiva do MPLA tinha já sido prevista pelo movimento de Jonas Savimbi, com base em informações próprias e dados transmitidos por «países amigos com meios sofisticados».

Satélites norte-americanos?

«Também satélites», limita-se a responder Tony Fernandes, que considera fora de todo o propósito «esta carnificina inútil».De resto, «o tempo já não é de procurar vantagens militares, como Gorbachev está a provar no Leste europeu», alega o dirigente máximo da diplomacia da UNITA.

Quando se refere ao Exército de uma Angola em paz, Tony Fernandes começa por constatar que o país não necessita de 200 000 homens em armas e acha que a ameaça externa é inexistente, uma vez que «existe uma *perestroika* dentro do*apartheid*, lançada pelo Presidente De Klerk. Queremos um país sem racismo e custa-nos verificar o racismo existente no Brasil, por exemplo. Caso abríssemos uma frente no capítulo da raça, estagnaríamos cinquenta anos».

Nada disto tem a ver, todavia, com o repúdio para com povos que «estão a pilhar Angola, como os filipinos, para só citar um».

Os portugueses brancos serão bem-vindos a uma Angola pacificada e - sublinha Tony Fernandes- «a segunda maior base da UNITA é aqui, em Portugal, onde temos milhares de simpatizantes e amigos», como os que insistem em levar Savimbi ao Porto para lhe oferecerem um jantar. Mas o líder da UNITA apenas tem uma deslocação programada para fora de Lisboa. Quer ir a Coimbra, visitar a Universidade e a Associação Académica.

Ecologia e mudanças a Leste foram tema de mensagens

Os acontecimentos nos países de Leste e a ecologia foram os temas dominantes da homilía de Ano Novo de D. Manuel da Silva Martins, bispo de Setúbal. Para o prelado, as reformas naqueles países criaram «um mundo de esperança e uma nova perspectiva para os homens livres», embora ainda persistam «no horizonte sombras bem pesadas, que acabarão por desaparecer».

O prelado defendeu igualmente a resolução de «situações de pobreza que levam ao desequilíbrio ecológico» e apelou para o fim das guerras químicas e bacteriológicas.

Segundo o bispo de Setúbal «a família vem sofrendo agressões connstantes através de meios como a televisão com filmes e telenovelas inaceitáveis».

Bispo do Porto

Por seu turno, D. Júlio Tavares Rebimbas, bispo do Porto, chamou a atenção para o «doloroso espectáculo que nos é dado a contemplar em tantas áreas do mundo». No entanto, aquele prelado afirmou que «há sinais de esperança, gestos espantosos de rompimento com as divisões, as opressões e as guerras».

Rocha Vieira

O Ministro da República para os Açores afirmou, na sua mensagem de Ano Novo, que as transformações em curso no mundo «reforçam a esperança» em 1990, embora sejam «factores de instabilidade».

Para o general Rocha Vieira «quando são postos em causa os equilíbrios estabelecidos» essas mudanças podem significar factores de instabilidade.

Carlos Melancia

Na sua mensagem de Ano Novo, o governador de Macau apelou ao empenho da população através de «uma participação activa e positiva», na construção de «um modelo de sociedade mais justo e solidário».Carlos Melancia sublinhou que «desde Tienanmann até Berlim, passando por Bucareste ou pelo Panamá» se vivem mudanças sem paralelo «no passado recente em tempos de Paz».

INTERNACIONAL

Depuração nas fileiras militares

A Frente de Salvação Nacional é criticada por querer controlar o processo em curso na Roménia

A primeira nota alarmante do processo revolucionário romeno é a depuração em curso nas fileiras militares e o aparente controlo dos meios de Informação pelo Governo de transição.

"O Ocidente está disposto a dar-lhes mais um tempo de benefício de dúvida", disse a fonte, sublinhando ser preocupante que a Frente de Salvação Nacional (FSN) queira agora participar nas eleições previstas para Abril, depois de ter garantido antes que o não faria.

Congregando a velha guarda do aparelho comunista, alguns dos membros do movimento de sublevação da semena do Natal, e com o controlo da Imprensa, é de esperar que a FSN venha a controlar o poder a prazo". "A mudança não seria assim tão grande", comentou um observador local.

Esse é, de resto, o tom das críticas feitas por alguns dos novos grupos políticos no país, como o Grupo para o Diálogo Social (GDS).

Há ainda que considerar os partidos tradicionais romenos, como o Camponês, o Partido Cristão Democrata Nacional Socialista (PCDNS), e o Partido Liberal, que não parecem já muito satisfeitos com as medidas tomadas pelo Governo transitório, aguardando-se para os próximos dias a sua intervenção nos debates políticos no país.

De referir que no sábado à noite o Partido Comunista romeno foi oficialmente dissolvido.

Shevardnadze visitará Bucareste

A revolução pró-democracia tirou a Roménia do isolamento internacional - comentou o vice-primeiro-ministro dos Negócios Estrangeiros e porta-voz para a política externa, Corneliu Bodgan. "Há que refazer a estrutura. Vai ser duro, mas mais fácil do que reestruturar a economia", disse.

Falando sobre a próxima visita do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, disse que serão estabelecidos "uns primeiros contactos, far-se-á uma análise do conjunto das relações bilaterais".

A situação caótica que se vive no país levou a que a primeira manifestação de solidariedade ao novo poder instituído, a visita do ministro húngaro dos Negócios Estrangeiros, passasse despercebida.

Abolida a pena de morte

No seu discurso de fim de ano, o Presidente interino romeno, Ion Iliescu, renovou o seu compromisso ao pluralismo político e garantiu que a revolução popular que derrubou o ditador Nicolae Ceausescu é agora irreversível. Iliescu anunciou a abolição da pena de morte, a reintrodução no país do sistema privado e revelou dados sobre a agricultura, que mostram que a situação é muito pior do que diziam as estatísticas publicadas por Ceausescu.

O Presidente interino disse aos romenos que apesar da resistência teimosa dos elementos afectos a Ceausescu, "a revolução popular triunfou e agora é irreversível", acrescentando que o Governo interino procura "um pluralismo político novo e alargado".

Iliescu referiu que os dois ditadores - Ceausescu e a sua mulher Elena - foram os últimos que mereciam ser executados, pelo que já não se justifica manter a pena de morte no país.

Mas prometeu que os outros "culpados de crimes" terão um "julgamento duro", numa aparente alusão aos elementos leais a Ceausescu.

Às zero horas de ontem, a polícia política do ditador Ceausescu, Securitate, foi oficialmente dissolvida, segundo anunciou na televisão um porta-voz da Frente de Salvação Nacional.

O corpo de polícia de Ceausescu, calculado entre 60 a 80 mil elementos, protagonizou durante a semana passada a resistência armada à revolução democrática do povo romeno, sendo responsável pela morte de milhares de cidadãos.

Na véspera, o chefe da Securitate, general Iulian Vlad, foi detido e expulso do exército, segundo as novas autoridades romenas.

Outros três altos funcionários da Securitate foram também detidos: Vasile Gheorghe, Iulian Bucurescu e Aristotel Stamatoiu.

Redacção DL/Lusa

Romenos feridos durante os acontecimentos em Bucareste, festejando a passagem do ano no hospital Coltea

Iliescu na televisão com escolta militar

continuação da primeira página

Na sua alocução de Ano Novo, pela televisão, o presidente Iliescu disse que a última aplicação da pena de morte na Roménia tinha sido a execução do casal Ceausescu e que daqui para o futuro nenhum tribunal romeno decretará a pena capital.

Numa noite em que todos os habitantes de Bucareste esperavam a prometida retaliação dos elementos da Securitate - que, em mensagens várias garantia para durante o Ano Novo a sua vingança contra os acontecimentos do dia de Natal - Iliescu apareceu, subitamente, nos ecrans das televisões, escoltado por militares fiéis à Frente de Salvação Nacional.

Na sua mensagem, o presidente romeno deu conta das principais medidas do Executivo, ainda não formado na totalidade e que irá dirigir o país até às eleições de Abril.

Assim, como prova das intenções democráticas do seu Governo, postas em causa pelas susceptibilidades internacionais por ocasião da execução do ditador, Iliescu sublinhou o significado da abolição da pena de morte.

Enunciou também uma série de medidas de tipo económico, nomeadamente no respeitante à agricultura, as quais incluem a entrega de terras, pastos, adubos e forragens. Em termos mais gerais, o presidente romeno disse que chegara a seu termo o racionamento energético imposto por Ceausescu e do qual resultava que só havia água quente durante duas horas por dia e que o aquecimento das casas não podia ultrapassar os 16 graus centígrados. Foi ainda anunciadas por Iliescu a baixa dos preços da electricidade.

M.T. em Bucareste

Os sapatos de Elena

Há quatro anos, os Sapatos de Imelda deram a volta ao mundo como notícia. A mulher do ex-presidente das Filipinas, Ferdinand Marcos, tinha uma tão vasta colecção de calçado que poderia, durante nove anos, todos os dias usar um par de sapatos diferente.

Agora é a vez de Elena, mulher de Ceausescu, que um dia se gabou dos seus sapatos e, em especial de um par em cujos saltos estavam diamantes incrustados. A diferença entre as duas é a de que, daí a pouco tempo, Elena era fuzilada.

Durante o seu julgamento, à porta fechada, Elena disse ao tribunal que ela e o marido viviam numa «casa normal, como a de qualquer outro cidadão». Mas não foi isso que as novas autoridades romenas encontraram ao entrar na residência dos Ceausescu.

O «apartamento normal» era uma mansão com 40 divisões, pejadas de quadros valiosos, fontes exóticas e perfumadas, espalhadas por aqui e por ali e, nas casas de banho, as torneiras eram todas revestidas de ouro. Em todas as divisões havia uma televisão e o respectivo gravador de video.

Lusa

Cruz vermelha relembra regras humanitárias para com os vencidos

A Cruz vermelha internacional criou em Genebra emissões radiofónicas que relembram as regras humanitárias para com os vencidos - revelou a Cruz Vermelha Portuguesa ao dar conta de duas reuniões sobre a Roménia.

As reuniões realizadas em Genebra tinham como principal objectivo divulgar informações sobre a acção desenvolvida por aquela organização internacional em favor da Roménia.

Para além dos representantes da Cruz Vermelha Portuguesa, participaram nos encontros delegados das 16 sociedades nacionais da Europa Ocidental e de Leste.

Segundo a CVP, o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) tem, desde a passada terça-feira, em Genebra, emissões radiofónicas preparadas para relembrar as regras humanitárias fundamentais para com todo o ser humano e particularmente aquelesmque foram postos fora de combate ou que se rendem.

As emissões, que pedem também um maior respeito pelo emblema da Cruz Vermelha, têm a duração de quatro minutos e são realizadas em francês, inglês, alemão, húngaro e romeno.

Quanto a ajuda material, a Cruz Vermelha informou que cerca de mil toneladas de socorros foram oferecidos à Roménia, grande parte dos quais já se encontram naquele país.

No plano logístico, 17 sociedades nacionais enviaram socorros por via aérea e 16 por terra, incluindo por caminhos de ferro.

O Comité Internacional da Cruz Vermelha está implantado na Roménia e países limítrofes com 62 delegados, dos quais 28 são elementos de equipas médicas de seis sociedades nacionais (Dinamarca, Finlândia, Japão, Holanda, Noruega e Suécia), assim como uma equipa técnica da Cruz Vermelha da Alemanha Federal.

Por outro lado, o CICV anunciou que, no plano da assistência, a fase de urgência médica foi dada por terminada, dado que as necessidades básicas foram consideradas satisfeitas.

Segundo o CICV, a Roménia dispõe de uma infraestrutura médica e de pessoal médico capazes de controlar a situação actual desde que a assistência seja fornecida a curto prazo para se reabastecer o país em material, medicamentos e outros produtos de grande necessidade.

Orfãos autorizados a seguir para França

Oitenta e três orfãos romenos foram autorizados a partir para França, segundo a Cruz Vermelha Francesa, enquanto se revelava, em Bucareste, que milhares de mulheres morreram ao tentar abortar, devido às inadequadas condições médicas no país.

As crianças orfãs foram adoptadas por 75 famílias francesas há três anos, mas o antigo ditador Nicolae Ceausescu nunca permitiu a sua saída, para pressionar a França a pôr termo às suas críticas à Roménia, disse a presidente da Cruz Vermelha Francesa, Georgina Dufoix.

"As crianças devem chegar brevemente a França. A data exacta depende de quando for possível reuní-las, uma vez que estão espalhadas pela Roménia", afirmou Dufoix à rádio francesa.

A França foi um dos países mais críticos à violação dos direitos humanos durante os anos de Ceausescu e, em março, chamou o seu embaixador em Bucareste como forma de protesto.

Numa conferência de Imprensa sobre direitos humanos realizada em Maio na capital francesa, a Roménia foi considerada o Estado mais repressivo da Europa.

Entretanto, e segundo um relatório agora divulgado pela agência noticiosa Agerpress, milhares de mulheres morreram nos últimos anos devido às más condições médicas provocadas pela proibição de abortos decretada por Ceausescu.

As mulheres, impedidas de se dirigirem aos hospitais nacionais, optavam por médicos menos escrupulosos que, a troco de elevadas somas, prestavam os seus "serviços" em condições inadequadas.

"Muitos bebés nasceram deficientes devido ao mau tratamento prestado em maternidades, má nutrição e outras complicações", disse a Agerpress, citando um alto responsável dos serviços de saúde.

O dr. Dogdan Marinescu, director da maternidade Giulesti, em Bucareste, afirmou que, apenas na capital romena, cerca de 1.400 mulheres morreram, nos últimos oito anos, em consequência de complicações relacionadas com abortos.

Redacção DL/Lusa

INTERNACIONAL

Roménia: o preço da independência económica

O ex-líder romeno Nicolae Ceausescu fez seu o ditado que diz: «quem paga as suas dívidas enriquece-se a si próprio».

Desde 1983, a Roménia reembolsou a totalidade da sua dívida externa, que atingiu em 1981, cerca de 1.600 milhões de contos, segundo as estimativas do Banco Mundial, ou 1.800 milhões de contos, segundo os dados oficiais do Governo romeno. Este facto obrigou as autoridades de Bucareste a um grito de socorro humilhante, aos olhos do *Conducator*, lançado ao Fundo Monetário Internacional.

Desde 1988 que a Roménia se recusou a receber novos empréstimos externos e, no ínicio de 1989, o regime anunciava orgulhosamente que os quatro milhões de contos de dívida que ainda restavam por pagar seriam regularizados durante esse mesmo ano. E tudo indica que assim aconteceu. Mas a que preço?

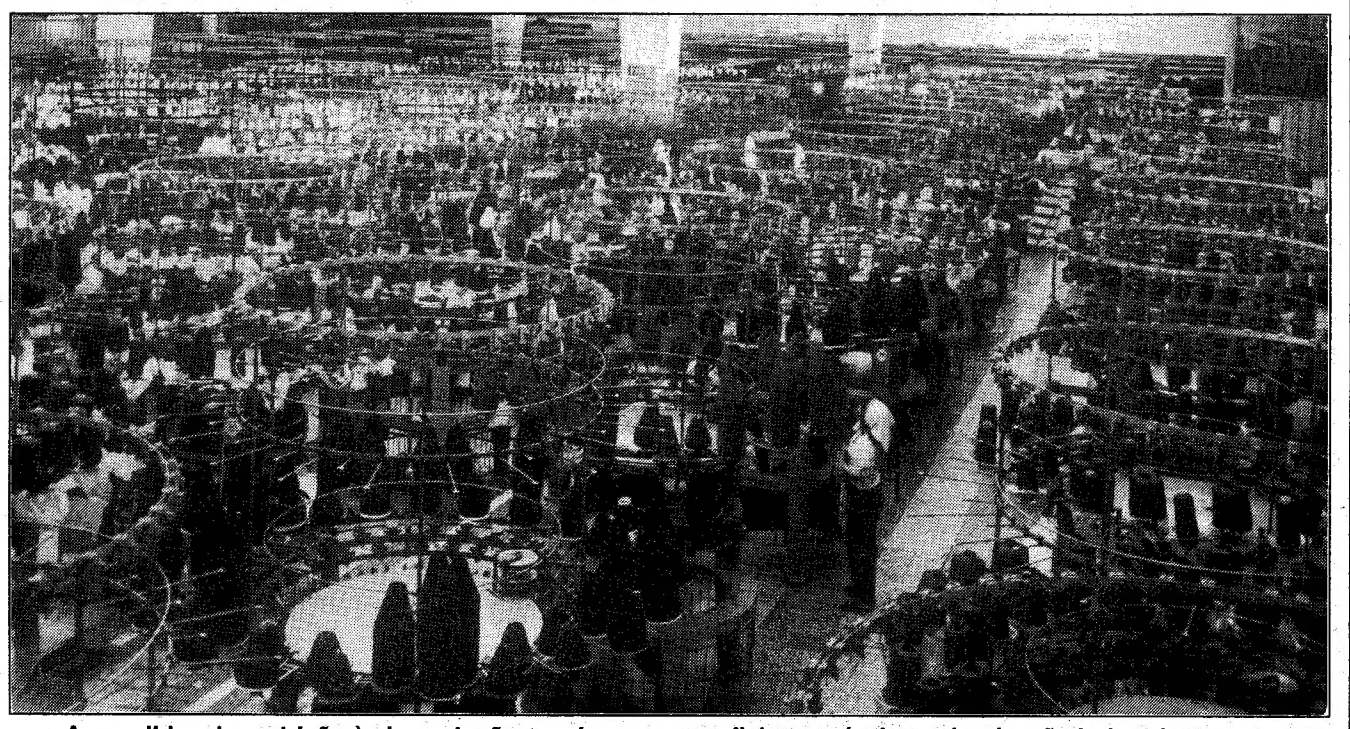
Com um Produto Interno Bruto (PIB) que ultrapassa o da Grécia e duas vezes superior ao da Hungria, segundo as estimativas inverificáveis dos países ocidentais, a Roménia encontra-se num estado de profundo descalabro económico. A planície do baixo Danúbio uma das mais férteis do mundo, devido ao *tchernozion* - uma terra negra que se encontra também com idênticas caractristicas na Ucrânia, na URSS - já não consegue alimentar o povo romeno.

Em primeiro lugar, devido ao fracasso da colectivização da agricultura. Depois, porque tudo o que se produzia no país era sistematicamente exportado para obter as divisas necessárias para o pagamento da dívida externa.

O consumo de carne, por exemplo, era severamente racionado no país, para se conseguir manter os níveis de exportação para países como a União Soviética e cujos montantes atingiram, no ano de 1988, cerca de 4 milhões de contos. Internamente as populações estavam sujeitas a fortes restrições, no quadro do programa dito de «alimentação científica», com o Estado a fazer constantes apelos à população para comerem «refeições ligeiras». Desde os últimos dez anos que a Roménia deixou de publicar as estatísticas sobre o consumo alimentar.

As empresas que, teoricamente, beneficiaram de uma certa liberdade na gestão das suas receitas em divisas não podiam, de facto, importar praticamente nada, mesmo quando se tratava da sua própria modernização.

As importações totais da Roménia sofreram uma redução em cerca de 1.500 milhões de contos em 1980, segundo os dados do Banco Mundial, para um défice que rondava os 2 mil e 100 milhões de contos em 1988. Mas esta redução foi ainda mais espectacular no que se refere às importações provenientes dos países ocidentais: de 920 milhões de contos, em 1980, passaram para cerca de 500 milhões, em 1988.



As medidas de restrição às importações acabaram por asfixiar a própria modernização industria romena

Por sua vez, as exportações totais passaram no mesmo período de 1.700 milhões para 2 mil e 300 milhões de contos e de 450 para 592 milhões no que se refere aos países do ocidente. O sector petrolífero, que permitiu à Roménia ser um exportador líquido durante os anos 70, tornou-a, depois do esgotamento dos seus recursos internos, dependente das importações do Iraque ou do Irão.

A produção de energia continua a ser um dos problemas mais graves da economia romena. Esta situação reflete-se consequentemente no racionamento particularmente cruel no Inverno, da electricidade, do aquecimento doméstico, e dos combustíveis.

Este «tudo para a exportação» traduziu-se, a partir de 1983, por um excedente da balança comercial (próximo dos 450 milhões de contos, em 1988), que permitiu ao regime de Ceausescu vangloriar-se desta independência financeira reencontrada...

Exclusivo DL/Le Monde
Trad.: Carlos Camponez

Fim do racionamento, aquecimento doméstico e algumas laranjas

A vida dos romenos já mudou

O ano que ontem começou trouxe já algumas alterações para a maioria dos cidadãos romenos: a partir de agora, poderão dispôr de mais energia eléctrica para o aquecimento e iluminação das suas habitações e deixarão de ser cobradas as tarífas astronómicas de electricidade para os casos de serem ultrapassados os quantitativos máximos concedidos a cada familia, durante o regime de Ceausescu.

Grande parte das lojas de Bucareste já reabriram. No centro comercial Unirea, uma jovem mulher tem os olhos brilhantes de lágrimas: conseguiu comprar quatro quilos de carne facto que, até agora, nunca lhe tinha acontecido. Está feliz. Gostaria de ver sorrir os outros rostos que a circundam: que, nunca mais, nada seja como antes. Oficialmente, o racionamento não existia. No entanto, as pessoas encontravam-se ligadas a uma loja e as suas compras eram registadas e limitadas. A ração de carne era de dois quilos/mês por pessoa. As compras de açucar, óleo,queijo e gasolina eram também controladas.

Apesar dos projectos de «sistematização do território» a agricultura romena sofreu um decréscimo de produção nos últimos anos

Mas tudo isto já pertence ao passado. Agora, até já é possível gozar do prazer de modar de loja. Ao sair do talho um homem mostra a sua carne e aclama vitória: «Ceausescu morreu».

Durante a noite de Natal um engenheiro registou no seu apartamento uma temperatura tropical de 23 graus. Antes, estava limitada a 14 ou 15 graus, mas nas noites de Inverno a temperatura podia mesmo descer abaixo dos 10 graus. «Dão-nos agora simultâneamente - dizia-nos - àgua quente e aquecimento. Dantes era quase sempre ou uma coisa ou outra».

Laranjas verdadeiras

Uma vendedora de quinquilharia viu laranjas verdadeiras numa loja. E até mesmo limões. No tempo da ditadura, os melhores produtos agrícolas eram destinados à exportação.

A televisão anunciou o fim desta situação mas as laranjas continuam a ser um produto raro. De qualquer modo, são demasiado caras em relação ao salário de miséria da jovem vendedora. Não obstante, isso não a impede de aclamar, também ela, vitória, no meio da loja: «Libertate».

A vida em Bucareste está em vias de uma total normalização mas as medidas de segurança continuam a ser bastante estritas. Practicamente ninguém entra num edifício ou numa loja, sem ser totalmente revistado. No metro é por vezes necessário passar por cinco postos de controlo. Os seguranças, na maior parte dos casos empregados do metro, procuram armas e munições.

À entrada de uma agência bancária, um miliciano pensa ter detectado um terrorista. A multidão imobiliza-se: «um árabe, um árabe». Os rumores de que Ceausescu empregava na sua guarda presidencial libaneses e palestinianos conquistou a cidade. Todos os árabes, ou supostos como tal, são suspeitos e as cenas de detenções multiplicaram-se nos últimos dias. Mas, neste caso, o homem possuia documentos romenos. E entretanto, o miliciano retomava a tarefa que o ocupara durante os últimos dias: recortar da faixa amarela da bandeira nacional o emblema da República Socialista da Roménia, símbolo da era Ceausescu. Fica um buraco negro no meio da bandeira mas é assim que se passa a ser democrata.

Corine Lesnes
Exclusivo DL/Le Monde
Tradução e Adaptação
de CarlosCamponez

Casa Branca manda retirar os primeiros soldados do Panamá

Bush: invasão é tiro a sair pela culatra

Do nosso correspondente em Washington

Quase duas semanas depois da intervenção militar norte-americana no Panamá e enquanto continua por decidir a sorte do ex-ditador Manuel Noriega, o debate interno quanto à decisão assumida por George Bush começa a crescer de tom.

Esgotado o fulgor patriótico visível nas primeiras reacções à invasão do dia 20 de Dezembro, principia agora a ser evidente a perda de velocidade do projecto inicial. É ainda cedo para se falar de custos políticos, mas o facto é que o arrastamento deste caso, herdado da década de 80, pode gerar embaraços desnecessários a um presidente cujo primeiro ano de mandato se cumpre no próximo dia 19.

Impaciência de Bush

Longe de uma vitória militar fulgurante e de uma rápida reposição da legalidade política no Panamá, a chamada «Operação Justa Causa» veio a conhecer contratempos no terreno, à sombra dos quais se desencadearam novos acontecimentos.

O mais óbvio desses contratempos foi, de certo, a não neutralização de Noriega, objectivo inicialmente apontado como determinante da invasão. Ao refugiar-se na Nunciatura Apostólica, o «cabo de guerra» panamiano favoreceu intencionalmente a abertura de uma crise nas ainda frescas relações diplomáticas entre a Casa Branca e a Santa Sé, sobretudo se nos recordarmos que foi durante o mandato de Ronald Reagan que Washington reconheceu o poder temporal da Igreja Católica.

Em evidente contraponto à atitude de ostentação por parte dos militares que cercam a representação diplomática do Vaticano na capital do Panamá, o presidente George Bush tem utilizado em todas as suas intervenções públicas, uma linguagem conciliatória sem esconder, no entanto, uma certa impaciência.

Endara não foi consultado

A entrega de Noriega às autoridades norte-americanas permitiria abrandar o ímpeto das especulações tecidas em torno desta operação militar, em relação à qual os seus principais detractores apontam falhas no capítulo da previsão política. Critica-se, nomeadamente, o facto de a invasão ter sido completamente planeada pelos cérebros militares e apenas dada a conhecer aos responsáveis pelo planeamento político quando esta já estava em marcha.

Assim, após a vitória militar, o Poder político no Panamá ficou reduzido a um presidente eleito num acto eleitoral cujos resultados ninguém certificou, já que Noriega se encarregou de destruir as provas daquilo que se crê ter sido uma vitória da Oposição.

Empossado numa cerimónia privada, na ausência de quaisquer autoridades panamianas, poucas horas antes da invasão, Guillermo Endara negou ter sido consultado sobre a eventualidade da operação ou de ter acolhido com agrado a ideia, como chegou a ser tornado público em Washington. Pelo contrário, Endara mostrou-se surpreendido pelos acontecimentos, notando «ter tomado posse do Governo de um país que acabava de ser invadido por outro país».

O novo presidente do Panamá coloca aqui uma questão essencial que é a da sua credibilidade perante a opinião pública do seu país, num momento em que esta parece essencial para a concretização de um regime democrático.

Para analistas políticos em Washington, Noriega era apenas parte do problema. No «Washington Post» é citado Richard Millet, um professor de História de Illinois do Sul:«Os EUA, apesar de não poderem nem contrariar nem ignorar os acontecimentos no Panamá, podem no entanto desiludir-se se pensam que o afastamento de Noriega do Poder significa a resolução dos problemas naquele país». E Millet comenta, a propósito, que «...os prejuízos causados ao sistema político panamiano durante as últimas duas décadas é tão grande e as divisões no seio da sua sociedade são tão profundas que nenhuma política americana, nenhuma mudança no topo da liderança do Panamá, irá produzir uma cura rápida e completa».

Opções perdidas

Num texto curiosamente datado de 1988, o professor Millet adverte que a utilização da força por parte dos EUA será «...a admissão final do falhanço» da política de Washington.

Opinião idêntica foi expressa por Elliot Abrams, Secretário de Estado Assistente para a América Latina, durante a Administração de Reagan. Abrams disse que «...no início de 1988 havia muitas opções, opções essas que se foram perdendo, mês após mês, até que se deixou ficar apenas uma, que foi a de invadir».

O dedo acusador de Abrams estende-se em direcção a Bush e não será de todo inocente o facto de o «Washington Post» ter revelado, ontem, um alegado plano, negociado em Maio de 1988, para afastar Noriega do Poder. O referido plano seria apoiado pelo presidente Reagan e terá sido activamente mediado pelo Núncio Apostólico no Panamá. O «Post» escreve que uma reunião de importância crucial se realizou no dia 22 de Maio de 1988, na Casa Branca. Foi um encontro convocado por Reagan e no qual participaram, entre outros, o então vice-presidente George Bush, o Secretário de Estado George Schultz, o Secretário da Defesa Franco Carlucci, o director da CIA William Webster e Elliot Abrams.

A figura chave

Em síntese, a proposta em apreço visava garantir a Noriega que lhe seriam levantadas as diversas acusações de envolvimento no tráfico de drogas contra a sua aceitação de um exílio, eventualmente em Espanha, e com garantia do seu regresso ao Panamá após as previstas eleições presidenciais.

Segundo o «Post» apenas George Schultz e o vice-presidente Bush se manifestaram contra. Bush, como se alude no texto, por temer reflexos negativos em ano decisivo na corrida para a Casa Branca.

Conforme refere, a propósito, o articulista do «Post», «...há ano e meio atrás, Noriega estava também a tentar negociar a sua saída do Panamá e uma vez mais o Núncio Apostólico foi a figura chave da mediação. Mas, desta feita, já morreram 23 soldados norte-americanos».

Filipe Vieira

Monsenhor Sebastian Laboa, núncio papal na Cidade do Panamá, conversa com um auxiliar no interior da sua representação diplomática

Caso de Noriega condiciona a saída das tropas dos EUA

A porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, anunciou ontem que o Governo norte-americano já ordenou o início da retirada de parte do contingente de 22 mil soldados que no passado dia 20 de Dezembro invadiu o Panamá.Os primeiros soldados norte-americanos chegaram de avião aos Estados Unidos às 17 e 30 horas locais (22 e 30 horas em Lisboa), seguindo-se depois mais diversos vôos.

Segundo Fitzwater, o presidente George Bush está esperançado em que as tropas regressem «o mais depressa possível», embora não seja de esperar uma retirada completa até que o caso do general Noriega, que continua refugiado na nunciatura apostólica da Cidade do Panamá, seja resolvido.

Para o arcebispo panamenho, Marcos McGrath, o ex-homem forte do país não conseguirá asilo político devido às acusações criminais por que tem que responder, para além do novo Governo não permitir a sua livre passagem para fora do país.«Ele tem as seguintes opções: ou se entrega ao Governo panamiano ou directamente ao dos Estados Unidos», disse McGrath.

Lusa/Reuter

As mensagens de Ano Novo no mundo

Kohl prevê a década mais feliz para todos os alemães

Tal como os cidadãos comuns, os líderes mundiais não escapam à tomada de «resoluções de Ano Novo», como fica patente nas suas mensagens de fim de ano. Embora a maioria fique pela declaração de intenções, este ano houve a excepção do presidente da Nigéria que declarou uma amnistia geral que beneficia milhares de presos, é sempre uma boa ocasião para saber o que preocupa os governantes e o que gostariam de ver resolvido no ano que se inicia.

O chanceler alemão-federal Helmut Kohl, reafirmou as suas esperanças de uma unidade germânica ao prever que o próximo decénio poderá ser «o mais feliz do século para todos os alemães». Segundo Kohl «deve-se lutar em conjunto pela unidade alemã e pela unidade europeia. A Alemanha é a nossa pátria, a Europa é o nosso futuro». A mensagem, transmitida pela Rádio e pela Televisão, foi captada na RDA, onde os alemães de Leste festejaram ruidosamente uma passagem de ano em clima de liberdade. Em Berlim, os habitantes dos dois lados praticaram a unidade, soltando fogo de artifício e abrindo garrafas de champanhe, em conjunto, pela primeira vez em 28 anos.

Aos esfuziantes berlinenses, que dançaram e cantaram até de madrugada, juntaram-se os colecionadores de recordações aproveitando a ocasião para procurar vestígios da Guerra Fria, desde bocados do Muro até emblemas com a foice e o martelo.

Na vizinha Checoslováquia a alegria não era menor, com cerca de 200 mil pessoas a comemorarem, no centro de Praga, o Ano Novo e o presidente novo, Vaclav Havel. Bebendo champanhe por taças de cristal da Boémia, milhares de jovens cantaram e deram vivas à liberdade durante toda a noite, partilhando a sua alegria com quem encontravam.

Segundo o relato do enviado da Agência Lusa, Luís Pinheiro de Almeida, Portugal foi devidamente festejado, já que quando os jovens que o abordavam ficavam a saber da sua nacionalidade, respondiam imediatamente «Rosas e Soares», numa alusão à visita do presidente português e à oferta de 50 mil rosas dos jovens portugueses à democracia checa, dando vivas à amizade entre os dois países.

O Leste europeu esteve em foco em quase todas as mensagens dos líderes mundiais. O presidente francês, François Mitterrand, declarou que as mudanças de 1989 podem provocar o nascimento de uma Confederação Europeia na década que se inicia. «Todavia, os países da Europa de Leste devem, primeiramente, alcançar a democracia plena», ressalvou o chefe de Estado francês, considerando que a Confederação seria a segunda e última fase de um processo de construção europeia, que passa pelo reforço dos laços entre os 12 países da CEE, em conformidade com os resultados da cimeira de Dezembro em Estrasburgo.

O presidente George Bush, para além da tradicional mensagem para os norte-americanos, gravou uma comunicação especial para o povo soviético que deverá ser retransmitida pela Televisão da URSS. No seu discurso, o chefe de Estado norte-americano classifica o seu homólogo soviético, Mikhail Gorbachev, como um «bom amigo da paz», sublinhando que «não há mapas que indiquem o que temos que fazer. Só encontraremos o caminho através da cooperação e do diálogo sincero».

A primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, também analisou as mudanças a Leste. Para ela, «a lição mais importante da década de 80 foi que o socialismo falhou. Nós já estávamos conscientes disso em 1979, mas hoje em dia toda a Europa Oriental também já o sabe.»

Na sua mensagem, Thatcher prometeu que os anos 90 serão «uma década de compaixão». A Dama de Ferro apelou à melhoria dos serviços públicos, «como os de Saúde e Educação, tornando-os mais adequados às necessidades do povo».

Redacção DL / Lusa

Para os latino-americanos

A invasão do Panamá é ferida difícil de curar

A invasão norte-americana do Panamá e toda a outra guerra que se lhe seguiu sobre o destino a dar ao general Noriega vão, provavelmente e segundo a opinião de analistas e diplomatas de Washington, deixar um duradouro ressentimento na América Latina, contra os Estados Unidos.

As primeiras reacções latino-americanas à invasão formaram um coro de condenações por tal modo forte e homogéneo que os próprios EUA ficaram surpreendidos. Washington não esperava tanto.O Secretário de Estado James Baker comentou que alguns países da América Latina, embora publicamente houvessem censurado os EUA, mostraram, em privado, a sua compreensão da decisão norte-americana e, até, o seu apoio.

O comentário não ficou sem resposta imediata de diplomatas latino-americanos acreditados em Washington. Um deles, que pediu para não ser identificado, disse:«Essa conversa de reacções em privado diferentes das oficiais nada mais é do que uma cínica manipulação dos meios de Comunicação Social».

Ao mesmo diplomata foi perguntado o que poderiam os Estados Unidos fazer para minorar os estragos causados à sua imagem entre os latino-americanos. Resposta pronta:«Uma única coisa, retirar as tropas do Panamá tão depressa quanto possível!».

O ressentimento latino-americano pela invasão norte-americana do Panamá é ferida difícil de curar. Também não será ferida menos dolorosa a dos panamianos que se viram obrigados a fugir ao regime de Noriega. A imagem recorda uma manifestação de panamianos da Oposição, verificada em Agosto passado, em Washington, contra o ditador do Panamá

«Os gringos imperialistas do Norte»

No parecer de Eva Loser, uma especialista em assuntos centro-americanos, do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, o envio das tropas americanas para o Panamá foi tocar um dos pontos que historicamente é dos mais sensíveis para os latino-americanos, ressuscitando velhas memórias de «intervenções yankees» nesta zona do mundo.

Bush, conhecedor dessas sensibilidades, já dissera, em Maio passado, que «...os Estados Unidos não pretendem voltar aos dias em que eram os gringos imperialistas do Norte». A frase foi dita em comentário à incapacidade americana de impedir a anulação, por Noriega, das eleições que então tinham dado a vitória ao actual presidente Endara.

A reacção do México foi típica da dos latino-americanos, tanto mais que se trata de um país com quem Bush muito se tem esforçado por melhorar as relações. Uma declaração formal do Governo mexicano, imediatamente após o conhecimento da invasão, condenava-a nos termos mais firmes.

Na Imprensa e nos livros escolares mexicanos os EUA são normalmente apresentados como «o agressor imperialista» e não é difícil fundamentar esta imagem, basta recordarque o México perdeu cerca de metade do seu território, em favor dos Estados Unidos, durante a guerra entre ambos, em 1847.

Afectada a guerra contra a droga

Mas nem tudo serão sombras sobre o ressentimento latino-americano contra os Estados Unidos. Há analistas que encontram alguns indícios optimistas. Entre esses indícios citam, especialmente, a rejeição, pela Organização dos Estados Americanos, de uma proposta de resolução apresentada pela Nicarágua e em que se condenava a invasão. A OAS preferiu um outro texto, um pouco mais moderado, em que apenas «profundamente se lamentava» a inciativa de Washington. Esse texto foi aprovado por 22 votos contra um único, o dos próprios Estados Unidos.

O Peru retomou, logo uma semana depois de a haver suspenso, a sua cooperação com os EUA na luta contra os traficantes de droga. A suspensão foi assumida como uma forma de protesto contra a invasão. De qualquer modo, Alan Garcia não esclareceu se tenciona ou não participar na cimeira contra o tráfico de droga, que está marcada para meados de Fevereiro, na Colômbia.

Autoridade manchada

. Tanto diplomatas como analistas concordam em que Washington poderia tomar várias iniciativas que ajudariam a melhorar a má imagem que a invasão do Panamá lhe renovou. A mais importante dessas inciativas seria a de conseguir uma solução rápida para o caso do general Noriega. E os EUA também ganhariam se adoptassem um perfil militar mais discreto no Panamá.

A lista dos «bons actos» dos Estados Unidos deveria incluir, ainda, a pronta decisão de contribuir mais activamente para a reconstrução da economia panamiana e a concessão de autonomia ao presidente Endara para que seja ele a dirigir a governação do Panamá.

Do lado panamiano e de acordo com a sugestão de alguns diplomatas, Endara deveria convocar, dentro de um ano, novas eleições, para renovar o mandato e livrar a sua autoridade presidencial da mancha de a ter ficado a dever a uma intervenção militar estrangeira.

Alan Elsner DL/Reuter

Noriega: o pequeno David tropical

Levará algum tempo, pelo menos algum, antes de se saber, ao certo, o que esteve realmente por detrás da decisão de Bush, certamente difícil, de mandar invadir o Panamá. Pode recordar-se, por ora, uma citação que Noriega gostava de fazer. Citava o anterior presidente panamiano, Omar Torrijos, e dizia que na sua luta pela «libertação» do Panamá em relação aos Estados Unidos, Torrijos teria talvez sido capaz de mandar dinamitar o Canal do Panamá...

Manuel Antonio Noriega, um pequeno David tropical. Quando era interrogado sobre a possibilidade de uma intervenção militar norte-americana para o derrubar, costumava franzir o nariz achatado, tipo jogador de boxe, deixava transparecer apenas uma pequena crispação na face, repetia a citação de Torrijos sobre a destruição do Canal e acrescentava:«... se for realmente necessário...». E o seu olhar era gelado, estranhamente para um latino-americano.

A pergunta é inevitável: terá, de facto, Noriega preparado a sabotagem de uma via marítima vital para as comunicações internacionais e, mais ainda, para o comércio norte-americano? Terá ele sido tentado pela importância do Canal e, sobretudo, pela sua terrível vulnerabilidade à sabotagem? Seria essa a sua derradeira e mais terrível arma contra o gigante norte-americano, ao qual se opunha depois de dois anos e depois de ter sido, antes, aliado muito fiel dos EUA? Terá ele sonhado ser o pequeno David face ao Golias e, como tal, conseguir a vitória final da sabotagem, em consumação das muitas vezes em que já conseguira ridicularizar, em cheio, a Casa Branca?

Maquiavel de feira

Sabe-se que Noriega sempre desejou seguir, e ultrapassar se possível, o seu modelo, o seu ideal: o general Omar Torrijos, aquele que conseguiu arrancar aos Estados Unidos, em Setembro de 1977, o acordo que determinou a entrega do Canal ao Panamá no ano 2.000 e previu um processo de transferência de poderes que deveria entrar em pleno funcionamento durante a próxima década.

Houve um precedente sobre o qual Noriega terá certamente meditado: Nasser e o Canal do Suez, nacionalizado pelos egípcios a 26 de Julho de 1956. Mas também talvez agora se possa chegar à conclusão de que Noriega, humilhado fugitivo encerrado na Nunciatura Apostólica da Cidade do Panamá, não soube ganhar o apoio popular que permitiu a Torrijos enfrentar com êxito o gigante norte-americano nem subiu à dimensão de um Nasser. Ficou-se por uma ditadura primária, andou vazio de ideologia, foi menos patriota e mais oportunista da CIA primeiro, do Cartel de Medellin depois.

Julgando que fazia o seu elogio, muitas vezes, ao falar de si, Manuel António Noriega deu a sua verdadeira e menor dimensão. «Sou um homem da pancadaria - dizia ele - pois aprendi, com a pobreza da infância, a lutar, fôsse como fôsse, pela sobrevivência. Aprendi a bater, a apanhar murros e a evitá-los sempre que possível».

Zaragateiro, intriguista, maquiavel de feira, corajoso mas imponderado, dotado de charme mas concebendo a arte do estadista como uma esperteza de regateios, António Manuel Noriega, só pode, hoje, gabar-se de uma vitória, perfeitamente pirrónica em relação aos verdadeiros interesses do seu povo: conseguiu fazer abrir uma surpreendente guerra entre os Estados Unidos e o Vaticano.

Nem Torrijos nem Nasser lhe reconheceriam a qualidade de discípulo.

Exclusivo DL/Le Monde
Tradução/Adaptação Paulo David

CULTURA

Falar de Cinema

«Oliver» Disney: com «twist», mas sem dickens

OLIVER E SEUS COMPANHEIROS (Oliver & Company) - George Scribner (EUA, 1988); A: Vance Gerry, Mike Gabriel, Rogers Allers, e outros, segundo «Oliver Twist», de Charles Dickens; Supervisores de animação: Mike Gabriel, Hendel Butoy, Glen Keane, Mark Henn, Ruben A. Quino, Doug Khohn; M: J.A.C. Redford; Dir. Art: Dan Hensen; P: Walt Disney Pictures/ Silver Screen Partners III; D: 90 m; Dist: Columbia Tri-Star & Warner; Est: King, Amoreiras, Quarteto, Nimas (Lisboa) e Nun'Álvares (Porto); Cl: * (M/6 anos).**

A 27.ª longa-metragem de ficção saída dos estúdios Walt Disney é uma adaptação à actualidade, e às ruas de Manhattan, do célebre «Oliver Twist», de Charles Dickens. Adaptação muito livre, diga-se desde já, e nem sempre muito brilhante, acrescente-se.

Oliver é agora um gatinho órfão que ninguém quer, nem dado, e que um rafeiro com estilo adopta, trazendo-o para o seu grupo de «vira latas» que sobrevive de pequenos «golpes» que o azarado Fagin tenta coordenar para enriquecer o vilão Sykes. Um dia, porém, Oliver cai nos braços de uma miúdinha da 5.ª Avenida que se apaixona por ele e o leva a viver na sua bela mansão. O que basta para o safado Sykes arquitectar o sequestro da rapariguinha, desejoso de pedir um bom resgate. Mas o grupo de «vira latas» está atento e não se amedronta com tão pouco...

Quando o filme se centra na animação dos animais, gatos, cães e um nervoso ratinho de nome Tito, tudo vai bem no reino de Disney, com o estilo habitual e uma antropomorfização excelente, como é regra da casa. Os desenhos dos humanos ficam muito atrás e a conjugação dos dois mundos nem sempre é feliz. Os cenários, pelo seu lado, relembram a estética dos anos 50-60, de *A Dama e o Vagabundo* ou de *Os 101 Dalmatas*, o que se nessa altura estava de acordo com o grafismo estilizado, hoje cheira a ultrapassado e pouco convincente.

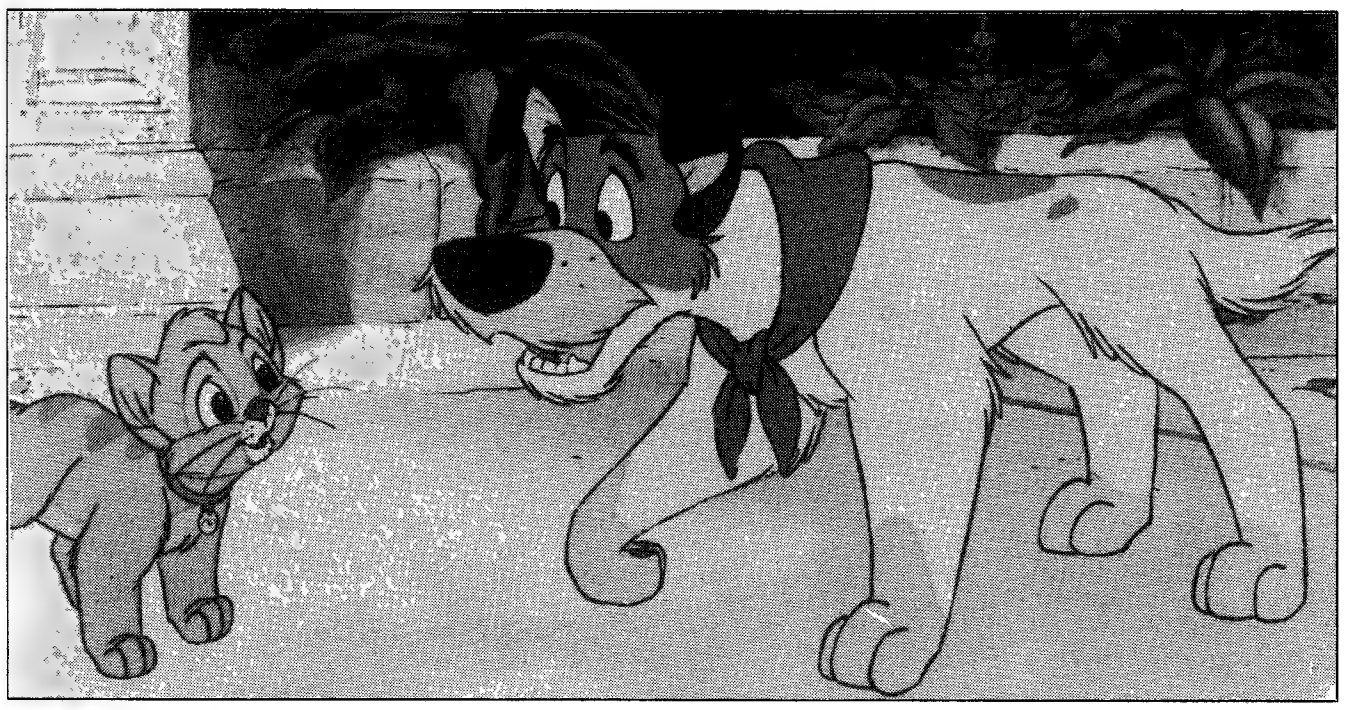
É evidente que o filme se vê com agrado e as crianças gostam. Mas os estúdios Walt Disney, que anunciam uma época de ouro para a longa-metragem de animação, só igual à dos anos 40, com um novo filme cada doze meses (velha ambição de Disney), não parecem estar abastecidos de material humano com ideias e invenção para o justificar. *Oliver e Seus Companheiros* nunca chega aos calcanhares de um saudoso Disney dos «bons velhos tempos» e basta ver, no mesmo programa, o delicioso *The Ugly Duckling*, de 1939, para se distinguir o que era talento do que é mera aplicação de técnicas e efeitos computorizados, sem personalidade, nem inspiração.

O que há de melhor neste *Oliver* vem-lhe, aliás, de filmes anteriores do mesmo estúdio, o que testemunha uma autofagia sem grandes esperanças de futuro. Oxalá nos enganemos e os próximos Disney cumpram com as promessas do «mestre». (Eis os títulos que se anunciam para os próximos anos: *The Little Mermaid*, um conto de fadas; *The Rescuers Down Under*, uma continuação de Bernardo e Bianca, na Austrália; *Beauty and the Beast* e *An Arabian Night*).

Infelizmente, para a desgraça ser completa no que ao público português diz respeito, a versão que por aqui passa é brasileira e muito rafeira, sobretudo se se souber que as vozes originais que dobram as figurinham são de Bette Midler, Billy Joel, Cheech Marin, Richard Mulligan, Roscoe Lee Louise, Robert Loggia e outros. Ora isto é tanto mais dramático quando se sabe que o filme se apresenta como um «musical», com «números» cantados.

Com a versão brasileira que por aí passa nem os que sabem ler ouvem as vozes originais, nem as criancinhas percebem o que ouvem (no dia em que vi o filme, mais se ouviam na sala os pais a explicar aos filhos o que queria dizer o calão brasileiro, do que a própria banda sonora do filme). E como não deve ser divertida a versão Bette Midler da canção interpretada por Georgette, a sofisticada cadelinha da 5.ª Avenida?

Lauro António



Walt Disney

Longas-metragens de animação

Walt Disney nasceu em 1901 e faleceu em 1966, deixando um império baseado no desenho animado que ainda hoje perdura com base no seu nome e no seu estilo.

São as seguintes as longas-metragens de animação produzidas pelos Estúdios Walt Disney, das quais 27 são obras de ficção e as restantes antologias de vários episódios (pensadas enquanto tal, e não recolhas posteriores de «cartoons»), como é o caso mais conhecido de *Fantasia*.

1937: *Snow White and the Seven Dwarfs* (Branca de Neve e os Sete Anões); 1939: *Pinocchio* (Pinóquio); 1940: *Fantasia* (Fantasia); 1941: *Dumbo* (Dumbo); *The Reluctant Dragon*; 1942: *Bambi* (Bambi); 1943: *Saludos, Amigos* (Olá, Amigos); 1944: *The Three Caballeros* (A Caixinha das Surpresas); 1946: *Make Mine Music* (Música, Maestro); *Song of the South* (Canção do Sul); 1947: *Fun and Fancy Free* (Terra da Felicidade); 1948: *Melody Time* (Melodias Fantásticas); 1949: *The Adventures of Ichabod and Mr. Toad; So Dear of My Heart*; 1950: *Cinderella* (A Gata Borralheira); 1951: *Alice in Wonderland* (Alice no País das Maravilhas); 1953: *Peter Pan* (Peter Pan); 1955 *The Lady and the Tramp* (A Dama e o Vagabundo); 1958: *The Sleeping Beauty* (A Bela Adormecida); 1961: *101 Dalmatians* (Os 101 Dalmatas); 1963: *The Sword in the Stone* (A Espada era a Lei); 1968: *The Jungle Book* (O Livro da Selva); 1970: *The Aristocats* (Os Aristogatos); 1973: *Robin Hood* (As Aventuras de Robin Hood); 1977: *The Rescuers* (Bernardo e Bianca); 1981: *The Hound and the Fox* (Papuça e Dentuça); 1985: The Black Cauldron (Taran e o Caldeirão Mágico); 1986: *The Great Mouse Detective* (, o Rato Detective); 1969: *Oliver & Company* (Oliver e seus Companheiros).

olhar de mocho

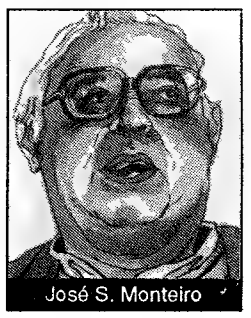
Ser ou não ser

Em relação à Europa da CEE, e puxando, aqui, a brasa à sardinha da cultura, a Televisão tem dois caminhos possíveis: passar no canal bicéfalo da nossa única emissora de sons e imagens, o que lá fora se produz de bom nível cultural, ou então, *fazer* como eles fazem. Nesta última hipótese, ou somos ou não - a terceira via intermédia ainda não foi descoberta. Teríamos de ver pluralismo de canais, independência em relação ao poder político, e de saber aguentar as cargas da concorrência.

A «nossa» RTP parece ter optado, pelo menos se nos fixarmos na programação do dia inaugural da nova década, pela primeira alternativa: mostrou o que lá fora, de bom se faz. Um Woody Allen e um Mozart trabalhado e recriado pelo Bergman. De facto não nos podemos queixar de falta de qualidade. Mas não se iludam os xerifes: não é o Woody nem o Bergman, à compita nos dois canais que transformam a 5 de Outubro numa instituição cultural e democraticamente civilizada.

Esta tentativa de armar à Europa sem o ser na realidade, lembra o problema alemão tal como tem sido exibido e comentado desde o 10 de Novembro, próximo passado, dia do Muro: alemães, são todos, os de cá e de lá. Mas uns são ocidentais que não querem perder os compatriotas do Leste, outros são orientais que também procuram o ocidentalismo. O «muro» invisível que ainda cerca a nossa TV coloca-nos, alegoricamente, numa posição semelhante: sendo de cá, também queremos Europa; queremos que a Europa, sendo de lá, também seja de cá.

O mal é não se notarem indícios de alguém andar preocupado em fazer as agulhas para que em questões de Europa, a Televisão seja atrelada ao comboio do pluralismo informativo, da concorrência do show, da criatividade da crítica. Os dados oficiais estatísticos revelam (pelo menos no dia 24 de Novembro de 1989) que o rendimento *per capita* de Portugal ainda se situa muito abaixo do da RDA. Os analistas políticos que dissolvam o nó: será por isso que os alemães de Leste abriram a porta de Brandeburgo e nós, ainda não nos conseguimos livrar do tal «muro» invisível que nos isola da Europa da CEE quanto a pluralismo de canais? Pelo jeito que as coisas levam, os pássaros não mostram augúrios de a década de 90 ser para nós, lusitanos, a da integração cultural, democrática e pluralista na Europa televisiva dos pluricanais, onde o povo é quem mais escolhe. O problema não está tanto em a actual RTP ser reedição do matutino lisboeta ao tempo em que ele foi dirigido pelo Augusto de Castro, mas sim na vocação augusto-castrista dos seus netos, bisnetos e trisnetos espirituais e políticos que continuam a mandar na TV.



José S. Monteiro

BREVES

Faleceu Etienne Le Roux

O escritor sul-africano Etienne Le Roux, de 67 anos,morreu no último dia do ano transacto, vítima de um cancro pulmonar.Advogado e agricultor, antes de enveredar por uma carreira literária, Le Roux foi um dos primeiros intelectuais brancos a criticar o governo de Pretória devido ao "apartheid".Nos anos 60, Le Roux ocupou lugar de destaque na oposição dos escritores afrikaners rebeldes ao conservadorismo e à política segregacionista do governo da África do Sul.Por causa disto, os livros do escritor foram durante muito tempo proibidos naquele país.

Dos livros mais conhecidos publicados por Le Roux destacam-se Magersfontein,O Magersfontein","Seven Days at de Silbersteins", ambos tendo pequenas comunidades brancas como cenário.Numa recente entrevista ao semanário afrikaans "Free Weekly", o escritor declarou-se convicto de que haverá "uma grande sensação de alívio"no país quando o apartheid deixar de existir.Conforme nos recorda a Lusa, Le Roux era considerado o mais importante romancista da literatura afrikaans.

Miró e Matisse: quadros roubados

Vinte e quatro quadros de Joan Miró foram roubados de uma galeria de arte em Estocolmo,foi anunciado no dia 30 de Dezembro. Ontem, no primeiro dia do ano, portanto, foi revelado o roubo de oito telas de Henri Matisse do antigo apartamento do pintor, em Nice.

O valor dos quadros de Miró agora roubados ascende a 80 mil contos, enquanto que as obras de Matisse desaparecidas de Nice estão avaliadas em 150 mil contos.

Morreu Augusto del Noce

O filósofo italiano Augusto del Noce, de 79 anos,morreu no sábado.Autor de numerosos textos sobre a religião na sociedade moderna,Del Noce nasceu em Pistoia em 1910 e licenciou-se pela Universidade de Turim, em 1932.Professor de Filosofia, História e Doutrina Política nas Universidades de Roma e Trieste, o filósofo foi eleito em 1984 para o Senado pelo Partido da Democracia Crsitã.

NINGUÉM TROCA 5 POR 4★ A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4 * que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

A grande diferença para o Hotel de 5 está no preço...*

Quarto individual ou duplo ..... 7.950$
(A 2.ª pessoa é nossa convidada).
Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990.
Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

HOTEL LISBOA PLAZA ★★★★

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre – 1200 LISBOA – PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 – Telex 16402 P – Fax: 371630

«Gostaria que aparecesse uma melhor que eu antes de me ir embora» - o seu maior desejo para 1990

Amália no «revéillon» do Altis: o fado e quatro línguas

«Sou artista mais por devoção que por condição», disse Amália Rodrigues ao DL quando se dirigia para o palco do «réveillon» do fim-de-ano do Hotel Altis. O espectáculo atingiu o auge com Amália: durante hora e meia, como se os anos não pesassem, a «divina», como lhe chamaram, prendeu a vasta plateia. Gente importante, com impacto público, pouca, por assim dizer: o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral. Mais Toni, treinador-adjunto do Benfica, ligado ao proprietário do Altis (Fernando Martins) por laços do chuto na bola. Falou para portugueses, espanhóis, franceses e americanos. Uma autêntica poliglota, Amália. Todos se renderam à sua voz subitamente fresca.

Amália tardou a entrar em cena, mas nem por isso os clientes se aborreceram. Estava previsto começar a cantar depois da passagem de ano, à uma hora de 1990. Amália bem tentou:deixou o quarto 118 do décimo andar do Altis, onde chegara cerca das 23 horas do último dia do ano findo, mas encontrou uma amiga antes de descer as escadas de acesso à sala Europa, onde se desenrolou o espectáculo de fim-de-ano do Hotel Altis.

Estava à conversa com o jornalista do DL, que interrompeu para atender a amiga. «Que representam para mim cinquenta anos de actividade artística? Oh, tanta coisa: 50 anos de amizade, beijos, flores e preocupações. A repetição de tudo o que as pessoas sabem: medo antes de cada espectáculo, a alegria depois de cada um deles», confesssou.

Palavra puxa palavra e, com a amiga a insistir, ficou enredada nelas: recuou um pouco, avivou momentos de um encontro no estrangeiro, pareceu-nos que nos Estados Unidos da América, enquando na Europa os folgazões, serpentinas por todo o lado, chapéus de papel nas cabeças e nas mesas, a aguardavam.

Para amenizar a espera de Amália, o apresentador anunciou os seus acompanhantes, que interpretaram, sem a artista, «Variações» à guitarra e à viola. Carlos Gonçalves e Pinto Varela na guitarra portuguesa, Lello Nogueira e o professor Joel Pina à viola, este em viola baixo.

Amália não aparecia, mas nem por isso o ambiente arrefecia. E quando, meia hora depois, Amália entrou na sala, foi o delírio. Todos estavam ali por ela, apesar do cartaz do «réveillon» do Hotel Altis nos propor o agrupamento musical Hipótese, o conjunto privativo Armindo Campos, a cantora Linda Martins - que antecedeu Amália - e os imitadores Chico Dias e Canto e Castro.

Foi com «Meia noite e uma guitarra», meia vida por viver, que abriu o espectáculo, para cantar sem parar, salvo quando se dirigiu à plateia, sabendo que entre os presentes havia franceses, ingleses e espanhóis. Foi nesse espaço que se revelou poliglota: anunciou que os franceses presentes tinham ido ao Museu de Teatro, mostrando saber mais de si que Vítor Pavão dos Santos; aos americanos propôs dançar o rock' d roll; e contou aos espanhóis - num castelhano irrepreensível- um chiste que os fez soltar várias gargalhadas.

Rui Pacheco

"Os portugueses têm a mania de chorar"

Com «Povo que lavas no rio» (abriu um parêntesis para fazer um voto: «gostaria que aparecesse alguém melhor que eu antes de me ir embora») que vergou a plateia. Já havia cantado «Rosa de Fogo» e «Que Deus me perdoe». Aqui, mostrando-se tal como é: «Mas eu sou assim, se fugisse ao fado, fugia de mim». E veio o «Senhor Vinho», o primeiro de uma trilogia que inclui «Amêndoa Amarga» e «A Casa da Mariquinhas», com a indispensável ginginha. «Apesar de dizerem que sou borracha, eu gostava era de ser um borracho», lançou Amália para quem a ouvia. E continuou a cantar com sensibilidade fatalista, dizendo que ganhara o seu destino ao jogo.

«Malhão» e «Maria Lisboa» fecharam o espectáculo, cantados com a alma de Amália. «Os portugueses têm a mania de chorar», disse ao DL.

Júlio Rodrigues

Rui Pacheco

Amália: «Canto a tristeza que vai na alma de todos nós»

Uvôdô ou banja igual a festa da rija

Duas festas, dois estilos, uma África. De forma mais formal ou de outra mais popular, a verdade é que isto de festas quem entende são mesmos os africanos.

Rui Pacheco

Gilberto Gil Umbelina: quando um guitarra vale mais que muitos músicos

No Forum Picoas, o cantor principiano Gilberto Gil Umbelina, propunha uma noite uvôdô (festa), à moda de São Tomé e Princípe. Um ambiente formal e, a princípio, mesmo gelado, maioritariamente acorrido por portugueses, animou graças à força e comunicabilidade do cantor. Do programa constava, além da actuação de Gilberto Gil, a actuação do grupo África Verde, do Princípe.

O incrível aconteceu ao constatar que o cantor quando actuou acompanhado, única e exclusivamente, por si em guitarra acústica conseguiu imprimir uma dinâmica e alegria à festa de que os muitos elementos do África Verde não foram capazes. Umbelina interpretou temas dos seus discos e alguns do seu próximo álbum, entre eles "Lingwyé", nome do dialecto falado no Princípe, que será título do L.P. Uma ceia bem servida e os tradicionais espumante e passas completaram o cenário de uma festa que, noutro local e com outros ingredientes, poderia ser de arromba, tendo-se ficado pelo meio termo.

Quando um pavilhão passa a ser uma praça de alegria

De facto somos mesmo um povo triste. E isto nem sequer tem nada a ver com sofrimentos, frustrações e quejandos, África desde sempre foi um continente maltratado, violado e violentado, ainda hoje passando pelos revezes de guerras, e calamidades naturais, obrigando muitos dos seus filhos a emigrar, contudo isso não impede o seu povo , ao contrário de nós, de com mestria saber fazer a festa.

Boa parte desses africanos emigrados em Portugal, estiveram na passagem de ano no tradicional "réveillon africano", a que os portugueses se foram habituando e aderindo. Foi o que aconteceu mais uma vez: raças, grupos etários e culturas diversas conviveram, divertiram-se, ouviram boa música e dançaram até de manhã no Pavilhão da Amadora, como se de uma festa espontânea de praça pública se tratasse.

O ambiente foi despretensioso e caloroso, uma euforia certa na esperança depositada na viragem de mais um ano, desta vez de uma década também, num ritual para afastar maus espíritos e más influências, na busca de uma felicidade límpida.

Festa sem, música, não é festa. Isso sabem-no os organizadores destas galas, sabem-no, e aí apostam em força. Pelo Pavilhão da Amadora passaram alguns dos melhores músicos africanos residentes em Portugal. Da Guiné-Bissau tivémos Justino Delgado e África Livre, de Cabo Verde o mestre Paulino Vieira e o seu grupo e de Angola, acompanhado também pelo grupo caboverdiano, Bonga.

Um espectáculo de truz.

Comecemos pela actuação de Justino Delgado, aquela que mais nos espantou e alegria deu, visto o artista finalmente ter conseguido reunir em Lisboa todos os elementos do seu grupo, fazendo justiça ao belíssimo trabalho por si apresentado em vinil.

Até aqui, o músico recorreu a excelentes executantes de outros países, para completar uma formação incompleta, que talvez por falta de ensaios fazia perigar o bom nome do seu trabalho, agora, com África Livre, Justino Delgado está aí para continuar a dar que falar. Se o grupo é equilibrado, em termos de execução, há, contudo, que referir o nome do guitarrista Manecas, também ele na Guiné-Bissau solista, um músico espectacular, transbordante de alegria, num dedilhar de energia contagiante. Justino, mais livre, dá largas às suas habilidades no campo da dança, e encanta. É a cultura de um país, de um povo, sem apelar ao exótico, ou à exploração do erotismo fácil, um trabalho digno e de bom gosto. Olho neles!

Bonga é o cantor de timbre cativante e envolvente, sem dúvida, um fenómeno de popularidade. Não considero os seus trabalhos de grande qualidade ou criatividade musical, o que é certo é que Bonga dá alegria ao povo. Ninguém consegue ficar quieto quando canta, aliás penso ser esse o objectivo: música de consumo imediato, para o corpo, e não para a cabeça. No Pavilhão a acompanhá-lo estava o grupo de ouro de Paulino Vieira, o baixo bem marcado de Lúcio, as teclas magistralmente tocadas, de uma subtileza só conseguida por grande sensibilidade e talento de Toy Vieira, a batida segura e contagiante da bateria de Paxinho e a guitarra, harmónica e direcção do melhor músico africano, residente em Portugal, que só uma grande humildade não permitiu sair da sombra e mostrar-se como o grande obreiro de tudo o que por cá se vai fazendo de música africana, falo do mestre Paulino Vieira. O seu talento é tanto, que Bonga, normalmente arrogante, reconheceu publicamente o valor de Paulino, prestando-lhe homenagem. É que, de facto, ele foi o grande músico da noite, acompanhando o cantor angolano e liderando, posteriormente, o seu grupo.

Só por curiosidade, como música não tem fronteiras, muito menos quando do mesmo continente, não foi de admirar que "Mariquinha", o grande sucesso de Bonga, fosse nada mais nada menos que um funaná, o tal ritmo que acredito piamente poderá dar que falar, em termos internacionais, tal como o zouk, se lhe prestarem a devida atenção e, quem de direito, o divulgar, do "Comeram a Fruta...", já sabíamos ter uma coladera como base.

Em resumo, musicalmente, no Pavilhão da Amadora, entrou-se o ano com o pé direito. Que assim se mantenha...

Maria José Belo Marques

O espectáculo de fim-de-ano no Casino Estoril

Tudo o que o dinheiro pode comprar

Nenhuma noite, à excepção talvez daquela que ano após ano distribui os famigerados Óscares pelas mais cintilantes estrelas de Hollywood, pode ser mais luxuosa e digna de motivar os incansáveis cronistas do «jet-set», sempre na esteira de um sussurro suspeito ou de um pequeno escândalo. Ao preço de trinta mil escudos que era, segundo o Dr. Lima de Carvalho, um dos responsáveis administrativos do Casino, quanto custava o ingresso para o «reveillon» mais caro do país, o leitor habilitava-se a apreciar, por um lado, o espectáculo da ostentação e de tudo o que o dinheiro pode comprar, ao mesmo tempo que no palco decorria o «show» iniciado sob os auspicíos da música para dançar interpretada pela banda de António Rios.

As vedetas da noite eram, no entanto, Paloma San Basilio e Herman José que sendo o primeiro a actuar, fez desfilar durante cerca de quarenta minutos algumas das suas personagens mais queridas do público, com particular destaque para Serafim Saudade e a popular Maximiniana.

A esta moçoila ingénua e «fala barato» que há aproximadamente dois anos deu brado na antena da Comercial e sobretudo em «Humor de Perdição», seguir-se-ia após a meia-noite Paloma San Basilio, grande senhora do «show-bizz» do país vizinho que, segundo nos afirmou o acima referido Dr. Lima de Carvalho, foi convidada a participar neste «reveillon» devido ao considerável sucesso obtido na sua primeira actuação no Casino Estoril quando há pouco mais de um ano ainda era relativamente desconhecida entre nós. De salientar para já que a longa actuação da cantora espanhola faria juz ao generoso «cachet» atribuído, não deixando por mãos alheias a reputação de mulher-espectáculo de que já desfruta um pouco por toda a Europa. De Herman José dir-se-à , por seu turno, que teve a graça que nele é inata, embora haja a lamentar a pouca ousadia de que deu mostras perante um público que sorria como mandam as normas, mas que não se sentiria de todo inocente no bom «puxão de orelhas» que foi o processo de suspensão do mais recente programa televisivo do actor. E «como gato escaldado da água fria tem medo»...

É que para nós , bem habituados que estamos ao genial profissionalismo daquele que é, sem dúvida, um dos melhores humoristas portugueses, exigimos dele mais do que anedotas requentadas fácilmente audíveis nos transportes públicos...

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se de década e enquanto no Casino ministros, secretários de Estado e empresários festejavam o ano que aí vem, o fogo-de-artifício lançado da praia engalanava os ares para deslumbramento geral, lembrando,assim, que as noites são todas iguais, a ambição dos homens é que as tornam diferentes.

Maria João Martins

José Tavares

Herman José

A última sessão do Eden

Cortina rasgada

São seis e meia da tarde do último dia dos anos 80. À porta da melhor sala de cinema dos anos 30, o tempo vai, finalmente, parar. O Eden celebra agora a última "matinée". Espera para hoje a derradeira noite de projecção. A notícia circulou por aí, e há gente com menos de 20 anos a parar no topo da escadaria, por momentos, fazendo brilhar a luzinha dos "flashes".

Nomes que não ficarão para a História foram apontados pelos jornais ao longo do último mês: nomes de firmas que transaccionam imóveis de interesse público como se de batatas se tratasse. Nomes esquecidos, futuramente, em qualquer história olisiponense. Nomes que, mesmo assim, podem e mandam nos destinos duma cidade abandonada à sua - deles- sorte.

No último anoitecer de 1989, o Eden Teatro parece longe da mercê desses poucos; entregue ainda aos cuidados das mesmas gentes que lhe conhecem todos os cantos. Não fora a envergonhadíssima lágrima ao canto do olho, este dir-se-ia o normal fim de ano para cada funcionário do Eden. A certeza do desemprego afectou-lhes, contudo, o habitual desenfado, transformando esta noite prestes a começar numa inadiável guerra de nervos.

Ao lado da bilheteira, a autorização enviada à Direcção Geral de Espectáculos prevê novos filmes para Janeiro de 1990. Tudo escolhido a preceito de enterro adiado pela Lusomundo e para os cinéfilos menos exigentes: "O Dragão de Ferro", "O Templo de Shaolin", "Os Sete Magníficos Lutadores" e "Duelo de Punhos". A estas afrontas mais ou menos voluntárias já não será sujeito o velho Eden. Inesperadamente, com três dias de antecedência, a notícia chegou: o cinema, já vendido para demolição dos interiores, encerraria portas no último dia do ano.

Cá em baixo, aos pés da escadaria, está vazio o "placard" dos cartazes para sessões da meia-noite. Ao alto, do lado direito, a opção dos distribuidores: um anúncio enorme às salas do Alfa Triplex. Não viesse o público ao Eden por engano... - Parece que vinha. Os 1394 lugares esgotavam muitas vezes, ainda agora, em época de estreias simultâneas. Já em Dezembro, venderam-se todos os bilhetes para algumas sessões do último filme em cartaz: "Os Deuses Devem estar Loucos II".

O público dos filmes que a Lusomundo canalizava para o Eden não era, como se calcula, similar ao dos tempos da "menina Tatão" de "O Pai Tirano". Aparecia um pouco de tudo. As bebedeiras eram frequentes; as provações impostas aos funcionários mais do que muitas. Em contraponto, o "lumpen" lisboeta argumentava com alguma razão: "Não posso pôr os pés no assento? Veja lá se estrago este luxo todo esfarrapado!".

Nas escadas do átrio, há tempo que se fundiram as luzes. A casa de banho esteve dois meses também às escuras. Os elevadores estão avariados há dois anos. O ar condicionado é uma memória longínqua. A proprietária do imóvel não fez obras que o arrendamento não justificasse; a distrubuidora não "assassina" filmes numa sala sem condições e da qual, ainda por cima, tem apenas a concessão. O Eden dava lucro, apesar disto tudo. Mas nem um milagre puro chegou para o salvar.

Cá em cima, no "hall" da plateia, as paredes estão pintadas de um azul quente como as também "deco" Folies Bergère de Paris. Em evidência ficaram as vitrines vazias no seu acolchoado de cetim a pesponto cor de pérola com botõezinhos puídos.

O bar do primeiro balcão é explorado há 15 anos por Leonídeo Amaral. Hoje, as últimas bebidas são por conta da casa. Já veio do Monumental e do Alvalade e está habituado a enterros de cinemas: "Há 60 anos que ando nisto e para quê?". Porta fora a partir das 11 desta noite, não há Deus nenhum que venha prestar contas. Tinham dito assim, à funcionária da bilheteira: "o que é que quer, quem se lixa é o mexilhão". Leonídio Amaral não é empregado da Lusomundo, mas lixa-se na mesma. Assentou ideias sobre a vida derramada num mister sem história. Depois da entrada para a sessão seguinte, arrumará mais depressa os bolos que restam (não faz o intervalo). Vai sair daqui com o mesmo porte com que entrou e que Maria da Encarnação, arrumadora há 23 anos, lhe conhece bem: "Já viu? - Parece que tem metade da idade!".

A última passagem pela bilheteira, já depois do início da sessão final, dá os números dos lucros de último dia: 448 bilhetes vendidos para as três sessões. Em noite de fim de ano, é uma boa média. Volvidas as dez, num segundo balcão a pique sobre a plateia (o grau de inclinação corresponde a 50%), dois solitários bebem a cerveja cuja lata, calculo, irá acabar lá em baixo, na plateia.

Plateia do Eden e de sonhos tão efémeros, onde em 1940 todos cantavam a "Balalaika", onde se aplaudiu de pé a pequena Milu, prodígio dos Passatempos APA, onde todos se batiam para estrear os filmes portugueses do pós-guerra. No assento de coxia, em cada fila, uma luz intacta e um monograma antigo: "E.T" (Eden Theatro).

Em 1939 foi a sala destinada à Sétima Arte, à semelhança de congéneres muito respeitáveis, como o Gym-

Rui Vasco

Coroas de glória apeadas numa fachada vazia

Rui Vasco

Era uma vez um barzinho "déco"

nasio ou o Teatro da Rua dos Condes (este último substituído pelo Cinema Condes nos anos 50). Em menos de um ano, era a preferida de Lisboa. Lopo Lauer, que assegurava a sua exploração, não tinha mão nos pedidos de estreias. As distribuidoras, suportando metade da firma, queriam o Eden para todos os melhores filmes.

Separados proprietários e exploradores, o Eden ressentiu-se da nova era em que as distribuidoras compraram os seus próprios cinemas. E os melhores filmes são hoje canalizados para as diminutas salas dos centros comerciais.O Eden subsistia como ofensa ao destino. Uma questão de meia dúzia de funcionários (e um milhão de lisboetas) versus os agentes especulativos desse destino.

No final da última sessão, despejados e trancados porta fora, nos Restauradores, os sentimentos são diversos. Alguns espectadores, contrafeitos, queixam-se da ausência do intervalo, da impossibilidade de passar o ano esquecendo-lhe a data, de olhos pregados no "écran" imenso, a milhas geográficas da solidão própria. Outros, apressados, rumam para o "reveillon". Entre estes, o espectador-tipo. Aquele que todos os arrumadores conhecem. O homem que esteve, criança, na primeira sessão do Eden. Que trouxe os filhos nos anos 50, que trouxe os netos nos anos 80. Que pára adiante, à beira do metro, lançando um último olhar sobre o último cartaz. Estivesse ali outro filme, ele teria vindo na mesma.

A fachada imensa, provavelmente intocável (?), devolve-nos também o nosso olhar. Impunemente. Lá em cima fica a cabina de projecção pendurada a 49 metros do palco; os 88 metros de pé direito daquela sala pretérita e imensa; o terraço deslumbrante e estratégico de onde, há poucos anos, um batalhão de seguranças foi defender, armado até aos dentes, a entrada de Margaret Thatcher no Palácio Foz.

Tudo isto vai desaparecer. O Eden de 1990 é já o Eden de sempre. Tal como a Praça da Figueira, tal como o Monumental, tal como os próprios filmes que aqui tiveram a sua glória - o lugar do Eden passará a ser o imaginário de Lisboa. Mais uma vez, os coveiros estão identificados. E ninguém se importa. Nada de novo na Lisboa dos anos 90.

Marina Tavares Dias

Os melhores filmes que estrearam no Éden

De Fleming a Spielberg

Estava nos Restauradores desde 1936, imponente mas sedutor e familiar na sua grande fachada parcialmente coberta pelos cartazes dos filmes cada vez mais vulgares que ali faziam estrear desde há alguns anos. O último sucesso veio em Setembro com «Indiana Jones e a Grande Cruzada», mas caía a folha e o Outono do Éden-Teatro estava já delineado com a venda do belo imóvel a um empresário pouco comprometido com tradições românticas.

Na sombra de um presente obscuro está, no entanto, um passado de sonho e glória que os mais velhos recordam com a saudade que os filhos não conhecem, mas pressentem. Há meio século o Éden-Teatro , a par do também já encerrado cinema Tivoli, orgulhava-se de ser a «coqueluche» das salas de espectáculos de uma Avenida menos negligenciada e poluída do que a de hoje em dia. Foi o tempo de «vinho e rosas» do cinema, apesar do troar dos canhões Europa fora, o tempo em que em Lisboa se distinguiam as salas de «reprise» e as salas de estreia frequentadas pelas elites, entre as quais se contava naturalmente a belíssima sala que agora foi a «enterrar» juntamente com o ano velho.

A década de 40 que, conforme é do conhecimento público, marcou o auge da produção cinematográfica nos Estados Unidos, assinalaria também ela o período dourado em que o Éden deu a conhecer à capital o melhor lote de produções de toda a sua história denotando, todavia, uma particular apetência pelos musicais que a «Metro», a «Fox» e a «Paramount» iam oferecendo às almas deleitadas que viveram os meados do século XX.

A 3 de Junho de 1938, por exemplo, estreava nesta grande sala de cinema concebida pelo arquitecto Cassiano Branco, o filme «Sonho de Uma Noite de Verão» de Max Reinhardt e William Dieterle com o então muito apreciado Dick Powell e a doce «Melanie» vulgarmente conhecida no «show-bizz» por Olivia de Havilland. As ocasiões ilustres não se ficam por aqui . A esta película dispendiosa e de produção demorada associar-se-iam as estreias de «Balalaika» com Nelson Eddy no dia 28 de Fevereiro de 1941, de «Férias em Havana» com prestações de Alice Faye e Carmen Miranda a 17 de Abril de 1942, de «My Gal Sal» com Rita Hayworth e Victor Mature no dia 14 de Maio de 1943 e sobretudo «A Valsa do Imperador».

Concluído por Billy Wilder em 1948 e protagonizado por Bing Crosby e Joan Fontaine nos papeis tradicionais de um plebeu e de uma princesa tomados de conflituosos amores que arrebataram plateias ao som de melodias que, por seu turno, fariam carreira na história das bandas sonoras, este foi um dos filmes mais assinaláveis alguma vez projectados no «écran» gigantesco do Éden e só não terá sido o mais assinalável porque foi neste mesmo cinema que «O Feiticeiro do Oz» se estreou em Lisboa no dia 13 de Dezembro de 1940.

Como se tais memórias não bastassem para poupar o Éden, convirá referir que também algumas das mais populares comédias portuguesas das décadas de 40 e 50 encontraram aqui um grande cinema que as levasse ao conhecimento de vários milhares de pessoas. Seria, de facto, neste espaço que a 23 de Janeiro de 1942 estrearia o célebre «Pátio das Cantigas» da autoria de Ribeirinho, também ele tão insubstituível na história do espectáculo português quanto estes cinemas lisboetas que se vão perdendo na voragem de apetites e interesses raramente confessáveis apesar das suas projecções haverem abrangido um leque de filmes tão heterogéneo que remonta a Fleming e chega a Spielberg.

Encerrados o Éden e o Tivoli, demolido o Monumental e substituìdo o Chiado Terrasse por uma agência bancária, entre muitos outros de que restam sómente as evocações dos pais e avós , convirá perguntar quantos são os cinemas da capital onde ainda é possìvel sentir que, de facto, não estamos de pantufas e avental frente ao televisor.

MariaJoão Martins

Em frente da porta do lado de fora

Para as duas dezenas de trabalhadores do Eden, o ano começou por assim dizer de uma forma inédita:em frente da porta do lado de fora.Ontem, dia 1, à hora a que as bilheteiras deveriam abrir, eles ali estavam, encostados à balaustrada exterior do Metro dos Restauradores, olhando o seu cinema encerrado.Vai ser isto o que vão fazer, durante mais três ou quatro dias para que se saiba que não foram eles que abandonaram o local de trabalho.

E não foram.O que lhes aconteceu foi precisamente o inverso:na quarta-feira foram chamados à Lusomundo, onde lhes comunicaram que no domingo o Eden fechava as portas.Quanto ao resto(e o resto é o seu futuro como trabalhadores)...quem se lixa é o mexilhão, disseram-lhes assim, tal qual, na Lusomundo, à laia de despedida. Uma despedida que, dois dias depois, viria acompanhada de um recibo de salários: em vez de um, dois, relativos às férias e ao subsídio de 1990.

Quer isto dizer que, encontrando-se no meio da rua e sem trabalho, os empregados do Eden não foram despedidos oficialmente por ninguém.Seria um mistério, se não se tratasse, antes de mais, de um expediente, um previsível jogo do empurra para ver quem(não) paga as indemnizações a que têm direito, no mínimo um mês por cada ano de casa.

A questão é velha e, provavelmente, apenas os tribunais (com o vagar que só ao patronato aproveita) acabarão por dirimi-la, neste caso decidir quem, à data do encerramento do Eden, assume as responsabilidades contratuais das duas dezenas de trabalhadores: a Lusomundo, para quem de facto trabalhavam, ou os novos proprietários do já ex-cinema.

Não vai ser difícil adivinhar que ninguém quer ficar com a batata quente nas mãos e o pagamento pela Lusomundo das férias e do subdsídio de 1990 deixa, por sua parte, prever o pior, isto é, que a empresa considera-se a partir de agora literalmente livre dos trabalhadores.Quanto ao grupo Amorim, os novos donos do Eden,será que os querem herdar ?O mais certo é que não.

Não é, aliás, contra o grupo Amorim que os trabalhadores estão, é contra a Lusomundo, empresa de quem se queixam."Não somos assim tantos que não nos possam colocar noutros cinemas" - argumentam sem esperança, porém, que o argumento colha junto de quem pode. E junto de quem deve, isto é, os tribunais, o Governo, toda essa abstracção, enfim, a que chamamos o Estado, os trabalhadores do Eden não esperam, desesperam de alguma vez lhes vir daí o reconhecimeto da sua razão.

Mas, voltando à Lusomundo, entre lamentos e acusações,dizem os trabalhadores do Eden que a lógica empresarial é simples: empurrar para os cinemas que vão fechando os empregados efectivos, com mais tempo de casa, destinando aos novos cinemas multi-salas os empregados a prazo.

Se assim é(e é provável que seja)a táctica patronal nem é nova,trata-se apenas de aplicar a um novo "sector em crise" a panóplia de leis que a pouco e pouco, ao longo de vários anos,foi deixando os trabalhadores mais ou menos desprotegidos.

E agora -os Eden- ali estão: fiscais, arrumadores, bilheteiras, projeccionistas, todos de braços cruzados, um pouco sem saber que fazer às mãos, subitamemte tornadas inúteis,olhando para um cinema encerrado, onde nalguns casos durante dezenas de anos foram dando o seu melhor, respondendo sempre com boa vontade às solicitações, favores, pequenos jeitos que lhes íam pedindo, mil histórias que contam para quem os quer ouvir,mais dos salários que ganhavam por fim, entre 30 e 40 contos por mês.

Na noite do fim do ano, no intervalo da derradeira sessão, eram como fantasmas num espaço que de repente sobrava.Ontem era já do lado de fora que estavam queixando-se dos patrões e da vida.Do Eden, pela calada da noite, tinham desaparecido todos os cartazes e a fachada do velho cinema apresentava-se agora nua de promessas e sonhos.Tal qual estes trabalhadores a quem o reporter só com um sorriso amarelo e a cumplicidade de um encolher de ombros pôde dizer "bom ano"... pelo Ano Novo.

Rodrigues da Silva

Fim da guerra fria

A previsão do «fim da História» celebrizou em todo o mundo o seu autor, Francis Fukuyama, e alimenta uma viva polémica entre intelectuais de todos os quadrantes ideológicos. O DL abriu as suas páginas a esse debate, que apaixona filósofos, historiadores e politólogos, e, através do seu correspondente em Washington, obteve uma entrevista exclusiva que hoje publicamos

Francis Fukuyama ao DL

«Os países industrializados têm o dever de ajudar o Leste»

Washington, 2 — Do nosso correspondente — Falo com Francis Fukuyama no seu gabinete da Secretaria de Estado, uma sala de trabalho sóbria com apenas uma janela que se abre para o céu de Washington. O meu interlocutor é extremamente informal e sistemático, como é regra entre os académicos americanos e, à partida, propõe-me um acordo de cavalheiros que aceito e que, em vão, mais adiante procurei «furar»: as suas opiniões versam apenas as questões teóricas abordadas no seu artigo, não se pronunciará sobre temas que possam brigar com o cargo que actualmente desempenha. O diálogo estabelece-se facilmente.

P — O fim da História: Fukuyama, você, por assim dizer, assustou a maioria dos intelectuais europeus. Tem consicência disso?

R — Sim, tenho consciência de que a teoria provocou muita controvérsia na Europa. Mas não deveria surpreender a maioria dos europeus, uma vez que decorre de uma das mais conhecidas correntes filosóficas europeias. Na realidade, eu não disse nada de novo.

P — Mas o seu trabalho propõe-se, aparentemente, estabelecer uma teoria unificada da História. E o que parece problemático é o facto de a nossa realidade ser tão complexa e cheia de ambiguidades e contradições que não haverá teoria que a possa explicar de uma forma tão linear como a teoria da luta de classes...

R — Depende do que se tenta explicar. Obviamente o que está a dizer é, num certo sentido, verdadeiro. O Mundo é rico e cheio de diversidade, e há constantes tendências contraditórias à nossa volta, se tomarmos o Mundo como um todo. Mas, por outro lado, é surpreendente verificarmos que acontecimentos semelhantes estão a ter lugar em zonas tão díspares como a China, a Europa de Leste, a União Soviética, a Europa Ocidental, a América do Norte. Penso que há razões para crer que esses acontecimentos estão relacionados entre si. Que o que acontece relativamente ao movimento democrático na China está relacionado com o que se está a passar na Europa do Leste, que tem a ver com o que acontece em Moscovo. Por isso, creio que toda a teoria tem que ser redutora, procurando generalizar a partir de diversos acontecimentos. Mas penso também que esse processo não invalida qualquer teorização.

P — Para alguns dos seus críticos, a perspectiva hegeliana da História é «passé». Até o próprio Gorbachev abandonou esse conceito!

R — Bem, Hegel num certo sentido, tornou-se «passé» virtualmente no momento em que escreveu o seu trabalho. Tivemos a jovem escola hegeliana e, depois, uma escola marxista, que rejeitou muitos dos elementos dos primeiros ensinamentos de Hegel do início do século XIX, o que não surpreende. Mas a questão é esta: filosoficamente, haverá ainda em Hegel elementos que devamos tomar a sério? A minha conclusão é que Marx quis utilizar a estrutura hegeliana num outro estágio. Ora, o que estamos a ver é no essencial, um malogro dessa tentativa, 150 anos depois. Porque, de facto, em termos da nossa compreensão essencial dos princípios em que assenta a ordem de justiça social marxista, as coisas não foram muito além dos princípios defendidos pela Revolução Francesa e pela Revolução Americana. É essa a questão filosófica que deve ser seriamente colocada. E diga Mikhail Gorbachev o que disser, parece-me que o rumo que tem vindo a dar ao seu país confirma mais a minha teoria do que o seu contrário.

P — No seu trabalho, sublinha a vitória do liberalismo enquanto vitória da democracia.

No entanto, à sua esquerda argumenta-se que o FMI e o Banco Mundial são as instituições menos liberais do Mundo.

Como justifica o triunfo do liberalismo com este tipo de instituições?

O FMI e o Banco Mundial são liberais

R — Bom, eu, realmente, não percebo como pode apelidar o FMI ou o Banco Mundial de instituições não liberais. Parece-me que ambas funcionam de acordo com determinados princípios económicos de mercado livre, isto é, do liberalismo na esfera económica, que pode ou não ser relacionado com o liberalismo na esfera política. A minha perspectiva é a de que os liberalismos político e económico se interapoiam, não havendo, portanto, nenhuma razão para considerar estas instituições financeiras internacionais como não liberais. Agora, a maioria dos que me criticam à esquerda tentam provar que as desigualdades sociais, as injustiças nos países desenvolvidos, a persistência da pobreza no Terceiro Mundo, o fosso entre ricos e pobres não são mais do que uma prova de que o liberalismo não funciona ou que, em certa medida, falhou. Mas, em minha opinião, esses problemas são mais de aplicação de uma teoria, e nada têm a ver com a teoria do liberalismo ou com a igualdade ou desigualdade em que ele se baseia. A verdade é que nenhuma das nossas sociedades actuais logrou erradicar de forma definitiva graves problemas sociais, como a pobreza ou o racismo.

Mas o princípio está estabelecido.

Tomemos o racismo como exemplo. Está absolutamente proibido nos Estados democráticos liberais, está legalmente proibido. E, no entanto, persiste. Ora, esta realidade não me parece constituir uma crítica ao liberalismo enquanto tal, mas à forma como algumas sociedades põem em prática os seus princípios.

Por isso, em meu entender, existe um outro nível que considero fundamental, nível em que tentara argumentar e onde não encontro quaisquer competidores ideológicos do liberalismo. Decerto que poderemos fazer melhor, particularmente nas nossas sociedades, pois fomos nós que definimos os princípios, mas os princípios não estão em causa.

P — O que se está agora a passar na Europa de Leste abona a teoria expressa no seu artigo. Qual é a sua leitura dos acontecimentos?

R — Devo dizer, em primeiro lugar, que estou muito satisfeito com o que se está a passar na Europa. Aqueles povos, após 40 anos, começam, finalmente, a gozar da liberdade de que a restante Europa podia usufruir, essa mesma liberdade que Portugal usufrui desde meados da década de 70. Todos nós temos razões para nos sentirmos felizes.

O que se está a passar fundamenta, em certa medida, a minha tese, pois defendi que o marxismo-leninismo foi uma ideia — mestra cortada cerce pelos acontecimentos na União Soviética; e estamos a ver os resultados disso. Por outro lado, penso que os processos históricos não avançam automati-

«O rumo que Mikhail Gorbachev tem vindo a dar ao seu

Quem é Fukuyama

No discurso do Dia de Acção de Graças, referindo-se aos acontecimentos do Leste europeu, o presidente George Bush afirmou: «Isto não é o fim da História, mas um fim feliz de um dos capítulos mais tristes da História». Foi antes da Cimeira de Malta, antes do encontro com Mikhail Gorbachev, no Mar Mediterrâneo. Bush aludia à tese, já célebre, de Francis Fukuyama.

Para alguns observadores, Bush quis dar a entender ao seu homólogo soviético, não apenas que encarava sem triunfalismos a evolução dos acontecimentos no Leste, mas também que se desvinculam da tese meses antes exposta por um dos elementos da sua Administração.

Referimo-nos ao artigo «O Fim da História?», de Francis Fukuyama, publicado este Verão num revista de circulação restrita, mas que rapidamente se transformou em tema de debate nos «mass media» europeus e referência obrigatória entre analistas da política internacional. O autor do trabalho era, na altura da sua publicação, investigador sénior do Departamento de Ciências Políticas da Rand Corporation, na Califórnia, e é hoje, com apenas 37 anos de idade, o director adjunto do Departamento de Planeamento Político, na Secretaria de Estado, em Washington.

Filho de um nipo-americano de segunda geração e de mãe japonesa, Fukuyama fez o percurso regular dos jovens americanos, entre escolas públicas e privadas. Em 1974, licenciou-se em Filologia Clássica pela Universidade de Cornell, uma das mais prestigiadas instituições universitárias dos EUA. Em 1981, doutorou-se na Universidade de Harvard, com uma tese sobre política externa soviética e política do Médio Oriente.

O percurso profissional de Francis Fukuyama, iniciado em 1976 na Agência Americana de Controlo de Armamentos, é feito sobretudo na área académica. Entre 1981 e 1982, Fukuyama integra a equipa de Planeamento Político da Secretaria de Estado e faz parte da delegação norte-americana que participa nas conversações entre o Egipto e Israel sobre a autonomia palestiniana. Regressou em 1983 à Califórnia, onde permaneceu os últimos seis anos como investigador da Rand Corporation, dedicando-se sobretudo a elaborar estudos encomendados pelo Governo.

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
AUDI
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ou fim da História?

...seu país confirma mais a minha teoria do que o seu contrário»

...camente, não são lineares, estão sujeitos a recuos, a ziguezagues e a malogros. E penso que ainda poderemos experimentar alguns desses fenómenos.

Há ainda muito a fazer para completar a revolução que começou na Europa de Leste. Se houver um recuo nesse percurso, penso, mesmo assim, que a minha teoria não ficará particularmente invalidada. Nunca tentei dizer que a ideia liberal seria pura e simplesmente implantada no Mundo sem quaisquer problemas, sem a intervenção de indivíduos ou de governos.

P — Nas observações que fez no seu trabalho acerca da Perestroika de Gorbachev, afirma que tem dúvidas sobre se alguma vez poderá designar a URSS como um país democrático. Vê do mesmo modo os restantes países comunistas da Europa de Leste, que estão agora a mudar? Crê que será um processo uniforme? Prevê uma Europa de Leste democrática num futuro previsível?

A URSS democratiza-se

R — Nada está garantido, mas penso que as perspectivas são agora muito melhores. Mesmo a União Soviética, no ano que agora chega ao fim, deu passos largos no sentido da democratização. As eleições para o novo congresso do povo, que se realizaram na Primavera, muito embora não tenham sido eleições livres no sentido ocidental, surpreenderam muitos observadores no Ocidente. A democracia pluripartidária é cada vez mais discutida na União Soviética. E há, agora, quem advogue a eliminação do papel dirigente do Partido Comunista o que é importante. Na Europa de Leste, similarmente, um a um, todos os países estão a eliminar esse princípio das suas constituições, abrindo caminho a um processo democrático mais amplo. Apesar de eventuais dificuldades, muitas dessas mudanças — espero eu — surgirão no próximo ano.

P — Alguns analistas temem o ressurgimento de regimes fascistas na Europa de Leste. Partilha desta opinião?

R — Penso que a todos preocupa a possibilidade de um regresso às paixões nacionalistas numa zona do Mundo onde foram suprimidas durante muito tempo. Por outro lado, parece-me que não estaremos a dar-lhes o crédito que merecem se pensarmos que o resto do Mundo tem evoluído no sentido da afirmação de países democráticos de classe média, enquanto eles ficaram parados no século XIX e possuirão um certo tipo de consciencialização primitiva que não lhes permite criar uma sociedade liberal funcional.

Não posso fazer uma previsão rigorosa, mas não há, certamente, nenhuma indicação segura de que esses países tenham necessariamente que passar por regimes fascistas, ditaduras militares. Considero todavia extremamente importante que, na esfera económica, o processo seja bem orientado, que façam a transição da economia centralizada para a economia de mercado. Todos os países industrializados têm o dever de os ajudar neste esforço.

Filipe Vieira

***William Wallace,** que dirige o Instituto Britânico dos Negócios Estrangeiros e está a escrever um livro sobre o nosso futuro, contesta as teses de Fukuyama acerca do fim dos processos históricos:* » O Ocidente ver-se-á invadido por imigrantes islâmicos e do Leste europeu».

A História não acaba, voa

Na quietude da Chatham House, sede do prestigioso Royal Institute of International Affairs (Instituto Britânico dos Negócios Estrangeiros), os sismólogos estudam o terramoto que sacode os pilares do mundo comunista. Os peritos em política externa analisam o alcance dos dramáticos acontecimentos ocorridos na Europa Central e Oriental que assinalam o fim de um **status quo**que durou quase meio século.

William Wallace, subdirector do Instituto e especialista em relações Leste-Oeste, vai mais longe e pensa na Europa do futuro, na sua organização geopolítica dentro de dez anos, quando começar o terceiro milénio da era cristã. Este estudioso está a escrever um livro sobre a Europa do ano 2000 e mostra-se um tanto apreensivo, uma vez que os acontecimentos que vaticinou estão a desencadear-se a um ritmo mais acelerado do que o previsto.

«Eu tinha a certeza de que o muro de Berlim iria ser derrubado — disse — mas não imaginava que fosse tão cedo. Na realidade, estamos a assistir a uma brusca aceleração da História, depois da prolongada congelação imposta à Europa pela guerra fria. Fukuyama, que se tornou famoso com a tese de que a História está acabada, enganou-se redondamente: aquilo a que assistimos na Europa é o regresso da História. Velhas questões como, por exemplo, o estatuto da Alemanha e dos Balcãs, que tinham sido relegados para segundo plano, voltam à ordem do dia, juntamente com novos problemas. Aos governos da Europa Ocidental pede-se agora uma visão e uma imaginação mais alargadas que no passado, para não serem ultrapassados pelos próprios acontecimentos. Hoje, é necessário pensar o impensável e que os objectivos sejam bem claros para fugirmos à tentação do improviso».

Exército Vermelho

Wallace admite que não é fácil escapar ao cerco psicológico da «nossa» Europa, cortada a meio pela Cortina de Ferro. O vento da mudança, nascido da tomada de consciência, por parte dos dirigentes soviéticos, do desastre económico provocado por um sistema ineficaz, sopra ainda há pouco tempo.

Wallace pensa que será difícil a Gorbachev permanecer por outros dez anos como chefe incontestado, mas considera bastante improvável uma intervenção do Exército Vermelho no Leste Europeu, no intuito de reafirmar o controlo soviético. Mesmo que os conservadores conseguissem derrubar Gorbachev ou transformá-lo num simples joguete, as previsões não se alterariam, uma vez que a luta contra as forças centrífugas no interior do império continuaria a ser prioritária.

Partindo desse pressuposto, o politólogo sustenta que, para se poder delinear o mapa da Europa do ano 2000, surgido do domínio das duas superpotências, é preciso ter-se em conta a posição central da Alemanha.

«A Alemanha é o coração da Europa — explica Wallace —, posição que mantém há séculos. A sua fragmentação em vários pequenos estados permitiu que a França e a Grã-Bretanha tivessem um papel dominante no passado; mas, desde a unificação, em 1871, até à divisão, em 1945, a posição geopolítica central da Alemanha e o seu dinamismo económico eram o eixo em torno do qual rodava toda a política europeia. Assim que a Cortina de Ferro começou a abrir-se,a questão alemã voltou a ser um problema prioritário e como tal se manterá nos anos mais próximos. Basta ser-se realista: a Alemanha Federal, só por si, tem um produto nacional bruto que é um quarto do da Comunidade; é a primeira parceira comercial de quase todos os outros Estados do Continente; e o marco é o fulcro do sistema monetário europeu. Por outro lado, a Alemanha de Leste possui uma base de mão-de-obra e de tecnologia invejada por todos os outros países do Comecon. Os laços entre as duas Alemanhas, se já eram sólidos apesar da Cortina de Ferro, intensificar-se-ão agora ainda mais».

A Alemanha

A Alemanha terá papel primordial no interior da Comunidade Europeia, que virá a ser o pilar da Europa no ano 2000, tanto no Ocidente como no Leste. A integração económica prevalecerá sobre a protecção militar das alianças e assistir-se-á à contínua reorientação dos países de Leste em direcção aos seus vizinhos do Ocidente. A CEE representa uma atraente combinação de vantagens económicas e de valores culturais europeus: todos ou quase todos os que hoje estão fora dela desejarão entrar e fazer parte do clube privilegiado. «Os seis países da EFTA (zona europeia de comércio livre) pedirão formalmente para entrar. A Áustria já o fez, a Noruega virá logo a seguir a 1992, assim como a Suécia. A Finlândia e a Islândia, e até a relutante Suíça, estão a discutir os modos de reforçar a cooperação entre a EFTA e a CEE antes de pedirem a admissão. Atrás deles vem uma fila de candidatos, encabeçados pela Turquia, Jugoslávia, Malta e Chipre, os chamados «órfãos mediterrânicos», para usar uma frase de Jacques Delors, presidente da Comissão da CEE. E até os húngaros estão a estudar a possibilidade de entrar na EFTA, como primeiro passo para a CEE».

Mesmo que o «clube de Bruxelas» tivesse de cancelar, a certa altura, as inscrições, a Comunidade, na perspectiva de Wallace, firmaria um contrato institucional, propondo um estatuto de associação ou de relações especiais a dezasseis países: os seis da EFTA, os quatro «órfãos mediterrânicos», os irmãos reencontrados da Europa Centro-Leste (RDA, Hungria, Polónia, Chescoslováquia) e os dois países balcânicos (Bulgária e Roménia).

Com esta fórmula de associaçção resolver-se-ia ainda o problema da Alemanha de Leste que ficaria ligada à Alemanha Federal sem se recriar um Estado-alemão reunificado. A União Soviética procurará colaboração, mas ficará um pouco à margem: apesar de se encontrar na posição de superpotência em crise, não aceitará as relações económicas de dependência que outros membros do Comecon estão prontos a suportar.

Wallace pensa que, dentro de dez anos, a política europeia será decidida pelos países mais ricos, populosos e integrados que formarão o coração da Comunidade: a Alemanha, *prima inter pares,* a França, a Itália e, se estiver disposta a desempenhar um papel activo, a Grã-Bretanha. Em torno do centro do Poder, haverá um círculo de países menos ricos e com voz mais débil; na orla exterior, as nações mais pobres e dependentes. Começarão a emergir os contornos de um governo federal, a legislação será cada vez mais formulada em Bruxelas e o orçamento comunitário crescerá espectacularmente para satisfazer os pedidos de ajuda dos países pobres e vizinhos. Garante da estabilidade será a própria CEE, visto que os soldados americanos na Europa serão menos de um terço em relação ao número de hoje; uma tal redução de forças reflectirá uma retirada soviética equivalente.

Os eurocratas preocupar-se-ão, antes de mais, em enfrentar a concorrência económica de outros blocos comerciais e as ameaças de instabilidade no Mediterrâneo e no Médio Oriente.

«Devido à explosão demográfica no Norte de África — prevê Wallace — aumentará o fluxo de imigrantes que se juntarão àqueles vindos do Leste europeu. As autoridades tentarão travá-lo, mas será uma batalha perdida. A Comunidade deverá defender a sua estabilidade respondendo a esta brutal pergunta: «Quanto estamos dispostos a pagar para que árabes e europeus de Leste permaneçam no seu próprio país?»

A Itália terá graves problemas de segurança com o aumento da imigração ilegal. Uma bomba-relógio nas fronteiras significa a queda potencial da Jugoslávia. Por toda a Europa se sentirão reacções xenófobas contra os imigrantes, e os apelos ao nacionalismo populista serão bem recebidos. No Médio Oriente, e sem solução, o eterno conflito israelo-árabe continuará a exportar terrorismo.

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

«FNAC — COMÉRCIO INTERNACIONAL, SA»
DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

CERTIFICO

Para fins de publicação, que, por escritura lavrada hoje e exarada de folhas 79 a folhas 80 do livro de notas para escrituras diversas, n.º 32-G, deste Cartório, AMÍLCAR LOPES PEREIRA, JOÃO JOSÉ ALEXANDRE ALVES, JUSTINO JOSÉ MORGADO PEREIRA, CONCEIÇÃO MARIA DA COSTA LADEIRAS e a sociedade anónima de responsabilidade limitada FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, S.A., constituíram, entre si, uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

ESTATUTOS

CAPÍTULO I

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «FNAC — COMÉRCIO INTERNACIONAL, SA» e durará por tempo indeterminado.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto social é exportação e importação de produtos agrícolas e industriais, relacionados nomeadamente com as indústrias de frio, mobiliário, têxteis, construção civil, maquinaria, química e plásticos.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade tem a sua sede na Estrada da Outorela, Lotes vinte e vinte e um, no lugar e freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras.

ARTIGO QUARTO

UM. O capital social é de cinco milhões de escudos, representado por cinco mil acções do valor nominal de mil escudos cada, todo subscrito e realizado em dinheiro, em trinta por cento, devendo o restante serem realizados, no prazo de três anos.
DOIS. Haverá títulos de dez, cinquenta, cem e mil acções.
TRÊS. As acções são nominativas.
QUATRO. A pedido do titular de acções podem estas ser convertidas em acção ao portador, se a Assembleia Geral o autorizar.
CINCO. As acções podem ser admitidas à cotação na Bolsa.
SEIS. O capital social poderá ser aumentado até Duzentos milhões de escudos, por uma ou mais vezes, por deliberação do Conselho de Administração.

ARTIGO QUINTO

A sociedade pode adquirir, onerar e alienar participações no capital de outras sociedades e acções e obrigações próprias ou alheias por deliberação do Conselho de Administração.

ARTIGO SEXTO

A sociedade pode emitir obrigações.

ARTIGO SÉTIMO

UM. O Conselho de Administração é composto por um número ímpar de membros, até sete, a eleger pela Assembleia Geral por um mandato de três anos.
DOIS. A Assembleia Geral poderá dispensar os administradores de prestar caução. Se não forem dispensados prestarão caução de quinhentos mil escudos.
TRÊS. O Conselho de Administração reunirá ordinariamente de dois em dois meses, e extraordinariamente sempre que for convocado pelo Presidente ou por dois Administradores.
QUATRO. a) A sociedade obriga-se pela assinatura conjunta de dois Administradores, devendo ser um deles o Presidente ou o Administrador-Delegado.
b) Pela assinatura de um Administrador, ou de um ou mais Procuradores, quando especificadamente mandatados pelo Conselho de Administração para a prática de um ou mais actos determinados.
c) Pela assinatura conjunta de um Administrador e de um Procurador, mandatado pelo Conselho de Administração para a prática de um ou mais actos ou categoria de actos.

ARTIGO OITAVO

UM. A fiscalização dos negócios sociais compete a um Conselho Fiscal composto por três membros efectivos e um suplente a eleger em Assembleia Geral, por um mandato de três anos.
DOIS. O Conselho Fiscal reúne ordinariamente de três em três meses e extraordinariamente sempre que for convocado por um dos membros do Conselho de Administração.

ARTIGO NONO

UM. A Mesa da Assembleia Geral é constituída por um Presidente e dois Secretários, eleitos pela Assembleia Geral, por um período de três, de entre os accionistas ou outras pessoas.
DOIS. A cada cinquenta mil escudos de capital cabe um voto.
TRÊS. A prova da titularidade de capital é feita pelos averbamentos constantes dos livros da sociedade nos casos de acções nominativas ou de acções ao portador sujeitas legal ou facultativamente a registo ou depósito. No caso de acções ao portador não sujeitas a registo ou depósito obrigatórios ou facultativos, a prova pode ser feita pela exibição perante a Mesa da Assembleia Geral dos títulos com simultânea identificação do accionista.

ARTIGO DÉCIMO

UM. Os lucros apurados são aprovados trimestralmente, semestralmente ou anualmente.
DOIS. Os lucros líquidos em cada ano social serão distribuídos por cada acção, deduzindo-se previamente os montantes que a Assembleia Geral deliberar e os facultativos que decidir onerar.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Os corpos sociais eleitos para o primeiro triénio são exercidos pelas pessoas a seguir indicadas, sendo o Conselheiro de Administração dispensado de prestar caução:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: José Paiva Biscaia Filipe Pereira, casado, natural da freguesia de São Pedro, concelho de Manteigas, residente na Avenida da República, número quarenta e sete, sétimo andar, em Lisboa.
Primeiro Secretário: Fernando Paulo Martins Borges Alves, solteiro, maior, natural da Lisboa, da freguesia de São Sebastião da Pedreira, residente na Rua Sete de Junho de Mil Setecentos e Cinquenta e Nove em Caxias.
Segundo Secretário: Fernando Aurélio Queiroz de Brito, casado, natural da freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Barcelos, na Quinta de São Luís, número catorze, quarto andar direito, no Laranjeiro, em Almada.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: João José Alexandre Alves, casado, natural da freguesia e concelho de Avis, residente na Rua Alfredo Soares, número dois, sétimo andar, em Lisboa.
Administrador Delegado: Amílcar Lopes Pereira, casado, natural da freguesia de Malhou, concelho de Alcanena, residente na Rua Seis, Lote Vinte, Moinho das Funcheiras, na Amadora.
Vogal: Justino José Morgado Pereira, solteiro, maior, natural da freguesia da Conceição, concelho de Faro, residente na Rua Professor João Barreira, número dezoito, oitavo andar M, Telheiras-Sul, em Lisboa.

CONSELHO FISCAL

Presidente: «Manuel R. Caseirão e E. Ferreira da Silva — Sociedade de Revisores Oficiais de Contas», com sede na Avenida da República número cinquenta e dois, nono andar, em Lisboa, representada por Ernesto Ferreira da Silva.
Vogal: Rui Manuel Oliveira Miguel, casado, natural da freguesia e concelho de Almada, residente na Rua Fernão Lourenço, número vinte e um, segundo andar direito, em Almada.
Vogal: Teresa das Neves Santos Alves, casada, natural da freguesia e concelho de Pampilhosa da Serra, residente na Rua Doutor António Carvalho de Figueiredo, em Loures.
Membro Suplente: Rui Gonçalves Ascensão, Revisor Oficial de Contas, casado, residente na Avenida da República, número cinquenta e dois, nono andar, em Lisboa.

ESTÁ CONFORME.

LISBOA, E DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL, aos 23 de Novembro de 1989
Traçado: «comercial por quotas»

O AJUDANTE
(Assinatura ilegível)

ARTESTAMPA — SOCIEDADE COMERCIAL DE ESTAMPAGEM, LDA

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO QUE: Por escritura de vinte e quatro de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove, lavrada de folhas quarenta e duas verso a folhas quarenta e quatro do livro de notas para escrituras diversas número Cento e Vinte e Sete-F, do Nono Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Alice Ribeiro Fernandes, foi entre José Manuel de Campos Moita, casado, residente na Urbanização Irmãos Cleto, lote 6, 5.º andar esquerdo, em Massamá, freguesia de Queluz, concelho de Sintra; e Paulo Jorge Teixeira e Silva, casado, residente na Rua de Arroios n.º 25, 4.º andar direito, em Lisboa, celebrado um contrato de sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe, da qual ficaram sendo sócios, e que se ficou a reger pelo conteúdo dos artigos seguintes:

1.º

1. A sociedade adopta a firma ARTESTAMPA — SOCIEDADE COMERCIAL DE ESTAMPAGEM, LDA e tem a sua sede em Lisboa, na Rua D. Estefânia, número cento e vinte e quatro, primeiro andar, freguesia de S. Jorge de Arroios.
2. A gerência poderá deslocar livremente a sede social dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, bem como criar, instalar, transferir ou extinguir agências ou quaisquer formas de representação, onde e quando lhe parecer conveniente, sem dependência do consentimento da assembleia geral.

2.º

A sociedade tem como objecto a actividade de estamparia, confecção e comercialização de bandeiras, galhardetes, emblemas, faixas, pendões, camisolas, bonés e sacos, importação e exportação.

3.º

O capital social é de quatrocentos mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de duzentos de sessenta mil escudos de José Manuel de Campos Moita e uma quota de quarenta mil escudos de Paulo Jorge Teixeira e Silva.

4.º

1. A sociedade é administrada por um ou mais gerentes nomeados em assembleia geral.
2. Fica desde já nomeado gerente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, o sócio José Manuel de Campos Moita.
3. Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos é suficiente a assinatura de um só gerente.
4. Em ampliação dos seus poderes normais, a gerência poderá comprar e vender veículos automóveis, tomar de arrendamento quaisquer locais para a sociedade e adquirir participações em outras sociedade mesmo com objecto diferente.

5.º

A sociedade poderá proceder à amortização de quotas em caso de arresto, penhora ou qualquer outra forma de apreensão judicial, pelo valor que resultar do último balanço aprovado, se outro não for imposto por lei.

6.º

O gerente designado fica desde já autorizado a proceder ao levantamento da importância depositada na conta da sociedade aberta na Caixa Geral de Depósitos, para proceder à satisfação das despesas de constituição, registo e aquisição de material para a instalação da sede social.
Está conforme.
Lisboa, Nono Cartório Notarial, em seis de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

A AJUDANTE;

(Maria Alice da Conceição Coutinho Robim de Matos)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.
Execução Sumária, n.º 288/88, 2.ª secção. Exequentes AMMA-Indústria de Confecções, Ld.ª. Executado — Isabel e Carlos Rodrigues, Ld.ª, com sede na Calçada do Carmo, 57-61, em Lisboa.
Lisboa, 25 de Outubro de 1989

O Juiz de Direito
João Carlos Esaguy Lopes Martins

A Escrivã-Adjunta
Maria Emília Pereira da Silva

DL 02/1/89 – 2.ª Pub.

CABELEIRAS DINABEL

MOD DINA

MOD DIANA

Modelo Katy

- Tranças e postiços de cabelo natural e sintético, a nível europeu
- Cabeleiras com frente e risca «Humana»
- Adaptáveis a todos os estilos de penteados
- Próteses capilares para homens de incomparável perfeição
- Assistência técnica permanente
- Visite a nossa exposição de penteados das 9 às 19 horas.

Rua Morais Soares, 82-2.º F
Tel. 83 44 34 1900 LISBOA

ORLANDO & ALMEIDA, LDA

Deseja a todos os seus Clientes, Fornecedores e Amigos, um

FELIZ ANO NOVO

RUA DE ARROIOS, 179-A e 156-B – LISBOA

LUSCALIMENTOS

SOC. COMERCIAL DE PRODUTOS ALIMENTARES, LDA.

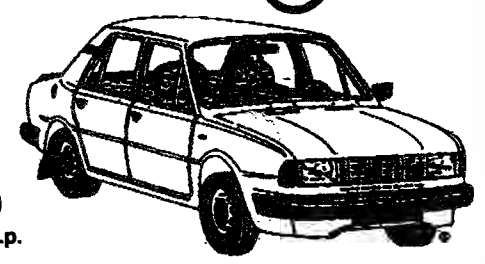
Rua 9, Moinhos da Funcheira, Serra da Mina — Telefs.: 4948785/72 174 AMADORA 2700

ARMAZENISTA
DE TODA A GAMA
DE PRODUTOS ALIMENTARES,
BELEZA, HIGIENE E LIMPEZA

CASH & CARRY
PROMOÇÕES CONSTANTES
A BAIXOS PREÇOS

VISITE-NOS AINDA HOJE

concessionário
AMRui
ŠKODA



1 ANO GARANTIA TOTAL
5% Desconto p.p.
120 L – 995.868$

Tel. 363 65 53 Fax 363 67 56
RUA NOVA DO CALHARIZ, 20 – 1300 LISBOA

ENCARGOS ANUAIS:
Base 15000 km, Nov. 1989 Rapid 162 843$00 120 L 171 523$00

QUOTIDIANO

Mancha gigante de crude afasta-se da Madeira

Novo desastre ecológico preocupa autoridades marítimas

Meios da Força Aérea prosseguiam, esta manhã, a observação da gigantesca mancha de crude que o petroleiro espanhol, «Aragon», de 230 mil toneladas, largou, sábado, a nordeste da Madeira.

O chefe do Departamento Marítimo da Madeira, Jaime Semedo disse hoje, ao DL, que as 25 mil toneladas de petróleo derramadas, estavam a seguir em direcção sueste, afastando assim, para já, os receios de que o crude viesse a poluir aquele arquipélago.

O «Aragon», propriedade da Companhia de Transportes Marítimos de Espanha, teve uma avaria no leme e nos tanques na posição 33.48 norte e 15.44 oeste. Alertado, o Comando Naval da Madeira recebeu pronta colaboração da Força Aérea que tem mantido uma aeronave em quase permanente missão de reconhecimento.

Depois do incidente ecológico do verão passado, em Sines, onde o petroleiro nacional «Marão» derramou 6 mil toneladas de crude depois de encalhar à entrada do porto, as autoridades marítimas voltaram a ter preocupações com a evolução de um outro caso. Um navio tanque iraniano, «Kharg-5» largou 70 mil toneladas de petróleo, a 19 de Dezembro, quando se encontrava ao largo de Sagres. A mancha negra, de 600 quilómetros quadrados atingiu a costa marroquina. Aquele país - que constituiu um gabinete de crise para combater a calamidade - solicitou já auxílio a vários países, entre os quais Portugal, para fazer frente à ameaça ecológica.

Especialistas internacionais referiram que as consequências desta «maré negra» podem vir a ser semelhantes às ocorridas no Alaska. O cientista Jacques-Ives Cousteau criticou o desinteresse mundial perante a ctástrofe que pende sobre toda a actividade marítima e turística naquela região.

O petroleiro iraniano Kharg-5 ameaça as águas marroquinas com toneladas de crude derramadas na sequência de uma explosão ocorrida a 19 de Dezembro

Não há nada a fazer

Eduardo Carichas, o director de Produção da Lisnave, convidado a comentar a frequência deste tipo de incidentes disse ao fim da manhã, ao DL, que eles não se devem ao mau estado dos navios, nem à sua antiguidade.

O técnico lembrou que a costa marítima portuguesa é uma rota com elevadíssimo movimento de navios de carga por estar na rota dos grandes petroleiros que transportam ramas para os Estados Unidos e norte da Europa. Eduardo Carichas destacou que os dois maiores incidentes ecológicos deste género nos últimos anos, o «Amoko Cadiz» que derramou 250 mil toneladas de petróleo, em França, e o «Eksom Valdez» que perdeu 60 mil nas costas do Alasca, se verificaram com navios modernos. Na sua opinião, o problema não se coloca ao nível da construção das embarcações, nem com o seu estado de conservação que obedecem a rigorosas medidas de fiscalização.

«É preciso não esquecer, no entanto, que há dezenas de milhar de peroleiros todos os dias no mar e que só de vez em quando há notícia de um incidente, é um pouco como os aviões, mesmo com todas as medidas de segurança, sucedem sempre casos que não é possível evitar», destacou Eduardo Carichas. A questão de fundo, segundo o técnico da Lisnave, prende-se com a impossibilidade de evitar «o erro humano» que pode sempre acontecer quando as condições de tempo no mar são muito más. «Mesmo o mais moderno petroleiro é um autêntico elefante se ficar desgovernado por qualquer razão», disse Eduardo Carichas. A tecnologia de construção de navios tanques está hoje muito avançada e é difícil eliminar, em absoluto, este tipo de riscos. O que se está a procurar investigar, com maior profundidade, é a capacidade de eliminar o crude quando se está perante uma situação deste tipo. «Não há ainda, infelizmente, capacidade de eliminar um derrame de 20 ou 30 mil toneladas de crude, a tecnologia está muito atrasada nesse capítulo», sublinhou o especialista. Ao que tudo indica, só resta mesmo é esperar que não haja mau tempo e erros humanos, o mais vulgar, por sinal. A propósito, as previsões meteorológicas continuam a dar chuva e vento para os próximos dias. As barras de Vila do Conde, de Caminha, do Douro e da Figueira da Foz estão fechadas à navegação. Também nos Açores o temporal que tem assolado várias ilhas do arquipélago vai manter-se durante todo o dia de hoje, de acordo com as últimas previsões.

Escolas publicam listas de candidatos

As listas ordenadas dos candidatos a cursos superiores vão ser fixadas amanhã em cada estabelecimento de ensino. No entanto, não são as listas de colocação final, uma vez que estas exigem a combinação das diferentes opções dos candidatos e aplicação das regras referentes aos contingentes especiais e à preferência regional. Essas serão fixadas, na próxima segunda-feira, nas delegações do Gabinete Coordenador.

As matrículas decorrerão imediatamente a seguir à afixação das listas de colocações e o início das aulas será fixado por cada estabelecimento de ensino.

«Público» adia estreia

A impressora nortenha do novo matutino só está em condições de funcionar dentro de duas semanas

A publicação do primeiro número do jornal «Público», marcada para hoje, teve de ser adiada devido a problemas na rotativa do Porto, provocados pelas recentes inundações na capital nortenha, conforme oportunamente noticiámos.

Brás Monteiro, administrador da Lisgráfica, disse hoje ao «Diário de Lisboa» que a rotativa está a ser reparada e só deve ficar em condições de funcionar dentro de 15 dias. «Não posso adiantar uma data concreta para o lançamento do "Público". Enquanto administrador da Lisgráfica, parece-me que a direcção do jornal quer assegurar uma forma definitiva para apresentação do mesmo. Por isso é muito provável que aguarde os quinze dias, ou até mesmo um mês para lançar o matutino», acrescentou.

Segundo este administrador, a Lisgráfica tem mais rotativas «em condições de imprimir o jornal. Mas a direcção do matutino achou por bem adiar o lançamento até estarem todas as condições reunidas». O vice-director do «Público», Jorge Wemans, disse à agência Lusa que «que a edição simultânea em Lisboa e Porto faz parte do projecto do jornal». Impossibilitada de cumprir este objectivo no dia do lançamento, a direcção do «Público» preferiu adiar a publicação do primeiro número. Wemans disse que «a direcção desenvolveu todos os esforços para não faltar ao encontro marcado com os leitores, mas em vão», acrescentando que a data definitiva do lançamento do jornal «será anunciada brevemente». Segundo o vice-director do «Público», a direcção do matutino já tinha preparada uma «superedição, com um caderno sobre os anos 90», para lançar hoje. A «superimpressão» seria feita em Lisboa, para compensar a inoperacionalidade da rotativa do Porto.

BREVES

Quinze mortos no Ano Novo

Quinze mortos é o saldo dos 332 acidentes de viação ocorridos nas estradas do Continente entre sábado e ontem às 12 horas, informou a Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana.Resultaram ainda 259 feridos, dos quais 62 em estado grave.

A circulação rodoviária voltou esta manhã à normalidade, depois das interrupções provocadas pelo mau tempo das últimas semanas e pelo aumento de tráfego do período festivo.

Segundo a GNR a situação na região de Santarém está francamente melhor, embora ainda haja estradas cortadas ao trânsito de veículos automóveis, como as estradas 365, nos troços de Vale Figueira, Ribeira de Santarém e Asscaia e Golegã a Azambuja e 3/2 entre Reguengo e Valada.

No Algarve está interrompida a circulação entre Alportel e Faro e, em Trás-os-Monres há restrições de trânsito rodoviário entre Vila Real e Rébua.

Apesar da tendência para a normalização o atrânsito esta manhã fazia-se com alguma dificuldade nos acessos a Lisboa e ao Porto.

Um apostador do Porto acertou no Totoloto

Está apurado apenas um totalista do último concurso do Totoloto,um anónimo do Porto, embora o Departamento de Apostas Mútuas da Santa Casa da Misreicórdia admita a hipótese de um segundo classificado,a dividir por dois os cerca de 60 mil contos do primeiro prémio.

Com o segundo prémio a previsão aponta para oito a nove apostadores, que devem receber individualmente cerca de 2.800 contos, enquanto para o terceiro prémio as previsões referem entre 795 a 961 concorrentes, a receber cada um à volta de 72 contos.

Misericórdia processa «A Hora da Verdade»

A provedora da Santa Casa da Misericórdia de Albufeira vai processar, por injúria, a RTP, devido à forma como foi associada ao tráfico de menores em Portugal, tema do programa «A Hora da Verdade», emitido a 21 de Dezembro.

Helena Santos Serra disse ao DL, esta manhã, que a acção será movida contra a televisão, a direcção do programa e a autora da reportagem «Negócios com Crianças» que serviu de base à emissão.

Recorde-se que Adélia Silva Melo, outra pessoa visada no programa, também vai mover uma acção jurídica contra a televisão., conforme o nosso jornal reportou na edição de sexta-feira.

Telefonemas gratuitos nos hospitais

A operação de solidariedade montada pelos TLP em diversos hospitais de Lisboa e dos concelhos limítrofes chega hoje ao fim. Através da iniciativa, os doentes desses estabelecimentos puderam realizar telefonemas gratuitos para os seus familiares e amigos durante a quadra natalícia. Para o efeito foram instalados 40 aparelhos.

Falecimento de Jorge da Silva Horta

Jorge da Silva Horta, professor catedrático de Anatomia Patológica e antigo bastonário da Ordem dos Médicos, faleceu domingo, ao princípio da tarde. Com 83 anos de idade, o extinto gozava de uma grande reputação internacional, grangeada no exercício da docência. Em 1979 foi condecorado com o título de grande oficial da Ordem da Instrução Pública.

LOTARIA POPULAR

1º - **199791**	**3 000 000$00**
2º - **466414**	**750 000$00**
3º - **304844**	**500 000$00**
4º - **141155**	**250 000$00**
Terminações em **791**	**60 000$00**
Terminações em **414**	**15 000$00**
Terminações em **844**	**4 000$00**
Terminações em **155**	**1 500$00**
Terminações em **18,26,28,38,40 e 83**	**500$00**

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP

GREVE DECLARADA

PELO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO SUL E PELO SINDICATO DOS TRANSPORTES FLUVIAIS, COSTEIROS E DA MARINHA MERCANTE

SERVIÇO RODOVIÁRIO COMPLEMENTAR AOS SERVIÇOS MÍNIMOS ESTABELECIDOS

LIGAÇÃO LISBOA-BARREIRO

PERÍODO ENTRE AS 05.00 HORAS DO DIA 03/01/1990 E AS 05.00 HORAS DO DIA 05/01/1990

1. Para obviar aos inconvenientes causados aos senhores passageiros durante o período de greve acima referido, a CP informa que desenvolverá um serviço complementar aos serviços estabelecidos entre LISBOA (Praça de Espanha — passagem superior à Avenida Gulbenkian, junto ao NOVOTEL) e BARREIRO (Palácio de Coimbra) e vice-versa.
   Todos os autocarros no sentido LISBOA/BARREIRO terão paragem em Barreiro A. O Serviço inicia-se no BARREIRO às 05.00 horas.

2. Os comboios INTERCIDADES 583, 585, 580, 582, durante o período de greve terão enlace às carreiras rodoviárias, respectivamente entre BARREIRO A-LISBOA (Terreiro do Paço) e LISBOA (TERREIRO DO PAÇO)-BARREIRO A.
   As partidas dos autocarros de Lisboa (Terreiro do Paço) serão antecipadas 45 minutos em relação ao horário das carreiras fluviais de ligação aos comboios INTERCIDADES.

3. Dadas as circunstâncias emergentes da greve não há compromisso de enlace aos comboios inter-regionais, suburbanos e regionais que cheguem ou partam do Barreiro durante o período da greve.
   Devem, assim, os senhores passageiros apresentar-se na estação do Barreiro A com a devida antecedência.

4. Embora as estações envolvidas na venda de bilhetes para os comboios inter-regionais, suburbanos e regionais da região Sul tenham instruções para avisar que não são assegurados enlaces para esses comboios entre Lisboa-Terreiro do Paço/Barreiro e vice-versa, a CP solicita e agradece aos senhores passageiros cujas viagens se iniciem ou terminem na estação do Barreiro durante o período de greve que obtenham informações mais actualizadas antes do início das suas viagens.

5. Terão acesso ao serviço complementar rodoviário os senhores passageiros com título de transporte válido para a CP.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1989.

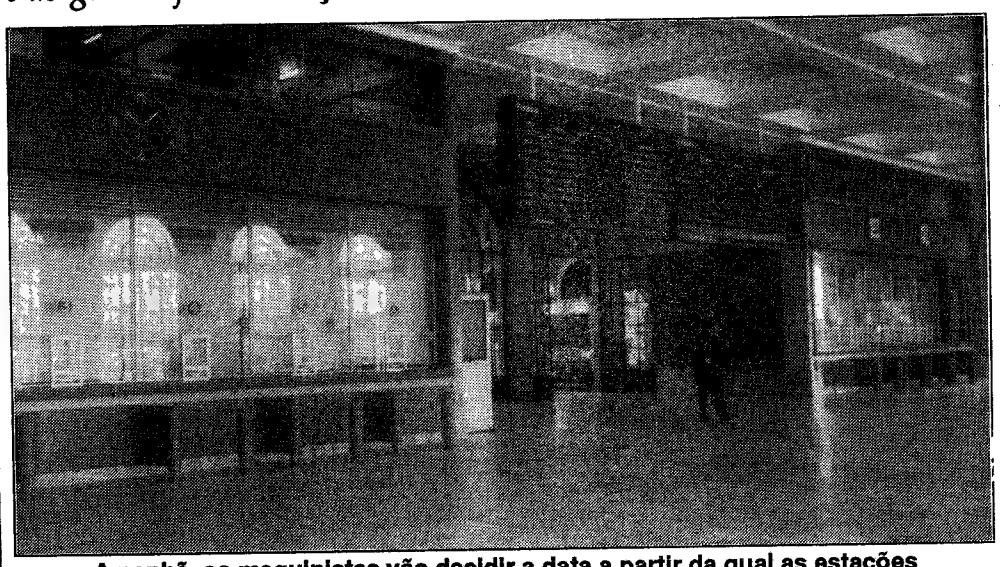
Informação prestada pela Divisão de Relações Públicas da CP.

Caminhos de Ferro Portugueses

QUOTIDIANO

Alunos sem exames de condução

Ano novo, velhas reivindicações. O conflitos não foram esquecidos e as greves já recomeçaram em diversos sectores de actividade



Amanhã, os maquinistas vão decidir a data a partir da qual as estações ficarão desertas

Com greves a decorrer e outras já agendadas, o novo ano inicia-se agitado em termos laborais. Hoje não há exames de condução, e a partir de amanhã os barcos da CP deixarão milhares de utentes nas margens do rio.

Os conflitos não chegaram com o novo ano, transitaram do anterior, e alguns arrastam-se há ainda mais tempo.

Os trabalhadores da Direcção-Geral de Viação, nomeadamente examinadores e agentes técnicos, iniciaram esta manhã uma greve que se prolonga até ao dia 5, o que inviabilizará a realização de exames de condução e a inspecção de veículos.

A paralisação, convocada pela Federação Nacional de Sindicatos da Função Pública, pretende resolver o que a de Dezembro não conseguiu: que o Governo aceite negociar a revalorização das carreiras daqueles profissionais.

Segundo os dirigentes sindicais, «há muito que as carreiras deveriam ter sido adequadas à legislação em vigor, e mais recentemente beneficiadas com a aplicação do novo sistema retributivo da Função Pública», única forma de alterar a actual realidade: «vencimentos baixos e descriminatórios».

Também a exigência de alteações no regulamento de carreiras leva os marinheiros dos barcos da CP, que fazem a ligação entre Lisboa e o Barreiro, a paralisar dois dias, a partir das 5 horas de amanhã.

Convocada pelo Sindicato dos Ferroviários, a greve pretende pressionar o Conselho de Gerência da empresa a «cumprir o prometido»: a subida de um escalão na classe dos marinheiros.

A administração da CP, «para minorar os inconvenientes que a greve poderá causar aos utentes», estabeleceu um sistema de transportes alternativos, que funcionará entre a Praça de Espanha (Lisboa) e o Palácio de Coimbra (Barreiro). Na última greve, no mês passado, os utentes dos barcos da CP que tentaram utilizar os esquemas alternativos, depois de passarem várias horas em bichas, fizeram um verdadeiro levantamento popular em plena Praça.

Mas este não será o único conflito interno na CP. A direcção do Sindicato dos Maquinistas reúne-se amanhã para decidir quais os dias e as horas em que os profissionais que representa deixarão os comboios nas gares.

Depois de em plenários os maquinistas ferroviários se terem expressado pelo agravamento das formas de luta relativamente às anteriores, o sindicato decidirá amanhã o esquema de paralisações a adoptar, estando na mesa uma proposta de greves num período não inferior a 10 dias.

Os maquinistas exigem a negociação do regulamento de carreiras, a aplicação do projecto de pré-reformas já acordado com o ministro da tutela, a revisão salarial para este ano e um aumento intercalar relativo a 1989.

Em estudo está igualmente a possibilidade de uma greve conjunta com os ferroviários espanhóis, que só não se realiza agora por os profissionais do outro lado da fronteira terem ontem iniciado uma paralisação, que se prolongará até ao dia 7.

Conselho de Imprensa critica «Expresso»

O Conselho de Imprensa reprovou a conduta do semanário «Expresso», depois da queixa apresentada pelo jornalista José Mário Costa, sobre a publicação da notícia intitulada «Rotura na TSF», a 2 de Setembro. Esta deliberação decorre da análise da acusação feita ao «Expresso», pelo jornalista, segundo a qual a notícia sobre a Assembleia Cooperativa da TSF não fora tratada «correctamente».

O Conselho de Imprensa considerou que o assunto noticiado pelo «Expresso» exigiria «mais rigor na recolha de dados e de tratamento, a merecer inclusive que se ouvisse o visado, o que o jornal não fez» - diz em comunicado divulgado.

Quanto à publicação de uma resposta sobre a notícia, uma vez que esta viola o direito em vigor, foi ainda apontada por José Mário Costa e o Conselho de Imprensa entendeu que o visado, face à «falta de cuidado» demonstrada, tinha «motivos suficientes para invocar e exercer o direito de resposta».

Constatando a publicação da resposta em causa, embora sem «as exigências legais para o efeito», o Conselho de Imprensa considerou também que «os cortes parciais efectuados pelo "Expresso" deviam ter sido devidamente assinalados». O Conselho de Imprensa considerou, também, descabido o título «TSF tem o gongo avariado», que o «Expresso» colocou acima da resposta do visado.

Semanários mais caros

Os semanários «O Expresso», «Semanário», «O Independente» e «O Jornal» vão aumentar para 200 escudos já esta semana. Segundo fontes destes jornais, este aumento corresponde ao crescimento dos custos de produção, nomeadamente com a introdução das revistas a cor, e não deverá ter um reflexo significativo nas vendas.

QUOTIDIANO

A libertação da Avenida

Legislação inédita permite salvar o que resta do património da principal artéria de Lisboa.

Ao fim de oitocentos anos de História, enriquecida pelos antepassados, Lisboa começa a tornar-se numa cidade igual a tantas outras e diferente de si mesma.

Já não se ouve cantar o fado, nem se vêem varinas a passar. Nos bairros típicos surgem prédios diferentes. Dizem que é para serem iguais aos outros. Àqueles que fazem parte de uma Europa à qual Portugal aderiu.

Cada vez mais é crescente o desejo de Lisboa ser igual a tantas outras cidades europeias. O arquitecto Pinho Lopes, do Instituto Português do Património Cultural, diz que «se assiste a uma verdadeira descaracterização da capital. A cidade é um tecido e é mutável. A a pele humana sofre uma metamorfose constante, mas a pessoa não se descaracteriza. A cidade tem de funcionar como a pele de cada um de nós: tem de respirar, mudar, mas não alterar-se, ou modificar-se.

«Acho que há zonas em Lisboa que têm de ser preservadas, respeitadas, porque encerram em si todo um passado histórico. Por isso são consideradas como património cultural. Não quero dizer com isto que Lisboa se transforme numa cidade museu e que todos os prédios sejam monumentos nacionais. Não defendo essa perspectiva romântica. A capital tem locais históricos e é como tal que devem ser preservados. A avenida da República foi a gota de água e o maior dos exemplos. Actualmente não existe uma harmonia estética na sua arquitectura. Há, sim, uma assimetria completa e perfeita. Por isso o IPPC decidiu agir».

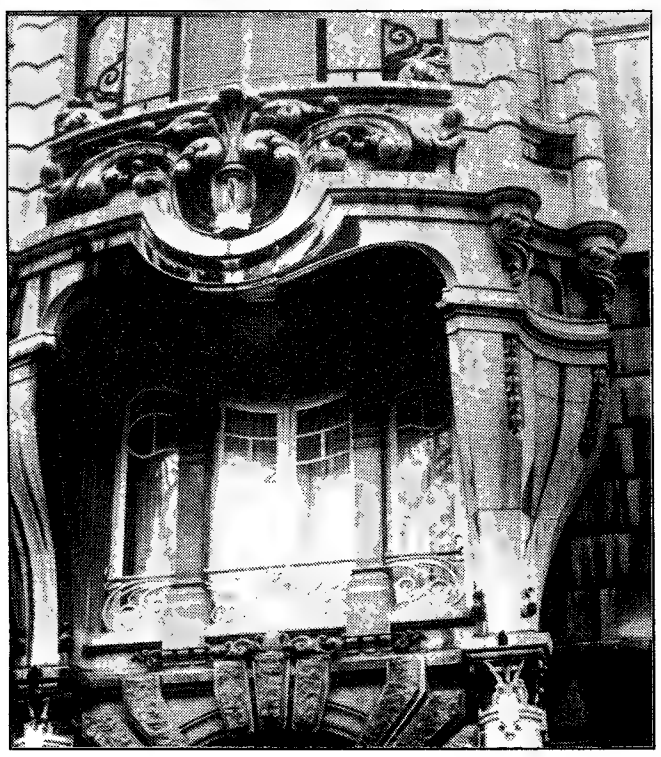
A lei número 13

E agiu com com a aplicação de uma lei, transmitida através de um edital que fez chegar aos diversos órgãos de Comunicação Social, na qual dizia que os edifícios dos Restauradores e os da avenida da Liberdade não podem ser demolidos ou restaurados, sem autorização prévia do IPPC.

Manuela Franco, chefe de gabinete da secretária de Estado da Cultura, disse-nos que esta medida foi tomada devido à avenida da República.

«Quando se constuiram os mais diversos tipos de prédios nesta avenida ainda não estava em vigor a lei número 13/85, de 6 de Julho, que estipula que os edifícios classificados ou em vias de classificação não poderão ser demolidos, no todo ou em parte, nem ser objecto de obras de restauro, sem prévio parecer do IPPC. E para que a avenida da Liberdade não seguisse o mesmo caminho, decidiu-se aplicar esta lei, que protege, pela primeira vez, todo um conjunto de prédios.

«Antes da lei de 85, os edifícios eram classificados individualmente. Aconteceu com alguns da avenida da República, por isso eles ainda lá estão. Os outros, que não estavam protegidos pelo decreto, foram demolidos, dando lugar a construções que nada têm a ver com a restante arquitectura da avenida. É exemplo concreto do Monumental. Nem esta sala de espectáculos nem a zona estavam classificadas, o que permitiu deitar abaixo o velho cinema. Agora, que não há nada a perservar, uma vez que só está lá o buraco, qualquer coisa pode ser ali construida. A decisão cabe à Câmara Municipal de Lisboa decidir».



A miscelânea de estilos ameaçava descaracterizar irremediavelmente a avenida da Liberdade

Atrocidades na capital

As atrocidades que se fazem em Lisboa levou o IPPC a impor-se e a Secretaria de Estado da Cultura a anuir. O querer imitar indiscriminadamente cidades europeias, com os seus próprios valores, implica a despersonalização e a indiferença. O português não consegue demarcar-se pela diferença e depois assiste-se a situações muito tristes.

Na Praça Camões, a estátua do poeta português teve de ser submetida a obras, porque os terrenos estavam a absorvê-la. Em redor dela a Câmara Municipal de Lisboa colocou uns tapumes que mais parecem pertencer ao terceiro mundo do que propriamente a uma cidade europeia; na avenida da Liberdade começaram uma construção, há uns anos atrás, em frente ao cinema S. Jorge, que não encaixa naquela zona. Como estes, existem outros exemplos nesta cidade, que nem vale a pena inumerar.

Durante a campanha eleitoral, ambos os candidatos manifestram-se contra à referida construção em frente ao cinema S. Jorge. O IPPC não pode fazer muito nesta situação concreta. Como disse Manuela Franco, «a construção iniciou-se quando a lei número 13 não estava em vigor.

O construtor aproveitou exactamente aquela zona, porque não estava classficada, isto é, não era considerada património a preservar. Como na campanha, os candidatos disseram o que disseram, pode ser que ela desapareça».

Talvez Lisboa recupere o cheiro antigo da cidade menina e seja a mais diferente entre as iguais.

Beira Baixa canta ao desafio

O novo ano é chegado. Com ele regressa, também, a velha tradição de cantar as «Janeiras» por esse país fora. Grupos de jovens e menos jovens dispõem-se a andar de porta em porta, entoando quadras populares e amealhando o dinheiro que recolhem durante o giro nocturno. Depois, é a ceia, promovida pelo grupo ou mesmo oferecida por algum dos atenciosos visitados.

Costume secular, perdido no tempo, as «Janeiras» começam a ser cantadas ainda durante o ano que finda e estendem-se, em geral, até ao dia dos Reis. Variando de região para região, é na Beira Baixa que a tradição se mantém mais viva e enraizada. Povoações festejam a chegada do novo ano percorrendo ruas, cantando, por vezes, ao desafio e transformando as noites numa festa permanente.

Em Tinalhas, a noite de 5, é noite de movimento. Terminado o jantar, os habitantes convergem para o largo da Capela do Espírito Santo e aí aguardam a chegada do tambor da confraria, do bombo e dos pratos da banda local. A festa tem então início e depois de visitadas as casas do lugar, regressam à sacristia para saborear as tradicionais filhós, tremoços e beber vinho.

Pouco vulgar é a tradição que se revive, por esta altura do ano, na freguesia de Peral, concelho de Proença-a-Nova, onde os Reis são celebrados em noites de luar já bem próximas da Quaresma. Feito o peditório por todas as «capelinhas», o grupo reúne-se em casa do «tesoureiro das almas» a fim de tomar a «tarouca». Comem então, toda a qualidade de carne, e em substancial quantidade pois que, com o aproximar da Quaresma, o tempo é de jejum. O calendário católico impõe a abstinência e os habitantes de Peral não se atrevem a quebrá-la. Mas, amantes que são das tradições, não ignoram o ditado popular que reza assim: «quem vai ao mar, avia-se em terra».

Açorianos combatem doenças crónicas

O plano de saúde dos Açores para este ano propõe-se combater, até 1994, sete doenças consideradas de maior incidência nas ilhas. O documento, recentemente entregue ao secretário Regional de Saúde e Segurança Social, António Meneses, foi elaborado por diversos técnicos de saúde e considera como prioritário, o combate de doenças cardio-vasculares, toxicodependências, diabetes, reumatismais, de nutrição, materno-infantis e respiratórias.

João Gouveia, o médico coordenador do projecto afirmou, na altura, ser necessária uma maior «interacção entre os cuidados de saúde primários e os diferenciados».

O projecto, inédito em Portugal, propõe igualmente uma série de acções de sensibilização ao nível das escolas.

António Meneses, por seu turno, prometeu que o Governo iria «canalizar todos os seus esforços para a concretização do plano elaborado pelos profissionais do sector da saúde».

Leitura óptica de preços nos supermercados

Tensão psíquica desgasta operadoras de caixa

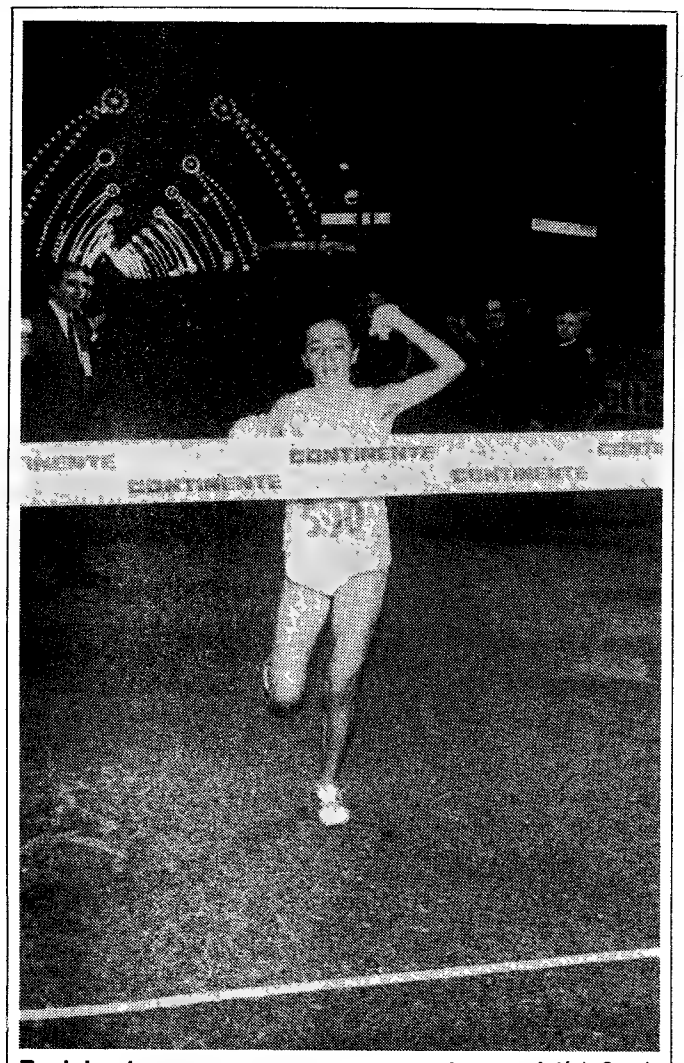
A utilização de células fotoeléctricas na leitura de preços levam a uma maior tensão psíquica dos operadores de caixa dos grandes estabelecimentos comerciais, refere o boletim da Direcção-Geral de Higiene e Segurança do Trabalho.

O boletim «Prevenção no Trabalho», que dedica à profissão de caixa de supermercado o seu tema central, sublinha que o recurso à leitura óptica exige «maior empenhamento energia nos dias de grande afluência de clientes», sublinhando que nessas «ocasiões a tensão psíquica e a sobrecarga são maiores».

Embora reconheça a maior velocidade das operações feitas com este sistema, com vantagens acrescidas para o público, a publicação destaca que os operadores são obrigados a uma maior «atenção e vigilância para evitar enganos tanto nos «lançamentos» na caixa, como no eventual troco a entregar aos clientes». A publicação dá a conhcer que estudos realizados em França sobre a «actividade gestual» destes trabalhadores revelam dados surpreendentes. Num caso, uma operadora de caixa tinha atendido 565 clientes por dia, em sete horas e 40 minutos de trabalho. Realizadas as contas, em pormenor, aquela funcionária executava com o braço esquerdo nove mil gestos e com a mão direita 40 mil «toques» na caixa registadora».

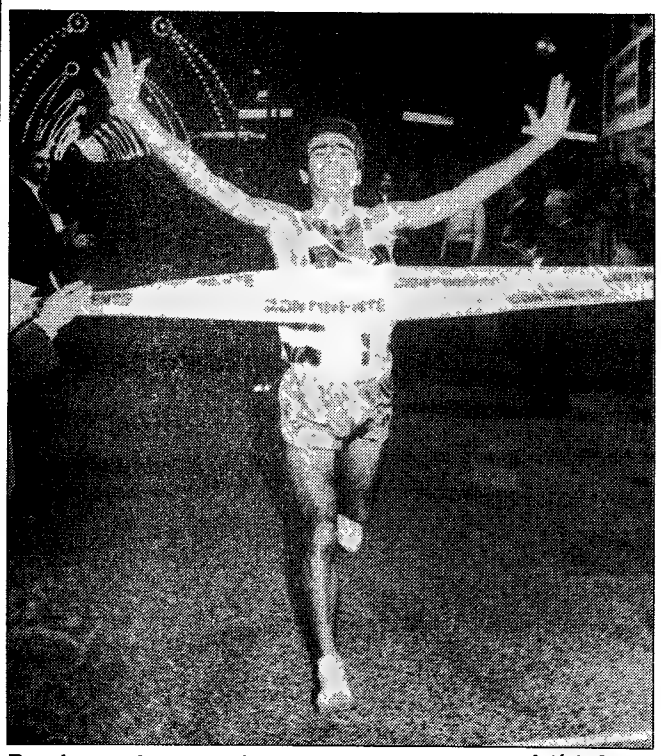
Quarenta mil gestos por dia

DESPORTO



Rosinha de ouro: sempre na vanguarda — António Capela

Corrida para 90



Domingos Castro: gémeo corta-fitas — António Capela

Domingos Castro e Rosa Mota (na Amadora) e Ezequiel Canário (Bolzano — Itália) foram os grandes vencedores das tradicionais provas de S. Silvestre, com a participação de atletas portugueses. Na Amadora onde estiveram 750 atletas, Domingos Castro e a Rosinha da Foz, superaram toda a concorrência, cabendo as segundas posições a Dionísio Castro e Rosa Oliveira. Em S. Paulo, Aurosa Cunha não bisou, consentindo o triunfo da mexicana Maria Carmen Diaz. Em todo o caso, um lugar no pódio, o que reforça as credenciais para a próxima prova. No sector masculino todos falharam: José Dias (42.º lugar), Manuel Matias (48.º) e Luís Horta (105.º). Na S. Silvestre de Bolzano, Exequiel Canário foi o vencedor, enquanto Ana Moreira desistiu. Refira-se que o atleta do Imortal bateu o recorde da prova, que pertencia ao italiano Salvatore Antibo. Em Luanda, Felicidade Sena obteve o 3.º posto e Juvenal Oliveira averbou a 3.ª posição, tendo a competição sido dominada pelos etíopes. Por cá, e em Linda-a-Pastora, estiveram presentes 153 atletas tendo Félix Paulo e Anabela Caras Novas, atingido a meta à frente dos demais parceiros. Em Barcelona disputou-se a tradicional estafeta Ekidem que habitualmentte se realiza no Japão com os EUA a obterem o 1.º posto seguindo-se o Japão e Portugal (representado por Fernando Ribeiro, Conceição Ferreira, Fernanda Marques, Albertina Dias, Lucília Soares e Mónica Gama).

Campeonato de futebol

Boavista em bicos de pés

Dom (Silas) Sebastião está de volta — António Capela

Assim e de rompante: quatro nulos, dois triunfos tangenciais, uma dupla de sucessos por dois tentos e apenas um emblema mais desafogado, triunfando por três golos sem qualquer resposta assustadora.

Ressalvando os dois conclaves reunidos em torno do Beira Mar-Chaves e do Nacional-Guimarães, que resolveram os seus casos democraticamente, dividindo o ouro que estava na mina e ficaram agora vendo passar o restante cortejo, pode considerar-se precioso o empate tirsense ante um Marítimo que, para desgosto de Manuel Fernandes («o madeirense»), António e Norberto Henriques, Rui Fontes e do próprio presidente regional Alberto João Jardim, não conseguem um só triunfo nos Barreiros, cada vez mais se afunilando na tabela pontual e agora ainda a contas com o insólito nervoso miúdo que tomou de assalto o excelente Adelino Nunes e o inibiu de voltar ao rectângulo, depois de ter sido assobiado por uma fatia da entidade patronal, caso que vai valer problema disciplinar ao próximo eventual reforço do Vitória de Setúbal. Na verdade, um Marítimo sem espírito ganhador, face a alunos do professor Neca que vão administrando perante descuidados a sua pouco ambiciosa estrutura.

Porém, com direito a engalanar em arco ficou o Boavista que, sabendo das súbitas fragilidades benfiquistas, tocadas e espelhadas na campanha nortenha e mais acentuadas desde a difícil recepção ao Feirense (uma quebra anunciada), se empertigou soberanamente, desde a sorte de um golo a frio e, a partir daí, de toda uma ruína no interior que foi a defensiva benfiquista onde, não tivesse acontecido uma espantosa defesa de Silvino a impedir o 2-0 e, mais tarde o tardio apelo a mestre Diamantino para colocar ordem na sala de trono do castelo e, a esta hora, mais que muito justamente, estariam os encarnados vergados ao peso de um desaire que constantemente esvoaçou sobre a Luz e chegou a colocar em polvorosa a sua própria clientela, insatisfeita ao ponto de assobiar tudo e todos: atletas, juiz, fiscais de linha, técnicos, jogadores do coração, adversários, técnicos de qualquer emblema e até os pobres servidores da comunicação social que, pelos vistos, qualquer dia, têm de ir cumprir a sua missão fardados de polícias e com arma bem à mão de semear.

Adiante. Um único golo chegou e sobrou para o Portimonense se desembaraçar do muito incómodo Estrela da Amadora e o Penafiel ultrapassar a visita de setubalenses com o olhar fixo em regresso à bela Europa. Novo desaire de Quinito, no clube de Manuel João que a cidade algarvia está colocando como bastardo, poderia obrigar a séria reviravolta lá pela área. Afundamento penafidelense do seu burgo constituiria largo lençol negro para José Augusto, na caminhada (prometida e desejada) de fuga ao cadafalso.

Reaparição de Silas e a muito mal contada história sul-americana, que teve como intérpretes de fila cimeira o presidente leonino Sousa Cintra, o controverso e indecifrável subterrânico Juan Figger e aquele sujeito altarrão que nos impingiram como bom guarda-redes e afinal é cidadão futebolístico de nível mais que precário (o episódico Rodolfo Rodriguez, que se pode gabar de ter conseguido, numa abertazinha, vestir a camisola de Alvalade) animaram as hostes **verdes-brancas** ante um União madeirense que foi réplica e bom teste ao primeiro exame de Raul Águas aos novos comandados. Uma observação que (certamente) vai funcionar como estudo atento do jovem professor que tentará limpar desastrada época do **leão.** Tanto em correcção como em jogo-jogado, o União madeirense foi parceiro não contemplativo: mas sempre de fogoso florete em punho.

Mais não era possível a um Feirense inteiramente lusíada, no diálogo com bracarenses que, pé ante pé, vão fazendo pela vidinha. Enquanto por Santa Maria da Feira todo o sonho maior é permanecer na plataforma graúda, por banda dos minhotos acredita-se que a meta é mais ambiciosa. Com a plena justificação (até) nos dinheiros investidos na arregimentação do «onze» de combate.

Nas Antas, calmamente dilacerando a resistência da esquadrilha resteliana, o bloco dos «dragões» apenas esperou o momento exacto para desferir sobre as hostes do palavroso «sherife» (vindo do quase anonimato) a força do seu cutelo. Acredita-se que, contando Zé Mário no flanco canhoto da defensiva, o Belenenses não continue sendo **pêra doce** ao alcance de quem souber explorar a sua fragilidade física, tal como se imagina um Porto sabiamente encaminhado para proezas mais difíceis e, sobretudo, desejando continuidade na primeira carruagem do comboio onde se abrigam os senhores do nosso futebol.

Assim, em golpe de asa, a dianteira benfiquista continua vincando rendibilidade fora de série: a larga distância, apenas se avistam nortenhos (Porto, Boavista, Guimarães) e, em análise às defensivas, aí está o «dragão» impante, somente quatro golos autorizados em 14 exames, bem melhor que os parceiros mais directos (Benfica e Sporting) a infernal dupla que está sendo seriamente incomodada por um Vitória de Guimarães lançado a todo o pano no grande oceano de maravilha.

Há horas difíceis para muitos fregueses deste campeonato «internacional» de Portugal. Ninguém anda com vida tranquila: em cada centímetro de relva dos estádios palpita-se o que vai por dentro do português sobrecarregado à interrogação de prolongadas incertezas.

Neves de Sousa

César Brito: novo visual não ajudou para golo — António Capela

Nacional de futebol

Goleadores nas encolhas: treze tentos em nove jogos

Rodou-se a 14.ª jornada do campeonato nacional de futebol, embora no cartaz de fim-de-semana apenas estivessem colocados sete espectáculos, já que os embates restantes (Beira Mar-Chaves e Nacional-Guimarães) tinham sido antecipados e, curiosamente, concluídos com desfecho idêntico: 0-0.

Aliás, o mesmo «placard» presidiu ao duelo Marítimo-Tirsense, na partida dirigida por Alder Dante (que marcou o seu adeus à arbitragem) e também não teve qualquer golo com festim popular. Nos restantes desafios, verificaram-se os seguintes resultados: Benfica, 1-Boavista, 1; Porto, 3-Belenenses, 0; Braga, 3-Feirense, 1; Sporting, 2-União da Madeira, 0; Portimonense, 1-Estrela da Amadora, 0 e Penafiel, 1-Vitória de Setúbal, 0.

Apenas um jogador (o brasileito Douglas, do Sporting) conseguiu dois tentos, um dos quais de grande penalidade. Os demais autores dos outros 11 golos foram: Pacheco (Benfica), Forbs (Boavista), Domingos, Demol e Rui Águas (todos do FC Porto), Fernando Pires, Marcão e Vítor Duarte (os três do Sporting de Braga), João Luís (Feirense), Guetov (Portimonense) e Amâncio (Penafiel). A lista dos mais eficientes atiradores continua liderada por estrangeiros: Mats Magnusson, do Benfica (18 golos); Mladenov, do Vitória de Setúbal e Guetov, do Portimonense (ambos com nove tentos); Vata (Benfica), Jorge Andrade (Boavista), Ricky (Estrela da Amadora), Chiquinho (Guimarães), Demol e Rui Águas (FC Porto), todos com 7 golos. Como se nota, apenas o descendente masculino de José Águas figura neste lote: nos nomes restantes não se encontra qualquer português, o que bem reflecte a falta de oportunidade dada pelos nossos clubes ao produto nacional, possivelmente em bruto.

A próxima rodada do torneio tem desafios aliciantes: Vitória de Setúbal - FC Porto, Estrela da Amadora - Sporting, União da Madeira - Benfica, Tirsense - Braga, Belenenses - Portimonense, Boavista - Marítimo, Guimarães - Penafiel e Chaves - Feirense. O embate Beira Mar - Nacional já se processou, com o resultado de 1-0 favorável aos aveirenses.

Divisão 2

No 2.º escalão, uma nota comum: o triunvirato de comandantes das várias zonas continuou vencendo e, salvo a luta na Zona Centro (entre Espinho e Salgueiros está um simples degrau pontual) nos demais blocos os chefes ganham dianteira. Resultados na Zona Norte:

Gil Vicente-Bragança, 2-1; Aves-Infesta, 1-0; Marco-Joane, 0-0; Trofense-Freamunde, 3-1; Leixões-Rio Ave, 2-0; Varzim-Maia, 1-1; Paços de Ferreira-Vianense, 4-1; Famalicão-Vizela, 1-0; Felgueiras-Fafe, 0-1.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
FAMALICÃO	12	8	4	0	23- 7	20
Paços Ferreira	12	8	1	3	24-11	17
Freamunde	12	6	4	2	19-11	16
Varzim	12	6	3	3	19- 9	15
Gil Vicente	11	6	2	3	17-13	14
Aves	12	6	2	4	14-10	14
Rio Ave	12	5	3	4	18-17	13
Leixões	12	6	1	5	15-17	13
Maia	11	3	6	2	14-11	12
Fafe	12	3	5	4	8- 9	11
Vianense	12	4	3	5	14-18	11
Trofense	12	3	4	5	13-17	10
Bragança	12	4	2	6	15-20	10
Infesta	12	3	4	5	12-17	10
Joane	12	3	2	7	8-16	8
Felgueiras	12	3	2	7	8-19	8
Vizela	12	2	2	8	7-17	6
Marco	12	1	4	7	8-20	6

Próxima jornada: Gil Vicente - Aves; Infesta - Marco; Joane - Trofense; Freamunde - Leixões; Rio Ave - Varzim; Maia - Paços de Ferreira; Vianense - Famalicão; Vizela - Felgueiras; e Bragança - Fafe.

Zona Centro: Académico de Viseu - Águeda, 1-0; União de Lamas - Guarda, 5-1; Oliveira do Bairro - Académica, 1-2; Benfica de Castelo Branco - Mirense, 3-1; Oliveirense - Caldas, 2-0; Peniche - Salgueiros, 0-2; União de Leiria - Covilhã, 3-0; Lousanense - Espinho, 0-2; e Marialvas - Mangualde, 1-0.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
SP. ESPINHO	11	10	1	0	28- 5	21
Salgueiros	12	9	2	1	33- 9	20
Académica	12	7	3	2	25-16	17
U. Leiria	12	6	4	2	22- 8	16
A. Viseu	12	5	3	4	18-16	13
Águeda	12	5	3	4	14-12	13
Caldas	12	6	1	5	13-20	13
Mangualde	12	6	0	6	21-19	12
B.C. Branco	12	4	3	5	11-14	11
Covilhã	12	5	1	6	14-18	11
Oliveir.	12	4	1	7	12-17	9
Marialvas	12	2	5	5	8-13	9
Lousanense	12	3	3	6	12-21	9
Mirense	11	2	4	5	14-17	8
U. Lamas	11	4	0	7	16-20	8
O. Bairro	12	2	4	6	8-23	8
Guarda	11	3	1	7	11-20	7
Peniche	10	2	1	7	7-19	5

A seguir: Académico de Viseu - União de Lamas; Guarda - Oliveira do Bairro; Académica - Benfica de Castelo Branco; Mirense - Oliveirense; Caldas - Peniche; Salgueiros - União de Leiria; Covilhã - Lousanense; Espinho - Marialvas; e Águeda - Mangualde.

Zona Sul: Portalegrense - Elvas, 1-3; Juventude - Sintrense, 3-1; Torreense - Olivais e Moscavide, 1-0; Lusitano de Vila Real de Santo António - Estoril, 0-0; Farense - Silves, 2-1; Alverca - Olhanense, 3-0; Seixal - Louletano, 1-1; Atlético - Lusitano de Évora, 5-2; e Barreirense - Samora Correia, 3-1.

Classificação:

	J	V	E	D	G	P
FARENSE	12	10	2	0	31- 7	22
Louletano	12	8	2	2	22- 8	18
Elvas	12	6	4	2	17- 9	16
Estoril	12	5	5	2	14- 9	15
Barreirense	11	6	2	3	16- 8	14
L. Vila Real	12	5	4	3	14- 8	14
Alverca	12	5	3	4	13-11	13
Olhanense	11	5	2	4	15-17	12
Juventude	12	5	2	5	13-17	12
Torreense	11	5	1	5	12-13	11
Seixal	11	4	3	4	9-16	11
L. Évora	12	3	5	4	20-18	11
Silves	12	3	5	4	10-10	11
O. Moscav.	12	2	4	6	9-15	8
Atlético	12	3	1	8	18-22	7
Portalegr.	12	2	2	8	12-32	6
Sintrense	12	2	1	9	8-19	5
S. Correia	12	1	2	9	7-22	4

Nova ronda: Portalegrense - Juventude; Sintrense - Torreense; Olviais e Moscavide - Lusitano de Vila Real de Santo António; Estoril - Farense; Silves - Alverca; Olhanense - Seixal; Louletano - Atlético; Lusitano de Évora - Barreirense; e Elvas - Samora Correia.

Divisão 3

No tocante à 3.ª Divisão, apenas dois dos comandantes (Esposende e União de Tomar) abdicaram de um ponto na rodada. Veja-se o quadro de resultados na **Série A**: Prado - Celoricense, 1-0; Vieira - Amares, 1-1; Valpaços - Maria da Fonte, 2-0; Macedo de Cavaleiros - Ribeirão, 3-2; Vila Pouca - Ponte da Barca, 0-1; Arcos de Valdevez - Lanheses, 1-1; Delães - Mirandela, 3-1; Esposende - Caminha, 1-1; e Moreirense - Santa Maria, 0-0.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
ESPOSENDE	14	7	6	1	16- 7	20
Moreirense	14	6	7	1	19-10	19
Mirandela	13	7	3	3	29-16	17
Santa Maria	14	7	3	4	16-14	17
Delães	14	7	2	5	22-19	16
Valpaços	14	6	4	4	17-15	16
Celoricense	14	5	5	4	17-15	15
M.ª da Fonte	14	3	9	2	10- 9	15
Amares	14	6	3	5	13-11	15
Caminha	14	5	4	5	17- 9	14

cont. na pág. 26

Antas: Rui Águas versus Juanico, com bola dividida

António Capela

Alvalade: imbróglio para o leitor decifrar

António Capela

Douglas: dois golos e um tratado de futebol

RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais · Telha
Assistência · Peças: Sete Portais · Telha
2830 BARREIRO

	CASA				FORA				TOTAL					
	V	E	D	B	V	E	D	B	J	V	E	D	B	P
FC Porto	7	0	0	21- 0	4	2	1	10- 4	14	11	2	1	31- 4	24
V. Guimarães	6	1	0	12- 2	4	2	1	10- 7	14	10	3	1	22- 9	23
Benfica	6	1	0	30- 3	3	3	1	11- 4	14	9	4	1	41- 7	22
Sporting	5	1	1	9- 3	4	2	1	8- 4	14	9	3	2	17- 7	21
V. Setúbal	6	0	1	14- 4	1	3	3	6- 9	14	7	3	4	20-13	17
Belenenses	6	1	0	11- 2	0	1	5	4-14	13	6	2	5	15-16	14
Sp. Braga	5	0	2	12- 9	0	4	3	3- 9	14	5	4	5	15-18	14
Boavista	4	1	2	16- 7	1	2	4	7-10	14	5	3	6	23-17	13
Est. Amadora	4	2	1	16- 7	1	1	5	3- 7	14	5	3	6	19-14	13
Desp. Chaves	4	2	1	13- 9	0	3	4	3-12	14	4	5	5	16-21	13
Tirsense	3	4	0	8- 4	0	3	4	0-10	14	3	7	4	8-14	13
União	4	3	1	13- 6	0	1	6	1-14	15	4	4	7	14-20	12
Beira Mar	4	3	1	5- 1	0	1	6	3-18	15	4	4	7	8-19	12
Penafiel	4	1	2	6- 4	0	1	6	6-20	14	4	2	8	12-24	10
Marítimo	0	5	2	6- 8	1	2	4	5-12	14	1	7	6	11-20	9
Portimonense	3	2	2	9- 9	0	1	7	4-22	15	3	3	9	13-31	9
Feirense	3	2	2	7- 7	0	0	7	2-16	14	3	2	9	9-23	8
Nacional	0	5	1	2- 5	0	2	6	4-18	14	0	7	7	6-23	7

TOTOBOLA

«Chave»

Porto - Belenenses	1
Benfica - Boavista	X
Penafiel - Setúbal	1
Portimon. - E. Amadora	1
Marítimo - Tirsense	X
Braga - Feirense	1
Trofense - Freamunde	1
Felgueiras - Fafe	2
O. do Bairro - Académica	2
Peniche - Salgueiros	2
Lousanense - Espinho	2
Alverca - Olhanense	1
Seixal - Louletano	X

Nosso palpite n.º 1/90
7 de Janeiro de 1990

Setúbal - Porto	1
U. Madeira - Benfica	2
E. Amadora - Sporting	X
Guimarães - Penafiel	1
Belenenses - Portimon.	1
Boavista - Marítimo	1
Tirsense - Braga	1
Chaves - Feirense	1
Rio Ave - Varzim	1
Vianense - Famalicão	2
Estoril - Farense	X
Silves - Alverca	X
Lusitano - Barreirense	1

TOTOLOTO

10, 14, 20, 34, 39 e 42 + 47

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS

Renault 5 GL.....1985
Renault 21 GTS.....1988
Renault 9 GTS.....1988
Renault 11 TSE.....1986
Toyota Corolla DX.....1986
Opel Kaddett 1.3 S.....1985

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Futebol por aí fora

cont. da pág. 25

Vieira	14	4	5	5	10-13	13
Lanheses	14	4	4	6	13-13	12
A. Valdevez	14	2	8	4	13-14	12
M. Cavaleiros	14	5	2	7	18-22	12
P. Barca	14	4	3	7	11-14	11
Prado	14	4	2	8	7-14	10
Ribeirão	14	2	6	6	8-24	10
Vila Pouca	13	1	2	10	5-22	4

Próxima jornada: Prado - Vieira; Amares - Valpaços; Maria da Fonte - Macedo de Cavaleiros; Ribeirão - Vila Pouca; Ponte da Barca - Arcos de Valdevez; Lanheses - Delães; Mirandela - Esposende; Caminha - Moreirense; e Celoricense - Santa Maria.

Série B: Sanjoanense - Régua, 3-0; Vila Real - Sporting de Rio Tinto, 1-2; Santa Marta de Penaguião - Lixa, 1-1; Ermesinde - Amarante, 0-1; Valadares - Cinfães, 1-1; Paivense - Sandinenses, 1-1; Lousada - Leça, 2-1; Lourosa - Paredes, 1-0; e União Desportiva Valonguense - Pedrouços, 3-1.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
LOUSADA	14	9	3	2	23-10	21
Paredes	14	8	3	3	28-13	20
Valonguense	14	8	3	3	20-13	19
Amarante	14	6	6	2	18- 9	18
Leça	14	6	5	3	17-12	17
Lourosa	14	6	4	4	14- 9	16
Pedrouços	14	6	4	4	25-23	16
Sanjoanense	14	6	3	5	17-16	15
Ermesinde	14	5	5	4	14-13	15
Sandinenses	14	5	4	5	13-19	14
Vila Real	14	4	5	5	18-15	13
Lixa	14	4	5	5	16-13	13
Régua	14	5	3	6	13-17	13
Cinfães	14	4	3	7	16-25	11
Sp. Rio Tinto	14	3	3	8	14-25	9
SM Penaguião	14	2	4	8	12-21	8
Valadares	14	1	6	7	12-23	8
Paivense	14	1	4	9	12-27	6

Próxima jornada: Sanjoanense - Vila Real; Sport. de Rio Tinto - Santa Marta de Penaguião; Lixa - Ermesinde; Amarante - Valadares; Cinfães - Paivense; Sandinenses - Lousada; Leça - Lourosa; Paredes - União Desportiva Valonguense; e Régua - Pedrouços.

Série C: : Argus - Estarreja; 0-1; Associação Desportiva Valonguense - Santacombadense, 0-1; Oliveira do Hospital - Tabuense, 1-1; Ovarense - Anadia, 1-0; Seia - Mealhada, 4-0; Luso - Gouveia, 0-0; União de Coimbra - Valecambrense, 5-0; Sabugal - Alba, 3-0; e Mortágua - Oliveirinha, 0-1.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
SANTACOMB.	14	10	2	2	13- 5	22
Anadia	14	9	2	3	20- 9	20
U. Coimbra	14	6	5	3	30-12	17
Estarreja	14	6	5	3	17- 8	17
Luso	14	5	7	2	11- 8	17
Ovarense	14	5	6	3	18-11	16
Gouveia	14	5	6	3	13- 7	16
Valonguense	14	5	6	3	16-11	16
Mealhada	13	5	5	3	9-10	15
Tabuense	14	4	4	6	13-10	14
O. Hospital	13	3	7	3	11- 8	13
Seia	14	5	2	7	24-19	12
Alba	14	3	5	6	12-14	11
Mortágua	14	2	6	7	6-15	10
Oliveirinha	14	2	5	7	11-18	9
Argus	14	2	5	7	12-24	9
Sabugal	13	3	3	7	12-34	9
Valecamb.	14	2	3	9	8-30	7

Próxima jornada: Argus - Associação Desportiva Valonguense; Santacombadense - Oliveira do Hospital; Tabuense - Ovarense; Anadia - Seia; Mealhada - Luso; Gouveia - União de Coimbra; Valecambrense - Sabugal; Alba - Mortágua; e Estarreja - Oliveirinha.

Série D: Ginásio de Alcobaça - Santarém, 1-0; Naval 1.º de Maio - Castelo de Vide, 3-0; Sertanense - Torres Novas, 1-1; Bombarralense - Mirandense, 0-0; Alfeizerense - Marrazes, 2-1; Fátima - Ferrel, 7-0; Alcanenense - Marinhense, 1-2; União de Tomar - Alcains, 2-2; e Estrela de Portalegre - Nazarenos, 2-1.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
U. TOMAR	14	9	5	0	21- 6	23
Mirandense	14	9	3	2	26- 4	21
Fátima	14	7	5	2	27- 9	19
Naval 1.º Maio	14	7	5	2	26-11	19
Alcobaça	14	6	5	3	19-12	17
U. Santarém	14	7	2	5	17- 9	16
Torres Novas	14	5	5	4	16-14	15
Sertanense	14	2	9	3	13-16	13
Marinhense	14	3	7	4	12-16	13
Alcains	14	4	4	6	19-19	12
Nazarenos	14	4	4	6	14-19	12
E. Portalegre	14	3	6	5	10-22	12
Alcanen	14	2	7	5	10-14	11
Marrazes	14	3	5	6	11-18	11
C. Vide	14	4	2	8	12-22	10
Alfeizerense	14	2	6	6	12-22	10
Bombarralense	13	0	9	4	7-14	9
Ferrel	13	3	1	9	10-34	7

Próxima Jornada: Ginásio de Alcobaça - Naval 1.º de Maio; Castelo de Vide - Sertanense; Torres Novas - Bombarralense; Mirandense - Alfeizerense; Marrazes - Fátima; Ferrel - Alcanenense; Marinhense - União de Tomar; Alcains - Estrela de Portalegre; e União de Santarém - Nazarenos.

Série E: Oriental - Loures, 1-1; Borbense - Lusitânia, 1-0; União de Almeirim - Cartaxo, 2-1; Campomaiorense - Odivelas, 2-1; Fronteirense - Futebol Benfica, 1-3; Santa Clara - Vilafranquense, 2-1; Câmara de Lobos - Sacavenense, 0-0; Atlético do Cacém - Fanhões, 3-1; e Praiense - Portosantense, 0-0.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
S. CLARA	13	8	3	2	23-15	19
F. Benfica	14	7	4	3	21-17	18
U. Almeirim	14	7	3	4	21-14	17
Campomaior	13	7	2	4	19-11	16
Oriental	13	5	4	4	17- 8	14
Portosantense	13	5	4	4	18-13	14
C. Lobos	13	5	4	4	11-10	14
Odivelas	14	5	4	5	17-14	14
Vilafranq.	14	5	4	5	14-12	14
Borbense	14	5	4	5	12-21	14
Sacaven	12	3	6	3	10- 9	12
Fanhões	14	4	4	6	11-14	12
Cartaxo	14	3	6	5	13-20	12
Loures	13	3	6	4	15-16	12
Praiense	13	3	4	6	5-11	10
Fronteir.	14	3	4	7	8-15	10
A. Cacém	14	3	4	8	11-20	10
Lusitânia	13	4	3	6	10-12	9

Próxima Jornada: Oriental - Borbense; Lusitânia - União de Almeirim; Cartaxo - Campomaiorense; Odivelas - Fronteirense; Futebol Benfica - Santa Clara; Vilafranquense - Câmara de Lobos; Sacavenense - Atlético do Cacém; Fanhões - Praiense; e Loures - Portosantense.

Série F: Vasco da Gama - Pescadores da Costa de Caparica, 2-0; Trafaria - Beja, 1-1; Almancilense - Quimigal, 1-0; Quarteirense - Estrela de Vendas Novas, 3-0; Sesimbra - Amora, 1-3; Montijo - Imortal de Albufeira, 3-0; Montemor - Esperança de Lagos, 4-1; Palmelense - Leões de Tavira, 0-0; e Moura - União de Santiago do Cacém, 0-0.

Classificação:

	J	V	E	D	F-C	P
QUARTEIR	14	9	3	2	34- 9	21
Montijo	14	9	3	2	31-10	21
Amora	13	9	2	2	25-11	20
S. Cacém	14	7	3	4	32-18	17
Montemor	14	8	1	5	23-15	17
V. Gama	14	7	3	4	20-18	17
Almanc.	13	5	5	3	14-10	16
Quimigal	14	5	6	3	16-15	16
E. Lagos	14	5	5	4	25-19	15
Moura	14	5	5	4	19-14	15
I. Albufeira	14	4	5	5	26-28	13
Palmelense	14	3	6	5	17-17	12
Beja	14	5	2	7	17-28	12
Sesimbra	13	3	2	8	11-25	8
E.V. Novas	14	2	4	8	11-22	8
L. Tavira	13	1	5	7	5-12	7
Pescadores	14	2	3	9	12-27	7
Trafaria	14	0	5	9	12-50	5

Próxima Jornada: Vasco da Gama - Trafaria; Beja - Almancilense; Quimigal - Quarteirense; Estrela de Vendas Novas - Sesimbra; Amora - Montijo; Imortal de Albufeira - Montemor; Esperança de Lagos - Palmelense; Leões de Tavira - Moura; e Pescadores C. Caparica - União de Santiago do Cacém.

Benfica-Sporting esta noite, na Luz

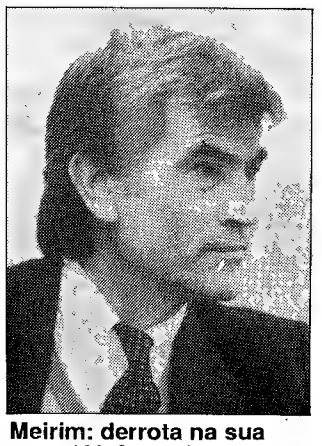
Inicia-se hoje no Estádio da Luz o Torneio Internacional «Philips-Cidade de Lisboa», com a realização do encontro Benfica-Sporting com início às 20 horas. Para além dos dois clubes lisboetas, participam, no torneio, os clubes holandeses Ajax e PSV, cujas equipas se defrontarão na próxima sexta-feira, no Estádio Alvalade. A comissão de disciplina é constituída por Adelino Caiado, Fernando Mendes, Porfírio Alves, Shéu Han e Vasco Rodrigues, sendo o bloco executivo formado por Ana Paula Godinho, António Vieira, Cunha Bispo, Fernando Queirós, Jorge Vacas e Teresa Repolho.

O torneio prosseguirá no dia 9 com o jogo que decidirá os 3.º e 4.º lugares (no estádio da equipa portuguesa presente) e a final decorrerá no dia seguinte, no palco do finalista luso.

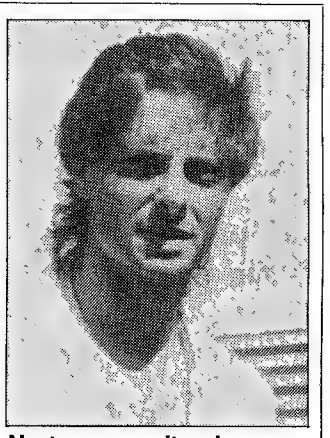
À equipa vencedora será entregue o troféu oficial, que ficará na sua posse durante um ano e todas as equipas participantes receberão réplicas do mesmo troféu. O troféu oficial será atribuído, definitivamente, ao clube que vença o torneio em três edições. Serão ainda atribuídos prémios individuais ao guarda-redes menos batido, ao melhor marcador e ao melhor jogador (este será outorgado por uma comissão de jornalistas).

Juniores em Israel

Ao consentir o empate (1-1) com a Suíça, a selecção portuguesa de juniores Sub-18 ficou arredada da final, que será disputada entre a Suécia e a URSS, restando-lhe a conquista do 3.º lugar caso vença Israel no confronto de hoje. Melhor sorte tiveram os jovens da equipa Sub-16 que golearam os malteses por 5-0 e, caso vençam a Suécia, regressarão com o troféu do vencedor do torneio.



Meirim: derrota na sua casa (Alcântara)



Norton: espreitando a selecção nacional

Atlético, 5-Lusitano de Évora, 2

Nostalgia na Tapada

O reencontro dos históricos Atlético Clube de Portugal e Lusitano de Évora convidava uma subida ao alto do Alvito. Foi o que fizemos. Tratava-se de ver no lamacento palco da velha Tapadinha, dois conjuntos representando duas nobres colectividades que, em tempos idos, tiveram nas suas fileiras artistas de alta bitola, proporcionando belos espectáculos futebolísticos em confronto com os maiores do burgo lusitano. Era o tempo de Vital, Mitó, Falé, Fialho, Cardona, José Pedro e muitos outros por parte dos alentejanos e de Ernesto, Correia, Baptista, Armindo, Abreu, Martinho, Ben David, Gregório, Rogério Simões e alguns mais por banda dos alcantarenses. Bons tempos esses! Tão bons, que o velho campo da Tapada da Ajuda tinha, a circundá-lo, dezenas de «experts» do mercado negro, já que as bilheteiras haviam colocado o letreiro de «lotação esgotada».

No sábado, é certo que não estavam em palco vedetas com centelha de talento dos nomes de outrora, mas as colectividades continuam acobertadas por igual prestígio e as ambições de ontem continuam bem firmes no horizonte dos dirigentes de agora. Por isso, o nosso desencanto por ver sem ocupantes o imenso granito das bancadas. Bandeiras nem vê-las. Entusiasmo não demos por ele. Fervor clubista, esteve arredado. Talvez que, entre os saudosistas dos tempos de saudável gritaria a ecoar na encosta, estivesse Peres Bandeira e Nogueira já que, um e outro, envergaram a camisola do imortal Atlético. Eles e alguns mais idosos que vimos entre as poucas centenas de assistentes. Oxalá a dedicação a tão nobres colectividades, como são o Lusitano e o Atlético, seja devidamente continuada por aqueles que presentemente ostentam na lapela os seus emblemas. O jogo não foi famoso em termos de recorte técnico-táctico, muito por culpa do péssimo estado do terreno e também porque tanto Joaquim Meirim como Norton de Matos não contam, nos seus quadros, com artistas de fina água. Ainda assim teremos que enaltecer o virtuosismo do alcantarense Raul José (teve fintas primorosas, «driblings» de raro engenho, toques de classe). O alentejano Zorrilha surpreendeu-nos pelo vigor atlético e poder físico e o seu colega Valadas também evidenciou lances com alguma arte.

O resultado (5-2) afigura-se-nos ajustado à superioridade exercida pela turma lisboeta, particularmente na segunda parte, mas em larga medida porque todo o sector defensivo do «esquadrão» de Joaquim Meirim falhou de forma estrondosa e ingénua. O técnico do Lusitano (também ele um homem de Alcântara) mostrava-se profundamente desalentado pelo descalabro da sua turma que, depois de ter conseguido o empate (golo de Valadas), resolveu abrir o dique por onde corria água em torrente a gerar calamidade para Barradas.

As equipas jogaram assim: **ATLÉTICO:** Paulo; Jorge Oliveira; Quim, Jeremias e Bubu; Jorge Abreu, Gamberra, Miguel e Hélder (Tozé, 82 m.); Raul José (Mota, 69 m.) e Vinha. **LUSITANO:** Barradas; Miranda (Nito aos 57 m), Luís Carlos, Kiki e Zorrinho; Padinha (António Luís aos 57 m), Teixeira, Solipa e José Eduardo; Mozart e Valadas. Os golos foram apontados por Vinha (10 m.), Valadas (48), Raul José (49), Jorge Abreu (70), Gamberra (80), Tozé (83) e Luís Carlos (87 de g.p.).

O árbitro algarvio, José Filipe, mostrou ser de fina cepa, mas a coordenação do tempo pareceu-nos errada. O jogo tem 90 minutos, não mais.

Alves Henriques

Nono «Gandula» e «Prémio Lagosta» para Neves de Sousa

Mais duas distinções para o «DL»

Mais duas distinções tocam ao «Diário de Lisboa», verdadeiramente gratas por acentuarem a viragem entre décadas e refectirem confiança no futuro: pela nona vez consecutiva, o jornalista e radialista Wilson Brasil considera «comentarista do ano» o nosso companheiro Neves de Sousa que, simultaneamente (e em paralelo com Carlos Pinhão e Rui Santos, de «A Bola»), é considerado primeiro prémio «Lagosta», pelo nosso confrade «Lusitano Desportivo».

Na «Gazeta dos Desportos» (como na Rádio Comercial) Wilson Brasil acentua que **«Neves de Sousa está dando continuidade à competência que o distingue como gigante da especialidade. Nunca perdeu o 'Troféu Gândula' desde que ele é instituído em Portugal, completaram-se nove anos«**. Por seu turno, no «Lusitano Desportivo» (jornal das comunidades portuguesas, dirigido pelo jornalista João Leite) escreve-se sobre o «Prémio Lagosta», pela primeira vez instituído: **«Carlos Pinhão/Neves de Sousa/Rui Santos: ficamos com água na boca.»**

Ainda recentemente conquistando o prémio «Alves Teixeira», outorgado pelo CNID (Clube Nacional da Imprensa Desportiva) para «a melhor reportagem desportiva do ano» (trabalho sobre a «Volta a Portugal» em bicicleta, apresentado no nosso jornal), Neves de Sousa arrebata para o «DL» mais duas distinções que ampliam o respeito que todos quantos trabalham nesta casa cada vez mais devem aos nossos companheiros de leitura diária.

Vila do Conde: outra «chicotada»

António Medeiros (acabado de regressar de Moçambique e rendendo Raul Oliveira, no Leixões) chegou a Portugal e logo atirou pela borda fora o técnico do Rio Ave. Mais uma vez, os vilacondenses mudam de treinador: nesta época, já tinha sido despedido o internacional Eurico (cedendo o posto a Artur Correia) e agora foi a vez do lugar transitar para Duarte, que foi 13 anos capitão da turma e tem estado ao serviço do Esposende. Tudo isto porque o Leixões (em situação difícil) bateu, em Matosinhos, o Rio Ave (2-0) que tem estado confiante no regresso ao escalão máximo do nosso futebol.

DESPORTO

Canhões das Antas e de Alvalade destruíram diques da resistência

Os «dragões» começam a década no topo da classificação, enquanto o Nacional – único que ainda não conseguiu qualquer triunfo – segura na «lanterna»

Não porque se tratava de analisar o primeiro ensaio dirigido pelo «expert» Raul Águas e muito menos para apreciar a craveira do modesto União da Madeira, os quarenta mil espectadores que se deslocaram ao Estádio Alvalade foram para ali, «arrastados», apenas, para se certificarem, de forma definitiva, se Sousa Cintra teria cumprido a promessa que vinha fazendo desde que ocupou a cadeira destinada ao condutor do executivo sportinguista. O homem cumpriu.

Paulo Silas era mesmo aquele artista que envergava a camisola n.º 7. Ao que se consta, a promessa apenas foi parcialmente assumida uma vez que o passe internacional do jogador continua a pertencer ao Central Espanhol do Uruguai, único clube que pode vender o jogador. Significa isto que o Sporting recebeu o futebolista a título de empréstimo até Junho de 1991, e, até lá, apenas lhe é permitido cedê-lo igualmente por empréstimo até àquela data. Quanto à venda, essa só poderá ser feita pelo clube uruguaio. De qualquer modo, Sousa Cintra conseguiu resolver o conflito que opunha o seu clube ao jogador, empresário e clube titular do passe, e trazer de novo para Alvalade um futebolista de muitas estrelas. Sobre o jogo? Nem o Sporting conseguiu a goleada que muitos esperavam, nem o União regressou ao Funchal com o ponto que Rui Amâncio pretendia. Porque o Sporting não realizou exibição de primor, nem os unionistas souberam impedir o genial Douglas de, por duas vezes, atirar com acerto. Muito bem montado o policiamento por parte dos funchalenses a Fernando Gomes (Jorge Costa), Silas (Casimiro) e Marlon (Mota). Entre os visitantes, Valente foi o máximo. Exibição notável do guarda-redes Vítor Sérgio dos Santos Valente que, em 1978, iniciou a sua carreira em Oeiras, passando, seguidamente, por Coimbra, onde representou a «Briosa». Bem estiveram os seus colegas da defesa, como bem se situaram outros mais intervenientes de um encontro em que Ezequiel Feijão (que apenas exibiu o «amarelo» a Ramos) não realizou actuação ao seu nível. Raul Águas escalonou assim as pedras: Ivkovic; Luisinho; João Luís, Venâncio e Oceano; Carlos Manuel, Silas e Douglas; Marlon (Carlos Xavier, aos 60 minutos), Gomes e Cadete (Cascavel, aos 66 m). Quanto ao **União** apresentou: Valente; Ramos, Duarte (Ricardo Jorge, 76 m), Jorge Costa, Casimiro e Mota; Rogério, Monteiro, Markovic e Júlio Sérgio; Renato (Nino, ao minuto 71).

Diques sem resistência

O triunfo averbado pelo FC Porto, que lhe permitiu dobrar a década no topo da pauta classificativa, foi justo. Porque todos os seus futebolistas lutaram com bravura, porque exibiram futebol de mais elevado quilate, porque remataram mais e, finalmente, porque conseguiram três golos sem que o seu opositor lograsse quebrar a bonita série de Vítor Baía que, nas Antas, ainda não sofreu qualquer golo em jogos (7) do Nacional. Vitória inquestionável pelas razões anunciadas, mas que tardou em ser construída porquanto os «diques de Belém» pareciam construídos com cimento bem armado. E que actuação teve o cidadão búlgaro Borislav Biserob Mihaylov! Impecável. E que dizer das «amarras» colocadas por Juanico ao argelino Madjer? Aquilo eram algemas de aço de liga bem forte. Outro destaque vai em direcção ao jovem Vítor Baía que, quando chamado a mostrar as suas aptidões — e isso sucedeu nos primeiros minutos da 2.ª parte — fê-lo por forma a evidenciar que Barrigana, Pinho, Acúrsio, Américo Rui e «Mly» têm um sucessor para grande sucesso. As citações estão feitas num jogo em que a ausência de André, na turma portista, foi notória e em que o árbitro João Simãozinho depois de escutar ruidosos protestos perdeu reflexos e nem sempre julgou os lances com acerto. As equipas actuaram do seguinte modo: **PORTO**: Vítor Baía; Demol; João Pinto, Geraldão, Paulo Pereira (Domingos, aos 45 m) e Branco; Jaime Magalhães, Semedo e Bandeirinha; Madjer (Marito, 76 m) e Rui Águas.

Os golos couberam a Domingos (65 m), Demol (69 de g.p.) e Rui Águas (90).

A turma de Belém jogou assim: Mihaylov; José António; Galo, Edmundo, Juanico e Grosso; Paulo Monteiro (Jaime aos 76 m), Macaé e Adão; Sadkov (Jorge Silva, aos 70 m) e Chiquinho.

No aspecto disciplinar, Juanico, Branco e Grosso viram a cartolina amarela.

Último silvo

O facto mais relevante do encontro Marítimo-Tirsense consistiu na despedida do árbitro Alder Dante atingido pelo limite de idade (50 anos completados no passado dia 3 de Outubro). Alder Dante assinalou o derradeiro adeus ao apito, com uma actuação brilhante e certamente que lamentará ter sido forçado a mostrar (neste encontro) o amarelinho a Dreiffus, Vieira e Maki. Um árbitro que se despede mas a causa da arbitragem não ficará empobrecida já que Alder Dante será agora «investido» em funções que servirá com a competência, dignidade e isenção como o fez durante 22 anos de carreira arbitral.

Que dizer do encontro? Mais uma vez, o Marítimo não venceu no seu recinto e o Tirsense teima em não averbar vitórias fora do seu burgo. Lúcio — que na semana anterior havia contrariado as previsões benfiquistas — voltou a repetir exibição de nível elevado, estando excelentemente acolitado por Vlamecir (um «pronto-socorro» muito bem afinado), Bio e Sérgio. Bem estiveram ainda Quim, Kipulu e Dreiffus, tendo os demais cumprido acertadamente com as instruções de Manuel Gomes (leia-se prof. Neca). No Marítimo, Oliveira, Vando, Tozé e Marquinhos foram os melhores, merecendo, os demais, a nota dez.

Dos «amarelos» já falámos, golos não existiram e sobre as formações tivemos: **MARÍTIMO**: Everton; Carlos Jorge, Oliveira e Teixeirinha; Nazaro Nunes (Paulo Ricardo, 56 m) e Adelino Nunes (Esquerdinha, 45 m); Rui Vieira, Marquinhos e Vando; Tozé e Maki. Pelo **TIRSENSE** alinharam: Lúcio; Bio, Vlamecir, Sérgio e Jorge; Eusébio, Quim e Tueba; Vieira (César, 63 m) e Kipulu; Dreiffus (Bravo, 89 m).

A mais-valia

Foi normal a arbitragem do portuense Xavier de Oliveira (que exibiu o cartão amarelo a Fernando Pires, Marcão, João Luís e Vítor Duarte) e normal o resultado com mais um triunfo dos bracarenses e com a turma de Santa Maria da Feira sem conseguir amealhar qualquer ponto fora do seu recinto. À fragilidade dos comandados de Henrique Nunes impôs-se a «mais-valia» dos minhotos, liderados por Vítor Oliveira. Triunfo facilmente conseguido com exibições de requinte por parte dos Quins (II e I) e actuações de alto relevo de Vítor Duarte e Fernando Pires. Pelos feirenses, Valido não teve qualquer falha, enquanto Marcelino, Rendeiro e Resende estiveram uns furos acima dos parceiros. Quanto aos «quadros» em confronto foi assim: **SC BRAGA:** Luís Manuel; Chico Silva, Vítor Duarte, Quim I e Laureta; Quim II; Fernando Pires e Rui Manuel; Serrinha, Vermelhinho (Eskilson, aos 52 m) e Marcão (Santos, aos 46 m). **FEIRENSE:** Ricardo; Valido, Licínio, Marcelino e Pinto; José Augusto (Resende, 46 m); Quitó, Rendeiro (Ribeiro, 58 m) e João Luís; Pedro Martins.

Antas: belga Demol não perdoa o «penalty»

Os golos foram rubricados por Fernando Pires (25 m), Marcão (40), João Luís (60) e Vítor Duarte (72).

Pensar no futuro

Não fora este triunfo dos portimonenses sobre a bem estruturada e superiormente ordenada equipa da Amadora, e muito cinzento ficaria o futuro da turma algarvia que viu, em Quinito, o salvador do prestígio ainda muito abalado. Dois pontos arrancados por obra e graça de uma desatenção dos defensores da zona do veterano Melo bem aproveitada pelo sr. Plamen Tzvetanov Guetov nascido há 30 anos na búlgara localidade de Pleven. Com nove pontos na sacola, o Portimonense continua em situação abaixo da «linha de água» e o presidente Manuel João parece disposto a largar a barcaça queixando-se da ausência de apoios dos seus consócios e particularmente das «forças vivas» da terra. Quanto ao Estrelinha não será este «desaire» que retirará ânimo aos prosélitos da colectividade tão sabiamente prestigiada por José Gomes. Goi um jogo feio e sem beleza espectacular (o estado do terreno não explicará tudo), com Duílio em altíssimo plano, e Figueiredo, Chico Zé e Skoda a «meio pau». O árbitro Donato Ramos — que mostrou o amarelo a Chico Zé e a Rui Jorge — deve queixar-se da má assistência prestada pelo companheiro José Quadros.

O golo solitário do confronto foi, como já se disse, rubricado por Guetov no minuto 40 e as equipas formaram do seguinte modo: **PORTIMONENSE:** Figueiredo; Chico Zé, Flóris, Aurélio e Justiniano; Bezinsky; José Pedro, Guetov (Palecas, 82 m) e Skoda; Luciano (Major, 76 m) e Demirev (ex-FC Silven. **ESTRELA:** Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Basaúla, Bobó, Nelson Borges (Rebelo, aos 81 m) e Rui Jorge (Ricardo, 62 m); Pedro Xavier e Ricky.

Inquestionável

O «magriço» José Augusto, que teimarei em considera um dos mais esclarecidos e competentes técnicos da arte futebolística, está a realizar trabalho de relevância em Penafiel e os resultados aí estão para avalizar a convicção que desde há muitos anos venho exprimindo. Perante a magnífica turma sadina, mais uma vitória. Mais dois pontos a somar ao pecúlio anterior, o que resulta na soma de dez e ponto a ponto o clube penafidelense começa a galgar a escala, sendo previsível que dentro de pouco tempo esteja à margem da zona de queda. O árbitro foi Fernando Correia, para o qual desejamos que saiba ser detentor da humildade sempre patenteada por seu pai (árbitro do mesmo nome que durante muitos anos foi, juntamente com Joaquim Candeias, bordão do internacional Joaquim Campos) e que reúna aos conhecimentos que tem vindo a demonstrar outras virtudes que, igualmente, fazem parte do cabedal dos bons árbitros. Neste jogo cometeu alguns deslizes de ordem técnica e o cartão (único) mostrado a Vasco terá pecado por tardio. O golo teve por autor Amâncio (primeiro minuto do 2.º tempo) e as equipas formaram assim: **PENAFIEL:** Cerqueira; Carlos Alberto (Vinha, aos 89 m), Vasco Chico, Niquita e Artur; Rebelo, Rui Manuel (Germano, 62 m), Martins e Secretário; Amâncio e Coelho. **V. SETÚBAL:** Jorge Martins; Crisanto, Jorge Ferreira, Dito e Flávio; Hélio, Serra, Lufemba (Makukula, 59 m) e Jaime Pacheco; Mladenov (Aparício, 59 m) e Edward Eanossion. Já agora algumas referências: Chico Niquita, Amâncio, Secretário, Cerqueira, Jorge Martins e Jaime Pacheco.

Nota final

Neste aligeirado comentário, fica a síntese de seis encontros, já que o confronto da Luz entre o Benfica e o Boavista, que permitiu a primeira cedência do esquadrão de Eriksson (na Luz), terá a análise de destaque feita por Neves de Sousa e os jogos Beira Mar, 0 - Chaves, 0 e Nacional, 0 - Guimarães, 0 foram aqui comentados quando da sua antecipada realização. Sobre os artilheiros continuam com a alça desafinada sendo 13 os golos nos 9 encontros, sobre (in)disciplina saúde-se a ausência da mostragem do vermelho e as 20 vezes que os árbitros foram forçados a ripar do amarelo talvez mereçam uma palavrinha dos treinadores para a sensibilização dos seus jogadores de que protestar (falta que gera a maioria das penalizações) é considerada falta prevista e punível pelo código do jogo. Feliz 1990, para todos.

Alves Henriques

Benfica, 1-Boavista, 1

Águias de asas cortadas

Benfica em queda para o tapete?

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Acontece (apenas e só) que a turma estará agora pagando o preço de possuir «estrelas» que são assíduas contribuintes para o «escrete canarinho», para o «team» da Suécia, para a turma de Angola, para as selecções portuguesas de todos os escalões e, para cúmulo, está com o mesmo empenho envolvida na luta por três frentes ambiciosas: Taça dos Campeões Europeus, título nacional e Taça de Portugal, fora mais uns joguinhos particulares que, como é bom de saber, são excelentes sustentáculos das finanças de um clube que paga autênticos milhões aos seus artistas.

E, daqui não se pode fugir: a explicação da acentuada fragilidade que está tomando conta do bloco da Luz poderá, igualmente, encontrar motivos no facto de Eriksson utilizar um «onze-chapa», abstendo-se de dar serviço activo a «internacionais» que moram na prateleira (Álvaro, Fernando Mendes, Hernâni, Chalana), a jogadores pagos a peso de ouro mas que não justificam o preço do invesitmento (caso de Lima), de algumas apostas terem voltado para o tinteiro (Paulo Madeira, Sousa, Paulinho), de Veloso ter sido obrigado a adaptar-se à canhota ficando o flanco direito muito debilitado, de Diamantino ainda não estar a cem por cento, de Vítor Paneira e Vata andarem lesionados, do perfil de Ademir não estar nas boas graças de quem comanda o exército rubro. E, sobretudo, talvez mais que tudo isso, Ricardo estar ausente do palco, pois embora o simpático presidente benfiquista imagine que Aldair é superior a Mozer, a verdade entra pelos olhos dentro: e o próprio Aldair sente que, faltando-lhe a talentosa muleta do compatriota Ricardo, entra pelo cano com inaudita facilidade.

Tudo isto vem a propósito do embate com os axadrezados que, não fora uma espantosa defesa de Silvino a chuto do temível Isaías e os dois pontos iam para o bornal do jovem Manuel Barbosa, sábio armador de uma estrutura defensiva de ferro (20 valores para Frederico, Valério, Garrido, Marcos António e Casaca), todo o aplauso para um triunvirato atacante (Forbs, Jorge Andrade e Isaías) que colocou em polvorosa o «terceiro anel» e criou umas dúzias de cabelos brancos em Eriksson que, no termo da função, virando-se para este escriba e para o Ribeiro Cristóvão, confidenciou:

— Foi o pior jogo de todo o ano. Mau de mais para encontrar explicação. Verdade que o Boavista conseguiu um golo muito cedo, mas isso não pode ser atenuante. Isto tem de levar uma volta, de alto abaixo...

Valdo numa cercadura dominadora

Exacto, mister. Faça teste à sua própria avaliação de valores e méritos e chegará rápido à única conclusão possível: com dois ou três reajustamentos (Veloso no seu posto, Álvaro na canhota, Diamantino mais solicitado, Chalana obrigado a mostrar o que está valendo) a coisa compõe-se. Mas, para isso, é preciso que Ricardo recupere depressa. Já. Imediatamente. E que antes disso outro Boavista não apareça pela Luz tão bem ordenado como aquele que se despediu do ano caquético e pouco doce.

Neves de Sousa

O prestigiado juiz bejense Rosa Santos (que esteve acompanhado por Carlos Vidonho e Marcolino Batista) poderia ter rubricado excelente arbitragem se tivesse mostrado mais duas vezes o cartão icterícia (a Aldair, por joelhada que inibiu Forbs, obrigando-o a sair do palco aos 65 minutos; a Veloso, por entrada com derrube a Isaías, aos 82) e, também, não embarcasse na onda do seu auxiliar do lado do «terceiro anel», que marcava foras-de-jogo como se fora um halterofilista. As equipas:

Benfica: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Abel (Diamantino, 54), Thern (Ademir, 61), Valdo e Pacheco; Mats Magnusson e César Brito.

Boavista: Alfredo; Casaca, Frederico, Valério e Marcos António; Garrido; Agatão e Phil Walker; Forbs (Parente, 65), Jorge Andrade (Chiquinho Carioca, 80) e Isaías.

Rectângulo amarelo para Magnusson, Frederico e para o eng.º José Manuel Ambrósio (delegado do Boavista), que solicitou uma substituição e depois não a fez no tempo indicado. Golos: Forbs (dois minutos) e Pacheco (67).

Nápoles, Barcelona e Arsenal: clássicos perdem

Manfredonia sofre ataque cardíaco e Futre assina «golo do ano»

A 17.ª jornada do campeonato italiano teve como nota surpreendente a derrota do Nápoles no seu terreno. Desfechos e goleadores: Ascoli, 0-Génova, 0; Atalanta, 0-Fiorentina, 0; Bari, 0 - Milan, 1 (Van Basten 89 minutos); Bolonha, 1 (Nela 55, autogolo) — Roma, 1 (Rizzitelli 89); Verona, 0-Cesena, 2 (Agostini 38 e Turchetta 41); Inter, 2 (Matthäus 27 e Klinsmann 68) — Udinese, 0; Juventus, 3 (Schillaci 29 e 88 e De Agostini 39); Lazio, 3 Amarildo 38 e 81 e Pin 77) — Nápoles, 0; Sampdoria, 1 (Mancini 51) — Cremonese, 1 (Dezotti 49). Classificaçãao: Nápoles, 25 pontos; Inter Milão, 23; Sampdoria, Génova e Roma, 22; AC Milan, 21; Atalanta, Bérgamo, e Juventus Turim, 20; Bolonha e Lazio Roma, 18; Bari, 17; Lecce e Fiorentina, 14; Génova, 13; Udinese e Cesena, 12; Cremonese e Ascoli, 11; Verona, 9.

Lionello Manfredonia, defesa internacional do Roma, foi vítima de um grave acidente cardíaco quando alinhava perante o Bolonha. Aos cinco minutos de jogo, sem ter tido qualquer contacto físico, tombou inanimado, sofrendo uma breve paragem cardíaca. Com perda de conhecimento, foi conduzido a uma unidade hospitalar onde se encontra em estado grave na secção de tratamento intensivo. Os médicos inclinam-se para a hipótese de Manfredonia ter sofrido congestão, face ao frio que se fazia sentir no Estádio de Bolonha.

Espanha: «Barça» imita Nápoles

No seu bonito Nou Camp, o Barcelona foi (sensacionalmente) batido pelo Sevilha, afastando-se mais do topo da tabela. Resultados da 17.ª jornada do campeonato espanhol: Logroñes - Atlético Madrid, 0-2; Real Madrid - Osasuna Pamplona, 4-1; Celta Vigo - Sporting Gijon, 0-0; Maiorca - Athletic Bilbau, 1-0; FC Barcelona - FC Sevilha, 3-4; Real Sociedad - Cádis, 2-0; Oviedo - Valladolid, 0-0; Rayo Vallecano - Málaga, 1-0; Tenerife - Valência, 1-1; Castellon - Saragoça, 2-1. Classificação: Real Madrid, 27 pontos; Atlético, 23; Valência, 22; Barcelona, 21; Osasuna, Oviedo e Real Sociedad, 20; Maiorca, 19; Saragoça e Sevilha, 17; Athletic e Logroñes, 16; Gijon e Castellon, 15; Málaga, 14; Cádis e Valladolid, 13; Tenerife, 12; Celta e Rayo, 10.

Segundo toda a comunicação social espanhola, o golo da autoria de Paulo Futre que abriu a contagem no terreno do Logroñes, foi o verdadeiro **«tento do ano, pelo génio do lance: Futre arrancou em velocidade, fintou três adversários (entre eles o guarda-redes contrário) e à boca da baliza fez um disparo fulminante. Foi o autêntico golo do ano!«** — proclama a Imprensa do país vizinho.

Manfredonia: acidente cardíaco levou-o para os cuidados intensivos de um hospital em Bolonha

O outro tento da equipa dos «colchoneros» foi obtido por Baltasar. A turma do Atlético, dirigida por Javier Clemente, alinhou do modo seguinte: Elduayen; Tomas, Ferreira, Donato e Armando; Alfredo, Pizo Gomez (Marina), Orejuela (Baltasar) e Bustingorri; Manolo e Paulo Futre.

Inglaterra: Arsenal novamente derrotado

A 20.ª rodada do campeonato inglês deu ultrapassagem do Aston Villa ao Arsenal. Resultados e atiradores ao golo: Aston Villa, 2 (Platt 39 e Mountfielde 81) — Arsenal, 1 (Adams 88); Crystal Palace, 1 (Wright 58) — Norwich, 0; Derby, 4 (Pickering 16, Hebberd 26 e 79 e Ramage 89) — Coventry, 1 (Speedie 56); Liverpool, 1 (Barnes 16) — Charlton, 0; Luton, 0-Chelsea, 3 (Kevin Wilson 43 e 67 e Dixon 83); Manchester City, 2 (White 24 e 69) — Millwall, 0; QPR, 1 (Sinton 8) — Everton, 0; Southampton, 2 (Le Tissier 44 g.p. e 59) — Wednesday, 2 (Atkinson 33 e Shirtliff 64); Tottenham, 2 (Lineker 11 e 90) — Nottingham Forest, 3 (Clough 27, Crosby 29 e Parker 70); Wimbledon, 2 (Young 21 e Cork 89) — Manchester United, 2 (Hughes 74 e Robins 75). Classificação: Liverpool, 41 pontos (mais um jogo); Aston Villa, 37; Arsenal, 36; Shouthampton, Chelsea, Norwich City e Tottenham Hotspur, 31; Nottingham Forest, 29; Derby County e Everton, 28; Coventry City, 27; Crystal Palace, 26; Queen's Park Rangers, 25; Wimbledon, 24; Manchester United, 23; Manchester City, 22; Millwall e Sheffield Wednesday (mais um jogo), 21; Luton Town, 20; Charlton Athletic, 16.

Campeonato nacional de andebol

ABC e Académica abriram o livro no capítulo «dragões isolados»

A derrota do Benfica em Coimbra, às mãos da formação da Académica, poderse-á considerar como a nota mais saliente da ronda n.º 17 do nacional de andebol da 1.ª divisão (seniores masculinos), que decorreu na sua (quase) totalidade no passado sábado.

Recordemos que FC Porto e Académica de S. Mamede já tinham derimido armas entre si em 12 de Dezembro, em encontro antecipado desta jornada, no Pavilhão das Antas, com o resultado final de 44-29 a favor dos portistas.

Debrucemo-nos agora sobre os restantes cinco jogos que compunham mais esta etapa da prova mais importante do calendário do nosso andebol. Três encontros chamavam desde logo a atenção de todos os interessados, por motivos diversos. Assim, Académica e Benfica defrontavam-se na cidade do Mondego, com a curiosidade de se ver como os estudantes se vingariam da derrota mínima da 1.ª volta e, ao mesmo tempo, qual o comportamento dos actuais campeões a poderem contar (finalmente) com Paulo Bunze. Após os 60 minutos da contenda, vitória coimbrã por números algo folgados (5 golos de diferença) que já se adivinhavam ao intervalo, com o marcador a acusar 12-8, para os visitados. Destaque para o poder concretizador do internacional estudantil Mário Macedo que apontou 10 golos. No Benfica (que não teve Troffin a orientar no banco, por dificuldades em regressar da Roménia), destaque para o trio de 1.ªs linhas Appelgreeen - Bunze - Covaciu, responsável pela quase totalidade de tentos conseguidos pela equipa. Para a história, eis os nomes dos intervenientes no espectáculo que teve por palco o Pavilhão da Associação Académica (Carlos José e Fernando Humberto foram os árbitros):

ACADÉMICA: Mourão e Pitzov; Apostolov (4), Rui Liberato (1), Mário Macedo (10), Remelhe (3), Rui Aguiar (1), Vítor Lemos (1), José Rebelo (2) e João Wilson.

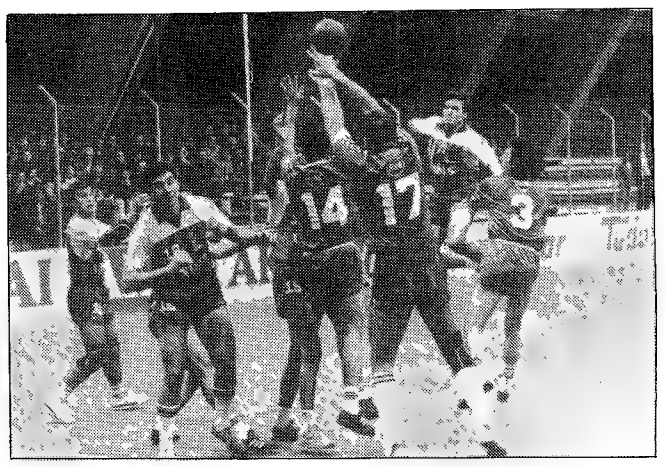
BENFICA: Miguel Fernandes e João Marques; Luís Lopes (1), Appelgreen (6), Covaciu (4), Paulo Cautela, Luís Gomes, Armando Pires (2), Paulo Bunze (3), António Cardoso (1), Rui Ferreira e Emanuel.

Passando para outro prélio em destaque, ABC e Sporting defrontaram-se em Braga, num confronto entre equipas bastante desfalcadas em relação à época transacta, mas a terem comportamentos bem positivos no decorrer da presente prova. Quem arrecadou os 3 pontos em disputa foram os academistas, num resultado que se considera normal, ultrapassando, na tabela classificativa, os homens de Manuel Brito. De realçar a ausência forçada (por castigo) de Jorge Rodrigues nos bracarenses, que tiveram em Marinov (7 golos), Pastor (6) e Alexandrov (5) os elementos de mão mais certeira. No que toca aos leões, Tó Leite, Mário Santos e Alberto Cabaço foram os melhores concretizadores (com 9,7 e 5 tentos, respectivamente) numa turma que, depois de um período de grande ascendente que culminou com a derrota imposta ao Benfica, sofreu dois desaires consecutivos.

Terceira referência para a nave de Alvalade, a funcionar como «casa» do Clube TAP, que recebeu o Belenenses, em jogo de vida ou de morte no que toca a um lugar na fase final. Recuando no tempo (não muito), tinha-se como quase certos os nomes dos oito primeiros classificados que passariam à fase seguinte de disputa pelo título. Só que alguns resultados menos esperados (a vitória da TAP no recinto do Boavista, por exemplo), levou a que os aviadores se aproximassem do 8.º lugar vertiginosamente, pondo em risco, consequentemente, o apuramento do Belenenses. Compreensível, pois, o interesse à roda da partida de sábado, em que só a vitória interessava à formação de José Manuel. E foi exactamente isso o que se passou, fazendo aumentar a emoção nas restantes jornadas (5) que faltam para o final. Com 2 pontos à maior para os homens da Cruz de Cristo, eis o que falta disputar a cada uma das formações: Setúbal e Fafe (fora), Porto, Boavista e S. Mamede (na última jornada) em casa, no que toca ao Belenenses; Sporting e Académica (casa), Benfica, ABC e F. Holanda (na etapa derradeira) como visitante, para a equipa representante da transportadora aérea. Percurso teoricamente mais fácil para os comandados pela dupla Hernâni / Espadinha mas, como sói dizer-se, «até ao lavar dos cestos é vindima» e cada jogo será encarado como uma autêntica final. Florentino Pereira (Porto) e Ramiro Costa (Lisboa) arbitraram, tendo alinhado e marcado:

TAP: Prezado e Pedro Miguel; Sérgio Miranda, João Manuel (1), José Cabaço, José Paias, Paulo Moratore (3), Caldeira (4), Sérgio Canilho (3), Sérgio (1), Janeiro (5) e José Gomes.

BELENENSES: Meira e Hélder Leonor; Maksimovic (7), João Rodrigues, Vítor Cabaço (4), Nuno Infante (1), Sopalovic (1), Luís Gomes, Luís Bentes, Costa Almeida, João Vogado (1) e Pedro Neto.



TAP-Belenenses: triunfo dos «aviadores»

Nos dois restantes jogos, vitórias esperadas do Boavista e Vitória de Setúbal sobre, respectivamente, Francisco de Holanda e AD Fafe. Eis os resultados finais na sua totalidade: Académica, 22-Benfica, 17; ABC, 29-Sporting, 25; Boavista, 29-F. Holanda, 19; TAP, 17-Belenenses, 14; FC Porto, 44-S. Mamede, 29 e V. Setúbal, 22-Fafe, 18.

Consequência principal desta ronda totalmente dominada pelos visitados, o afastamento do FC Porto na tabela classificativa, agora com 3 pontos de vantagem do Benfica. Mas atentemos no escalonamento em pormenor:

	J	V	E	D	P
1.º Porto	17	16	0	1	49
2.º Benfica	17	14	1	2	46
3.º Académica	17	11	1	5	40
4.º ABC	17	10	2	5	39
5.º V. Setúbal	17	9	4	3	39
6.º Sporting	17	10	1	6	38
7.º Boavista	17	4	7	6	32
8.º Belenenses	17	5	2	10	29
9.º Clube TAP	17	5	0	12	27
10.º F. Holanda	17	3	1	13	24
11.º São Mamede	17	2	2	13	23
12.º Fafe	17	2	1	14	22

No próximo fim-de-semana, subirá ao palco a 18.ª jornada que engloba as seguintes partidas: F. Holanda - ABC (23-25 na 1.ª volta), Fafe - Boavista (20-24), Sporting - Académica (14-22), S. Mamede - V. Setúbal (18-21), Belenenses - FC Porto (24-25) e Benfica - TAP (28-23). Especial atenção, pois, às contendas que terão por palco Alvalade, Restelo e Luz.

Jorge Marques

Basquetebol: torneio da RTP

Jogadores e federação continuam de «candeias às avessas»

Decorreu no pavilhão gimnodesportivo da Petrogal, em Santo André, o II Torneio Internacional RTP, que teve a participação da selecção portuguesa e das equipas do Petro Atlético (Angola), Maccabi Haifa (Israel) e do Estrela Vermelha (Belgrado-Jugoslávia). O triunfo pertenceu à forte equipa de Belgrado que, na final, venceu a selecção lusa por 93-86. No confronto para definir os 3.º e 4.º lugares, defrontaram-se o Petro e o Maccabi cabendo a vitória aos israelitas por 70-67. O torneio contou com o apoio da Petrogal, Associação de Basquetebol de Setúbal e o patrocínio da Federação Portuguesa de Basquetebol e da Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

O público demonstrou que o basquetebol é uma modalidade da sua preferência, ao comparecer em elevado número nas três jornadas do torneio e, quanto ao nível técnico, poderá dizer-se que foi francamente positivo revelando que, aos nossos praticantes, falta somente, uma mais intensa participação em provas que integrem equipas de superior bitola.

No encontro com o Maccabi (que Portugal venceu por 103-92) pela nossa turma alinharam e marcaram: Henrique Vieira (2), Seiça (3), Carlos Lisboa (22), Mário Leite (4), Lita (28), Steve Rocha (22), Mike Plowden (22) e Lee (7).

Para a final, lamenta-se a ausência de Lita (falecimento de pessoa muito próxima), o escalonamento e os pontos couberam a: Henrique Vieira (5), Carlos Lisboa (29), Steve Rocha (14), Mike Plowden (11), Lee (15), Miguel e Mário Leite.

A classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	D	P
Est. Vermelha ..	3	3	—	6
Portugal	3	2	1	5
Maccabi	3	1	2	4
Petro Atlético ...	3	—	3	3

À margem do torneio, voltaram a surgir pontos de discórdia entre os jogadores e a direcção da FPB, liderada pelo general Hugo dos Santos, relativamente aos prémios de presença. A ameaça de «greve» chegou a pairar em Santo André, mas o bom senso impediu que tal decisão fosse tomada. Porque anteriormente (na Anadia) andaram «mosquitos por cordas» sobre a mesma questão, estamos em crer que os dirigentes federativos persistem numa teimosia que a qualquer momento poderá gerar conflito grave. O general Hugo dos Santos declarou (RTP) a propósito do conflito que **«os jogadores deveriam abdicar de muitas coisas só pela honra de envergar a camisola das quinas».** Trata-se de uma tese fincada em preceitos ligados ao passado, já que os atletas exercem no basquetebol a sua actividade profissional e terão que ser justamente recompensados, quer estejam ao serviço dos clubes quer sirvam a selecção nacional, ainda que, neste caso, tenham um valor acrescentado que é a honra a que se refere o general-presidente. Servir o País representa orgulho, mas o País não deverá pagar aos seus servidores? Miranda Calha, quando secretário de Estado dos Desportos, estabeleceu uma «bolsa» para os atletas que conquistassem títulos europeus e mundiais, mas pelos vistos há quem pense que as medalhas são o bastante. Ficamos por aqui.

A. Nobre

Bibliografia

«Jornal do Ténis»

Um ano em revista: propósito (alcançado) por João Lagos no seu «Jornal do Ténis», onde assumem papel relevante trabalhos de Hugo Ribeiro (nosso colaborador), Rui Oliveira, Carlos Figueiredo, Avelãs Coelho, Carlos Flórido, Jorge Dias, Luís Sousa e outros impulsionadores de uma disciplina desportiva que continua ultrapassando metas.

Rali Paris-Dakar

Peugeot «reina» no desporto

O finlandês Ari Vatanen (carros) e o francês Cyril Neveu (motos), continuam a liderar a classificação do Rali Paris-Dacar, após a 4.ª etapa, disputada entre Sabha e Tumu, na Líbia. Vatanen ao volante de um Peugeot, tem, agora, 48 minutos e 7 segundos de avanço sobre o seu mais directo seguidor, o sueco Bjorn Waldegaard (Peugeot), enquanto o 3.º classificado (o francês Philippe Wambergue-Peugeot) se encontra a cerca de duas horas do líder.

Nas motos, Cyril Neveu (Yamaha), comanda com um minuto e 58 segundos de vantagem sobre o seu compatriota Stephane Peterhansel.

Carros: 1.º, Ari Vatanen, Finlândia, Peugeot, 4:49,03 horas; 2.º, Bjorn Waldegaard, Suécia, Peugeot, a 48.07 minutos; 3.º, Philippe Wambergue, França, Peugeot, a 1:51.02; 4.º, Salvadore Servia, Espanha, Range Rover, a 2:46.18; 5.º, Andrew Cowan, Inglaterra, Mitsubishi, a 2:49.22; 6.º, Henri Pescarolo, França, Range Rover, a 3:34.59; 7.º, Alain Amrosino, França, Peugeot, a 3:37.13; 8.º, Raoul Raymondis, França, Range Rover, a 4:00.48.

Motos: 1.º, Cyril Neveu, França, Yamaha, 18:08.49 horas; 2.º, Stephane Peterhansel, França, Yamaha, a 1.58 minutos; 3.º, Gilles Picard, França, Yamaha, a 10.02; 4.º, Carlos Mas Samora, Espanha, Yamaha, a 12.48; 5.º, Edi Orioli, Itália, Cagiva, a 15.21.

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - céu muito nublado. Períodos de chuva começando no Minho e Douro Litoral duranta a manhã e estendendo-se às regiões do Sul até ao fim da tarde e vento fraco a moderado de Sul. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros na Costa Ocidental e ondulação de Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

AÇORES

Céu muito nublado com abertas para a tarde. Vento Sudoeste moderado a forte, rodando para Noroeste gradualmente, do grupo Ocidental para o Oriental a partir da madrugada. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Para amanhã: Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado,. rodando para Sudoeste no Grupo Ocidental durante a madrugada. Aguaceiros fracos.

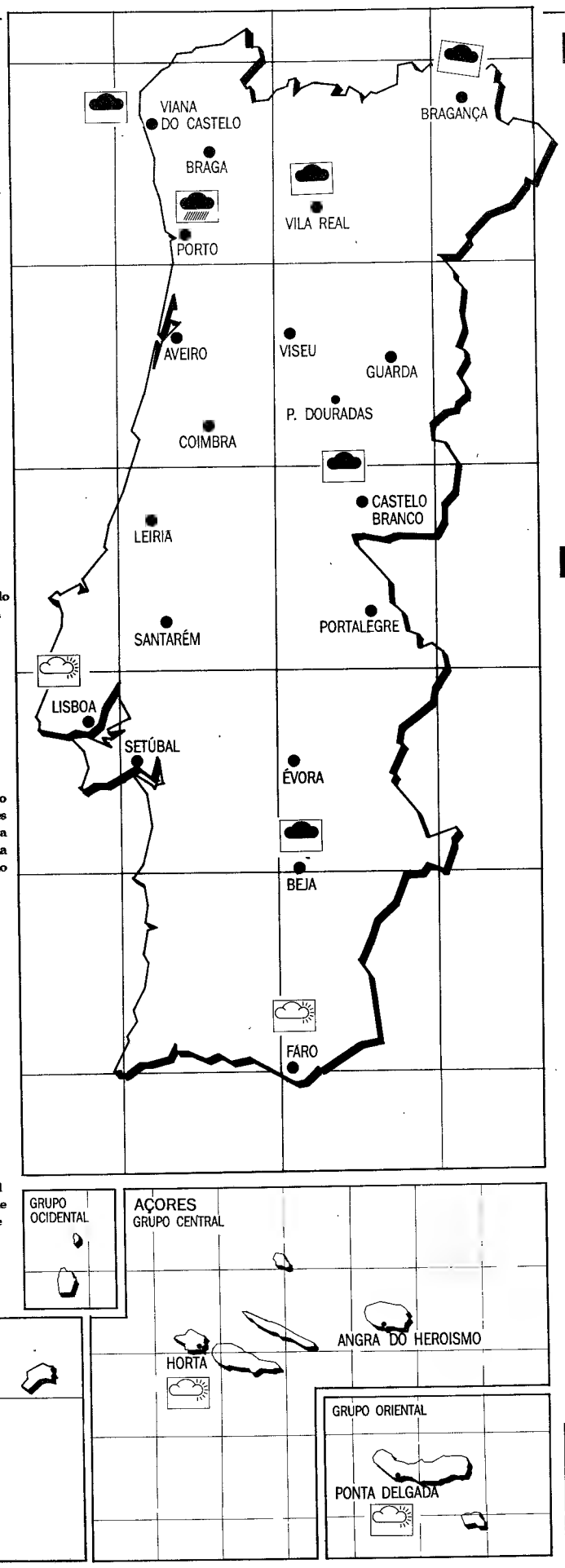
MADEIRA

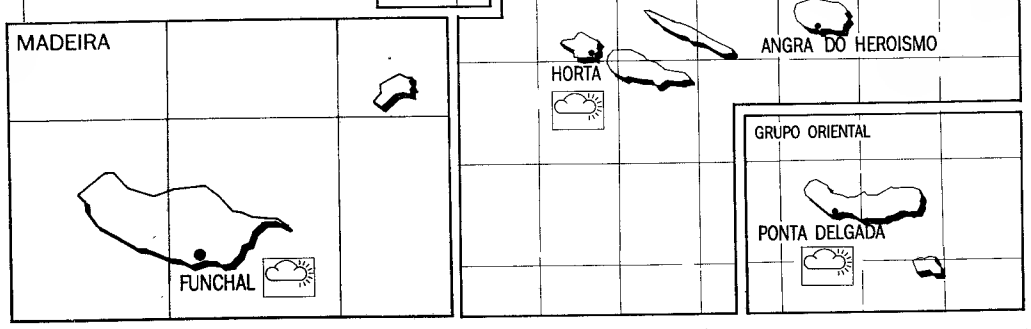
Períodos de céu muitoi nublado. Vento fraco. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas ao Norte. . Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 3 a 4 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul

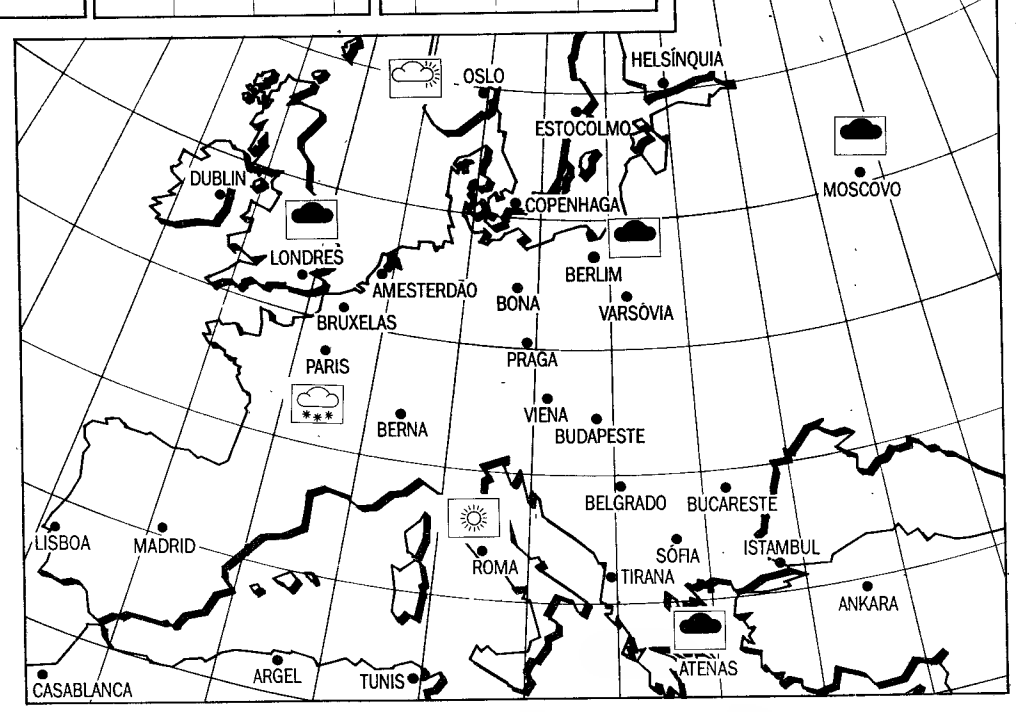
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas a Norte..

AMANHÃ

No Continente: Céu muito nublado a encoberto. Vento fraco soprando por vezes moderado do quadrante Noroeste no litoral Oeste. Períodos de chuva ou aguaceiros, que serão de neve nas terras altas. Possibilidade de trovoadas.







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.15	3,7m	--	--
18.43	3,4m	12.07	0,9m

Amanhã

07.00	3,6m	00.22	1,1m
19.32	3,3m	22.58	1,0m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	-2	-2	Nevoeiro
V. Castelo	4	6	P. nub.
Vila Real	1	1	Limpo
Porto	5	5	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	4	4	Nevoeiro
C. Carvoeiro	10	11	P. nub.
C. Branco	3	4	P. nub.
Portalegre	5	5	Limpo
Lisboa	6	7	Neblina
Évora	6	6	Limpo
Beja	6	7	P. nub.
Faro	7	8	P. nub.
Sagres	8	8	P. nub.
P. Delgada	9	10	Aguaceiros
Horta	10	12	Aguaceiros
Funchal	13	15	P. nub.
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 13; Faro, 17; P. Delgada, 14; Funchal, 18.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	5	Nevoeiro
Londres	0	1	Nevoeiro
Paris	-2	1	Nevoeiro
Bruxelas	0	0	Chuvisco
Amesterdão	0	0	Chuvisco
Genebra	-1	-1	Neblina
Roma	3	3	Bruma
Oslo	-6	-6	M. nub.
Copenhaga	-1	-1	M. nub.
Estocolmo	-6	-6	Bruma
Berlim	-2	-2	Encoberto
Viena	-2	-2	Encoberto
Varsóvia	-2	-2	Neve
Atenas	9	9	M. nub.
Moscovo	-6	-6	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-5	3	Limpo
Houston	5	13	Chuva
Los Angeles	10	15	Aguaceiros
Montreal	-4	3	Limpo
Nova Iorque	-3	4	Limpo
S. Francisco	7	12	Limpo
Toronto	-8	2	Encoberto
Vancover	6	9	Encoberto
Washington	-4	4	Encoberto
Hong Kong	9	17	P. nub.
Melbourne	8	22	P. nub.
Pequim	-8	2	P. nub.
Perth	14	25	Limpo
Singapura	24	31	Trovoada
Sydney	17	28	V. fraco
Tóquio	3	9	Encoberto
Wellington	8	17	V. forte

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

TOTOBOLA

O FIM DA EFTA

— prevê um ministro norueguês se cair a saída da Inglaterra

INFELIZMENTE A PAZ É UMA META MUITO DIFÍCIL DE ATINGIR

ABOLIDAS AS RESTRIÇÕES ÀS DESPESAS DE TURISTAS INGLESES

AINDA É POSSÍVEL CONCORRER

O fim da Efta

Koare Willoch, ministro norueguês do Comércio e Navegação, afirmou que a Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA) deixará de existir se a Grã-Bretanha entrar para o Mercado Comum. Se a Noruega permanecer afastada de uma Comunidade Económica Europeia alargada, «não só ficará fora do Mercado Comum como também da EFTA, disse o ministro numa entrevista que concedeu em Oslo. Os países membros da EFTA são Portugal, a Grã-Bretanha, a Áustria, a Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Suiça.

Poesia por telefone

Um serviço telefónico de poesia, o primeiro do seu género na Grã-Bretanha, começará a funcionar em Cardiff no próximo mês, segundo foi revelado hoje. Todas as semanas, 24 horas por dia, assinantes poderão ouvir um poeta diferente lendo a sua obra. Para isso, basta discar um número. O Conselho Galês de Arte, que patrocina o serviço para tornar popular a poesia do País de Gales, vai gastar 400 libras (28 contos) para o organizar e espera conseguir cerca de 300 assinantes todas as semanas.

Brasil: avião assaltado

Um avião comercial brasileiro, com 28 pessoas a bordo, foi assaltado a noite passada pouco depois de ter desloacado de Montevideu (Uruguai). O avião, um jacto "Caravelle" da Companhia Cruzeiro do Sul, aterrou em Buenos Aires para se reabastecer de carburante. De momento, não se conhecem mais detalhes.

EFEMÉRIDES

1905

Os russos rendem-se e entregam a cidade de Port Arthur, na Manchúria, aos japoneses.

1908

Morre D. João da Câmara, dramaturgo, poeta e romancista.

1932

É proclamada a República da Manchúria.

1933

Iniciam-se as sublevações de anarquistas e sindicalistas em Barcelona.

1942

A designação «Nações Unidas» é utilizada pela primeira vez num documento oficial.

1955

Morre o general Norton de Matos, administrador ultramarino e fundador da cidade de Nova Lisboa (actual Huambo) em Angola.

1959

A União Soviética lança o foguete «Lunik», o primeiro dirigido para a Lua.

1975

Morre, em Évora, o escritor Hernâni Cidade.

1978

Na Espanha, o governo aprova o regime autónomo do País Basco.

1980

O presidente Ramalho Eanes visita os Açores para avaliar a extensão dos prejuízos causados pelo sismo de 1 de Janeiro na ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge.

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chelas - Col. Valsassina:** Santos Silva, Zona N 2 - Chelas - Bloco III - Lt. 226 - Lj. 22, Tel. 7590969; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Feira Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vialobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santo André, 107, Tel. 860450; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Roma - Teatro Maria Matos:** São João Deus, Rua Pedro Ivo, 1 A-B, Tel. 885140; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Domingos Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B. Caixas Previdência, Bloco A, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Modorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476362. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J. A., 15, Tel. 26011. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Tel. 280078. Permanente.

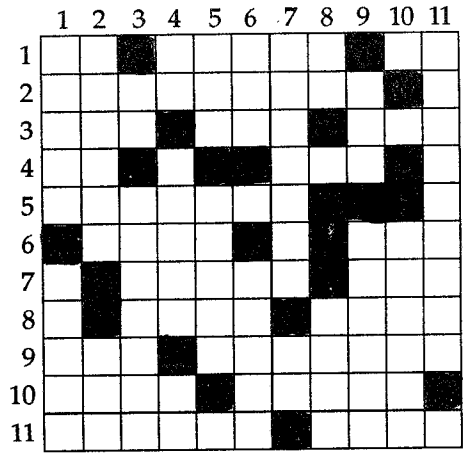
LINHA DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61, Tel. 4378402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 204016. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073017. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B. Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2531192. Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lt. 401, Tel. 2216355. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz - Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; Montijo: Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Sália, P. Bocage, 96, Tel. 22484. Permanente; Cunha Pinheiro, Est. Canarinha, 32, Tel. 29215. Permanente; Higiene, R. Frei Agostinho Cruz, 51, Tel. 22408. Até às 22 h.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17827

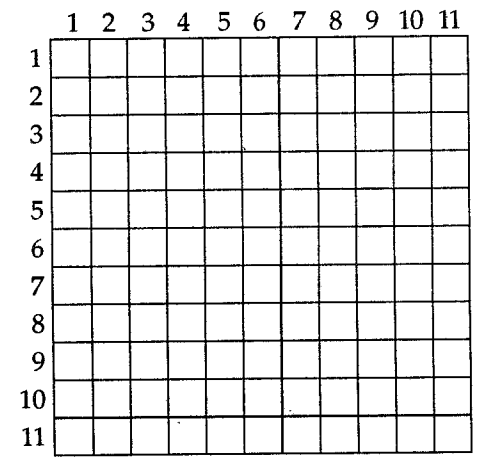
HORIZONTAIS:

1 Preposição. Escuridão. Crença.
2 Tornaras loiro.
3 Fluido aeriforme. Antiga capital da Birmânia. Donzela de Orleães.
4 Sufixo que designa estado. Ave brasileira semelhante ao Zabelê.
5 Antiga colónia alemã da África Austral, submetida a mandato da República da África do Sul em 1920.
6 Oportunidade. Marisco do Senegal e Cabo Verde.
7 O bicho-da-seda. Bigorna de aço sem hastes.
8 Rosto. Rã (pop.).
9 Claridade. Metido em atoleiro.
10 Edifício. O pôr do Sol.
11 Apelido. Nome de flor.

VERTICAIS:

1 Deus agrário dos filisteus e fenícios. Completos.
2 Prenderam com elos. Conc. do distrito de Cabo Delgado.
3 Artigo definido. Cidade da Argélia.
4 Níquel (s.q.). O Arão da Bíblia. Clima.
5 Agora. Voga.
6 Tempo do verbo ir (inv.). Serra do estado da Baía.
7 Imperador romano, sucessor de Nerva. Ondas curtas.
8 Duas vogais desiguais. Içar.
9 Sadio. Demora.
10 Cor entre o preto e o branco (pl.).
11 Tirarão as escamas a.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16637

HORIZONTAIS:

1 Em Goa, herdeiro. Deixar de andar.
2 Comprara.
3 Dai mios. Guarnecem de arames.
4 Antes do meio-dia. Nivelara.
5 Utensílios domésticos. Vagabundo.
6 Cério (s.q.) Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Brisa.
7 Faleceis. Ilha de Cabo Verde.
8 Tempo do verbo ir.
9 Transferes para outro dia. Cures.
10 Batráquio. Tocas de leve. Em a.
11 Armaria (abrev.). Adoçadas com mel.

VERTICAIS:

1 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Vendera a crédito.
2 Prefixo de negação. Roubar (pop.).
3 Magnete natural. Tirai a pele a.
4 Antiga medida agrária. Aparência.
5 Irídio (s.q.). Uma das partes do Mundo. Ruído.
6 Cabelos brancos. Sete em romano. Cério (s.q.).
7 Impedias de andar. Chiste.
8 Ave trepadora. Vivenda.
9 Latadas.
10 Cólera. Eia!
11 Românico (estilo). Molestas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17826

HORIZONTAIS: 1-DE.MAU.GRÃO. 2-Assaltaram. 3-Aliaras. 4-Aditar. Na. 5-Se. Ás. Garbo. 6-Cia. Mad. Or. 7-Olaia. Na. Mr. 8-Arcole. 9-Noa. Sica. Pr. 10-Ultra. Ma. 11-Ou. AAA. Amos. VERTICAIS: 1-Damasco. NÃO. 2-És. Deilão. 3-SAL Aarau. 4-Malta. CL La. 5-Aliás. Aosta. 6-Utar. Lira. 7-Ar. Ganeça. 8-Granada. 9-Rasar. Mm. 10-Am. BOM. PÃO. 11-Ocorrer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16636

HORIZONTAIS: 1-Garra. Sofia. 2-Amais. Atuar. 3- Tão. Lar. 4-Amas. Napo. 5-Mós. Ame. Sãs. 6-Alaga. 7-Ari. Ira. Ala. 8-Ramas. Socar. 9-Oras. Mo. 10-Calares. Lua. 11-Ama. Ela. VERTICAIS: 1-Gabam. Araca. 2-Am. Moira. 3-Ratas. Imola. 4-Rias. Aram. 5-Aso. Alisara. 6-Omar. Sé. 7-Sal. Egas. Se. 8-OTAN. Mo. 9-Furas. Acolá. 10-Ia. Paula. 11-Arcos. Arras

PROVÉRBIO: DE MAU GRÃO NÃO SAI BOM PÃO

Farmácias
CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS
MÉDICO DE URGÊNCIA
766171
766178
766179
Farmacias

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral e 99.4 em FM Zona de Lisboa

10.00: Os Tons da Manhã; **14.00:** O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Ântena 1 - Regiões (2.ª edição) - Informação; **17.15:** Porto d'Abrigo - RDP Norte;

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio (2.ª edição) - Informação desportiva; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz do Solidariedade - Programa da Embaixada de Cabo Verde; **21.00:** Música Portugesa; **21.30:** Imaginário; Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 Estéreo

17.00: Efemérides; **17.30:** O Timbre e a Forma; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As 10 Sonatas para piano, de Scriabine; **19.30:** Álbum Musical - Obras de Sibelius, Corelli, Tchaikovsky, Verdi e Telemann; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Música; **21.30:** Duas Obras Contemporâneas; 23.00: Eurorádio - O Festival de Schleswig-Holstein, 1988, em gravações cedidas pela Rádio Norte da Alemanha - Recital de piano por Stalisnav Bunin - Seis sonatas de Domenico Scarlatti - Concerto italiano em fá maior, BWV 971 de Bach - Concerto em fá maior para flauta de bisel, cordas e contínuo de Sammartini - Carnaval de Viena op. 26 de Schumann - Dois improvisos de Chopin; **00.20:** Música de câmara de Franz Schubert; **01.25:** Serenata para tenor, trompa e cordas de Britten; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283,290 e 397 m

17.00: Contactos; **19.00:** Peça que a gente passa **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico: **02.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo 97,4 MHz

16.00: Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - O Outro Canal - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço (*); **19.00:** Alentejo em notícia;

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço (*); **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LISBOA

18.00: Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço (*); **19.00:** Leiria 89.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Filme de Robert Zemeckis com Michael J.Fox e Christopher Lloyd.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de vYS.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
O MEU AMIGO MAC
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5
OS CAÇA FANTASMAS II
Um filme de Ivan Reitman.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Andie MacDowell.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
OS MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos.
Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SENHORA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

Em exibição na Sala 4 do Quarteto
M/12
Puḅ.
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
THUNDER 2 - O REGRESSO DO GUERREIRO
Filme de Larry Luoman c/ Mark Gregory e Raimond Harmstorf.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
PARAÍSO CARNAL
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
BATMAN
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
ATIRAR A MATAR
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
BATMAN
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
BATMAN
Filme de Tim Burton com MichaelKeanton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
O ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO TUFURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
De Charles Dikens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30 e 19.00 horas
O VELHO GRINGO
Às 21.30 horas

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O BRAÇO DA VINGANÇA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
FÉRIAS DELIRANTES NO HAVAI
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

"Regresso ao Futuro II" de Steven Spielberg

CARTAZ

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPENSAS
De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
CEGOS SURDOS E LOUCOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O ÁS E O JOKER
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A MOSCA II
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CINE ESTÚDIO LIDO
Encerrado temporariamente

CACÉM-ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
Encerrado p/ descanço do pessoal

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Mairoes de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

M IRAMAR 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

ALMADA A C A D E M I A ALMADENSE
Telef. 2752127
CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

I N C R Í V E L ALMADENSE
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COVA DA PIEDADE CLUBE DESPORTIVO PIEDENSE
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos.

TEATRO

L I S B O A

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas com Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

A BARRACA - CINEARTE
Largo de Santos, nº2 - Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

TEATRO DO CASINO DO ESTORIL
Telef. 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
(Curta série de representações)
De Edwuard Bond com Fernanda Alves e Isabel de Castro

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
SALA 1
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Domingos às 17.00 horas.
PÉCORA de Natália Correia.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Av. Fausto Figueiredo, Monte Estoril - Telf. 2670320.
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
A MORTE DE DANTON
De George Buchner.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas; Domingo às 16.00 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO DA POLITÉCNICA
Rua da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingo às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª à 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados às 16 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - Telef. 542249
De 3ª a 5ª às 21.30; 6ª e Sábados às 19.00; Domingo às 17.00 horas.
BALANCÉ
De William Gibson.

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Domingo às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Um espectáculo de Mário Viegas.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

COLISEU DOS RECREIOS
R. das Portas de Santo Antão - Telef. 3461997
Todos os dias às 21.30; 5ª às 16.00 horas; Ano Novo às 14.30, 17.00 e 21.30 horas.
CIRCO DE NATAL

CIRCO CHEN
Campo Pequeno
O MUNDO DAS MARAVILHAS

CIRCO DE NATAL
Ringling-Circus - Praça de Espanha às 15.30 e 21.30 horas.

FEIRA POPULAR
Irmãos Cardinali, apresentam o circo Gigante das 3 pistas.

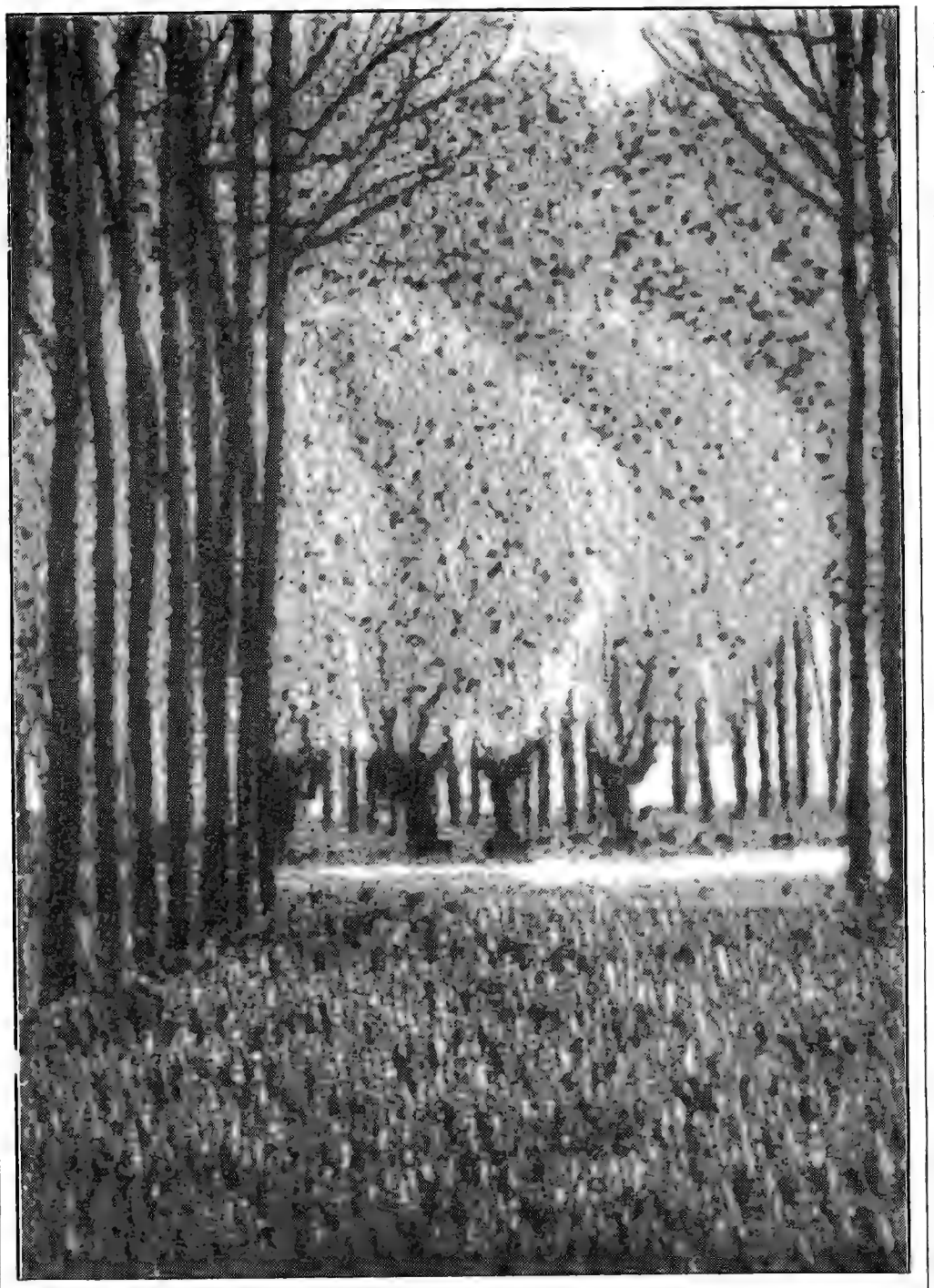
EXPOSIÇÕES

L I S B O A

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.
PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 10 de Janeiro, "Coco Frois David".
GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 5 de Janeiro, pintura dos finalistas da Escola Superior de Belas Artes do Porto "ESBAP 89".
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 6 de Janeiro, Joalharia Contemporânea e obras de Ângelo de Sousa.
GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 7 de Janeiro, uma exposição de peças únicas em cristal superior da designer Niza de Melo Falcão.
CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195-D): até 5 de Janeiro uma Exposição Antológica de Cruzeiro Seixas, "Prémio Artista do Ano 1989".
GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Fernando Ançã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.
EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.
GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 6 de Janeiro, Cerâmica de Miguel Figueiredo.
GALERIA NARTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 5 de Janeiro, uma colectiva de Pintura de Augusto Barros, Guilherme Parente, Maria José Camões e Rico Sequeira.
HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16

CARTAZ

às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestrs, 34-A): até 4 de Janeiro, Pintura e Desenho de Pedro Saraiva.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestres, 34-A): até 3 de Janeiro, pintura e desenho de Pedro Saraiva.
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 8 de Janeiro, a exposição de Fotografia "O modelo visto pelos pintores", de Hervé Dangla.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
CASA DO HUMOR (Museu Raphael Boldallo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humor - caricaturas de artistas brasileiros e portugueses.
HOTEL MERIDIEN-LISBOA: até 31 de Dezembro, Pintura de Mário Silva. No Pátio, até 14 de Janeiro (excepto nos dias 31 e 1), Pintura de José Manuel Soares e Ângela Vimonte.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.
GALERIA NASONI/ LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): até 7 de Janeiro, Pintura de João Vieira.
GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen
SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores do Manuel Pardo.
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.
PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 6 de Janeiro, Pintura de João Viola subordinada ao tema "Verdes do Outono de Sintra" no Espaço "Ucharia Real".
GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.
HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMADA: até 6 de Janeiro, uma exposição dedicada a nova joalharia, promovida pela Escola/ Galeria Contacto Directo em colaboração com a Câmara de Almada.
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.
GALERIA ARTE & VIDEO (C. Comercial Piedense-Cova da Piedade): até 6 de Janeiro, a colectiva de Pintura "Almada em várias cores".
BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 15 de Janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".
GALERIA VORAGEM (Av. da República da Guiné-Bissau, 28- Setúbal): até 4 de Janeiro, a colectiva "17 Artistas do Distrito de Setúbal".



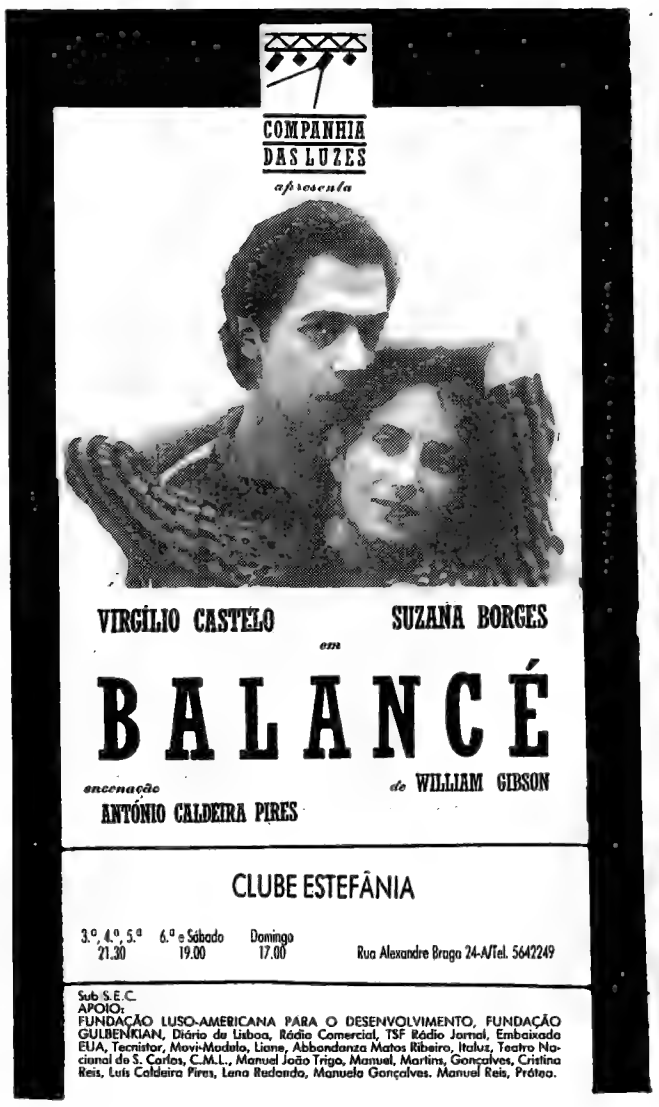
«Paisagens» de Olivero Masi, na Galeria Príncipe Real

Lima, 8-junto ao Cinema Quarteto): até final de Dezembro, das 12,30 às 15 e das 19 às 22, uma colectiva de Pintura com obras de Adão Rodrigues, Alfredo Pais, António Sem, Artur Bual, Graça Arima, Helena Justino, Helena Sam Payo, Louro Artur, Miguel Barbosa e Ribeiro Farinha.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.

POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura e escultura de Lívio Morais.

ARREDORES

RESTAURANTE AVANT GARDE (R. da Saudade, 6-Cascais): "Multiples" de Ormond Fannon.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Janeiro, das 15 às 24 horas, o "Salão de Pequeno Formato. No Espaço 2, até 2 de Janeiro , com o mesmo horário, óleos do artista espanhol



SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

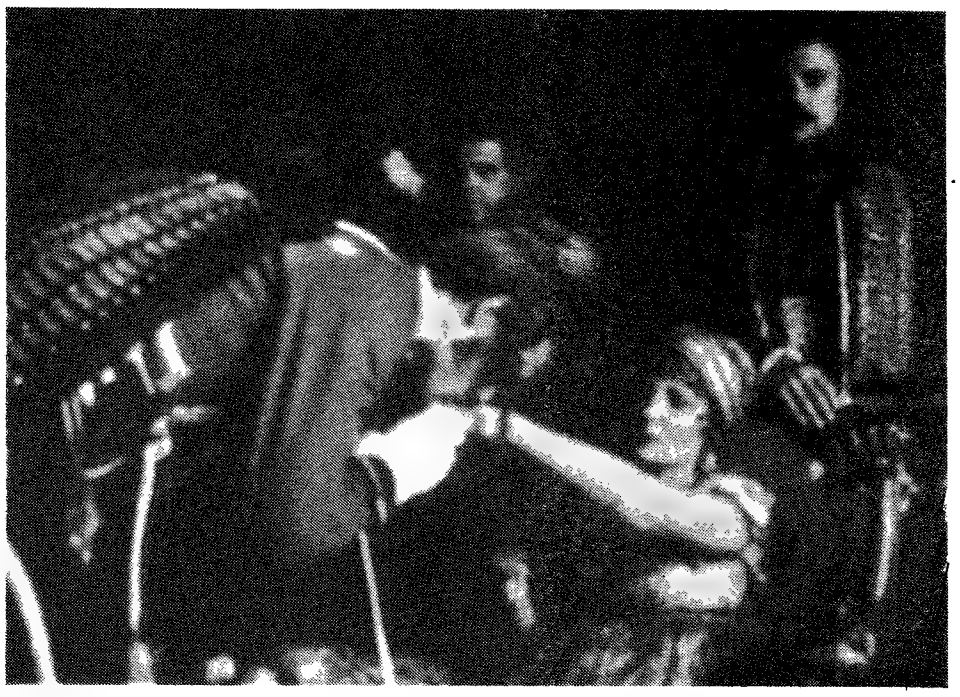
HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, Decimal-A Baleria, O Urso Bolke, Os Amigos de Ovide e As Aventuras de Puchi
18.25 - RUA SÉSAMO

«Rua Sésamo», no 1º Canal a partir das 18.25

18.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.20 - VALE TUDO
21.15 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.45 - PRIMEIRA PÁGINA
22.45 - CRÓNICA DO CRIME
16º episódio: Torello e Krycheck deixam Chicago e vão até Las Vegas. Logo à chegada, dão de caras com Al, elemento ligado ao mundo do crime e que trabalha por conta de Luca. Ao ser informado da presença do tenente Mike Torello naquela cidade, Luca manda chamar Kordo e Goldman a fim de decidir a melhor atitude a tomar. Torello tenta convencer Davis a participar num plano que logre apanhar Al nas malhs da Lei.
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

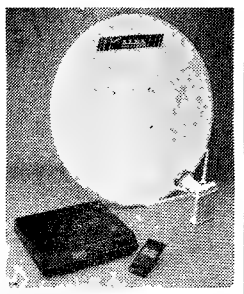


Em «Cinemadois», no 2º Canal às 21.30, «O Duelo»

RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇAS FANTASMAS
6º episódio: Kenny e Megan oferecem todas as suas economias do seu porquinho-mealheiro aos Caças Fantasmas para que eles os libertem do Boogyman, que não é propriamente um fantasma, mas o chamado «papão». Os Caça Fantasmas começam por troçar dos miúdos, mas acabam por ajudá-los.
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
Série documental
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
9º episódio da série extraída do livro homónino do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos: Paulo, pai de Zezé, é expulso do bar por Diogo, que o agride. O miúdo presencia tudo e, com a ajuda de Henrique, leva-o para casa. Caetano está a conversar com Jandira, quando eles chegam a casa e Paulo conta o que se passou. Caetano dirige-se, furioso, a casa, e ajusta contas com Diogo.
18.40 - VIA RÁPIDA
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - CINE MAGAZINE
20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«O Duelo» : um filme de Ridley Scott, com Keith carradine, Harvey Keitel, Albert Finney, Edward Fow e Christina Raines. No cenário de violência e morte que atravessa as guerras napoleónicas, dois oficiais do exército francês mantêm vivo um conflito cuja origem permanece envolta no mais estranho mistério.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ, COM RUA SÉSAMO
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - COLT EM ACÇÃO
14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15 - UM OLHAR SOBRE A NATUREZA
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.25 - RUA SÉSAMO
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - LOTAÇÃO ESGOTADA
O Navio
23.30 - 24 HORAS
00.45 - REMATE

RTP-2

15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS CAMPBELLS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - DESCOBERTAS SUBAQUÁTICAS
19.30 - OS CLÁSSICOS DA TV
20.20 - LUSITÂNIA EXPRESSO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - MELIES 88
22.30 - A REVOLUÇÃO GENÉTICA
23.30 - MÚSICA NA AMÉRICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
RTP 2
PP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.
DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Em 1991, o PSD terá de fazer uma aliança pós-eleitoral com o CDS.»

Álvaro Barreto, «O Jornal», 29.12.89

A PERGUNTA DO DIA

Mota Amaral
presidente do PSD -Açores

Face aos últimos resultados eleitorais, o que é que vai fazer para recuperar a confiança do eleitorado?

«Trabalhar mais; explicar-me melhor. A questão não é exclusiva nem sequer principalmente pessoal. Quem fica na primeira linha de combate são os militantes e simpatizantes sociais-democratas, eleitos para as autarquias açoreanas, em situação maioritária ou com oposição.

Como líder do PSD/Açores, cabe-me, porém, lançar a palavra de ordem - e dar o exemplo. Concorremos para ganhar. E é mais agradável ganhar do que perder. Da nossa derrota nas eleições para as Câmaras - saímos vitoriosos nas eleições para as assembleias municipais e de freguesia e continuamos a ter, com 49,2 por cento dos sufrágios expressos, mais votos do que todos os outros partidos juntos - saberemos tirar as devidas lições.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

A geografia da mudança - suplemento Anos 90

Os portugueses e o dinheiro: amealham e não semeiam

1989 nas revistas internacionais: uma colheita inesquecível

As crónicas de Joaquim Letria e de Eduarda Dionísio

ENTREVISTA

Vítor Melícias é o provedor da Misericórdia de Lisboa. Padre, franciscano, bombeiro, começa o dia rezando a missa das sete. É um homem mundano «no sentido de viver os problemas do mundo»

«Não quero possuir nada»

D.L. - O que é que faz um provedor?
V.M. - O provedor... provê. E enquanto administrador deve criar condições para que os serviços funcionem.
D.L. - E funcionam?
V.M. - Não tanto quanto o provedor quereria, mas vão funcionando. Ou seja, o provedor trabalha de sol a sol para que os serviços possam trabalhar em condições. Ainda não trabalham nas condições que o provedor deseja e que são possíveis, mas trabalha em termos que já são apreciáveis.
D.L. - Ser franciscano ajuda-o a ser provedor?
V.M. - Muito. Porque o franciscano é um homem desprendido, disponível e alegre. E o provedor precisa de não ter interesses seus, pessoais, de estar permanentemente disponível e de ter uma boa dose de optimismo para ultrapassar as coisas negras que a vida tem e que as situações reais que se lhe apresentam acarretam consigo.
D.L. - Mas também tem coisas boas a vida. E há quem o acuse de ser mundano?
V.M. - Mundano... Sou mundano no sentido de viver os problemas do mundo e as reacções dos homens. Não no sentido de deixar de lado os valores espirituais, os valores superiores da vida. Mas considero que o homem que vivesse só os valores do espírito, do sobrenatural e do além não era um homem. Eu sou e dou graças a Deus por ser homem, muito homem, vivendo com os homens a vida difícil, mas bonita, que os homens levam.
D.L. - Considera-se materialmente pobre?
V.M. - Sou efectivamente pobre. Não tenho direito de propriedade e não possuo nem quero possuir nada. Mas tenho, por condições da vida, acesso a bens e ao consumo de bens que infelizmente pelo menos metade da população não tem. Ou seja, sem ter direito de propriedade tenho - Deus bendito - alimento bom, amigos, que eu gostava que todos tivessem.
D.L. - Que situação encontrou quando veio para a Misericórdia de Lisboa?
V.M. - Encontrei uma situação de grande esperança, de enorme expectativa e de uma consciência da necessidade de profundas mudanças. Infelizmente e contra a minha vontade, não foi ainda possível iniciar de forma sistemática essas mudanças. Penso também que toda a percipitação, todo o afogadilho em realizar mudanças profundas numa instituição com 500 anos é um erro. Comigo, ou sem mim, a Misericórdia vai ser mudada, mas fazê-lo apressadamente é um erro desastroso.
D.L. - Costuma falar na «Casa dos Pobres». Como é que vão os pobres?
V.M. - Os pobres vão pobres...
D.L. - Continuam pobres...
V.M. - Continuam pobres. Esta casa, que é a casa dos pobres, já tem criado parcelarmente melhores condições de apoio aos pobres. Mas são necessárias as tais mudanças de fundo para que os pobres possam encontrar aqui a sua casa. Se bem que, o problema da pobreza não pode ser resolvido apenas por uma instituição. É um problema de toda a sociedade, é um problema do Estado, de todas as pessoas e não é fácil resolvê-lo. Porque são pelo menos um terço os portugueses que se encontram abaixo da linha técnica de pobreza. E as soluções desenvolvimentistas por que se tem optado, independentemente dos partidos que estão no poder, não são, a meu ver, soluções que, de imediato, vão resolver o problema.
D.L. - Que solução então?
V.M. - Uma solução de políticas sociais, económicas, que sejam de médio e longo prazo visando a irradicação da pobreza nas suas causas. Porque não é com soluções assistencialistas que o problema da pobreza se resolve. Os pobres há que os tirar da pobreza e não que os alimentar enquanto permanecendo pobres.

A. J. T.

meteorologia

Não é por causa de oficiais de grafologia que se pode verificar a lenta inverção de tendência relativa à escrita. Antes é uma espontânea reacção contra o bater à máquina impessoal de mensagens neutralizadas, quer sejam mensagens escritas nas máquinas arqueológicas ou nas electrónicas; antes uma reacção contra os telex, contra os telefax, contra os computadores. O *manuscrito* volta a ser feito por *menu*, isto é, pela própria mão: contra o uniforme, contra o mecânico, contra o desalmado.

Vejamos os sinais disso: os cartões de Natal que recebi, desta vez em número maior, não foram impressos como *greating seasons* e afins, mas escritos pessoalmente. As ementas de bens reestruturantes e até dos outros começam a ser caligrafadas ou preenchidas com gatafunhos. Nas lojas que há pouco vi no estrangeiro, as mensagens verbais são pintadas e não impressas. Os especialistas de caligrafia em França não têm mãos a medir ou para escrever ou para ensinar os alunos: o novo *akido* dos dedos da esttética privada está na moda. Vendem-se até os cadernos que ajudem a procurar a caligrafia adequada.

A representação da palavra do pensamento transmite-se cada vez mais artesanalmente. Ter uma bela escrita, isto é, uma escrita de carácter pessoal, reconhecível como tal, manejar um instrumento firme apropriado, estabelecer uma harmonia entre as letras e eu não pertence só aos saudosistas. Realizar o acto de escrever compromete mais. Grafismo comprometedor é a nossa futura tarefa. Só assim passa pelos textos. .O segredo, o lado inconfundível, o psicofísico do eu. Só assim será compreendido (*)

Também as meteorologias escrevo à mão. Espero que o facto seja evidente.

O facto de depois o passar à máquina não conta: é apenas ajuda para os agentes de transmissão cujo tempo é curto.

O jornalismo não é paleografia.

Mas o actual título «Diário de Lisboa» é escrito e pintado.

(*) «Poemas Escritos à Mão», as luminosas sombras, a arquitectura de silêncio, da antologia de Fernando Echevarria, «Poesia, 1956-1979», na belíssima edição de Afrontamento. Desafio o vizinho Suplemento Literário a ver o livro mais de perto.

VAI ACONTECER

Quinta e sexta-feira a Orquestra Gulbenkian vai dar dois concertos, no Grande Auditório da Fundação, sob a direcção de Frans Bruggens. Actuará como solista o pianista Ronald Brautigam. Os programas incluem obras de Mozart, Beethoven e Haydn.

Frans Bruggens é professor no Real Conservatório de Haia e é tido como um especialista em reportório do século XVIII. Estes concertos integram-se na temporada de música e dança da Fundação Calouste Gulbenkian, a decorrer até final de Março.

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

Suplemento do «Diário de Lisboa» de 2 de Janeiro de 1990

DL ESPECIAL ANOS NOVENTA 1.

Os grandes factores da mudança

Anos 90: uma imagem plausível

Manda o rigor dizer-e di-lo um rigoroso colaborador destes suplementos - que a década começa em 1991 e não em 1990, porque o primeiro ano foi o 1 e não o 0. Mas nem sempre o rigor é persuasivo.

Dificilmente se fará crer, muito menos sentir, que 1990, sendo o primeiro dos anos que se escrevem com 9, pertence ainda à 198ª década, embora isso seja inegável, à luz da lógica decimal.

O facto é que, para toda a gente, a mal formada em Matemática e a conformada com o sentimento popular, a última década do segundo milénio da era cristã chegou já e não só daqui a um ano.

A década é a maior divisão de tempo que pode iniciar-se, decorrer e findar durante a nossa existência de humanos; e, embora o insustentável fluir do tempo se faça sem detenças nem sobressaltos, parece haver, a cada marco que nele se convencionou colocar, a pausa necessária para que, partindo do que foi e do que é e seguindo os trilhos do conhecimento e da inteligência, se tentar saber o que será.

É esse o objectivo deste suplemento «Especial Anos 90» e dos outros três da mesma série que vão acompanhar, em dias alternados, as primeiras edições do «DL» em 1990.

O conhecimento e a inteligência de que nos socorremos para o atingir são de numerosos colaboradores nacionais e estrangeiros especialistas nos mais evolutivos campos do saber e de alguns elementos da nossa Redacção.

Depois de, hoje, focarmos «Os Grandes Factores de Mudança", trataremos, a seguir, da «Geografia da Mudança», depois, da «Sociologia da Mudança» e, finalmente, de «Portugal : a Metamorfose Inadiável»,esperando construir uma imagem no mínimo plausível do nosso futuro quase presente.

O futuro não se reserva

Os filhos da geração de 60 chegam ao poder e representamo reverso dessa época. É a «revolução das ideologias»versus a «revolução das tecnologias»

Os anos noventa serão aqueles em que os filhos dos homens que fizeram os anos sessenta chegarão ao Poder. A geração de 60 dividiu ao meio a história deste século. Na primeira metade as duas grandes guerras chacinaram o Mundo. Na outra meia metade as "revoluções sem armas"modificaram a Vida. O sentido da vida no Mundo. Após 45, nos escombros das cidades os homens agarram-se às ideias, formam ideologias, criam utopias. A luta é na escola, é em casa, é na rua. Jovens "rebeldes", mulheres no "feminino", leaders com "nova cultura", abalam os velhos sistemas das políticas, das religiões, das tradições e dos costumes. Se as cidades estão em reconstrução, as sociedades estavam em desconstrução. Se na primeira metade do século haviam caido os edifícios de pedra, agora perigavam os edifícios da construção social. Mudar o universo cultural do Mundo era a palavra de ordem da geração dos anos 60.

A história por certo o dirá: a geração de sessenta foi melhor a fomentar ideias e revoluções do que a governar cidades e gentes. Não transmutou o Mundo, mas marcou a viragem deste século. As sementes de mudança que espalhou nas ideias, nos modelos de interacção social, nos valores, nos produtos, culturais e simbólicos, fazem desta geração uma referência recorrente.

Esta alusão aos anos sessenta não é um gesto "in memoriam". Diversos autores a têm evocado. Os anos que nos separam do ano 2.000 interpretam, em contraponto, um certo reverso dessa época. Não deixa de ser estimulante fazer uma leitura da "revolução das ideologias" versus a "revolução das tecnologias", dos movimentos sociais e colectivos de 60 versus os movimentos segmentares dos anos 80, da sociedade de massa ou da "multidão solitária" versus o retorno do primado do indivíduo, da supervalorização das utopias versus o frenesim das estratégias pagmatistas, da luta pelos igualitarismos versus a luta pela diferença, da exaltação dos ideais versus a valorização do efémero.

Dois eixos convergentes têm sido centro de gravidade à trajectória da segunda metade deste século: a industrialização nas suas mais diversas matizes ou nos seus diferentes "folegos",e a massmediatização, numa primeira fase, por via dos grandes media, e numa segunda fase, por efeito das novas tecnologias da informação. Os ritmos dos tempos que estamos a viver têm sido marcados pela força dos Media. Sem os mass media (televisão, rádio, imprensa,) os anos 60 nunca teriam atingido "efeitos" de fenómenos colectivos. As novas tecnologias da informação/comunicação são polo central nas estratégias da 3ª revolução industrial. Os Media ocupam o centro dos acontecimentos da metade deste século dominado pela industrialização. Os Media são vector determinante na possibilidade de uma sociedade democrática. Nas relações entre o Estado e os cidadãos, produtores/consumidores, patronato/trabalhadores, emissores/receptores.

O aceleramento que o progresso tecnológico introduziu no sistema global das comunicações provoca um contínuo desaceleramento no contexto social e histórico. A possibilidadede de prever o futuro do comportamento humano sempre foi reduzida. Felizmente, embora previsíveis e condicionáveis em determinadas situações, os comportamentos individuais e colectivos nunca são totalmente controláveis. Os anos noventa vão escrever o saldo deste século. Um saldo que não se decidirá na Europa Ocidental ou na América do Norte. A massmediatização tornou o Mundo "mais pequeno". Confundiu o espaço e o tempo. O mundo jamais poderá ser Europa anos 60, América anos 50. O mundo terá de ser Africa, URSS, Oriente. Não se discutirão muito as diferenças, as continuidades, mas as proximidades, as contiguidades. Por que é que a Russia não é Europa ou por que é que um negro não é cidadão sul-africano, um timorense timorense ?

Paquete de Oliveira*

No horizonte dos anos noventa colocam-se algumas questões decisivas cujas respostas não vão estar tanto na defesa de igualitarismos ou no respeito da diferença, mas na definição de especificidades, no limite das proximidades. Não será o Mundo que marca a diferença, mas o local, não será o espaço, mas a proximidade a delimitar a diversidade, não será o tempo de longa duração a marcar o ritmo dos anos, mas o momento.

A velocidade da comunicação electrónica é a medida. Neste contexto o exercício do Poder será a chave das condições socio-ambientais que terão sempre a ver com os valores, as crenças, os universos simbólicos que impregnarão o comportamento dos Homens.

*** docente do ISCTE.**

Nunca foi tão realista falar em Paz

Ninguém no início da década de 80 imaginou que se iria assistir às mudanças que hoje se estão a dar a Leste. Tal como no início do século este terramoto tem um nome - Gorbachev - e também como há 100 anos tem consequências para a humanidade no seu conjunto.

É cedo para tirar conclusões, no entanto, creio que nunca foi tão realista falar em Pez como nestes anos e no momento em que, com pompa e circunstância, se dá por encerrada a guerra fria.

Foram assim, profundamente abalados alguns dos mais importantes muros que dividiam a Humanidade, abrem-se novas e fascinantes questões: a Europa desenha-se cada vez menos restrita a 12 e mais Casa Comum Europeia, e o esforço de construir democracias pluralistas a Leste, comporta perigos mas parece imparável.

Zita Seabra

No fundo, os povos procuram, neste fim de século, fundamentalmente caminhar em três sentidos: a liberdade, os direitos sociais e o desenvolvimento. Nos Estados Unidos não há direitos sociais e nos milagres económicos japoneses e orientais muito menos. Daí o olhar sobre a Europa, onde os direitos sociais assumiram progressivamente uma importância equivalente às liberdades.

No entanto, esse olhar torna mais patente os graves problemas que subsistem como é o caso do verdadeiro flagelo social que é o desemprego, mas também do aumento das diferenças sociais (os ricos cada vez mais ricos e os pobres mais pobres) e do poder económico imperar cada vez mais sem rosto, sem fronteiras e longe de um efectivo controlo político democrático.

Um ideal de igualdade, justiça social, dignificação dos trabalhadores e dos seus direitos, de combate a todos os abusos de poder e aos privilégios de oligarquias - esse está vivo. O que está na ordem do dia é a transformação dos partidos comunistas, neste fim de século, para poderem corporizar a luta por esse ideal.

Edgar Morin fala do Mundo em metamorfose - I

«Devemos estar vigilantes... é a própria estrutura do planeta que se altera»

Devemos estar muito vigilantes... muito expectantes». Palavras do sociólogo Edgar Morin, que defende um mundo sem certezas, onde o risco poderá ser a ética do futuro. O conhecido sociólogo, ensaísta e «filósofo da generalidade», como já lhe chamam, fala com uma vivacidade, quase estonteante, dos acontecimentos desencadeados com a «perestroika» de Gorbachev. «É a própria configuração do planeta que se altera», diz. Em tempos destacado intlectual do Partido Comunista Francês afastou-se quando as teses estalinistas vingaram. O tempo dar-lhe-ia razão... Hoje, não teme a reunificação da Alemanha, se ela se enquadrar num amplo espaço. A ideia dos «estados-unidos» da Europa povoa o seu discurso pluridisciplinar e heterodoxo. Combatente voluntário da Resistência, um dos teorizadores de Maio de 68, director da revista «Communication», Morin é também o historiador que recusa um devir espartilhado em esquemas pré-determinados. Ouvimo-lo em Lisboa, num percurso pela «Geografia da Mudança».

Edgar Morin:"Existem interesses globais de humanidade que ultrapassam os de Leste e os de Oeste"

«Diário de Lisboa» - *Chegados ao final da década de 80, será possivel fazer desde já um balanço?*

Edgar Morin - A década de 80 tem decisivamente a ver com a multiplicação de acontecimentos desencadeados pela «perestroika» de Gorbachev, são os elementos mais importantes da configuração europeia e mundial. Não sabemos ainda o curso desses acontecimentos, se serão bloqueados ou desviados, mas desde já podemos ter a noção da sua importância capital.

«DL» - *A queda do muro de Berlim que lugar ocupa nestes acontecimentos?*

E.M. - Ocupa um lugar real e simbólico, comparado à tomada da Bastilha. A Bastilha era o símbolo do poder real e da prisão política em França, quando na realidade não existiam quase prisioneiros na Bastilha. Enquanto, por detrás do muro existiam milhões de pessoas dele prisioneiras. A queda do muro é o desmorenar de uma realidade e de um símbolo. Simbolizava, em pedra, a ideia da «cortina de ferro», uma metáfora que se tornou real com o muro.

Foi em Berlim que a Europa se dividiou em duas, depois da guerra e mesmo antes do muro. O corte em Berlim em duas cidades, em dois mundos, eu diria mesmo, quase em dois planetas, processou-se antes da edificação do muro. A Europa dividiu-se em Berlim e é aí que reencontrará a sua face.

«DL» - *A queda do muro representará uma brecha incontornável na estratégia delineada no final da II Guerra Mundial entre os dois grandes blocos?*

E.M. - A queda do muro deriva da alteração de estratégias. O novo pensamento introduzido por Gorbachev significa, digamos, renúnciar a ideia de que a situação do mundo é caracterizada por dois grandes inimigos. Gorbatchev disse explicitamente: «Existem interesses globais da humanidade que ultrapassam os de Leste e os de Oeste».

Quando estive em Moscovo, em Fevereiro, um conselheiro do presidente soviético disse-me também: «Embarcamos todos no mesmo Titanic que choca com o iceberg durante a noite». É evidente que houve uma mudança radical no pensamento dos soviéticos. Na anterior concepção, fazia-se crer que os interesses globais da humanidades passavam pelos da União Soviética e que os outros interesses eram inimigos da Humanidade.

Penso que vamos não só a caminho - se tudo correr bem, e eu mantenho sempre alguma reserva - do final da guerra fria, como da liquidação do conceito de inimigo tal como ele era entendido: o inimigo de classe, o inimigo da Humanidade, o inimigo do povo. O que também vai obrigar o Oeste a mudar o seu conceito de inimigo.

Isto está ligado às primeiras manifestações do início do desarmamento entre os dois grandes e que, na minha opinião, deverá continuar de maneira sistemática. É configuração do próprio planeta que se altera.

Um sistema em transformação

«DL» - *Será um novo equilíbrio dos sistemas? Será preciso traçar um novo mapa do mundo?*

E.M. - Não se trata tanto do equilíbrio dos sistemas, porque, no fundo, há todo um sistema que se transforma. Qual será o novo sistema? Vemos que os países de Leste querem criar um sistema pluralista. É a destruição, a auto-destruição do regime totalitário. Ficaremos perante um sistema não totalmente idêntico aos dos países de Oeste, mas que com eles se parecerá muito, se se desenvolver no mesmo sentido do das democracias ocidentais e da reconstituição de uma parcela do mercado económico, o que não quer dizer que tudo passará pela economia privada.

Já não vivemos num mundo regido por dois sistemas antagónicos, mas num mundo onde os problemas se põem noutra prespectiva. Continuarão a existir sistemas ditatoriais, totalitários, mais ou menos democráticos, mas acabará a oposição entre os dois grandes sistemas que caracterizavam a configuração do mundo.

«DL» - *Com a provável reunificação da Alemanha, os blocos militares e idelógicos, RDA/RFA, deixarão de existir como tal. Voltaremos a 36? A tentação de hegemonia por parte de uma Europa central será um risco a considerar?*

E.M. - É preciso não ter uma visão atrasada sobre a Alemanha. E porque? Em 39 a posição da Alemanha não era só de uma potência económica, ela também era portadora de um arsenal militar e nacionalista, com o sonho de colonizar imperialisticamente a Europa. Aquela Alemanha já não existe e a ruína do nazismo é definitiva. Não vou dizer que não haverá um novo nacionalismo alemão, mas imaginar um retorno ao passado é utópico.

A Europa está demasiado diminuida, perante as duas grandes potências e face ao desenvolvimento económico do Japão, para que se possa pensar que a Alemanha recomeçará pela terceira vez o seu sonho de potência militar.

Por outro lado, não podemos pensar numa tal reunificação para breve, porque ela implica a revisão total da situação geo-estratégica mundial. Por outras palavras, nas condições actuais, vemos que a política de Gorbatchev consiste em deixar a soberania interna aos Estados que foram totalmente dominados politicamente na condição de manterem as bases geo-estratégicas militares.

Chegamos também a revisão total do afrontamento entre os dois blocos e podemos esperar novas soluções para o problema militar. Podemos conceber fenómenos de neutralização recíproca. Os austríacos são neutros, os húngaros querem-no ser, talvez a Polónia também o deseje. Neste quadro, podemos discernir uma Europa neutralizada militarmente, sem que para tal sejam afectadas as instituições como a CEE e o COMECON.

Actualmente tudo é fluído, políticamente, economicamente, militarmente. Não podemos espartilhar o futuro em esquemas pré-estabelecidos, porque esses esquemas devem mudar. Os acontecimentos podem-se expandir em vários sentidos. Devemos estar muito vigilantes...muito expectantes...muito vigilantes. Espero, porém, que acabe por existir um espaço neutro na Europa.

«DL» - *E, afastado o risco de hegemonia por parte da Europa Central, a sua neutralização militar não poderá conduzirá ao fortalecimento das duas potências ou pelo menos ao de uma delas?*

E.M. - Alguns dizem que é exactamente isso que pretende a URSS, ou seja neutralizar e dividir a Europa. É verdade. Quis-lo sempre para se reforçar a si própria. Mas, neste momento, se a União Soviética for bem sucedida no seu processo de democratização, dando liberdade à Hungria, à Polónia, os intentos serão outros e o mundo ganha com a mudança.

É evidente que a Europa precisa de segurança, mas podemos caminhar para fórmulas onde a redução progressiva dos armamentos e o recusa total das armas nucleares serão condições onde podemos enquadrar a nova configuração do mundo. A união da Alemanha deve estar ligada à união da Europa. A constituição da Europa, segundo fórmulas a inventar, que não passam apenas pelas da CEE, deve acompanhar a reunificação da Alemanha. Grave é se a Alemanha se separar da Europa, como entidade única. Esse é o único perigo. Agora uma Alemanha que se integre numa Europa alargada contituirá um facto muito saudável.

«DL» - *E os conflitos na América Latina, África Austral e Médio Oriente, como irão evoluir no novo «mapa»?*

E.M. - Todos os conflitos locais, sejam os da África, os da Etíopia, e seus vizinhos como Angola, seja os que têm lugar no Camboja, na Nicarágua, e os do Médio Oriente, foram subdeterminados pela rivalidade Leste/Oeste e principalmente pelas superpotências. Não foram elas que os desencadearam. Atiçaram-nos. Se existir,realmente, vontade para se chegar a um entendimento, estes conflitos tem a possibilidade de se extinguir. É difícil, mas possivel. Já começou a acontecer em Angola e na Nicarágua com as eleições. Agora resta o problema do Médio Oriente. É preciso ver se poderá ser proposta e mesmo imposta aos países da zona uma negociação

continua na pág. 4

DL Anos 90

Edgar Morin e o Mundo em metamorfose

continuação da pág. 4

na base do reconhecimento de duas nações em conflito - a israelita e a palestiniana.

Infelizmente, e apesar na nova configuração, não se podem suprimir os conflitos regionais de uma só vez. Pode-se sim atenuá-los. Poderão eclodir novas tensões, mas estas permanecerão como conflitos locais, sem que se tornem focos de explosão generalizados.

A Europa da diversidade

«DL» - *Voltando à «Europa alargada». Há quem defenda à ideia de uma «Europa fortaleza», como meio de preservar os seus valores. Será necessário este fechamento sobre si própria?*

E.M. - Antes de se falar da Europa fala-se nos países do Mercado Comum, da Europa dos 'Doze'. Isto é uma ficção. Há uma outra Europa. Mesmo a Checoslováquia e a Hungria não pertencem à Europa de Leste, mas à Central, ao seu coração. Hoje, a Europa deve reunir as duas metades, uma Europa que vá do Cabo de São Vicente aos Urais.

Não se trata de criar uma confederação geral. Vejo, contudo, a Europa a recompor-se. Penso mesmo, que deviamos chegar à ideia de um plano «Marshall» do Oeste europeu, com a ajuda dos Estados Unidos, para ajudar os países de Leste que estão em crise.

«DL» - *Fala de alargamento da Europa, de abertura ao mundo, mas também defende os «micro-espaços». Como coadunar estes conceitos?*

E.M. - Com efeito, a Europa é um continente extremamente compartimentado, do ponto de vista étnico, cultural e geográfico. Isso não passa só pela demarcação geográgfica. Veja-se a Suiça que comporta quatro culturas. Nos Alpes franceses e italianos, existem pessoas que falam diferentes dialéctos. É esta Europa da diversidade que se deverá preservar, porque a diversidade é riqueza.

Repare-se também numa província como a Bretanha, em França, que sempre foi constituida por pequenas localidades, com as suas características próprias. Antes da guerra de 14 os bretões não se sentiam bretões, mas pertencentes ao seu pequeno meio por oposição aos outros bretões. Quando foram mobilizados pelo Exército francês, compreenderam que eram bretões por oposição aos outros franceses.

As culturas são como os seres humanos, não são imortais. Todas as culturas são dignas de viver. São estes os micro-espaços. Não são regiões, mas mais e menos do que isso.

«DL» - *Quanto ao poder político e social, hoje coloca-se aos países comunitários o problema das instituições supra-nacionais poderem vir a abafar as soberanias nacionais.*

E.M. - Os Estados resistem terrivelmente, porque lhes é muito difícil abandonar uma soberania «absoluta». Com Mercado Económico Europeu vai aparecer uma moeda comum, um banco federal comum, será preciso criar um forum de justiça comum, que atenda aos direitos do homem, se queremos que esta Europa seja democrática. Teremos uma Europa ecológica, ou seja, uma tomada de posição ecológica válida para todos os países membros. Hoje, os grandes problemas colocam-se fora das fronteiras nacionais. É pois ao nível desses grandes problemas que podemos criar um poder metanacional. Os Estados europeus, no plano das necessidades concretas, acabarão por deixar de resistir.

«A solidariedade planetária é uma necessidade concreta»

«DL» - *Como congregar a ideia de solidariedade europeia e com a «imperiosa necessidade de uma solidariedade planetária»?*

E.M. - Não são ideias que se opõem, mas que se complementam. Devemo-nos considerar como europeus, como parte de uma província do mundo, ao mesmo tempo que devemos tornar a solidariedade planetária uma coisa concreta. Temos problemas globais comuns. É o caso da ecologia, com o crescimento do buraco da camada de ozono, devido ao dióxido de carbono, e a desflorestação das florestas tropicais. Ao nível económico vemos que todas as economias são solidárias. A solidariedade planetária é uma necessidade concreta e não abstracta.

«DL» - *Por falar de solidariedade planetária...Actualmente existe uma grande emigração vinda do Magrebe e da Turquia, para a Europa. Isto provocou o recrudescimento do fenómeno do racismo. Pensa que a Europa vai permitir o alastrar desta atitude perante os emigrantes provenientes do Terceiro Mundo?*

E.M. - Tomo como exemplo o caso da França. A França é um país que recebe emigrantes desde o início do século, pela simples razão de que sofreu uma baixa demográfica no final do século XIX, enquanto os outros países europeus são as fontes dessa emigração. Os alemães continuram a emigrar, até à metade do século, os italianos também o fizeram em grande escala, assim como os portugueses.

A França manteve uma política de integração dos emigrantes, facto ligado à Terceira República, República laica que comportava alguns dos ideais da Revolução Francesa: a nação era concebida espiritualmente, ela era a vontade «de estar junto». Eram as teses de Renan, Michelet, que se opunham as teses alemãs. Estas diziam que a nação era a «raça, o solo e o sangue».

Mas, em França, houve emigrantes que, de início, foram muito mal recebidos, como os italianos, os polacos e os espanhoís. A França recebeu centenas de milhares de emigrantes e o subproduto da sua integração foi a xenofobia, o nacionalismo e o racismo, vindos dos que não admitiam a República, dos que pertenciam à direita e à extrema-direita. Surgiu um anti-semitismo e um anti-negrismo muito fortes até à II Guerra Mundial. Hoje, o fenómeno do Le Pen permanece residual, e explica-se pelo grande número de emigrantes que continuam a ser integrados. Temos em França três milhões de muçulmanos e cerca de um milhão já tem nacionalidade francesa.

Quanto aos alemães o problema é diferente. Receberam operários turcos e meteram-nos em reservas, como os americanos fizeram com os índios.Em minha opinião, os alemães, como os outros países europeus, devem enfrentar o problema da emigração, porque foram eles que chamaram esses emigrantes em prol das necessidades de prosperidade económica. Agora é justo que os integrem, se eles o quiserem, nas sociedades onde vivem.

«DL» - *Integrar, mas em que termos?*

E.M. - Há vários modos de integração, como sejam os municipais: é justo que um estrangeiro que viva há mais de dez anos numa comunidade vote para os interesses dessa comunidade, uma vez que paga os seus impostos e participa na vida comunitária. É preciso pensar em modos de integração que constituiram sempre o subproduto do racismo. Não é fácil entrar numa cultura diferente, não é fácil fazer um casamento misto com alguém de outra cultura. Mas a partir do momento em que o processo está em curso ele é benéfico. A Europa tem que perder o medo da emigração, tanto mais que ela está em pleno envelhecimento demográfico. A Europa sempre foi construida por gente que veio de fora. Há um problema político, muito profundo, a este nível que é preciso encarar.

Em Lisboa sente-se esse problema, embora os portugueses estejam mais habituados , pela tradição, pelas trocas, pelos Descobrimentos, a contactar e aceitar outras culturas. Talvez a França e Portugal possam indicar uma via para solucionar o problema.

Emigração planificada

«DL» - *A América Latina tem graves problemas, e as suas gentes querem entrar na Europa, vendo nela uma última esperança. Portugal e a Espanha são a «porta» para a entrada, pois têm tratados que reconhecem direitos de cidadania aos emigrantes provenientes dos países latino-americanos, facto que não é bem encarado pelas autoridades de Bruxelas. Jacques Delors já pediu, inclusivamente, para os dois países ibéricos clarificarem a situação. Isso contraria o que acabou de defender.*

E.M. - As autoridades de Bruxelas agem deste modo porque sabem que as fronteiras de Espanha e de Portugal são permeàveis para a restante Europa e têm medo que os emigrantes não recenseados se espalhem. É mais um dos motivos para que o problema global de uma política da emigração se coloque. Penso que não poderá haver uma abertura total das fronteiras, com o risco de cairmos no caos. Vemos o que aconteceu com a queda do muro de Berlim. Primeiro os alemães de Leste foram recebidos como irmãos na RFA. Depois, bom depois, surgiu a questão: que vêm eles fazer para aqui quando não há lugar para todos? A boa vontade não chega no caso da emigração, é preciso ter sempre a realidade em conta, estabelecer cotas, como nos Estados Unidos. É preciso estabelecer uma política que controle o fluxo de emigração, mas também são necessárias medidas de urgência para pedidos de asilo excepcionais. Devemos ser uma base de asilo político. Esta é uma das justificações e das nobrezas da cultura europeia. Não podemos cair no «eurocentrismo», ou seja virar as costas ao Mediterrâneo e ao mundo.

«DL» - *Europa aberta ao mundo... Poder-se-à então falar de um pensamente europeu?*

E.M. - Defino a cultura europeia como dialéctica. Na minha opinião, não há um pensamento europeu. A cultura europeia é o produto dialéctico entre a fonte judaico-cristã e a fonte greco-latina. Toda a história europeia nasceu desta dialéctica. A vitalidade do pensamento europeu é a conflitualidade, é a procura, é a problematização. Se a procura e a problematização terminarem, se a polémica parar, o pensamento europeu entra em decadência.

NOTA: Devido à extensão da entrevista, realizada durante os trabalhos do colóquio «Os jovens e a Europa do futuro», que decorreu num hotel da capital, e no qual Morin participou como conferencista, optamos por a dividir em duas partes. Publicaremos as teses do sociólogo sobre a «metamorfose» da ciência e a «crise do futuro», integradas no terceiro suplemento desta série «A Sociologia da Mudança».

Paula Sá

Edgar Morin: uma visão global da mudança

Anos 90

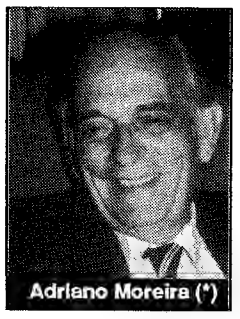
A «morte das ideologias» não será o fim do combate ideológico

Não desapareceu o espaço político e social das ideologias, mas as exigências a que tinham correspondido as ideologias mortas

A guerra de 1939-1945 foi um conflito ideológico, sem que este pudesse remeter para secundário o problema da sustentação e defesa dos interesses, então chamados permanentes, dos poderes envolvidos. É isto que racionaliza o facto de a grande coligação democrática ocidental abranger uma boa dezena de ditaduras, sem contar com a aliança com a URSS. Todavia, a luta no terreno da martirizada Europa, particularmente no âmbito da resistência, e muito especificamente na França, levou à criação de um forte sentimento de camaradagem nascido do combate, que, quanto mais crescia em intensidade e risco, mais apaziguava as diferenças ideológicas em face do inadiável objectivo comum.

No clima da reconstrução, depois do que se chamou a paz, não faltaram interpretações no sentido de que tinha chegado a hora da morte das ideologias, algumas vezes substituídas por um oferecido pragmatismo que pretendeu não ser ideológico. Pondo de lado os menos confiáveis discursos puramente políticos, que sempre tendem para colocar a eficácia sobre o eleitorado à frente da preocupação do rigor, talvez a tese possa encontrar um ponto sólido de partida na Conferência de Milão (1955), sobre o futuro da liberdade. E grandes teorizadores, não intimamente comprometidos com a acção política, num Raymond Aron, um Maurice Duverger, um John Galbraith. Sempre nas sociedades ricas a caminho de afluentes, e também correspondentes a países directores nas suas áreas. Sinais desse apaziguamento eram identificados na evolução dos partidos socialistas, na diferença dos cidadãos perante a luta política, na circunstância de os meios técnicos e científicos dispensarem o colonialismo clássico e as guerras de conquistas, na simultaneidade da Informação, na marcha para o neocapitalismo neutralizante da eficácia do marxismo, e assim por diante. Expressões como **trabalhador capitalista** e **capitalismo popular** seriam a prova semântica de que os factos tinham a evolução surpreendida pelos teóricos do apaziguamento.

Este fim da história, agora de novo chamado ao debate tranquilizador dos tecnocratas, decorria ao mesmo tempo que os pactos militares se demonstraram necessários e com tendência para estruturais; as guerras marginais ao conflito central assumiam proporções nunca previstas, como no Vietname, na Coreia e no Afeganistão; os genocídios se multiplicaram contra, por exemplo, os nagas, os ibos, os cristãos do Sudão, o povo de Timor; as guerras civis podiam atingir os extremos do Irão ou da América Central. Em todos os casos com evidente alarde da confrontação ideológica, embora seja evidente que esta recorria a uma velha semântica para designar coisas novas. É difícil entender que o fundamentalismo, ou a vertente politizada da teologia de libertação, ou o ecologismo, não exprimem divergências com sistemas vigentes, inspirados em diferentes concepções da sociedade, do Mundo e da vida.


Adriano Moreira (*)

O que nos tem parecido é que a chamada morte das ideologias não diz respeito ao fim do combate ideológico, o que corresponderia ao alegado fim da história. Trata-se antes de as ideologias que nasceram, e lutaram pela aquisição, manutenção e exercício do poder antes da Última Guerra Mundial - corresponderam a uma conjuntura que desapareceu em face das revoluções mundializantes da Informação, da ciência e da técnica, e da arte da guerra, esta obrigada a considerar um teatro estratégico que deixou de ser regional, para tendencionalmente ser mundial. A gestação das novas ideologias tem a lentidão normal deste fenómeno, mas parece ser o que está em curso. Em primeiro lugar no que respeita à mundialização das interdependências a qual determina, em síntese, a formação de várias novas concepções da **paz pelo direito** em substituição da **paz pelo equilíbrio das armas.** depois, as ideologias dos grandes espaços que andam a substituir as clássicas definições simplesmente estaduais. Novas atitudes, não coincidentes, sobre o que resta do conteúdo clássico da soberania. E assim por diante, para corresponder à mudança, que se acelerou, dos factos políticos. Com mais a circunstância de que, se as revoluções políticas se verificam em **tempo acelerado,** as necessárias mudanças culturais, incluindo a definição política das concepções da sociedade, exigem um **tempo demorado.** Esta diferença de tempos pode levar à convicção de que entretanto desapareceu o espaço político e social das ideologias, quando aquilo que se extinguiu foram as exigências a que tinham correspondido as ideologias mortas. Enquanto a construção do futuro for uma inquietação dos homens, a imaginação criadora, e insubstituível, não poderá dispensar-se de idear as respostas. E enquanto a geografia da fome, da doença, da falta de formação escolar, dos mitos raciais, da injustiça social, não se transformar numa disciplina dispensável, as respostas sobre os futuros possíveis não serão uniformizantes. Seria um grande avanço tornar comum e geral a convicção e a prática de que as armas da paz levam as melhores e duradoiros resultados que as armas da guerra, quer na vida internacional, quer na vida interna.

(*) Professor Catedrático, deputado

A visão pessimista de um velho revolucionário

Será um decénio de guerras, ditaduras, crises e disputas

«Anos 90, anos do triunfo da democracia, da paz, dos direitos humanos? Acho mais realista contar com um decénio de guerras, ditaduras, crises e disputas selvagens entre os donos do mundo.»

O sombrio vaticínio é de Francisco Martins Rodrigues, um veterano revolucionário profissional cuja biografia averba uma sucessão de roturas com partidos marxistas-leninistas, numa repetida insatisfação face aos resultados práticos da doutrina. Desde que, em 1963, abandonou um lugar de destacado dirigente do Partido Comunista Português, acusando a União Soviética e Álvaro Cunhal de traição ideológica, Martins Rodrigues evoluiu para conclusões cada vez mais radicais, que o levaram a cortar também com as linhas chinesa e albanesa. Há quatro anos, procedeu ao balanço interpretativo dos desaires internacionais do marxismo, num livro intitulado «Anti-Dimitrov -- Meio Século de Derrotas da Revolução». Começou também a editar uma revista, «Política Operária», na qual prossegue essa análise e defende, mais uma vez, a formação de um partido comunista autenticamente revolucionário em Portugal

Da sua perspectiva, novidades como a *perestroika* , a abertura do muro de Berlim, os acordos soviético-americanos de redução de armamentos, o fim negociado dos conflitos regionais, nada representam de esperançoso.

«Consolidam o poderio dos centros imperialistas e abatem o moral dos trabalhadores» -- defende. -- «Por isso, digo que são o prólogo cor-de-rosa a mais uma década de terror.»Para Martins Rodrigues, só uma extrema ingenuidade permitirá que se acredite no sincero empenhamento no «fim do totalitarismo» dos estadistas ocidentais, com Bush à frente, já que eles são, consabidamente, «os padrinhos mafiosos de tudo o que há de mais reaccionário no mundo».

«E como admitir» -- pergunta ainda -- «que desejem a paz quando se gabam de tentativas de assassínio de chefes de outros países (Líbia, Panamá) e de financiar bandos de criminosos na Nicarágua, Salvador, Guatemala, Angola, etc.? Ou que se preocupem com os direitos humanos quando dizimam milhões de pessoas pela fome para assegurarem os juros dos seus bancos?»

Nesta visão desencantada, a atribuição aos acontecimentos no Leste de um cunho libertador constitui uma «colossal mistificação para dar um ar simpático à colonização dos mercados desses países pelo capital financeiro ocidental e japonês». A queda do muro de Berlim preparará a absorção da RDA pela RFA e o reaparecimento no centro da Europa de uma grande Alemanha imperialista, já cobiçosa em relação à Polónia e aos países bálticos. Quanto aos processos de pacificação no terceiro mundo, não traduzem senão «a implacável ocupação de posições pelo imperialismo». Em suma: «a actual explosão de fraternidade democrática limita-se a esconder mal os preparativos para uma nova e feroz partilho do mundo».

Francisco Martim Rodrigues: uma visão pessimista

Francisco Martins Rodrigues nega qualquer suspresa perante a (para ele, impropriamente) chamada «derrocada do comunismo ».

«Nós, os comunistas revolucionários, há duas dezenas de anos que previmos este desenlace» -- afirma. – «Desde essa altura que percebemos que o "socialismo" da URSS era apenas um capitalismo administrado pelo Estado e, como tal, transitório, tendo apenas por missão amadurecer as condições para passar ao capitalismo sem disfarces».

«Os dirigentes do Leste» -- prossegue Martins Rodrigues -- «andavam há décadas a podar e a cobrir de véus a planta do capitalismo para continuarem a vender aos trabalhadores e ao mundo como "socialismo real" esse regime abortivo, que escondia os privilégios e a exploração atrás de discursos hipócritas. Mas a planta cresceu tanto que rebentou com o vaso».

Dito de outro modo, «o capitalismo já não cabe na economia estatizada». «As companhias não investem sem garantias» -- observa Marins Rodrigues -- «os bancos não emprestam sem uma declaração de obediência». E tal será o significado profundo das inovações gorbatchovianas: uma «rendição incondicional», como acentua o director da «Política Operária».

Colocando-se na posição dos trabalhadores do Leste, Martins Rodrigues não se congratula com as mudanças em curso. É que, do seu ponto de vista, liberdades democráticas como a de expressão, de associação, de voto, vão ficar pelo preço de um sacrifício desmedido, com a «abertura das portas desses países ao FMI e às multinacionais», a queda de milhões no desemprego, a liquidação de regalias sociais, a difusão da «estupidez massificada da diversão imperialista» e a «descida generalizada do nível de vida».«Não me regozijo como uma viragem que oferece à finança internacional nvos mercados e novas reservas de mão-de-obra barata» -- assume Martins Rodrigues. -- «Aflige-me ver milhões de trabalhadores com os olhos postos na democracia capitalista ocidental, aclamando Gorbatchov, em vez de caminharem sobre os escombros do falso "socialismo" em busca de uma nova revolução socialista».

F. Brederode Santos

Anos 90

Uma democracia mais complexa mas menos eficiente

Alguns mitos da participação política deixaram de ter curso e os próximos anos irão aprofundar este processo

Nos primeiros anos da sua existência, o regime democrático português assentou um dos seus pilares essenciais na expansão da opinião pública e no carácter avassalador da participação política.

Nos últimos tempos, tem-se claramente difundido a percepção de que as coisas podem estar a mudar.

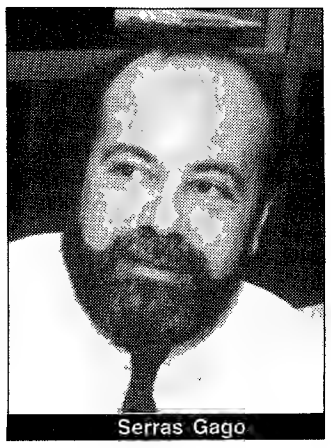
De uma democracia de forte mobilização opinativa estaremos a caminhar pra uma democracia de apatia política? De uma democracia de participação estaremos a passar para uma democracia do alheamento político? E, em resumo, isso é bom ou mau, ou nenhuma das duas coisas, ou seja, é «normal» em qualquer democracia?

Em princípio o funcionamento de todos os regimes democráticos *exige* um campo público de formação da opinião e uma integração *activa* de grupos sociais diversificados através de uma prática «exibicionista» — e não apenas secreta, discreta ou confidencial — de participação nos processos de decisão. Que uma forte participação política não seja, em nada associável à noção de caos e balbúrdia atestam-no, apesar da nossa experiência recente, todos os autores e teóricos da chamada «participação política».

A ruptura democrática do 25 de Abril criou, entre outras coisas, canais de mobilização e de expressão de exigências que pressupunham um novo modelo de mobilidade social, passando a favorecer grupos sociais marginalizados, de consistência, aliás, muito diferente. Nuns casos, de consistência efeméra e rapidamente dissipável como, por exemplo, o dos mobilizáveis para a guerra colonial; noutros casos, de consistência duradoura como, por exemplo, quase todos os grupos organizados em torno da disputa salarial. O que constituía, aliás, o carácter revolucionário da conjuntura não era a existência de fortes exigências mas sim a coincidência de exigências em diferentes áreas (política, económica, social, cultural, etc.) e, *mais importante,* em graus diversos de profundidade em cada uma dessas áreas. Assim, na área económica, exigências desde o nível «aumento de salários» até «modificações no estatuto da propriedade dos meios de produção». Assim, na área política, desde o «acesso à igualdade política», passando pelo «fim da guerra colonial», até à «construção da sociedade sem classes». Assim, também, nas áreas social, cultural, etc. A coincidência destas exigências desempenhou um papel de reforço mútuo da sua intensidade e não de diminuição e esvaziamento como, em outras circunstâncias, poderia ter acontecido, ponto sobre o qual não interessa agora discorrer. Acompanhando este processo de forte participação política, com o objectivo de influenciar e condicionar os processos de decisão macropolíticos, estava implícito um modelo de mobilidade social, na prática e no imaginário da acção política. A palavra «modelo» desperta, por vezes, a conotação de algo de acabado e de muito consciente na mente dos seus proponentes e protagonistas. Neste sentido, ninguém saberia que modelo queria porque o objectivo das exigências participacionistas consistia em maximizar os ganhos sem mediação, a curto prazo. Naquilo a que me refiro, à família dos processos históricos caóticos, é a acção política que constrói os modelos e não, salvo raras excepções, a pré-consciência do modelo que faz a acção política.

A história do regime democrático nos seus primeiros anos é a história de inúmeras realizações sob o «chapéu» protector de um modelo de grande participação política e de grande influência dos mecanismos de formação da opinião pública: democratização, alfabetização básica, escolarização, descida da mortalidade (sobretudo, infantil), tecnização da economia, integração internacional da economia, alargamento da esfera política e administrativa, etc. Cada um destes elementos comporta, para além da bondade ética de alguns, aspectos de consequências positivas e negativas sobre os processos de mobilidade socioeconómica que a história sempre associará aos primeiros anos após o 25 de Abril.

No princípio dos anos 80 começava a ser visível um certo esgotamento do modelo, bem patente no brutal decréscimo das expectativas de satisfação associadas aos modos de mobilização já tradicionais. A explicação reside, a meu ver, não só no esgotamento dos recursos sociopolíticos existentes como no *sucesso* de integração de certos grupos sociais no novo «estabelecimento» do estado democrático. Foi, nomeadamente, o fim do voluntariado, em larga escala, no «trabalho político» e um começo de mercantilização das relações políticas no que, de resto, se acompanhou a evolução em outras democracias. Por outro lado, paradoxa, a crescente importância da opinião pública permitiu, ou exigiu, a introdução de «novas tecnologias de presuasão» o que modificou o panorama da comunicação e, também, o da comunicação política. Assim, passou-se de processos, diria, «intensivos em trabalho» (coladores de cartazes, distribuição de panfletos, etc.) para processos «intensivos em capital» (pesquisa de opinião pública, tempos de antena de televisão cada vez mais sofisticados e caros). O que veio mudar, está a mudar, radicalmente, a relação do dinheiro com a política,


Serras Gago

ou, pelo menos, do financiamento político (o que Sartori chama o «dinheiro político», a distinguir absolutamente de «dinheiro de corrupção» com as campanhas eleitorais e os partidos políticos. Ainda, a expansão da opinião pública passou a estar submetida a novos regimes de controlo. A difusão das sondagens de opinião pública constitui, aliás, para além de um instrumento de rigor estatístico, um instrumento de restrição da «agenda» política, de curto-circuitagem das lideranças tradicionais quanto ao monopólio de expressão dos sentimentos e opiniões dos «representados» e, ainda, de intervenção condicionadora directa sobre a própria fenomenologia social.

Não admira, pois, que alguns mitos da «participação política» tenham deixado de ter curso. Os próximos anos não deixarão, certamente, de aprofundar este processo. A passagem de um tipo de funcionamento a outro não implica, por si só, um fortalecimento ou um enfraquecimento das instituições democráticas. Significa, certamente uma mudança do tipo de democracia, mais mediatizada, mais complexa, com eventual predominância de grupos sociais diferentes, mas não necessariamente mais eficiente e efectiva na redistribuição da riqueza e do bem-estar social.

Uma democracia com um grau de participação política diminuta é uma democracia mutilada.

Uma democracia com uma opinião pública jugulada pelas indústrias da comunicação social (os «media contra a opinião pública» como escreveu um analista político americano, a propósito do «caso Gary Hart») é uma democracia sob tutela.

Para ultrapassar essa situação será, por outro lado, completamente inútil procurar reactivar os «mitos da democracia participativa», ainda, por cima, conotados na memória colectiva nacional com um particular período histórico cuja conjunção de características é de imprevisível repetição. De qualquer modo, as virtudes mobilizadoras do saudosismo são limitadas quando aplicadas a um processo de maturação cívica.

EM)Pelo contrário, o desenvolvimento da participação política passa pela prática de novos modelos de mobilidade social. É a expectativa da mobilidade que produz a participação e não o seu inverso.

Anos 90

As religiões vão resistir ao desgaste do século

«Os anos 90 serão um tempo de teste. Este incidirá sobre a capacidade de a religião dialogar com o homem. Se isso não acontecer é o próprio valor e interesse da religião que ficam em causa.»

As análises, as apostas e as ameaças que, durante mais de um século, apontaram para o desaparecimento ou o declínio do fenómeno religioso ecoam hoje como vozes falaciosas, perdidas no turbilhão de factos e imponderáveis que são notícia de actualidade e presságio dos tempos futuros.

O mínimo que se poderia dizer, à maneira de epitáfio para profecias que jazem mortas na frieza do seu desmentido é que o sopro das ideias não resista ao segredo dos tempos.

Mas no alvorecer dos anos 90, mais do que permanência e constância, de que aliás se podem reclamar outras tradições seculares, as religiões averbam uma referência significativa e um interesse crescente, em múltiplos e variados quadrantes, embora também por múltiplas e variadas razões.

Pondo de lado uma explicação, compreensível e própria dos crentes — os primeiros interessados — segundo a qual os ventos favoráveis que correm só vêm confirmar os argumentos apologéticos das respectivas confissões, há factores de outra ordem que, não sofrendo alterações radicais previsíveis para os próximos tempos, continuarão a conceder à vivência e intervenção religiosas um lugar de inegável preponderância.

Movimento regressivo

O vigor das verdades e dos princípios, que é timbre de toda e qualquer religião, não se combate nem se cala, a não ser que propostas diferentes, de sinal contrário, se afirmem e se projectem com a mesma força e capacidade convincente.

Ora acontece que o panorama do mundo, notoriamente alterado nas últimas cinco décadas, nem por isso registou um facto político-cultural capaz de alterar os parâmetros fundamentais, afirmativos ou interrogativos, em que o homem se vem constituindo desde as suas origens.

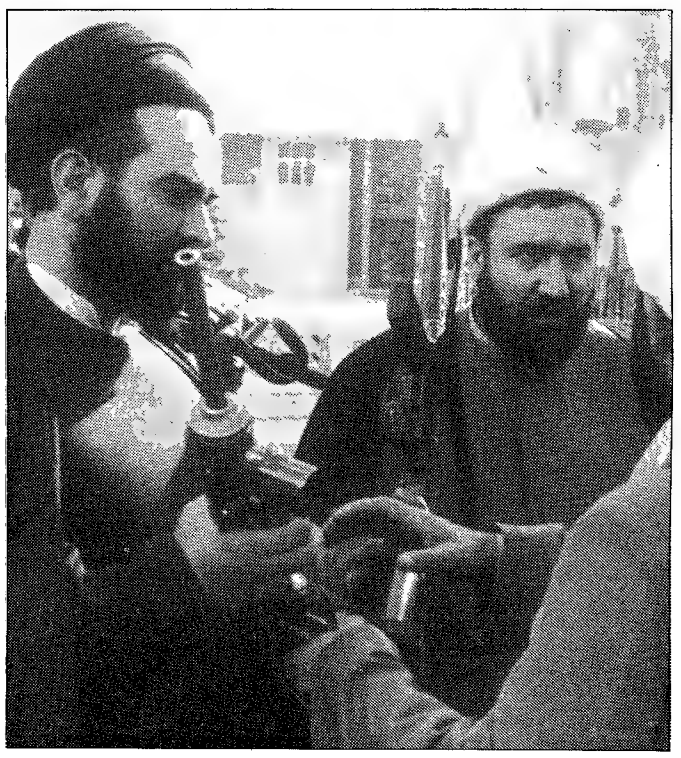
E a religião é um deles.

Principiando pelo ateísmo, confesso ou militante, o saldo está à vista. As horas que se vivem, por exemplo, na Europa de Leste ou no Sudeste Asiático, denunciam e comprovam que, talvez por desconhecimento de dados essenciais da antropologia e da psico-sociologia, ele não deixou de alimentar sentimentos religiosos que, mantidos durante décadas em estado latente, se libertaram na primeira oportunidade em explosões de crença e intuitos, claros ou equívocos, de dominação social.

A esta incapacidade provada de tornar real e efectivo um modelo de sociedade, alicerçado em valores de pura imanência, sem com isso negar o homem e os seus direitos, veio juntar-se o apregoado «fim das ideologias' que, sincera ou cinicamente, deixa o homem vogando no espaço inseguro dum pragmatismo sem horizontes e duma rotina sem amanhã.

Uma vez que esta insegurança se instalou, o homem é levado, por outros motivos que não os da gratuidade religiosa, a buscar apoios e sucedâneos naquilo que as religiões sempre oferecem de promessas e acondicionamento cultural e psicológico.

Este quadro que pela fácil comunicação dos tempos modernos se projecta especialmente onde a civilização ocidental e cristã faz chegar as intenções e os frutos duma secularização desejável mas sem alma, aponta para o regresso a formas de religiosidade que se julgariam ultrapassadas, mas que as sociedades adoptarão e seguirão, como quem regressa a casa desiludido, após um percurso de fracassos e enganos.



O islamismo é um fenómeno massivo, conservador e fanático

Forças mobilizantes

Um outro sinal, inquietante em muitas das suas expressões, mas revelador também desta presença reforçada da religião no tablado da vida contemporânea, surge-nos naquelas sociedades em que a religião, além de ser a do Estado, modela e determina a política do país e as normas éticas a que terão de subordinar-se os cidadãos. O que se passa no mundo islâmico, com maior ou menor dose de fundamentalismo radical, deixa prever que, por muito tempo, a religião nesses países e nas sociedades onde uma importante imigração daí proveniente se instalou, será um fenómeno massivo, de cariz conservador, fanático nos seus propósitos e durável na teimosia do seu dogmatismo cego.

Sentimento de defesa, ambições proselitistas, consciência do número são elementos suficientes para consagrar o islamismo como um dos factos culturais e religiosos de maior relevância deste fim de século.

Com uma menor dimensão mas não menos eficaz na sua capacidade mobilizadora, é, por outro lado, a corrente particularmente viva na América Latina, em que as populações, nas suas camadas mais pobres e exploradas, encontram nos ditames da Fé as razões profundas e o vigor ousado do seu empenhamento na libertação das respectivas sociedades.

Certos desaires sobretudo de cariz político, como acontece na Nicarágua, nem por isso diminuem a atracção que exerce sobre milhões de pessoas, mergulhadas em injusto subdesenvolvimento, uma religião que lhes promete uma sociedade diferente, mesmo à custa duma entrega que chega tantas vezes a saldar-se em perseguição e martírio.

São promissores, portanto, para a religião os tempos que se aproximam, sobretudo se pensarmos que o espírito de tolerância entendida como virtude das democracias existentes e anunciadas, contempla toda e qualquer expressão religiosa. Desta tolerância, flui a coexistência ecuménica que implanta já por toda a parte mesquitas e pagodes, confundindo-se com templos e sinagogas, o que supõe o reconhecimento das populações mas também o das instâncias do poder político e das demais forças sociais.

Solavanco da história?

Entretanto, tudo isto pode não passar de um solavanco da história. O século XX termina com a consciência clara de que a mudança repentina e surpreendente é a nota mais saliente e certa desta humanidade, chamada a caminhar a um ritmo que, em cada dia, tudo altera e tudo inova.

Ora, o que se constata é que o regresso e o reforço do acontecimento religioso, como se referiu, obedecem a factores que lhe são exógenos e não evidenciam uma clara disposição de abrir-se à novidade dos tempos naquilo em que estes se definem como aposta irrecusável do futuro: a técnica, a ciência moderna e os seus reflexos na identidade humana e nas normas morais, a ambivalência dos sistemas económicos e a necessária imlantação duma nova ordem internacional, a exaltação universal da democracia e o centralismo autoritário das instituições religioss, o ecumenismo feito construção comum, em oposição ao espírito sectário a que as religiões dificilmente escapam.

Se as múltiplas confissões religiosas, neste termo do milénio, não forem capazes de integrar na sua reflexão e na sua prática esses problemas inadiáveis, o regozijo pouco amadurecido pelo incremento do fenómeno religioso nos anos que chegam pode não passar dum paliativo, a que se seguirá a hora da verdade: o ajuste de contas entre a história e as instituições que a ocuparam tantas vezes de forma decisiva.

Os anos 90 serão um tempo de teste. Este incidirá sobre a capacidade de a religião dialogar com o homem. Se isso não acontecer é o próprio valor e interesse da religião que ficam em causa.

Se o diálogo se der, na autenticidade e na verdade, será sobretudo a humanidade a ganhar com isso. Os limitados horizontes dos projectos humanos ganharão um suplemento de vida, e a insuficiência dos homens encontrará resposta na transcendência e perfeição que as religiões anunciam e oferecem.

A. Jardim Gonçalves

(Director da OIKOS — Cooperação e Desenvolvimento)

Mundialização da tecnologia e da economia leva a pensar e reinventar o Estado

Uma (hipo)tese prospectiva

A mundialização da tecnologia e da economia não é um fenómeno novo se por mundialização se entende os processos de internacionalização que caracterizaram, nos últimos cem anos, a evolução dos sectores industriais (da indústria química à indústria têxtil, da siderurgia à agro-indústria...), a partir de uma integração crescente dos fluxos dos conhecimentos técnicos, das matérias-primas, dos bens intermédios, dos produtos e serviços finais. Também não será um fenómeno novo se for visto sob a forma do processo de multinacionalização das empresas nacionais, seja pela criação de filiais directas, seja por aquisições, seja por acordos de cooperação de diversa natureza (comercial, financeira, tecnológica, industrial...). Exemplos típicos do processo de multinacionalização são as empresas petrolíferas, farmacêuticas, do ramo automóvel e, mais recentemente, as empresas de microelectrónica e as que actuam no sector das telecomunicações.

A mundialização é um fenómeno novo, nascente, de que se começa apenas a entrever os seus elementos característicos, se o entendermos como o conjunto de processos que se caracterizam por:

- Produzir, distribuir e consumir bens e serviços a partir de estruturas de valorização dos factores de produção materiais e imateriais organizados sobre bases mundiais (por exemplo através de licenças, de bases de dados, de formação avançada de recursos humanos...)
- Mercados mundiais regidos (ou que venham a ser regidos) por normas e «standars» mundiais (tais como MAP, TOP, OSI, SNA...);
- Organizações nascidas ou desenvolvidas sobre bases mundiais com uma cultura de organização aberta a um contexto mundial e obedecendo a uma estratégia mundial;
- Organizações onde é difícil identificar uma só «territorialidade» (jurídica, económica, tecnológica) em resultado das suas inúmeras inter-relações e integrações no meio dos elementos em jogo nas diferentes fases produtivas, a montante e a jusante da própria produção.

As cartas de crédito constituem um exemplo típico de um serviço mundial, pensado para um mercado mundial especializado no alto valor acrescentado, fundado sobre a integração de famílias tecnológicas novas (informática, materiais, telecomunicação...) e gerido pelas organizações mundializadas sustentadas por uma especialização cada vez mais mundial.

Mas a mundialização não significa necessariamente, mesmo ao nível de bens de consumo final, produtos standardizados para mercados mundiais homogéneos (a mesma viatura, o mesmo frigorífico, o mesmo chocolate...). Bem pelo contrário, a mundialização acomoda-se fortemente aos mercados locais diferenciados por razões de ordem regulamentar, cultural, económica, climática. A mundialização assenta, sobretudo, sobre os fluxos de diversificação de produtos, as formas de produção, as estruturas de organização, os processos de decisão e de controlo, as estratégias.

Há também mundialização no que concerne aos problemas do «maldesenvolvimento», para os quais o uso da ciência, da tecnologia e da economia se situam, à vez, como «causas» (bem entendido, entre outras) e «meios de solução» (uma vez mais entre outros). A poluição das águas do Reno pode ser considerada, no limite, como um problema europeu ou internacional. Mas já não é este o caso para o «buraco» na camada do ozono, o efeito de estufa da atmosfera, a militarização crescente do planeta, o flagelo da droga, a desertificação da terra (175 mil quilómetros quadrados de floresta desaparecem em cada ano). Os problemas de «disfuncionamento» e de «maldesenvolvimento» são tipicamente problemas mundiais, para os quais os mecanismos de gestão e os parceiros que seriam capazes de resolver os problemas internacionais ou multinacionais se apresentam hoje estruturalmente inteiramente inadequados.

O fim do capitalismo «nacional»

Internacionalização, multinacionalização e mundialização são, evidentemente, fenómenos interligados. Eles fazem parte de um mesmo processo de transformação do capitalismo industrial e financeiro caracterizado pelo «desaparecimento» gradual de princípios, regras e modos de organização e de valorização dos recursos materiais e imateriais, centrados sobre a unicidade e a coerência do «sistema» dito nacional (Estado nacional, economia nacional, banca nacional, educação nacional, caminhos-de-ferro nacionais, cultura nacional).

Este sistema foi já desgastado e posto em causa pelos fenómenos da internacionalização e da multinacionalização, o primeiro fundado sobre o processo inexorável da interacção constante e crescente entre os Estados, as economias, as culturas, e o segundo dando forma e dimensão à expansão dos fluxos de inovação e de produção de «riqueza» fora do território de origem dos actores económicos, sociais e institucionais. As empresas têm sido, até ao presente, os únicos actores «nacionais» capazes de realizar uma verdadeira multinacionalização.

No caso da mundialização, a cena muda de cenário. Encontramo-nos face ao fim do «nacional» enquanto ponto de partida e de chegada da pertinência estratégica para os actores científicos, económicos, sociais e culturais. O «nacional» limita-se a ser um dos níveis de pertinência significativa, mas não é mais o nível estratégico principal para os actores-chave da inovação tecnológica e do crescimento económico.

Em breve veremos que isto é válido igualmente para os poderes públicos e não somente para as empresas. As implicações e as consequências da mundialização da tecnologia e da economia são múltiplas e consideráveis para as empresas, os poderes públicos, as universidades, os sindicatos, os diversos grupos sociais organizados.

As novas relações entre o Estado e a empresa

As novas relações entre o Estado e a empresa surgem sob uma dupla forma. Constatamos, em primeiro lugar, que as decisões mais significativas (que alteram o presente e criam o futuro) respeitantes à afectação dos recursos tecnológicos e económicos e envolvendo vários países do Mundo resultam sobretudo da acção das grandes empresas mundiais (Olivetti, Alcatel, IBM, Mitsubishi, Nestlé, Thompson, Siemens, BP, BASF, Monsanto, Ericsson, North Telecom, Nissan, Société Générale, etc.).

Sobretudo nos últimos anos, em que as reestruturações industriais se seguem uma após outra e as OPA (operações públicas de aquisição) - mesmo gigantes - não cessam de dar matéria para as crónicas, tornando-se num dos acontecimentos-espectáculo da Comunicação Social, temos a impressão que as empresas «fazem» e «refazem» o Mundo (os sistemas de telecomunicações, a grande distribuição, a agro-indústria, indústria automóvel, as sociedades de seguros...) a seu belprazer. Assinalemos, a propósito, que esta predominância do actor-empresa atinge mesmo domínios - como sejam as universidades - que haviam escapado até ao presente ao mundo dos negócios: as universidades de empresas multiplicam-se (18 nos estados Unidos). A impressão que temos - sob muitos aspectos apoiada por factos - é que as empresas são os actores-chave da mundialização.

Neste contexto verificamos, em segundo lugar, que os Estados aparentam desempenhar um papel secundário, modesto, em retracção, relativamente às empresas.

Os Estados aparentam agir mais em reacção do que em antecipação - eles são mais seguidores do que dirigentes.

Nem a primeira nem a segunda das análises faz justiça a uma realidade bem mais complexa e diferenciada. Se é verdade que as empresas organizam de forma crescente a tecnologia e a economia mundiais, também é verdade que elas não são capazes por si próprias de «fazer» e de «desfazer» o Mundo.

Do mesmo modo, se é verdade que os Estados não aparecem à boca da cena na qualidade de vedetas das grandes «batalhas» das reestruturações industriais, também é verdade que os poderes públicos nacionais detêm meios consideráveis de intervenção sobre o desenvolvimento tecnológico e económico à escala mundial (quanto mais não seja pelas despesas públicas em matéria de defesa, educação, saúde, transportes...).

O facto novo não se verifica a este nível. Não é essencial saber se as empresas são as dirigentes do jogo e se os Estados são os seguidores. O facto novo é que os Estados e as empresas, intérpretes, entre outros, da mundialização, entraram numa dinâmica nova de aliança.

O Estado não está inactivo. Ele está activo, verdadeiramente cada vez mais activo na cena tecnológica e económica mundial. Mas ele não dirige mais o jogo. As empresas não são mais os actores «privados» em oposição ao Estado e que vencem sobre o Estado. Elas estão a ultrapassar o Estado-«nação».

A nossa tese é que o facto novo é mais subtil: é que a empresa está em vias de se tornar na organização de «governação» da economia mundial com o apoio dos Estados «locais», sejam eles pequenos, como a Dinamarca, ou grandes, como os Estados Unidos. Segundo esta tese, o Estado representa o papel de «cúmplice voluntário», consciente.

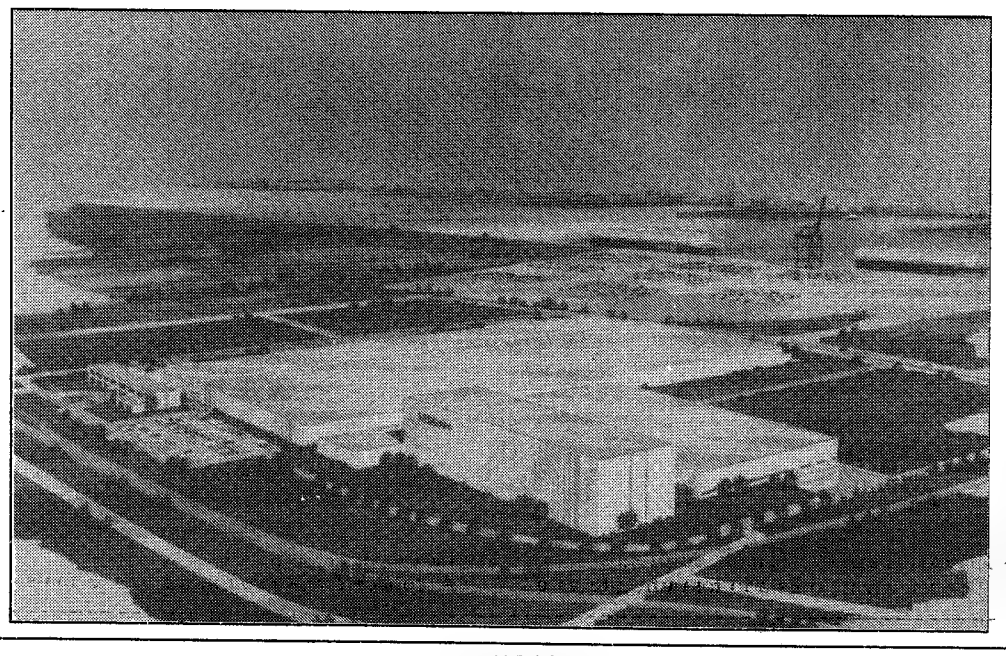
O Estado não se submete a uma conspiração. Consciente de que, na dinâmica da mundialização crescente da economia, o seu papel está destinado, a prazo (30, 50, 100 anos?), a mudar radicalmente de natureza, o Estado apresenta-se como função histórica actual de assegurar que os «seus» actores-chave estratégicos, que o mesmo é dizer empresas «locais» multinacionais (as únicas aptas e «armadas» para actuar na economia mundial), operam com sucesso a mundialização da economia «nacional».

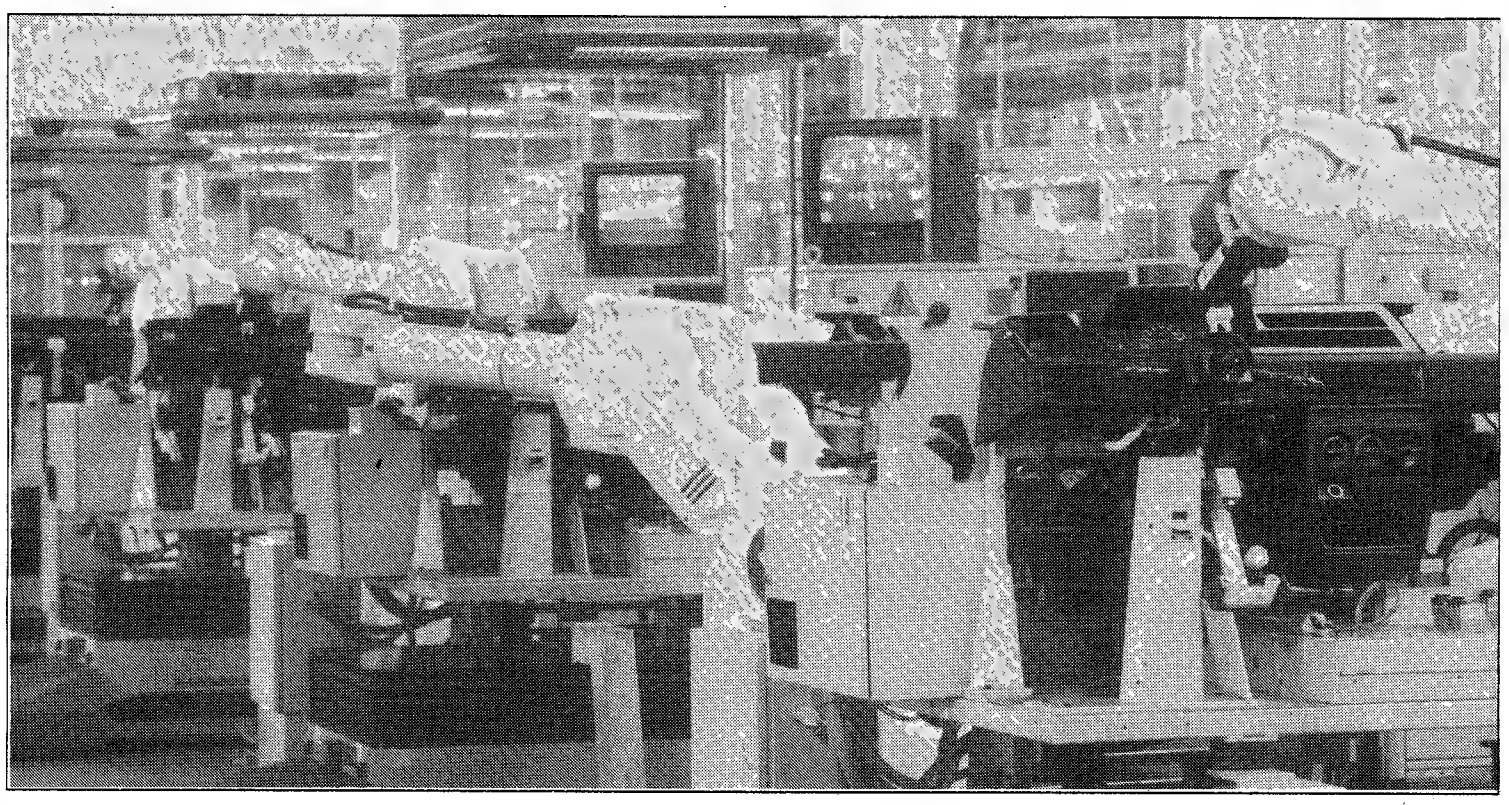
O argumento subjacente é o seguinte: o sucesso das «nossas» empresas na cena mundial é uma condição de sucesso e de salvaguarda tecnológica e económica do «país».

Condições e mecanismos da nova aliança Estado-empresa

Esta «lógica» reflecte uma série de condições e de «forças» objectivas exprimidas pelos seguintes dados:

- Uma integração crescente entre as tecnologias (informática e telecomunicações, microelectrónica, materiais compostos e tecnologias ópticas) e os sectores (agricultura, química e energia, telemática e mass-media). Isto obriga as empresas a procurar os meios para «abrir», directa ou indirectamente, a harmonização dos sectores susceptíveis de influenciar a evolução futura dos seus próprios domínios de actividade. A propósito do importante peso do estado na economia, uma aliança com os estados dos países que «contam» pode assegurar uma boa cobertura;
- Os custos crescentes da investigação e desenvolvimento (são necessários mais de três biliões de dólares para conceber e desenvolver uma nova geração de Boeings da categoria 747, conceber e desenvolver uma simples nova enzima industrial representa investir cerca de 100 milhões de dólares). Estes custos crescentes, em determinados contextos, levam as empresas a procurar apoios junto de outras empresas (muitas vezes estrangeiras), bem como junto do Estado;
- Os ciclos muito curtos de vida dos produtos, que implicam taxas de amortização mais elevadas e mercados muito alargados. Ter acesso a muitos «mercados públicos»





resulta, portanto, num objectivo estratégico importante;

- Uma falta relativa de pessoal altamente qualificado no conjunto dos países industrializados mais avançados, que obriga, por um lado, as empresas a procurá-lo onde ele se encontra disponível e, por outro lado, o Estado a investir em programas de investigação e desenvolvimento e nas universidades para assegurar, deste modo, a formação de base muito avançada procurada pelas empresas.

Neste contexto geral, as empresas são obrigadas, para começar, a procurar alianças e a estabelecer acordos de cooperação de forma sistemática e intensa com outras empresas, mesmo concorrentes, em múltiplos sectores (não apenas naqueles que lhes são complementares) e nos diversos países do Mundo.

No caso das empresas europeias ocidentais, as suas alianças e acordos de cooperação foram em maior quantidade, pelo menos até 1986/87, com empresas americanas e japonesas do que com outras empresas europeias.

A explosão recente dos acordos de cooperação em todos os sectores económicos, especialmente nos ditos de alta tecnologia, testemunha um comportamento novo da parte das empresas: a cooperação interempresas constitui um instrumento para permanecer ou vir a ser «competitivo» na cena mundial.

Uma mudança considerável

O "bilhete de identidade" e as estruturas de numerosas empresas, tal como a fisionomia nacional, europeia e mundial de grande número de sectores industriais e de serviços, está em vias de mudar consideravelmente. Por exemplo, se tomarmos em conta a indústria dos pneus (mais de 600 milhões de unidades produzidas em 1987), há cinco anos 13 empresas repartiam 80 por cento do valor mundial dos negócios do sector. Mas em 1988 apenas seis empresas detinham 85 por cento de facturação global e muitos especialistas e industriais estimam que até ao ano 2000 não restarão mais de três ou quatro grandes grupos que dominarão (através de cartéis?) a indústria mundial de pneus.

As actividades de investigação e desenvolvimento das grandes empresas resultarão cada vez mais de "assemblagens" complexas articuladas entre configurações internas (laboratórios "in house") e configurações externas (acordos de cooperação, joint ventures, participações em programas de investigação e desenvolvimento tecnológico bi-multi-laterais e internacionais-europeus). A título de exemplo, os laboratórios da Philips participam em mais de 50 projectos de investigação unicamente no quadro dos programas comunitários ESPRIT, RACE e BRITE.

As empresas não se ficam pelas alianças e acordos com outras empresas. Elas são obrigadas, também, para dominar com eficácia a sua própria mundialização, a procurar o máximo benefício de um apoio directo ou indirecto do "seu" próprio Estado, o que pode significar de muitos Estados, em resultado da sua forte implantação em diversos países e do papel que elas desempenham para a economia "nacional" destes países.

Deste modo, para além de uma atitude geral do tipo "retórico" de afirmação da exigência de "menos Estado, mais mercado", as empresas exigem ao Estado que lhes cubra a "rectaguarda" e que lhes assegure o seu espaço na "frente", em particular nos domínios do alto risco, que são os que trazem mais benefícios e os mais prometedores em termos de futuro

Relações Estado-empresa

Na verdade, as empresas exigem do Estado essencialmente quatro categorias de apoios e serviços.

- Assegurar os custos das "infraestruturas" de base (financiamento da investigação fundamental e do alto risco; financiamento das universidades e dos sistemas de formação profissional; promoção e financiamento dos mecanismos de difusão da informação científica e técnica e das transferências tecnológicas, etc.);
- Fornecer os necessários incentivos fiscais para favorecer o investimento em investigação e desenvolvimento e a inovação tecnológica;
- Garantir às empresas do país (empresas "nacionais") uma base industrial suficientemente estável, oferecendo-lhes um acesso privilegiado ao mercado interno através dos mercados públicos (defesa, telecomunicações, saúde, transportes, educação, serviços sociais). Os mercados públicos, em particular os que respeitam aos sectores estratégicos de alta tecnologia (defesa, telecomunicações, informática...) representam, deste modo, um duplo e importante papel: o de financiar a aquisição pelas empresas dum certo número de competências científicas e técnicas de base; e o da protecção de um certo segmento do mercado interno com que as empresas "do país" podem contar;
- Proporcionar o apoio e o auxílio necessários (do tipo regulamentar, comercial, diplomático, político...) às empresas "do país" na sua acção e na sua "luta para sobreviver" nos mercados internacionais.

Bem entendido, as empresas reivindicam igualmente do Estado uma legislação e políticas favoráveis à sua liberdade de acção (nomeadamente no domínio da gestão do mercado de trabalho).

Em troca destes apoios e serviços, as empresas asseguram ao Estado que se mantêm ou se tornam competitivas nos mercados mundiais e, graças à sua grande capacidade de inovação, prometem-lhe também contribuir para a independência tecnológica do país, produzir e distribuir riqueza e, deste modo, contribuir para a criação de empregos.

Por seu turno, o Estado tem um interesse "objectivo", directo e imediato, de apoiar as empresas do "país". Com efeito, já que a independência "nacional" e o bem estar económico dependem cada vez mais do domínio de tecnologias de base avançadas e da sua comercialização (semi-condutores, materiais compostos, robótica, instrumentação sofisticada, biotecnologia...), o Estado é cada vez mais "dependente" da inovação tecnológica e do domínio dos mercados mundiais assegurados pelas empresas.

A sua legitimidade política e social, que resulta da sua capacidade de garantir o desenvolvimento sócio-economico contínuo do país, está em jogo. Portanto, ele tem o interesse em elaborar e desenvolver uma política tecnológica, industrial e comercial que, sob formas diferentes de um país para o outro, responde no quadro dos países da OCDE a uma mesma lógica e a um mesmo princípio inspirador: mobilizar os recursos "nacionais" disponíveis, pondo-os ao serviço do êxito comercial, a curto e a médio prazos, nos mercados "mundiais" das empresas "nacionais" (PME e grandes empresas multinacionais), em particular das "melhores", das mais fortes, das "ganhadoras".

Deste modo, todos os Estados fazem a mesma coisa: através dos programas nacionais de investigação e desenvolvimento e da participação nos programas públicos internacionais, através dos mercados públicos, de vantagens fiscais, de medidas comerciais, etc., eles efectuam uma transferência maciça e reservas colectivas públicas em favor das empresas privadas, sobretudo multinacionais, a fim de lhes permitir manter a sua competitividade na já referida "luta pela sobrevivência" à escala mundial.

Feito isto, todos os Estados esperam salvaguardar as condições ao desenvolvimento económico do país e, portanto, salvaguardar bases da sua legitimidade. Dito de outra forma, os Estados tendem a desempenhar o seu próprio papel social delegando **de facto** nas empresas a tarefa de garantir o desenvolvimento sócio-económico do país.

Tal é a natureza da nova aliança: as empresas têm necessidade dos Estado "locais" (nacionais) para fazer face à mundialização e para se mundializar; os Estados "locais" têm necessidade das empresas mundializadas para assegurar a continuidade da sua legitimidade e do seu futuro enquanto formações políticas e sociais "locais".

Consequências da nova aliança

Entre numerosas implicações e consequências a longo prazo de uma tal aliança, quatro de entre elas merecem ser sublinhadas:

- A empresa adquire gradualmente uma legitimidade histórica e um papel social que se aproximam, em muitos aspectos, da legitimidade e do papel próprios do Estado;
- A concorrência económica não é mais exclusivamente entre as empresas. Ela resulta também de uma confrontação entre Estados, aliados com as empresas, do que resultam redes de acção e de alianças crescentemente mundializadas;
- O mercado "nacional" perde cada vez mais as suas características concorrenciais, porque ele está preenchido, com o apoio do Estado, por uma ou duas empresas "monopolistas" do país;
- Assiste-se a uma dissociação crescente, à escala mundial, entre o poder económico e o poder político.

Que fazer?

Vivemos uma situação paradoxal em que os Estados se transformam (ou são reduzidos) em "empresas" e as empresas tornam-se Estados porque exercem os poderes de governação próprios do Estado. E isto num quadro de "bom entendimento" entre o Estado e a empresa.

Situação paradoxal também porque as empresas-Estado mundiais defrontam-se com limites insuperáveis para agir como Estado, pois que elas não são (ainda) capazes de gerir três funções estratégicas importantes: a segurança militar, a protecção civil e a escolarização obrigatória gratuita. Na realidade, a mundialização da tecnologia e da economia não será acompanhada somente pelo surgimento gradual de uma sociedade civil transnacional mundial (quer dizer de princípios e sistemas de valor relativamente disseminados pela uniformização da sociedade mundial; as formas de expressão e de organização da vida colectiva sobre bases mundiais...) garante de novos modos de "regulação civil". Ela apela já, também, de maneira urgente à concretização à escala mundial de novas formas de regulação política, de Estado. Se desejamos guardar um mínimo de eficácia para as formas de democracia representativa, a governação da tecnologia e da economia não pode nem deve ser deixada nas mãos de actores protagonistas de interesses particulares.

Que fazer? Três acções são de seguir. Primeiro, pensar e reiventar o Estado - o Estado coerente com a sociedade mundial.

Segundo, nesta perspectiva, a constituição de um Estado europeu (federal) capaz de assegurar a regulação política à escala do nosso continente constituirá um passo em frente considerável. Com esta finalidade, o reforço do papel do Parlamento Europeu é um ponto de partida fundamental. Com efeito, a existência de um tal "Estado" europeu reintroduzirá a vantagem da democracia à escala do continente e no contexto mundial e reconstituirá a importância da função do interesse público geral, que é própria da função histórica do Estado.

Terceiro, uma outra direcção necessária e indispensável consiste no reforço de tudo o que possa favorecer "mais mundial" (por exemplo para resolver os problemas do ambiente). Os europeus não têm que ter medo de «criar mais mundial», apoiando-se também sobre e na valorização ao máximo dos potenciais de inovação, de criatividade e de capacidade de gestão mundial das empresas, elas próprias envolvidas em projectos definidos em comum.

Pelo que a isto concerne, a política europeia de investigação e desenvolvimento de tecnologias poderá significar, concretamente, tomar três espécies de iniciativas principais:

- A concretização de dispositivos europeus claros a respeito de fusões, alianças, acordos de cooperação entre empresas, bem como a criação de um estatuto jurídico da empresa "europeia";
- A estimulação de mecanismos democráticos de participação, de controlo e de avaliação tecnológica ao nível europeu, internacional e mundial;
- O lançamento de uma negociação mundial sobre a ciência e a tecnologia destinada a concretizar um mecanismo de diálogo (que faz falta) e de negociação (que nunca existiu) sobre as permutas científicas e tecnológicas à escala mundial.

Ricardo Petrella

Director do Programa FAST da Comunidade Europeia - Artigo publicado na revista

Mendes Gaspar: As situações de desnutrição aguda em muitas zonas do globo podem encontrar solução com o desenvolvimento da tecnologia agrícola

Agricultura: a esperança dos que têm fom

O desenvolvimento das técnicas de produção agrícola apresenta-se, sem dúvida, como uma das formas mais importantes de suprir as necessidades alimentares da popualção mundial. Tradicionalmente votada ao desinteresse e aos processos rudimentares utilizados durante séculos, a agricultura tem sido, nas útlimas décadas, objecto da aplicação de tecnologica cada vez mais sofisticada.

As componentes deste desenvolvimento são muitas, indo desde a criação de sementes mais produtivas e resistentes e de híbridos com maior capacidade nutricional, ao enriquecimento da terra e ao combate de pragas e doenças.

Mendes Gaspar, um dos responsáveis pela investigação agrícola feita na Estação Agronómica Nacional, considera que a agricultura portuguesa apresenta grandes potencialidades de desenvolvimento já durante a próxima década, estando igualmente convicto de que as situações de desnutrição aguda que se verificam ainda em muitas zonas do globo têm na agricultura a sua grande esperança de resolução.

O desenvolvimento das regiões mais carenciadas ou cujas potencialidades estão subaproveitadas constituirá a prioridade do desenvolvimento agrícola programado para a próxima década em Portugal. O Alentejo, o Algarve, a Cova da Beira e o Baixo Mondego serão, segundo Mendes Gaspar, os grandes focos de desenvolvimento agrícola dos anos 90.

Rentabilizar as potencialidades da Cova da Beira

No caso da Cova da Beira (concelho do Fundão), o programa de desenvolvimento integrado no Plano de Investimentos de Desenvolvimento da Administração Central (PIDAC), é constituído por cinco projectos respeitantes a várias áreas. O melhor aproveitamento do solo, principalmente através da promoção da rega de mais de 15 mil hectares, é um dos objectivos deste projecto. «Aproveitando os recursos hídricos, podemos utilizar o solo durante todo o ano, com uma cultura de Outono/Inverno, em que se utilize as águas da chuva, e uma cultura de Primavera/Verão, em que se recorre à rega», explica.

A produção fruteira constitui outra das áreas de intervenção deste programa. A este nível, procura-se estudar quais as espécies, variedades e sistemas de produção mais adequados à região, de forma a que os fruticultores possam escolher as melhores qualidades de pessegueiro, macieira, aveleira, que são as principais culturas da Cova da Beira.

Os restantes projectos dizem respeito à viticultura - através do estudo de castas e sistemas de produção mais adequados - e à área agro-silvo-pastoril, em que se procura utilizar as pastagens e as espécies florestais mais adequadas à região, bem como os sistemas de cultivo mais ajustados.

«Este programa está a ser aplicado desde 1984, devendo a sua primeira fase terminar em 1990, mas vais continuar durante a próxima década, na medida em que alguns dos sistemas culturais só poderão ser devidamente avaliados - quanto à sua produção e à influência que exwercem sobre o solo - depois de vários anos», afirma Mendes Gaspar.

A substituição da cultura do arroz, pouco produtiva, por duas culturas anuais é o grande objectivo do projecto para a região do Baixo Mondego (concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz). «Este programa prevê a drenagem dos solos, por forma a permitir que no Inverno se cultive trigo ou forragens e no Verão se plante o milho, o pimento, o feijão ou a soja, culturas mais adequadas a estes solos», considera o responsável da Estação Agronómica Nacional acrescentando, porém, que o arroz continuará a ser produzido na região entre Montemor-o-Velho e Figueira da Foz, onde a drenagem é mais difícil.

Diversificação: a palavra-chave

A diversificação das culturas, com a introdução de espécies até agora quase desconhecidas em Portugal constitui, na opinião de Mendes Gaspar, um dos principais caminhos a serem seguidos pela agricultura nacional durante a próxima década. Neste capítulo, estão a ser conduzidas experiências no sentido da produção da beterraba sacarina, as frutas tropicais e sub-tropicais e a soja.

Segundo este especialista, «em Portugal consomem-se anualmente 300 mil toneladas de açucar e a produção é muito pequena, embora existam excelentes condições». Nesse sentido, estão a ser estudadas as possibilidades de incentivar os agricultores a dedicarem-se à produção da beterraba sacarina, tendo a produção de açucar sido já discutida a nível das Comunidades, que nos atribuiram uma cota de 60 mil toneladas.

O Algarve, o Alentejo e a zona quente doriense foram os locais escolhidos para a efectuação de experiências com o cultivo de bananas, papaias, ananazes, maracujás e abacates. Ainda na sua fase inicial, a produção de frutas tropicais e sub-tropicais poderá ter, nos anos 90, uma importância acrescida.

Apesar dos custos de produção, relativamente elevados, Mendes Gaspar considera que estas culturas serão bastante compensadoras, na medida em que «a qualidade é muito boa e as produções são altas». A proválo, os 100 hectares de ananazes que se cultivam hoje em dia no Algarve, em abrigos de plástico. Também em grande expansão encontra-se a cultura do kiwi, praticada essen-

600 milhões de pessoas para alimen

Como vamos alimentar-nos no final da próxima década, quando formos mais de 6 mil milhões de habitantes no planeta? Esta questão - que a nós, habitantes da Europa Ocidental, não nos tira ainda o sono - tornou-se uma preocupação constante para um grande número de pessoas, alarmadas já hoje com os problemas alimentares que todos os dias afectam milhões custando, diariamente, a vida a 40 mil crianças, e que no final dos anos 90 deverá atingir 600 milhões de pessoas em todo o mundo.

A década de 80 caracterizou-se, a nível da produção de alimentos, por uma considerável melhoria, com um nível médio de crescimento da ordem dos 2 por cento, em todo o mundo excepto em África. No entanto, as situações de morte por inanição com que todos os dias somos confrontados através dos meios de comunicação não nos dão um panorama muito animador.

Para ilustrar esta situação, basta ver que, se nos anos 60 o aumento da produção de alimentos seguiu o mesmo ritmo do crescimento demográfico - 2,5 por cento - já nos dez anos seguintes o equilíbrio foi afectado, com um decréscimo na produção alimentar (1,7 por cento ao ano) e um acréscimo na explosão demográfica, que passou para os 2,8 por cento anuais.

Ora se este ritmo não for contrariado e outros factores não sofrerem alteração, chegaremos ao final dos anos 90 com um aumento demográfico da ordem dos 3,3 por cento ao ano, o que tornará indispensável a duplicação da produção agrícola.

Seremos demasiados?

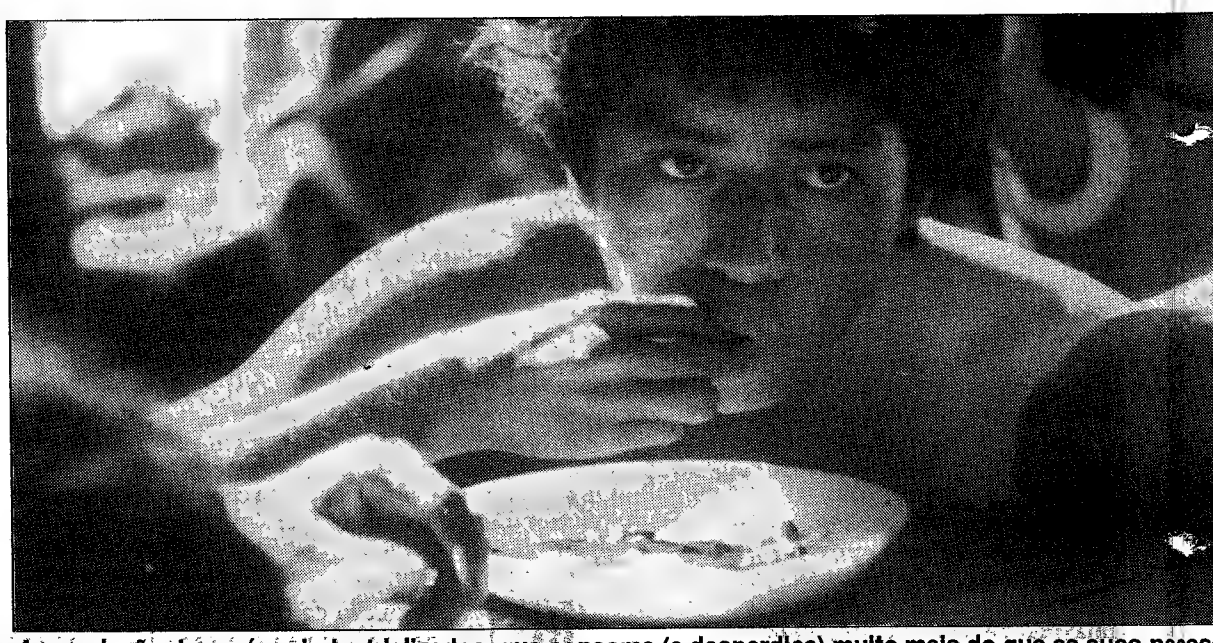
É quase inevitável, quando pensamos em fome, atribuí-la imediatamente a um excesso de habitantes do planeta. Tal ideia intensifica-se quando as estatísticas nos dizem que, actualmente, nascem 3 pessoas por minuto, o que dá um total de 56 milhões de novas vidas ao fim de um ano.

Trata-se, contudo, de uma falsa questão. Segundo um estudo apresentado no ano passado pelo professor Mendes Ferrão, presidente da Comissão Nacional da FAO, os alimentos actualmente produzidos a nível mundial chegariam para alimentar condignamente 37 mil milhões de pessoas e, se se seguisse uma política alimentar correta com um maior consumo de vegetais, então aquele número subiria para 96 mil milhões, ou seja, vinte vezes a população actual.

Para ilustrar esta situação, basta dizer que um norte-americano médio, por exemplo, consome apenas três quartos da comida que compra, ficando o restante a estragar-se no frigorífico ou acabando por ir para o lixo depois de cozinhado.

Então, porque é que a fome continua a matar? O Conselho Mundial de Alimentação na sua última reunião, realizada em 1987 na China, foi clara a este propósito: «Esta extensão da fome resulta em alguns casos da penúria de alimentos mas principalmente da impossibilidade de ter acesso a eles».

As dificuldades económicas de muitos países em desenvolvimento, nomeadamente devido a enormes dívidas externas e a uma inflacção galopante, constituiem o principal motivo do aumento do número de pessoas com fome - que não são só os que morrem por inanição, mas também os que sofrem de carências alimentares de toda a ordem - e cujo



A população dos países industrializados, que consome (e desperdiça) muito mais do que as suas neces
muito pouco para o resto do mundo comer

...me

...o de ...nhos ...onal ...tulo, ...sen- ...a, as ...ugal ...adas ...ena, ...esse ...bili- ...edi- ...rina, ...tida ...ram ...ente ...ra a ...o de ...ás e ...pro- ...derá ...cida. ...tiva- ...dera ...nsa- ...de é ...ová- ...ulti- ...s de ...o en- ...sen-

cialmente no Minho, e com vasta aceitação junto dos países da CEE.

No âmbito das novas culturas, Portugal propõe-se ainda suprir parte das necessidades comunitárias em termos da importação de pistachio, cária (vulgarmente conhecida por noz americana), jojoba (um substituto do óleo de cachalote) e cuphea. Todas estas culturas estão, aliás, a ser bastante incentivadas pela CEE através do programa Agrimed. A sua instalação está ainda em fase inicial.

«E quanto à produção de cereais?» - interrogamos. «A Estação de Melhoramento de Plantas em Elvas está a estudar novas variedades cerealíferas, melhores em termos de produção, bem como as tecnologias a elas apropriadas. A Estação Agronómica, por seu turno, utiliza-as e experimenta-as», esclarece o engenheiro.

A aposta tradicional na batata e no trigo

No que se refere a produtos alimentares de grande consumo, Portugal pretende apostar, no decorrer da próxima década, na soja e na batata de alta qualidade. A Estação Agronómica Nacional está a testar novas variedades daquele importante tubérculo, mais produtivas e altamente resistentes ao míldio, e que se espera estejam prontas para cultivo já nos próximos anos.

A soja, cuja produção já se pratica no nosso país, embora, na maioria dos casos, como segunda cultura, constitui outro dos potenciais alimentos dos anos 90. Mendes Gaspar fala da importância crescente desta planta: «Ainda há poucos anos ela era quase desconhecida na Europa e hoje a Itália já produz mais de 500 mil hectares e a França mais de 300 mil», explica, acrescentando: «É desejável que a soja passe também a merecer a atenção dos nossos agricultores pois trata-se de um produto com muito interesse para a próxima década».

Para Mendes Gaspar, a agricultura em Portugal e no mundo Ocidental está de boa saúde, sendo agora preciso desenvolvê-la nas zonas onde há realmente fome.

As novas plantas e novas variedades mais produtivas e com maior resistência a determinadas pragas e doenças, o aumento - a nível mundial - dos bancos de germo-plasma e o surgimento de novos pesticidas e fertilizantes são, para Mendes Gaspar, sinais inequívocos de um futuro animador no que respeita à produção agrícola. «A humanidade tem capacidade para aumentar a quantidade de alimentos, só é preciso que esse aumento não continue a verificar-se apenas no mundo Ocidental e se estenda às zonas mais carenciadas do globo».

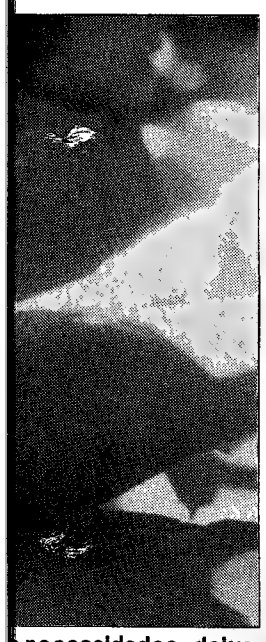
Dina Soares

...entar em 1999

...áises ...dev- ...a in- ...cipal ...soas ...por ...a de ...cujo

aumento, na próxima década, se prevê que seja de oito milhões por ano.

Grande parte deste aumento afectará estratctos da população em cujos países existem alimentos em quantidades suficientes mas que não têm acesso a eles por falta de recursos monetários. Este tipo de fome torna-se mais grave, devastador e difícil de resolver na medida em que não é sentido por aqueles que não são afectados por ela, enquanto as situações pontuais de fome chamam mais a atenção.



...s necessidades, deixa

Além disso, este é o tipo de fome que regista maior extensão a nível mundial, afectando não apenas os países pobres, mas também muitas das nações mais desenvolvidas. Basta assinalar que, actualmente, 15 por cento dos italianos, 14 por cento dos japoneses e 10 por cento dos americanos sofrem de malnutrição.

A natureza: destruí-la ou melhorá-la?

Tradicionalmente, culpava-se a natureza pelo problema da fome. As secas, as pragas e a erosão de terrenos provocada pelos ventos ou pela água eram as causas mais apontadas para as más colheitas. No entanto, é hoje indiscutível que as práticas agrícolas incorretas - nomeadamente a exploração contínua da terra sem periodos de posio destinados à recuperação da fertilidade dos solos e a utilização de terras florestais para a agricultura - podem ser muito mais destrutivas que as catástrofes naturais. Tais práticas poderão, durante a próxima década, diminuir em 19 por cento o potencial de produção de víveres.

A reciclagem das matérias orgânicas, a fixação biológica do azoto, um uso correcto de pesticidas e fertilizantes e a melhor adequação das plantas cultivadas ao solo e às condições climatéricas constituem, sem dúvida, formas de aumentar drasticamente a produção de alimentos, sem que para isso seja necessário recorrer a métodos tecnológicos muito avançados. Só em África, o continente mais afectado pela fome, tais medidas chegariam para aumentar em 58 por cento a capacidade produtiva nos próximos dez anos.

A chamada «revolução verde», que teve o seu início na década de 60 com o chamado «triticale» - uma mistura de trigo e centeio - poderá ser uma das formas de melhorar a situação alimentar mundial, principalmente nos países onde as condições naturais são mais adversas, como é o caso de diversos países africanos.

Disfrutar da natureza viva será sem dúvida uma das soluções. Todavia, não basta melhorar a natureza, é necessário criar meios para que os seus frutos não fiquem a apodrecer nos armazéns dos países ricos, enquanto outros morrem de fome.

Álvaro Alves Pereira: É necessário educar as populações para que comam melhor e mais barato

Portugal não tem fome mas come mal

Educar as populações para que elas comam melhor e por menos dinheiro parece ser a ideia-chave da política alimentar portuguesa para os anos 90. Sem situações muito alargadas de fome aguda - cuja principal incidência se verifica nos bairros degradados da periferia das cidades - Portugal sofre, porém, as consequências de uma alimentação errada, com custos económicos e sociais bastante elevados.

Álvaro Alves Pereira, um dos responsáveis do Instituto de Qualidade Alimentar (IQA), mostra-se tão preocupado com as carências como com os excessos, portadores das denominadas «doenças da civilização», e advoga que é na educação que reside a cura para grande parte desses males.

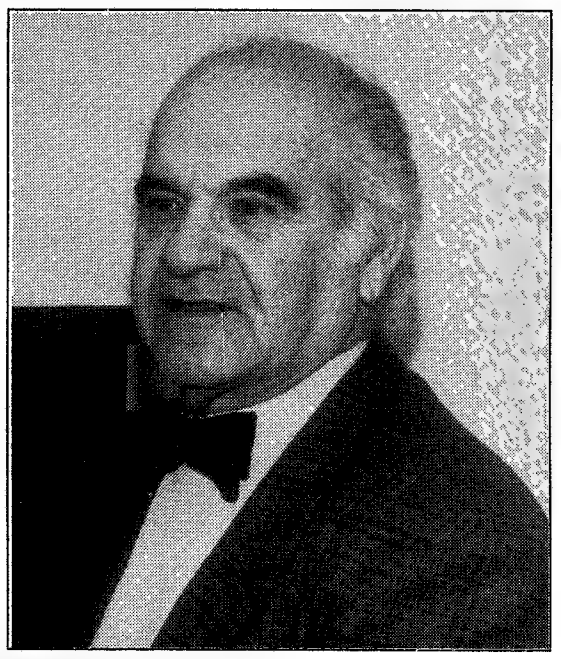
As escolas primárias, os lares da terceira idade e as cantinas para trabalhadores são já, e deverão continuar a ser, os lugares preferidos para a realização de acções de educação alimentar. «Tratam-se de locais que, pelas suas características, permitem um efeito multiplicador muito grande, tornando possível chegar a muitas pessoas ao mesmo tempo», explica o responsável do IQA.

A intensificação deste tipo de iniciativas constitui um dos grandes objectivos deste e de outros organismos ligados ao estudo das questões alimentares. Para Alves Pereira tal justifica-se plenamente: «A educação alimentar pode resultar em grandes vantagens para o país, não apenas devido ao incremento do consumo dos nossos produtos, mas também através de uma diminuição das despesas com a saúde».

Leita a menos e álcool a mais

A baixa popularidade dos productos lácteos entre os portugueses é a causa de uma das mais graves carências alimentares da nossa população. «Em meados da década de 80 o consumo de leite e iogurtes começou a aumentar a um ritmo bastante elevado - cerca de 20 por cento ao ano. No entanto, nos últimos dois anos este crescimento sofreu um grande abrandamento, o que se torna preocupante na medida em que os níveis atingidos ainda estão longe de ser os ideais», comenta Alves Pereira.

A mesma situação verifica-se em relação aos frutos e legumes, pouco procurados pelos portugueses apesar da variedade existente no mercado. Também neste campo, o consumo não atinge de todo os níveis desejáveis, principalmente se se tiver em conta a riqueza nutricional destes alimentos.



Álvaro Alves Pereira defende a educação alimentar como a única via para acabar com as «doenças da civilização»

«Há depois o lado inverso, que são os consumos excessivos. Aí temos o álcool, o sal, as gorduras e o açucar», afirma este responsável, acrescentando: « A questão do álcool é a mais grave pois, se por um lado temos assistido a uma diminuição do consumo do vinho, por outro lado tem aumentado o consumo da cerveja». Neste capítulo, a situação menos preocupante é, segundo Alves Pereira, a do açucar, uma vez que o nosso consumo é ainda dos mais baixos da Europa, apesar de ser bastante alto. Aqui, uma vez mais, a solução futura reside na educação, com a consequente mudança de mentalidades.

Os «eleitos»

A luta pelo abandono de alguns vícios alimentares e a tentativa de incentivar o consumo de outros constituem, assim, os dois vectores fundamentais das acções de educação alimentar programadas para os anos 90. Alimentos como o peixe e os ovos, como substitutos parciais da carne, ou ainda o pão - especialmente se for pão integral com 20 por cento de centeio de 80 por cento de trigo - as leguminosas secas e o azeite, em substituição das margarinas e óleos, serão alguns dos «eleitos» da próxima década.

«Uma alimentação saudável não é, de forma alguma, uma alimentação cara.» - afirma Alves Pereira - «Na realidade, pode-se comer bem poupando dinheiro, o que é uma vantagem na medida em que a alimentação ainda pesa muito no orçamento familiar».

O consumo cada vez maior de alimentos transformados - quanto mais não seja através da calibragem, limpeza, congelação e embalagem - o aumento da fiscalização feita à qualidade dos produtos e à informação que os seus produtores dão deles e a internacionalização da alimentação constituem, no entender de Alves Pereira, as grandes tendências alimentares da próxima década.

«Portugal nunca foi um país auto-suficiente em termos de produção alimentar e, com a abertura das fronteiras em 1993, vamos assisitir à entrada muito facilitada de produtos estrangeiros, o queresultará numamaior internacionalização dos hábitos alimentares», conclui Alves Pereira.

Agostinho Roseta analisa o possível futuro mundial nos anos 90, face à evolução económica

Mundialização e inovação tecnológica vão marcar a próxima década

Os grandes vectores de mudança da Economia, na década de 90, podem ser caracterizados por três factores essenciais e englobantes: a inovação tecnológica, por ser provavelmente o mais importante de todos os que definem uma época, a internacionalização e a mundialização.

Nesse sentido se pronuncia Agostinho Roseta que, ao fazer uma apreciação pormenorizada do que poderá ser o cenário possível até ao fim do século, afirma que «*a inovação tecnológica, a par das novas tecnologias da informação, a electrónica, a biotecnologia e os novos materiais produzem profundas transformações não só nos processos de produção, como nos próprios produtos, já que viabilizam a realização de novos bens e serviços*».

Contudo, adianta ser ainda mais importante a internacionalização da economia e a mundialização dos mercados, o que está já a abalar todas as estruturas económicas, no plano mundial. Não só ao nível de produção, como ao da distribuição. «*As grandes mudanças que estamos a viver e vão ser vividas estão profundamente ligadas ao assunto*», salienta.

Passando por cima do conceito ultrapassado das «ilhas», contudo é normal ainda não haver uma noção do que significa este passo gigantesco para a economia mundial e para a humanidade em geral, facto que poderá não só determinar a próxima década, como ser o lançamento de uma nova relação entre povos e sistemas.

Recorda Agostinho Roseta que, até agora, «*produzia-se para os "stocks", para o armazém e depois vendia-se. Hoje em dia é o contrário que se verifica, pois que se produz já directamente para o mercado, que é quem comanda a produção*».

A mundialização dos mercados leva a que qualquer empresa, esteja onde estiver situada, ao procurar avaliar as suas condições de competitividade tenha de se pôr em paralelo e em confronto com outras empresas situadas em qualquer outra latitude ou longitude, o que cria um quadro diferente.

Isso porque, desde logo, passam a ter muito menos eficácia alguns jogos artificiais que os Estados faziam e continuam a fazer, para assegurar aquilo a que se chama independência nacional, económica e de decisão, «*com o que se falseiam muitas coisas*», segundo Agostinho Roseta.

Não só em Portugal, com as condições empresariais e de controlo estatal conhecidos, mas em todo o mundo, têm de ser as próprias empresas, com a sua capacidade de intervenção na guerra económica mundial, que devem definir as próprias condições de competitividade, o que se traduz no facto de as instituições decisivas serem, de facto, as instituições empresariais, as de investigação e de educação e formação profissional, que entre si podem cooperar e desenvolver algumas dessas funções e não apenas uma.

«*Vai ser a altura de haver a capacidade de ter centros de excelência, de ter instituições com a dimensão e a massa crítica suficiente para poder recolher e tratar a informação e produzir a inovação de que dependerá a capacidade dos países poderem escolher uma posição melhor na divisão internacional do trabalho e na distribuição da riqueza*», palavras de Agostinho Roseta.

Um outro aspecto importante é que, à medida que vão sendo satisfeitas as necessidades primárias das pessoas, há que ter em conta que, para além do próprio produto, há a imagem a que este está associado, em termos de "status", factor que os publicitários têm presente e que gera sempre mais-valia.

Empresas do futuro

Outro aspecto decisivo é que a empresa paradigmática do futuro já não será segundo o modelo actual dos mastodontes. «*Mas há algumas ideias feitas* –diz Agostinho Roseta– *que a, meu ver, são erradas e de que é exemplo o facto de, quando se fala de tercearização da economia se dizer que a indústria diminui o volume de efectivos , aumenta os serviços e faz desaparecer as grandes empresas*».

A leitura desta situação aponta para uma segmentação dos ciclos de produção, de forma que o que antes era feito no interior das empresas verticais estar agora –e na próxima década ainda o vir a ser mais– segundo moldes que já existiam há cem anos, que é o aparecimento de empresas especializadas que apenas fazem uma ou duas fases específicas de um ciclo completo de produção.

Tal facto, segundo a fonte que tem sido citada, reforça a noção do tempo na gestão da organização da produção, «*uma vez que já não se trata de estar a tempo e horas no mercado, mas de cada empresa ter de estar sincronizada com aquelas que se encontram a montante e a juzante, de forma a que o ciclo produtivo funcione da mesma forma eficiente como se estivesse tudo dentro de uma empresa vertical*».

Acontece que presentemente há uma geometria variável e cada uma dessas empresas pode acopolar-se a outras, situação onde entram as novas tecnologias que viabilizam a produção de pequenas séries, uma vez que os tempos mortos de adaptação dos processos e procedimentos passam a não existir.

Perspectivas, na próxima década, para as pequenas e médias empresas? Não estão ameaçadas, pois dá-se o caso, já hoje, de uma pequena empresa, com quatro ou cinco dezenas de trabalhadores, dominar uma relação em que entrem mais 10 ou 20 empresas, algumas com milhares de pessoas.

Lembra Agostinho Roseta que, «*se pensarmos, por exemplo, na área da electrónica, ver-se-á que quem domina o "engeniering", quem tem o "know how", quem concebe o produto, quem produz o "software" pode ser uma pequena empresa com quadros altamente qualificados, dominando a capacidade de produzir os novos bens e serviços e que pode ter subordinadas à sua lógica empresas muito maiores*».

Estatísticas alteradas

Também o sistema estatístico começa a estar inadequado para que se possa analisar correctamente um sector de actividade, já que a distribuição de actividades começa a ser diluída, num mundo onde frequentemente milhares de trabalhadores, em ramos totalmente diversos, contribuem para a produção de um determinado bem ou serviço.

O facto de haver uma tendência cada vez maior de exteriorizar os serviços de manutenção, de montagem, de produção de componentes, leva – e levará cada vez mais– a uma leitura incorrecta do que se passa, com empresas e trabalhadores a surgirem no sector de serviços quando, em situação recente, estariam no interior da empresa e dela fariam parte.

Para se perceber o que se passa e para traçar um panorama do futuro possível, torna-se necessário perceber o que se passa numa bacia industrial. «*O que se verifica é que as regiões que conseguem ter uma maior prosperidade e maior progresso são aquelas onde existem sinérgias, onde há uma cultura industrial, isto é, onde há pessoas, instituições empresariais, de formação e de investigação que dominam bem esses sectores, tornando-se assim extremamente mais fácil criar uma nova empresa ou desenvolver uma já existente*».

Uma outra ideia: há uma nova reorganização de instituições, assumida pelo tecido empresarial, o que não significa que as empresas, que podem ser designadas como os nós da rede, não tenham um papel decisivo. Terão de combinar uma capacidade financeira significativa com um domínio perfeito e directo dos mercados que lhes permita ter acesso directo a estes e também ao domínio das tecnologias do produto e dos processos na sua área. Delas dependerá a vitalidade do tecido económico.

Absurdo da riqueza

Quando se olha para os grandes movimentos –e a perspectivação para os próxi-

As novas tecnologias fazem andar mais depressa a informação do que as mercadorias

Agostinho Roseta: Já não será o Atlântico, mas o Pacífico, que divide a meio o planisfério?

mos dez anos definem linhas idênticas-- vê-se um aspecto importante, que é o facto de continuar a existir um absurdo ao nível do globo: as crises económicas registam-se quando há crises de superprodução. O que se verifica actualmente na Europa, com cerca de 17 milhões de desempregado, é disso exemplo.

«*O que acontece* –adianta Agostinho Roseta– *é que as empresas não têm condições de competitividade, uma vez que o mercado para que dirigem a sua produção tem uma capacidade limitada de absorção desses bens e serviços*».

Contudo, não deixa de haver, e o futuro não se perspectiva melhor, centenas de milhões de pessoas que não têm satisfeitas as suas necessidades fundamentais, o que «*quer dizer que, a nível mundial, é necessário um "neofordismo" que inverta todos os dados que hoje se colocam na competitividade entre os grandes blocos, que são a Ásia e o Japão, os Estados Unidos e a CEE*».

Segundo Agostinho Roseta, tudo isto será invertido e torna-se interessante reflectir sobre dois acontecimentos. Um, o movimento de opinião norte-americano que, pela primeira vez na última década, põe em causa uma doutrina liberal que, afirmam, coloca os EUA de joelhos perante o Japão e os novos dragões asiáticos.

O segundo, mais dramático e recente, encontra-se nas grandes transformações a que se assiste nos países socialistas, «*portadoras de um grande anseio das populações de terem acesso a um nível mais elevado da satisfação das necessidades, com acesso a bens e serviços de melhor qualidade e maior quantidade*».

Este um apelo que não pode ficar sem resposta e, seja ela imediata, gerando maior consumo, ou a longo prazo, se os povos de Leste admitirem fazer um compasso de espera e apostarem no investimento e na melhoria da sua própria capacidade produtiva, haverá sempre uma pressão de ruptura, nomeadamente em bens de equipamento, com o investimento a crescer, situação sempre favorável à Europa, a grande produtora de bens de equipamento.

Outro facto para análise: o país europeu mais ortodoxo da Europa, a RFA, que sucessivamente tem resistido às pressões para suportar uma taxa mais elevada de crescimento e que tem mantido um «superavit» nas contas externas, registou uma total explosão nas contas de 89 e tudo aponta para que aconteça o mesmo no próximo ano, o que será definidor de um período de turbulência.

Traços gerais de um panorama que, na década de 90, trará novos dinamismos de procura que determinarão a abertura de novas expectativas e se coloquem muitas coisas em termos diferentes dos actuais.

Concentrações e futuro

As grandes concentrações urbanas constituem uma problemática muito importante por estar relaccionada com o quadro da construção do Mercado Único Europeu e da União Económica e Monetária e por ser um factor de concretização da coesão económica e social.

«*Quando se fala deste tema* --diz Agostinho Roseta-- *muitas vezes refere-se um princípio quase moral de solidariedade, mas a Europa, para vencer, precisa de usar muito melhor os seus recursos e, quando pensamos no Mercado Único, vemos que se não houver regras, se não houver sistemas de compensação, o futuro será que os fortes fiquem mais fortes e os fracos mais fracos, o que poderá exarcebar algumas das consequências derivadas do modelo anterior de industrialização, que determinou que se concentrassem, nalgumas zonas, os recursos e que as bacias industriais fossem cada vez mais concentradas e desiquilibradas entre o Norte e o Sul*».

Um dos problemas é o da utilização do espaço, decisivo em termos de preservação do ambiente ecológico, mas também da qualidade de vida. Uma prova é que as cidades europeias começam a confrontar-se com problemas insolúveis, como o trânsito, a poluição, a habitação, a criminalidade e a marginalidade. Tudo tem custos, principalmente no que se refere à recuperação ou modificação das áreas urbanas, para que seja possível viver e investir em certos sectores.

As novas tecnologias --que permitem fazer andar mais depressa a informação que as mercadorias e, dado haver possibilidades de descentralizar a produção--, podem ser usadas de forma positiva e não para causar a polarização. «*Existe uma possibilidade de repensar a utilização do espaço o que, para Portugal, é uma vertente importante, já que pode ser a grande porta de comunicação entre a Europa e África e América do Sul*».

E o mundo em 1999, em termos de geografia económica? Diz Agostinho Roseta que «*as mudanças que já se deram, de tal modo que há quem diga que o Planisfério já não tem o Atlântico a meio, mas sim o Pacífico, apontam para possíveis grandes transformações*».

Mais uma vez podem ser movimentos relativos, uma vez que a CEE continua a ser a maior potência comercial do mundo, sendo inevitável que surja um novo quadro, a nível mundial, onde estarão inseridas as transformações que se registam na Europa de Leste, tal como será inevitável que as relações Norte-Sul venham a ser colocadas num plano completamente diferente.

«*A África e a América Latina irão crescer muito e haverá um novo desenho dos mapas económicos, não só devido aos recursos naturais, mas por haver grandes massas de pessoas que não podem ser afastadas do progresso, de forma a criar desequilíbrios que possam pôr em risco a paz, a preservação do ambiente. Pode ser estabelecido um novo tipo de solidariedade entre o Norte e o Sul e haverá, mesmo do ponto de vista da mobilidade dos recursos naturais, um movimento agora não no sentido da colonização, mas do contributo para a afirmação autónoma desses países na exploração das suas riquezas e na integração num plano totalmente diferente da economia mundial*», conclui Agostinho Roseta.

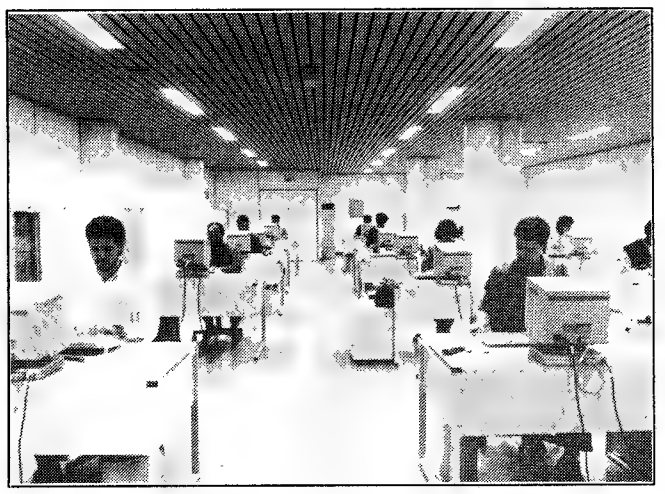
Almelda Henriques

A era do curso de computadores de uma semana está a terminar

A Matemática irá ser preponderante na tecnologia da Informação

Alguém sugeriu que comparar a tecnologia de construção de edifícios à da construção de programas de computador, equivaleria a colocar esta num grau de evolução técnica análoga à de Afonso Domingues quando construiu a abóbada da Batalha: grandes projectos assentam em pura arte, intuição, heurística e, sobretudo, na crença de que, uma vez implementados, não desabam em cima do infeliz projectista.

No entanto a tecnologia de «software» rodeia-nos das suas grandes catedrais, que funcionam e que testemunham uma contínua evolução. Exemplos abundam e um deles é a estação gráfica, com a qual componho este trabalho, que representa, em relação aos processadores de texto, um salto evolutivo equivalente ao que vai destes aos seus editores de fita perfurada de 20 anos atrás.



A nova década vai exigir aumentos substanciais na produtividade do programador

Esta evolução assenta, porém, quase exclusivamente em desenvolvimentos na tecnologia das máquinas em si (o «hardware») e muito pouco na tecnologia de produção dos programas. Paradigmaticamente novos e mais rápidos processadores, mais e mais rápida memória, maiores discos, são os temas constantes dos anúncios que a comunicação social nos traz todos os dias, omitindo referências a novas metologias conceptuais ou a verdadeiramente novos programas.

Existe uma exigência crescente para programas que usem efectivamente os recursos que o novo «hardware» torna disponíveis e que respondam às expectativas que a sociedade manifesta face a tais anunciadas "maravilhas". Esta será, com certeza, a força motriz da tecnologia da programação na próxima década.

A resposta tradicional a um aumento da complexidade de um projecto esgota-se num aumento da dimensão das equipas de programadores a ele afectos. Normalmente a tecnologia ao dispor de cada programador é a mesma que já dispunha 10 anos antes. Este tipo de solução não tem futuro e a próxima década vai exigir aumentos substanciais na produtividade do programador individual equipando-o, para tal, com um novo nível de tecnologia.

Fabricantes de equipamentos informáticos argumentam que esta tecnologia reside em novas "ferramentas" a que dão a designação genérica de sistemas Case. De um modo geral a comunidade científica das ciências da computação pensa de maneira diferente.

Como alternativa propõe que as respostas necessárias devem vir prioritariamente de uma tecnologia conceptual. Argumenta que, sendo a essência da tecnologia da informação a obtenção de programas de computador que resolvam problemas do mundo real, então a primeira prioridade reside na obtenção de modelos conceptuais exactos não só para os programas mas também para os problemas que esses programas pretendem resolver(1).

Técnicas de modelação dos problemas "informatizáveis" deverão tomar um papel preponderante na próxima década. Estas técnicas, para serem úteis, necessitam de ser eminentemente formais. A ciência matemática irá ser, assim, cada vez mais preponderante na tecnologia da informação e estas técnicas de especificação passaram a ser integradas como uma disciplina particular da matemática.

Este tipo de atitude é perfeitamente comum noutras áreas da tecnologia: não é viável que um engenheiro civil não saiba calcular os esforços numa viga nem um engenheiro - electrotécnico que não saiba calcular a corrente num circuito. Do mesmo modo não deve ser viável um técnico de informática que ignore o modo como deve exprimir com rigor as consequências do seu trabalho.

Os paradigmas de programação mais comuns estão, e deverão continuar a estar, intimamente ligados à arquitectura dos computadores que os suportam. Quase exclusivamente, os computadores existentes seguem uma construção conhecida como arquitectura de Van Newman que deu origem ao chamado paradigma da programação sequencial; este é o modelo básico da maioria das linguagens de programação existentes desde as mais antigas, como Fortran e Cobol, passando pelo Pascal e Basic até às que, como o C, são hoje predominantes.

Uma vez que não são previsíveis alternativas significativas à arquitectura de Van Newman é natural que a programação sequencial continue a ser, na próxima década, a base de todos os projectos de «software». Outros paradigmas de programação estarão sempre condicionados pela eficiência e exactidão com que são implementados em programação sequencial pura.

É inegável que, a breve prazo, estes outros paradigmas de programação virão a ser o veículo fundamental do trabalho diário do programador. O paradigma da programação orientada a objectos é, já hoje, o modo ideal de escrever grandes sistemas de «software» com interligações complexas. Outros exemplos são a programação lógica e a programação funcional, não só ferramentas preferenciais da Inteligência Artificial, mas também de muitas outras áreas de aplicação.

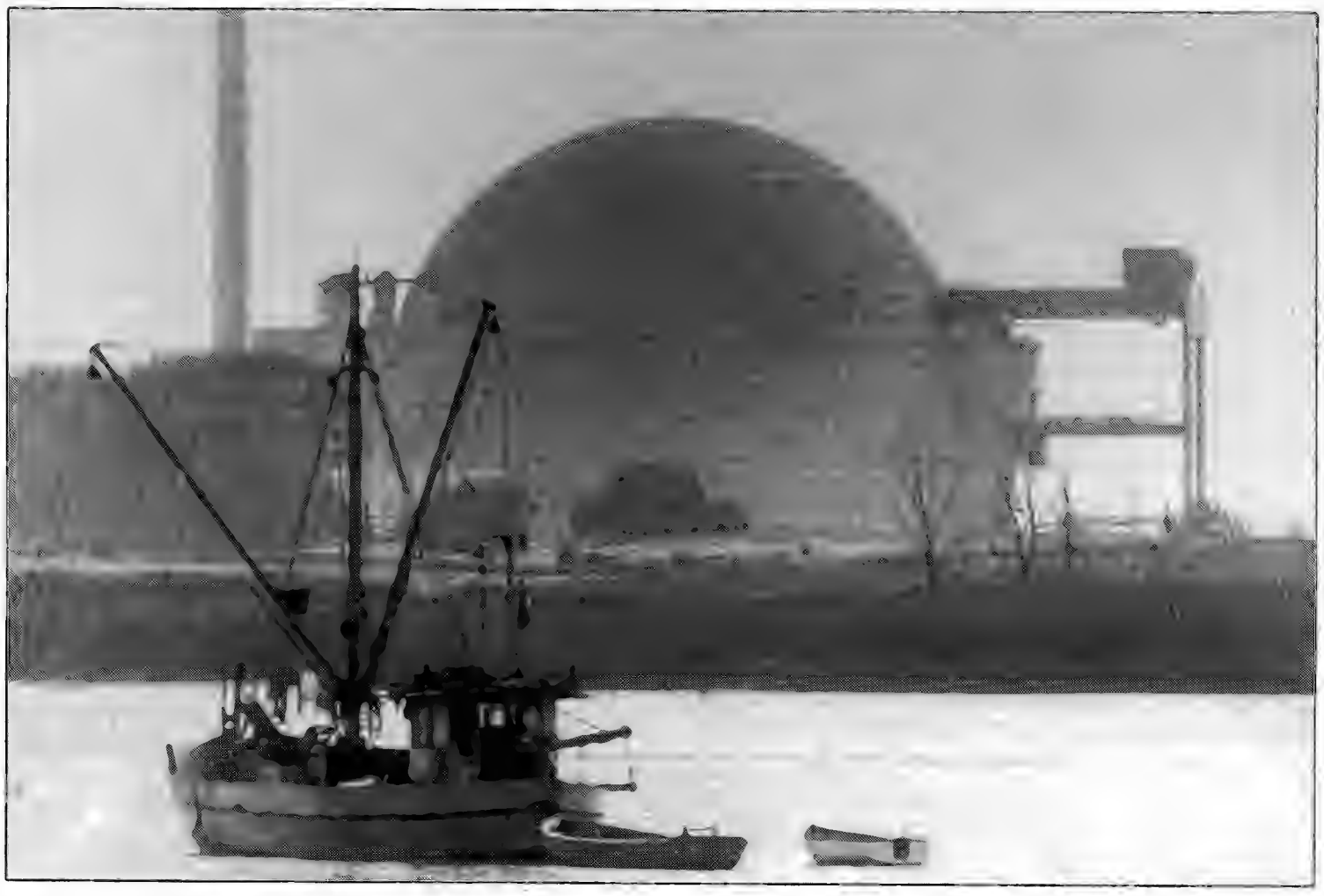
A proliferação de "linguagens alternativas" como Prolog, Lisp, Hope, Miranda, ML, Smalltalk, etc., mostra a grande dinâmica nesta área. Muitas estarão condenadas às gavetas das instituições que as criaram; algumas, porém, já ultrapassaram esta barreira e fazem parte de um mais vasto património de informação.

Torna-se claro que a tecnologia da programação vai evoluir no sentido de ser conduzida por preocupações acrescidas de rigor em termos de resultados e em termos de recursos gastos para os obter. Cabe às universidades, e a todas as instituições que se responsabilizam pela formação de profissionais de informática, dar suporte adequado a estas preocupações. A era do "curso de computadores de uma semana" está a terminar.

José Manuel Esgalho Valença
Prof. Dep. Informática-Universidade do Minho

Delgado Domingos: «É de esperar que a energia nuclear vá desparecendo, à medida que as centrais vão atingindo a sua vida útil»

A rejeição do nuclear é inevitável por motivos económicos e de segurança



O prof. Delgado Domingos, catedrático do I.S.T., é provavelmente o mais conhecido dos antinuclearistas portugueses. O facto da solução nuclear em Portugal estar, provisória ou definitivamente, fora de questão, não torna menos oportunas as suas opiniões sobre o problema, numa perspectiva mundial. Por isso o entrevistámos para este suplemento.

«Diário de Lisboa» - Há uns bons dez anos que condena o nuclear de um ponto de vista económico, posição que agora parece estar a ganhar terreno nos países mais desenvolvidos. Acha que essa tendência para a rejeição da energia nuclear se irá acentuar na próxima década?

Delgado Domingos - A rejeição é inevitável por motivos económicos e por motivos de segurança a menos que se dê um retorno à corrida aos armamentos e à guerra fria, o que não creio.

O desenvolvimento da energia nuclear, tal como a conhecemos, esteve sempre associada à produção de armas nucleares. O plutónio, subproduto inevitável na operação normal de uma central nuclear, é um elemento fundamental na produção de bombas atómicas e de bombas de hidrogénio. Por este motivo, o desenvolvimento de centrais nucleares para a produção de energia eléctrica teve sempre elevadíssimos financiamentos escamoteados sob a rubrica da defesa militar. Retirados estes, torna-se praticamente impossível juntar os gigantescos recursos necessários para o desenvolvimento de centrais nucleares inerentemente seguras e económicas, sobretudo tendo em conta que tal desiderato segurança-economia é praticamente insolúvel.

Mesmo numa perspectiva estritamente económica, bastaria lembrar a recente decisão inglesa de não construir mais centrais e de retirar as existentes do lote de empresas produtoras a privatizar: a verdade é que nenhuma empresa privada queria assumir o risco da sua operação em condições de mercado aberto.

Veja-se também o que sucede em Espanha com a central nuclear de Vandellos, onde apesar do reconhecimento oficial de que se violaram fundamentais de segurança na operação, no projecto e na construção, os interesses económicos em jogo conseguiram fazer adiar a decisão do seu encerramento definitivo, a pretexto de que as reparações a que se irá proceder darão à central o que ela nunca teve, nem terá - segurança e competitividade económica.

«DL» - Há perspectivas do desmantelamento de centrais atómicas?

D.D. - Não creio que seja de esperar o desmantelamento generalizado das centrais nucleares existentes. Não só os gigantescos dispêndios ficariam improdutivos como seriam necessários investimentos enormes para suprir as faltas de produção de energia eléctrica que tal desmantelamento acarretaria. Acresce que o desmantelamento de uma central nuclear representa também, em si mesmo, encargos elevadíssimos ditados por elementares regras de segurança.

Devido a esta inescapável realidade económica e financeira, e ao facto de ninguém responsável arriscar hoje a construção de novas centrais nucleares (e neste contexto a decisão inglesa é profundamente significativa) o que poderemos esperar é que a energia nuclear vá progressivamente desaparecendo, à medida que as centrais existentes vão atingindo o fim da sua vida útil ou forem sendo encerradas devido à progressão de acidentes cada vez mais graves que o próprio envelhecimento provoca. Qual é a gravidade do acidente que provoca o encerramento definitivo é a grande questão que hoje em dia

«Efeito de estufa» e «buracos do ozono» transformaram-se em instrumentos da

Na entrevista que concedeu ao «DL», o prof. Delgado Domingos referiu-se a dois fenómenos que têm sido apontados como as ameaças ambientais: o «efeito de estufa» — que lhe perguntámos se não seria uma consequência nociva da alternativa energética representada pela queima de combustíveis fósseis — e os «buracos do ozono».

As suas declarações são manifestamente destoantes do que, habitualmente, se lê:

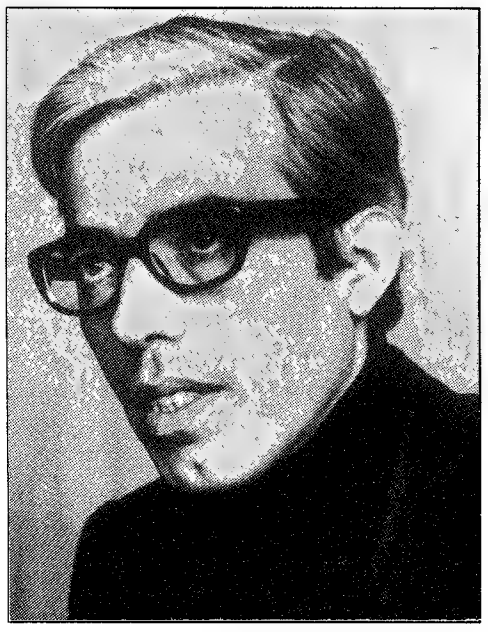
«É óbvio que existe a possibilidade de um 'efeito de estufa' com o aumento da percentagem de anidrido carbónico na atmosfera, proveniente da queima de combustíveis fósseis. Mas existe também a possibilidade de um arrefecimento progressivo da atmosfera, devido às poeiras em suspensão, tanto de origem natural como artificial. Qual dos efeitos é dominante ninguém o pode afirmar com indiscutível rigor científico e nenhum organismo internacional competente e responsável, como, por exemplo a Organização Meteorológica Mundial o fez até hoje.«O 'efeito de estufa' tal como os 'buracos do ozono' transformaram-se, isso sim, nos instrumentos novos da demagogia actual que sempre procura fugir à discussão dos problemas verdadeiramente de fundo. O problema de fundo é que a sociedade consumista que conhecemos e a que uma grande maioria parece aspirar não é sustentável. Provocando as razões mesmas da suas expansão e sucesso a aceleração e amplificação dos factores de colapso, por razões estritamente físicas e que têm a ver com o carácter finito dos recursos da Terra.

«Se a transição se fará por uma sucessão de rupturas dolorosas e potencialmente catastróficas ou pela progressiva emergência e interiorização de novos modos de estar e viver em sociedade é a grande e inescapável questão dos dias de Hoje.

«Os buracos do ozono desapareceram subitamente na Antárctida, revelando, sobretudo, graves «buracos» de ética e rigor científico ou, se se preferir, o perigo das meias verdades científicas quando apropriadas por políticos em busca de popularidade e votos.

«É cientificamente indiscutível que a camada protectora de ozono está ameaçada e que tal é grave, tal como a possibilidade de alteração da temperatura média do planeta é real e já se verificou antes de o Homem existir sobre a Terra. Todavia, aproveitar e fomentar o sentimento de ameaça global para promover a utilização da energia nuclear é demagógico, perigoso e cientificamente insustentável.

«Para o efeito de estufa contribui não só o anidrido carbónico como o vapor de água. Para a subida geral de temperatura contribui praticamente toda a utilização de energia no planeta seja qual for a sua origem. As centrais nucleares não produzem anidrido carbónico mas aquecem muito mais os cursos de água que refrigeram os condensadores das suas turbinas, , ou a atmosfera que circunda as suas torres de refrigeração. Centrais a carvão e centrais nucleares são sob o aspecto de impacto ambiental e de aquecimento da atmosfera igualmente más, tal como o são em grande escala os veículos automóveis. A única diferença está em que quando se fecha uma central a carvão os seus efeitos cessam e os de uma central nuclear continuam. É por isso que subjacente está uma discussão que se evita e é fundamental: a da organização política e social da sociedade humana do futuro que seja auto-sustentada e em equilíbrio dinâmico



Delgado Domingos: a eterna guerra antinuclear

se põe e um dos testes mais significativos à democraticidade real e à força da sociedade civil.

«DL» - E em que medida nos poderá afectar a existência das centrais nucleares espanholas?

D.D. - O que se passou e passa com a central nuclear de Vadellos afecta-nos directamente, tal como directamente nos afectam a maioria das centrais nucleares espanholas. Para reparar Vandellos estimam-se já 20 milhões de contos. Tendo em conta os antecedentes, que a própria Agência Internacional de Energia Atómica considera os mais graves depois de Chernobyl, temos razões para nos preocupar com a generalizada apatia em que se encontra a opinião portuguesa face à total ausência de atitudes oficiais com algum significado...

«DL» - Solucionada a questão da segurança das centrais nucleares, no que se refere a acidentes como à neutralização da perigosidade dos resíduos radioactivos, não reveria a sua opinião sobre esta fonte energética?

D.D. - É impossível resolver de modo permanente a questão da segurança e da perigosidade dos resíduos e conseguir simultaneamente a competitividade económica da produção de energia eeléctrica por via nuclear. A questão da perigosidade é de natureza física e intrínseca ao processo: são necessárias dezenas de milhares de anos para que os resíduos percam a sua perigosidade o que transforma inelutavelmente a perspectiva sobre o uso extensivo da energia nuclear numa questão social e política. De facto, as questões de segurança e de economia conduzem inevitavelmente a soluções técnicas de enorme dimensão, e a estruturas de produção altamente concentracionárias levando, por questões de segurança, a estruturas de controlo de tipo militar. Não concebo que a evolução civilizacional se faça neste sentido, tendencialmente antidemocrático e crescentemente instável devido à vulnerabilidade intrínseca que possui e às falhas por acidente a que inevitavelmente conduz.

demagogia

com a bioesfera que lhe permite a existência. No imediatismo consumista que nos cerca este tipo de reflexões encontra poucos adeptos, mas é fundamental para quem se preocupa com um futuro que se avizinha a passos largos.

«Entretanto, se o desanuviamento continuar como todos desejamos e a corrida aos armamentos terminar, assistiremos sem dúvida à conversão do complexo militar-industrial a temáticas do ambiente que lhe sejam propícias. A do 'efeito de estufa' e do aquecimento da atmosfera são grandes temas actuais que importa aprofundar e defender de assaltos demagógicos e oportunistas como tudo indica ser a sua utilização como potenciadora de uma aceitação pública da energia nuclear... por razões ecológicas. Fazer passar a parte pelo todo, sempre foi a arte consumada dos que sabem vender frigoríficos nos pólos.»

Energia: prudência para evitar crises

Ribeiro da Silva: «Apanhou-se um susto, reagiu-se em pânico, passou a tormenta e voltámos a ser perdulários»

Um crescimento global em termos absolutos do consumo de energia vai marcar a década de 90, tanto em resultado de condições concretas de desenvolvimento económico como por factores psicológicos que o secretário de Estado da Energia português, Ribeiro da Silva, considera "imprudentes". Na verdade, os preços poderão vir a subir, tanto pela pressão da procura como pelas exigências de uma melhor qualidade da energia, seja em termos de fiablidade ou ambientais, seja ainda pelo recurso crescente das sociedades industrializadas ao "luxo" da electricidade. Não se vislumbra o aparecimento nos anos 90 de uma energia alternativa (fusão nuclear, hidrogéneo?) abundante, segura e a preços razoáveis.

Em todos os tempos qualquer actividade esteve ligada à energia. Independentemente das formas de energia que são privilegiadas e mais solicitadas em cada momento da história do desenvolvimento, o que é um facto é que as sociedades que perseguem um modelo de desenvolvimento europeu são mais energívoras, ou seja, em que por habitante se consome mais energia. E essa tendência não é expectável que diminua.

Ribeiro da Silva explica as consequências desta situação. No mundo de hoje, o consumo de energia **per capita** varia entre 0,3 toneladas equivalente de petróleo por ano nas zonas em vias de desenvolvimento e as 10 toneladas por habitante nos países mais desenvolvidos.

"Isto quer dizer que, a prosseguir um esfroço de desenvolvimento económico mais equilibrado ao nível do globo, o que, evidentemente, é um desejo expresso por toda a gente de bom senso, isso reflectirá um aumento na procura de energia, por muitos esforços que se façam - e têm de ser feitos - para a sua utilização racional", explica.

Significa isto que se recoloca o problema da capacidade do planeta responder às necessidades energéticas em condições economicamente razoáveis.

Problema que é agravado pelo facto de se verificar algum relaxamento nos grandes esforços de racionalização que foram levados a cabo nos países industrializados em resultado das crises dos anos 70 e que ainda tiveram repercussões no início da década de 80. Esta situação origina, a par da já referida para os países menos desenvolvidos, um aumento da procura global.

Segundo Ribeiro da Silva, nos países industrializados tem acontecido uma situação "curiosa e preocupante": nos últimos quatro anos voltou-se a registar um crescimento em termos absolutos do consumo de energia (1,5 por cento ao ano), ao contrário do que aconteceu entre 1975 e 1985.

Durante aqueles dez anos, o produto nos países da OCDE cresceu mais de 30 por cento, mas o chamado "jazigo de poupança de energia" (alcançado através da introdução de novas técnicas e instrumentos de racionalização do seu uso) permitiu que aquele crescimento não tivesse correspondido a um aumento, em termos absolutos, do consumo de energia. "Quer isto dizer que se conseguiu responder às necessidades de energia que estão associadas à produção de mais riqueza com um mais efeiciente uso dessa energia", explica Ribeiro da Silva.

Prudência

A diminuição em termos reais dos preços do petróleo, matéria-prima que serve de referencial ao custo das outras formas de energia (carvão, gás natural, urânio...), bem como a perca do medo de esgotamento próximo dos recursos energéticos, levou a uma situação de maior desafogo no uso da energia.

Na realidade, à excessiva dramatização dos impactos das crises do petróleo, veio a suceder uma emotividade de sentido contrário. "Ou seja, apanhou-se o susto, reagiu-se em pânico, passou a tormenta e voltámos a ser uns **nababos** da energia, o que é extraordinariamente imprudente", comenta Ribeiro da Silva.

Mas a verdade é que os recursos energéticos não são superabundantes, sobretudo os que o homem pode recuperar a custos razoáveis. E se se canalizam maiores verbas para aceder a recursos energéticos, então vai faltar dinheiro para outras necessidades da humanidade.

Poder-se-á dizer que a necessidade faz sobressaír o engenho e que o homem encontra sempre soluções para os seus problemas. E se isto é **uma** verdade, Ribeiro da Silva considera que não se deve ter apenas essa **fezada**.

Até porque o passado nos diz que as coisas não são bem assim. Há cerca de 30 anos dizia-se que a partir do momento em que o homem dominasse o **núcleo** todos os problemas de energia estariam resolvidos, pois que através da fusão e da cisão nucleares haveria um potencial inesgotável de energia.

Vieram as centrais de cisão nuclear. Pôs-se o problema do ciclo do combustível, portanto do tratamento dos resíduos, o qual, dizia-se, seria resolvido no prazo de 20 a 30 anos. O homem continua hoje sem dominar o ciclo do combustível e defronta-se com grandes dificuldades em dar caminho correcto aos resíduos que durante milhares de anos manterão radiações perigosas.

Também se dizia que a fusão nuclear estaria para breve. Mas hoje constatamos que ainda se está muito longe desta forma de energia alternativa. Surgiu a hipótese do hidrogéneo, também considerado fonte inesgotável de energia. Mas ainda se está longe de o transformar em energia segura e economicamente aceitável. Vieram as energias alternativas naturais, como a solar, eólica, geotérmica... Acontece que, apesar de investimentos substanciais, elas permanecem circunscritas a domínios muito limitados.

Nesta perspectiva, Ribeiro da Silva considera que "se temos de ter esperança no futuro no sentido de podermos vir a dominar formas de energia alternativas às actuais (os chamados combustíveis fósseis), também temos de ter prudência, pois que o voluntarismo do conceito de que a necessidade aguça o engenho é igual a problema resolvido tem-se demonstrado como não muito correcto".

Preços a subir

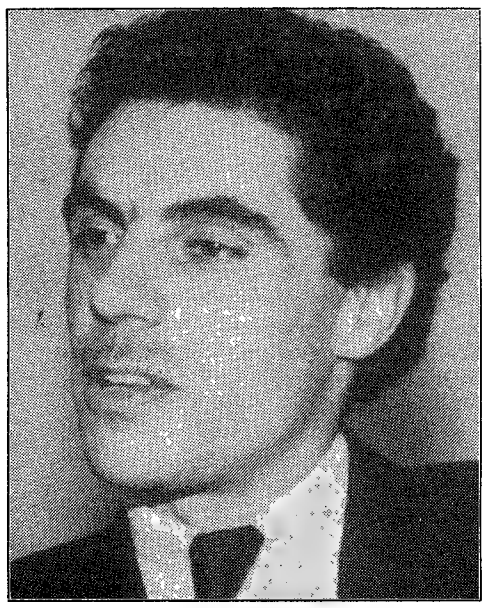
Diversos factores podem originar um aumento de preço da energia na década de 90. Em primeiro lugar, refere Ribeiro da Silva, o próprio aumento da procura, que já se está a fazer sentir, pois que o petróleo subiu oito dólares este ano e o carvão deverá aumentar cinco dólares por tonelada.

Esta questão dos preços afecta de forma particular os países, como Portugal, que são dependentes da importação de matérias-primas energéticas e que, por outro lado, não têm capacidade tecnológica para encontrarem alternativas que os libertem da "ditadura da importação".

Aliás, os investimentos, por exemplo para desenvolver um programa de fusão nuclear, são de tal monta que não há um país isolado que o possa levar a cabo isoladamente. É assim que se desenvolve, a nível ocidental, um esforço conjunto da Europa, Japão e Estados Unidos, para desenvolver um projecto nesta área.

Também a questão da protecção do ambiente acaba por se tornar onerosa para a energia. Até ao início da década de 80 tudo funcionava numa base de energia - apoios, estímulos, investimentos. Esta situação vem a alterar-se de forma acelerada: domina cada vez mais o vector ambiente.

"Hoje, quando se pensa em política energética, a primeira condicionante é a questão ambiental", diz Ribeiro da Silva. É uma situação que se reflecte desde o nível da exploração de matérias-primas, à sua transformação em energia e à sua utilização final, passando pelos utensílios, ferramentas e máquinas que o homem usa para tornar o seu dia a dia menos penoso.



Ribeiro da Silva: conselhos de prudência

Um "luxo"

Igualmente contribuem para um eventual aumento do custo da energia, em particular da electricidade, as novas necessidades impostas pelo desenvolvimento tecnológico. Quer dizer, as novas máquinas e aparelhos exigem uma energia de melhor qualidade, mais fiável. E isto exige investimentos a nível da rede eléctrica.

Electricidade que também é exigida em maior quantidade e que, como diz Ribeiro da Silva, é uma energia de luxo, porque para ser obtida gasta-se muito dinheiro em energia primária e depois perde-se muito calor (que também é energia) para a atmosfera e para a água. E depois há que transportá-la e distribuí-la em condições cada vez mais exigentes. Mas que também é a forma de energia cada vez mais procurada pelas sociedades industrializadas.

Ribeiro da Silva não se conforma: "Este panorama acarreta um peso crescente do investimento no sector eléctrico relativamente ao investimento global energético, devendo levar-nos a pensar em utilizar a electricidade apenas nas utilizações que lhe são forçosamente específicas".

Se hoje é difícil substituir a iluminação eléctrica por archotes, velas ou gás, já o mesmo não se passa com os chamados usos térmicos. Ou seja, para se aquecer água (esquentadores) ou o ambiente (caloríficos) pode-se bem utilizar o gás ou produtos derivados do petróleo, o carvão ou outros combustíveis, alcançando-se uma eficiência de uso da energia três a quatro vezes superior à do uso de electricidade.

"É um disparate a utilização de electricidade para estes fins, porque há um ciclo de transformação que é economicamente desastroso", afirma Ribeiro da Silva, que passa a explicar: por exemplo, pegamos numa tonelada de carvão, queimamo-lo para produzir calor, este produz vapor que, por seu turno, acciona turbinas para produzir electricidade. Neste processo (as leis da termodinâmica são inexoráveis) apenas um terço do valor calorífico da tonelada de carvão é que passa em equivalente para a electricidade, perdendo-se os restantes dois terços para a atmosfera ou para os ciclos de arrefecimento de água. Depois vamos pegar no tal terço de energia - a electricidade - degradando-o , em radiadores ou em esquentadores, outra vez em calor".

Vitor Leitão

Dr.ª Leonor Parreira: A contribuição da genética molecular

As esperanças de cura do cancro residem na genética molecular

Encontrar a cura do cancro ou da sida, ou ainda evitar a propagação de doenças hereditárias, continua a ser um dos sonhos da humanidade. A busca de soluções é constante em todo o mundo, mas a sua «morosidade» desespera aqueles que por elas são afectados. No entanto, uma nova esperança surge hoje, e cada vez mais em cada dia que passa. Muitos classificam-na mesmo como a grande revolução da nossa época. Trata-se da genética molecular, uma ciência «recém nascida» que, face à velocidade vertiginosa a que avança, abre perspectivas risonhas à medicina das próximas décadas.

Leonor Parreira, uma médica «com grande curiosidade pela genética molecular, embora não uma especialista» - como gosta de se auto-denominar - vê nesta ciência uma esperança para os doentes. Assitente da Faculdade de Medicina de Lisboa e estagiária no Instituto Gulbenkian de Ciência, ela fala-nos desta «revolução do futuro» com optimismo, mas com a cautela inerente a quem está habituado a lidar com factos.

Embora considere que o século XXI deverá ser o grande século da evolução da genética, Leonor Parreira está convicta de que a sua aplicação ao campo da medicina vai sofrer uma grande evolução já durante a próxima década. «Eu, como médica, considero que a genética molecular pode intervir em três grandes aspectos da medicina, com maior versatilidade e maior potencialidade técnica do que outras ciências», considera.

Estes três campos são a investigação médica, o diagnóstico mais rápido e correcto de certas doenças e o tratamento ou, de preferência, a prevenção da doença. Em seu entender, «a contribuição da genética molecular nestes três grandes pontos já foi muito grande e será muito maior na próxima década uma vez que se prevê que ela evolua muito depressa».

No capítulo da investigação, Leonor Parreira considera que uma das grandes contribuições da genética molecular tem sido - e, na sua óptica, deverá continuar a ser - a de diluir a fronteira entre a investigação básica e a aplicação médica que, neste momento, se aproximam rapidamente, sobretudo devido à aplicação de técnicas de engenharia genética no diagonóstico e na produção de novos medicamentos.

«Mas o que se está concretamente a fazer nesta área?» - interrogamos. Leonor Parreira escolhe o exemplo da investigação do cancro: «Embora estejamos ainda longe de saber tudo sobre a transformação maligna, a verdade é que obtivemos já muitas respostas. Isso deve-se a um grande esforço multi-disciplinar, onde a genética molecular teve um papel determinante».

E prossegue. «A cura de todas as formas de cancro ainda não está de maneira nenhuma à nossa disposição. No entanto, já há muitos doentes se curam, principlamente quando diagnosticados a tempo. É possível que a solução definitiva do cancro passe por uma melhor compreensão das suas causas, daí a grande importância da investigação oncológica, onde se espera que a genética molecular venha a contribuir ainda mais, possibilitando-nos, inclusivamente, novas formas terapêuticas».

A síntese de proteínas recombinantes úteis no tratamento do cancro e de outras doenças, é um bom exemplona contribuição da engenharia genética no campo da terapêutica. «Tratam-se de proteínas que existem na natureza, muito difíceis de isolar por métodos convencionais, e cujo isolamento se tornou fácil devido às técnicas sofisticadas de genética molecular».

Leonor Parreira está convencida que um número cada vez maior de enfermidades poderá beneficiar, no futuro, destes novos medicamentos.No campo da vacinas, esta médica refere também um caso que que considera significativo. Trata-se da síntese, por técnicas de genética molecular, de uma vacina recombinante para a hepatite B. «Com a vantagem de se poder obter em quantidades muito grandes e de uma forma muito pura, esta vacina está a ser utilizada em larga escala e constitiu uma enorme revolução pois tem a potencialidade de irradicar um flagelo da saúde pública em muitas regiões do mundo», explica.

«Esperemos que estas técnicas conduzam ao aparecimento de vacinas para outros flagelos, como a malária e a sida» - afirma, acrescentando que se tal é difícil, não é impossível: «A genética molecular evolui tão depressa em termos técnicos, que o que não é possível hoje pode sê-lo dentro de cinco anos».

Relativamente ao diagnóstico, a grande contribuição desta ciência é no diagnóstico, pré-natal e pós-natal, de doenças hereditárias. «A genética molecular permite neste momento fazer o diagnóstico de algumas dessas doenças, e cada vez são mais, à medida que os genes errados responsáveis pela doença vão sendo identificados e estudados».

Algumas dessas doenças são por exemplo as anemias hemolíticas congénitas como as talassemias, ou ainda a hemofilia e algumas doenças graves do sistema nervoso, que se manifestam muito tarde, ou seja, depois de as pessoas já terem tido filhos. Leonor Parreira está convicta de que nos anos 90 o número de doenças dectetáveis desta forma deverão ser ainda mais. «Ainda há dois meses foi encontrado o gene da fibrose quística, que andava a ser procurado há vários anos», exemplifica.

«E será que poderemos modificar a criança errada?» - insistimos em saber. A resposta é peremptória: «Não. O diagnóstico pré-natal põe-se apenas no sentido da prevenção da propagação de uma doença hereditária, o que poderá conduzir a uma interrupção da gravidez, ou à decisão de não ter filhos. No entanto, a terapêutica do gene põe problemas formidáveis do ponto de vista técnico que estão longe de estar resolvidos, o que impossibilita a sua aplicação ao ser humano, embora esteja a ser testada em animais». As suas expectativas são de que esta terapêutica não será aplicável aos seres humanos durante a próxima década.

A revolução genética

O que parece não levantar dúvidas é o facto de a genética molecular ser um dos caminhos de evolução da medicina já nos próximos dez anos. «A evolução técnica desta ciência é espantosa, é uma tecnologia de fronteira que permite responder a questões que outros tipos de técnicas não permitiam, embora não possa nem deva ser desinserida de outras áreas da investigação».

Interrogada sobre como se coadunam, em Portugal, as necessidades de uma tecnologia tão avançada com os escassos recursos que todos conhecemos, Leonor Parreira mostra-se cautelosa. «Faz-se investigação em genética molecular em Portugal de boa qualidade em vários locais, mas podia-se fazer mais. O problema é que se investiu muito pouco durante muitos anos em qualquer tipo de investigação e estamos a pagar muito caro essa falta de investimento».

A fuga de cérebros, um problema real da investigação portuguesa, é uma questão que Leonor Parreira espera ver resolvida na próxima década, pois considera que neste momento as instituições estão muito despertas para a necessidade da conjugação de esforços em termos da investigação em Portugal. Os problemas morais e éticos levantados pela «assustadora» ciência genética são perfeitamente compreensíveis para esta investigadora. «A genética molecular é uma ciência que assusta as pessoas, uma vez que vivemos numa sociedade ferida pelas grandes revoluções tecnológicas deste século. É pois natural que ela olhe com desconfiança para cada uma que surge».

Leonor Parreira defende a necessidade de um esclarecimento adequado que permita, por um lado, diminuir a ansiedade e, por outro, defender a investigação. Em seu entender, «se não podemos excluir que esta tecnologia, como outras, nos possa trazer prejuízos, a verdade é que já nos trouxe e trará seguramente grandes benefícios. Competirá, como sempre, à sociedade desenvolver os seus próprios mecanismos de auto-protecção», conclui, acrescentando ainda: «Repare como a Assembleia da República, seguindo o exemplo de outros países, criou recentemente o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida».

«A genética molecular evolui tão depressa que o que não é possível hoje, pode sê-lo dentro de cinco anos», considera Leonor Parreira

Dina Soares

«É possível - diz a drª Leonor Parreira - que a solução definitiva do cancro passe pelo melhor conhecimento das suas causas»

Continuar-se-á a morrer por motivos diferentes nos países industrializados e em desenvolvimento

A SIDA será a doença mais importante da década

Durante muitos séculos, em todos os países do mundo, as doenças infecciosas foram a causa mais importante de doença e de morte, responsáveis por profundas alterações sociais, tanto em tempo de paz como de guerra.

A introdução de vacinas, a melhoria das condições do meio ambiente e a descoberta dos antibióticos conduziram a uma redução tanto da modalidade como da mortalidade por doenças infecciosas de tal forma que, na década de 50 se afirmasse que elas iriam em breve desaparecer do mundo - pelo menos do mundo ocidental em que habitamos.

Breve se verificou o errado desta afirmação. Ela tomava em consideração, fundamentalmente, a mortalidade. Não considerava, entre outros factos, o peso da mobilidade de certas doenças infecciosas pouco graves na área dos cuidados de saúde primários, a importância de certas doenças que, afectando embora o homem, são da compotência principal de Ministérios que não os da Saúde, as infecções que estão na origem de situações graves que se verificam anos mais tarde e de que são exemplos, respectivamente, as viroses respiratórias, a brucelose e a doença reumática.

A importância das doenças infecciosas mede-se em termos de mobilidade, de mortalidade e de sequelas.

Tanto a mobilidade como a mortalidade dependem, fundamentalmente, das características do meio ambiente, das medidas de prevenção e das possibilidades terapêuticas de que cada país possa dispôr e lançar mão. Assim, o modelo actual das doenças infecciosas não é idêntico ao do passado e tão pouco idêntico nas diferentes regiões do globo, nem nos diferentes países dessas mesmas regiões. Não é, portanto, fácil dizer quais as doenças infecciosas dos anos noventa.

Em termos de Mundo, como um todo, podemos dizer que a SIDA constituirá a doença mais importante dos anos que se aproximam. Tem sido detectada em praticamente todos os países do Mundo, o número dos seus casos duplica com grande rapidez (actualmente de 12 a 14 meses), não há tratamento nem prevenção específicos e a única arma de que dispômos para reduzir o número de casos é a mudança de estilo de vida, tarefa sempre difícil, lenta e que exige estratégias várias que têm de ser avaliadas continuamente.

Ainda em termos de Mundo, além da SIDA, temos de considerar as doenças de transmissão sexual, as infecções respiratórias virais de que a gripe é a mais importante e que exige uma vigilância continuada, as hepatites, principalmente as não A não B que preocupam principalmente os países em que a melhoria das condições ambientais e a vacinação têm permitido reduzir substancialmente a hepatite epidérmica e a hepatite B. Tomado o Mundo em termos de regiões há diferenças marcadas entre as de países em desenvolvimento e as de países desenvolvidos.

Laura Ayres

Nos primeiros ainda se observam grandes e graves epidemias de doenças controlaveis pela vacinação (o sarampo), as doenças ligadas às condições deficientes do meio ambiente (as diarreias e a malária), as doenças ligadas a deficientes condições sociais e de alimentação (a tuberculose) nos países desenvolvidos e para lá da SIDA, das hepatites e das viroses respiratórias, já medicadas, há a considerar como doenças de décadas fulmas, as toxi-infecções alimentares ligadas à crescente industrialização da alimentação que engloba desde a produção em massa de alimentos até ao seu consumo, também em massa. Por outro lado, não se podem esquecer doenças «novas»? como a doença dos legionários que, no entanto, não tem em termos de saúde pública a importância grande que a princípio se supôs, as doenças controladas por vacinas e que exigem, uma vigilância constante e curtas infecções que apresentam normalmente formas clínicas diferentes das classicamente observadas. No que se refere ao nosso País, Portugal ocupa uma posição intermédia - temos vindo a reduzir as doenças próprias da infância como a difteria, a tosse convulsa, o tétano e a poliomealite, o sarampo num futuro breve, esperamos; ainda se observam doenças ligadas a más condições do meio ambiente e sociais como a febre tifoide, a brucelose e a tuberculose; temos as doenças de transmissão sexual, a SIDA, a hepatite B e as viroses respiratórias dos paíse desenvolvidos.

A «Cirurgia Genética» é quase uma realidade

Maria Leonor Teles Grilo e Jorge Magalhães (*)

As perspectivas abertas pela crescente capacidade da Biologia Molecular não são passíveis de discussão sem uma concomitante análise ética dos corolários, inerentes à sua aplicabilidade na área da medicina humana. Este tópico seria, por si só, de extremo interesse; no contexto deste artigo, bastará talvez referir apenas que a potencialidade de alteração da natureza humana deve ser trabalhada em plena consciência por toda e qualquer pessoa envolvida, directa ou indirectamente, no assunto.

O ideal a atingir seria conseguir aquilo que se poderá denominar por «cirurgia genética»; isto é, aquando da detecção de qualquer gene alterado, proceder à sua remoção e substituição por uma forma normal do mesmo. Apesar da carga utópica deste tipo de abordagem, há casos específicos em que o futuro próximo se apresenta promissor: existem doenças (deficiência em desaminase da adenosina, certos tipos de cancro, etc.) cuja probabilidade de cura é fortemente aumentada através do transplante (sempre difícil e dependente de dadores compatíveis) da medula óssea; dadas as características deste tecido, é possível prever, a muito curto prazo, a remoção da medula alterada, o seu tratamento *in vitro* (por substituição do gene afectado por um funcional) e posterior implantação da nova linhagem no paciente; se pensarmos na variedade e importância de todos os tipos de células que têm como origem a medula óssea, depressa se compreenderá a influência do aperfeiçoamento desta metodologia. A um prazo mais longo é de prever o aparecimento de novas técnicas, eventualmente baseadas na utilização de vírus não-patogénicos, que permitam a correcção genética de células afectadas. De salientar, por outro lado, a não existência de perspectivas para qualquer alteração de capacidades morais e/ou intelectuais por meio de técnicas de engenharia genética.

Refira-se ainda o papel fulcral da investigação que actualmente se faz em Biologia Molecular, ajudando a compreender melhor as bases do nosso funcionamento enquanto organismo pluricelular e polifacetado. É esse trabalho, em campos tão distintos como a Neurologia e a Imunologia, que abre horizontes cada vez mais luminosos para a saúde humana. São por isso dignos de referência todos os grupos de investigação portugueses que têm contribuído de forma marcante para o conhecimento, em áreas como a PAF (doença de Corino de Andrade, vulgarmente conhecida por «doença dos pézinhos»), hemocromatose, talassemias e mesmo SIDA.

É possível prever a curto prazo a remoção da medula alterada, o seu tratamento por substituição do gene afectado e a implantação da nova linhagem no paciente

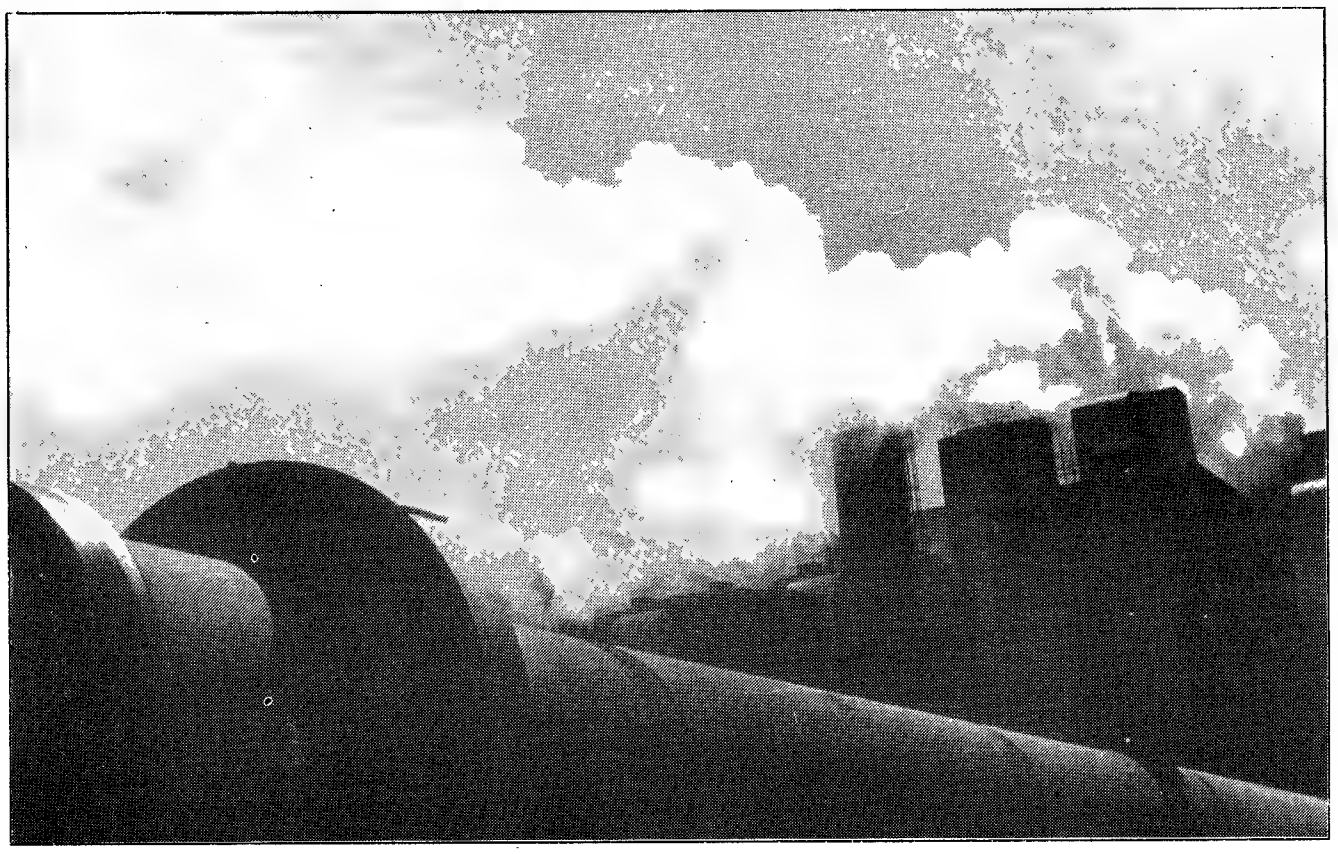
(*) Professores do Instituto de Ciências Biomédicas da F.M. do Porto

Fausto Amaro: «A saúde é um estilo de vida»

Sida e poluição do amb os grandes problemas

A Sida e o problema da poluição do ambiente, com consequências sociais graves, são, segundo o sociólogo Fausto Amaro, os dois principais problemas de saúde a nível mundial. Estes só se podem resolver com um programa de "educação". A solução passa por um investimento na saúde comunitária em que Estado e população repartem as responsabilidades.

"As pessoas não podem ficar à espera do seu hospital para lhes "dar" saúde. Porque a saúde é um estilo de vida. Há estilos de vida que são saudáveis e há estilos de vida que não são", defende Fausto Amaro ao explicar que determinados comportamentos sociais podem tornar-se num obstáculo no combate às doenças. Em Portugal, por exemplo,temos um excessivo consumo de álcool.



A poluição do ambiente é uma agressão à saúde cada vez mais grave

A ausência de comunicação entre os doentes e os técnicos de saúde é outro problema. Para 39 por cento dos utentes de um Centro de Lisboa, os maus serviços de saúde pública devem-se, sobretudo, á dificuldade de relacionamento. As pessoas queixam-se do mau atendimento dos médicos, 48 por cento, e do pessoal administrativo, 31 por cento.

Daí que a principal dificuldade de um trabalho comunitário seja de ordem metedológica. Exige-se aos especialistas não só que dominem as técnicas do sistema de saúde, mas também que compreendam a dinâmica dos sistemas sociais e que sejam peritos em estudos do comportamento."Só conjugando estas três competências, salienta Fausto Amaro, é que podemos avançar com programas de saúde comunitária, porque senão corremos o risco de fazer alterações que depois não são aceites pela população a que se destina. Nós temos excelentes profissionais e um nível técnico elevado, mas que não é percepcionado pelos cidadãos. Os especialistas falam uma linguagem e a população fala outra".

Este sociólogo defende a maior participação das ciências sociais em todo o sistema comunitário, em especial na formação profissional dos médicos, enfermeiros e pessoal administraivo. Os "mass media" terão, igualmente, um papel importante ao servirem de mediadores entre os especialistas e a opinião pública".

Os custos da saúde, que cada vez são mais elevados, trazem dificuldades financeiras aos Estados. A OCDE prevê para os próximos 40 anos, um aumento de 30 por cento dos valores globais. Os principais factores responsáveis por esta situação são a subida real dos serviços médicos e o maior consumo. O grupo dos mais idosos é o que mais recorre aos serviços de saúde, sendo entre 1,7 e 5,5 vezes superior ao dos mais jovens.

Uma das hipóteses mais viável para a diminuição dos encargos financeiros nesta área assenta no desenvolvimento de iniciativas que conciliem o sector público e o sector privado."Um excelente exemplo é o modelo seguido pela Fundação

As minas eram, no século passado, a riqueza dos povos. Hoje, é o seu nível de educação que lhes assegura a prosperidade

O factor invisível do progresso

A riqueza do sub-solo conferia aos povos, ainda há poucas décadas, o seu estatuto económico. Hoje, os países com maior volume de extracção mineira são quase todos sub-desenvolvidos, extremamente pobres, alguns deles. A base das matérias primas foi radicalmente secundarizada pelo domínio das técnicas de as transformar, primeiro, e, mais recentemente, de vender o produto dessa transformação.O primado do conhecimento sobre o domínio dos recursos naturais, resultou desse conhecimento se ter desenvolvido neste século, derivando por um número incontável de especializações e atingindo niveis de complexidade cada vez mais elevados. O saber, mais sofisticado e mais caro, tornou-se a essência do ouro, nas economias modernas: um factor de progresso invisível, mas fundamental.

O nível de vida que os povos atingiram hoje está na razão directa dos investimentos que fizeram na educação, no treino tecnológico, na investigação científica. É de esperar, por isso, que o ensino continue a ser, desde os seus graus elementares até aos mais complexos, uma aposta forte de todos os governos interessados em manter os niveis de desenvolvimento atingidos nos seus países e ainda mais daqueles que assumem a responsabilidades de reduzir atrazos.

O Governo Português, que tem declarado a educação como «prioridade das prioridades», parece ter entendido a importância desse sector, se avaliarmos as suas preocupações através dos seus textos programáticos.No entanto, se as medirmos pelas acções concretas para melhorar o nosso sistema de ensino, convencemo-nos do contrário.

A educação é um investimento fundamental

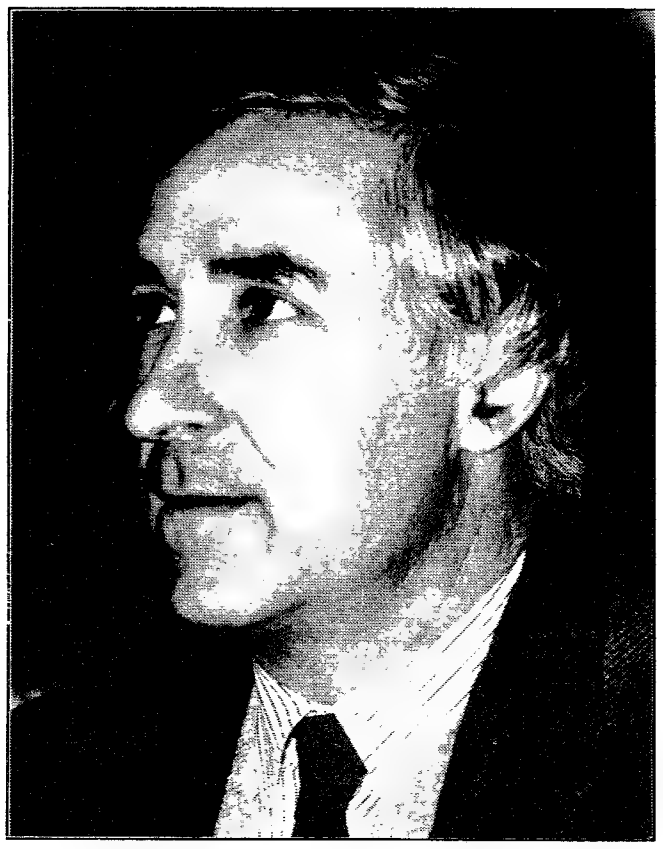
As nossas esperanças de que o ensino e a investigação motivem em Portugal o esforço de investimento que o interesse nacional exige é uma esperança que se renova todos os anos, muito mais quando se faz a projecção de uma nova década.

A complexidade e os custos de muitos projectos de investigação ultrapassam já as capacidades nacionais em meios humanos e financeiros, mesmo nos países em que são maiores. Tornou-se, por isso, prática corrente, tanto a nível comunitário europeu como em resultado de acordos feitos entre países vários, a elaboração de projectos de investigação internacionais, que constituem a condição única para que se reunam a capacidade de conhecimento e os fundos necessários para ultrapassar as mais afastadas fronteiras da ciência.

Mais do que proporcionar avanços importantes no domínio científico e tecnológico, esses programas têm estabelecido também laços de interdependência multinacional que poderão contribuir decisivamente para um maior conhecimento e entendimento mundial, ao nível dos homens que, de certa forma, constroem o futuro.

Redacção "DL"

...ente: ...da década



"Os *mass-media* terão um papel importante"

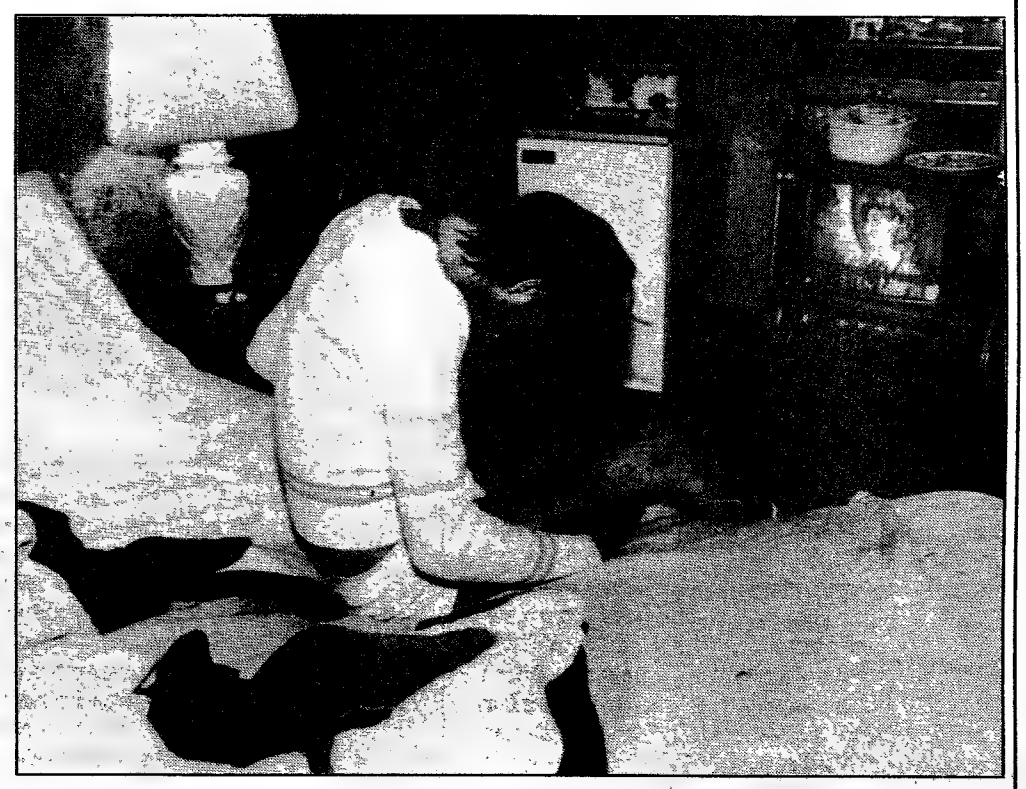
Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Belém. Trata-se de um centro de saúde privado que, ao mesmo tempo, presta cuidados gratuitos à população e onde não assistimos a nenhuma discriminação entre a classe alta e a classe baixa", refere Fausto Amaro.

A outra hipótese, já em prática em muitos países da CEE, é um regime de financiamento da segurança social, através de seguros, públicos ou privados. O professor Caldeira da Silva, nas VII Jornadas de Administração Hospitalar, realizadas este ano, ao enunciar o objectivo comunitário para a década de 90 na tentativa de harmonização dos Estados Membros, afirmou que " para o sector dos seguros de saúde privados, 1993 significará, certamente, aumento de competição e, portanto, de agressividade no mercado".

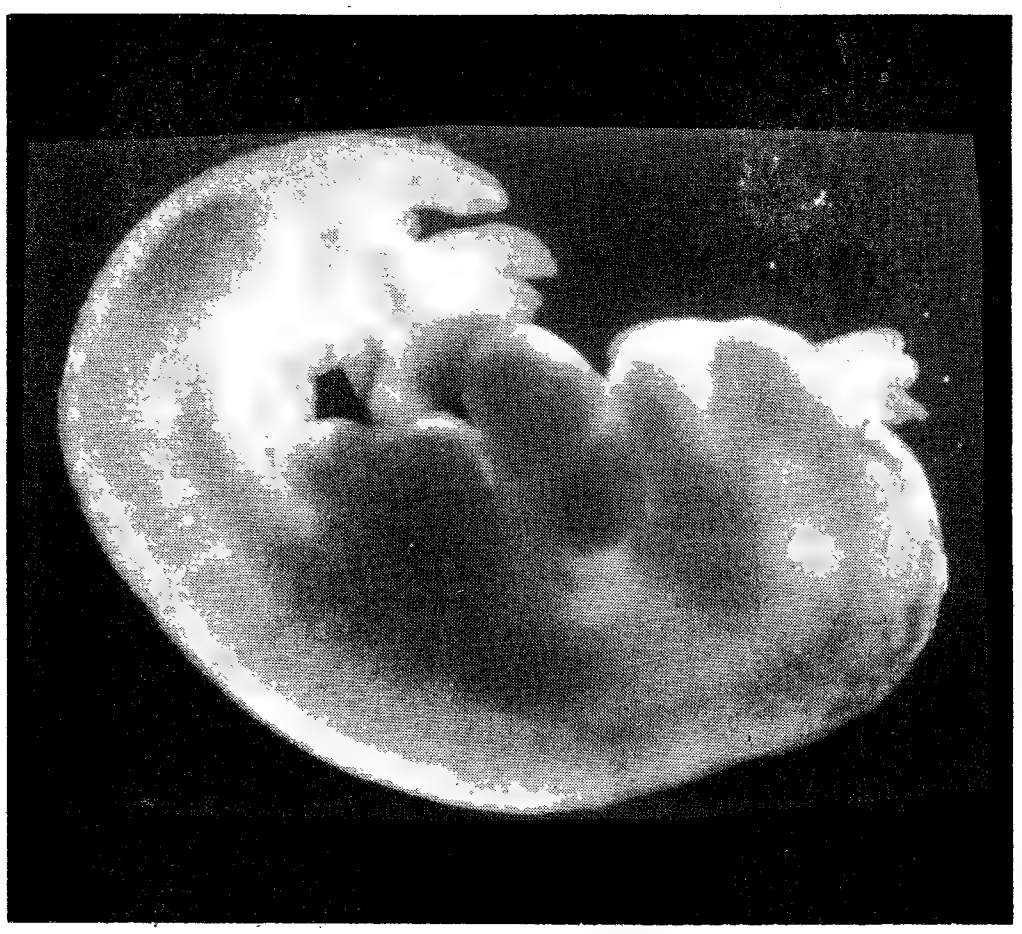
No campo da evolução tecnológica vão dominar os avanços na engenharia genética.Esta evolução poderá, no entanto, trazer problemas no que respeita às políticas de adopção já que se levantam dúvidas a nível moral, ético e legal."A questão principal, para Fausto Amaro, é de ordem ética.

Poderá haver dificuldades no sistema social ou jurídico, mas isso são problemas que a sociedade vai ter que enfrentar.Determinadas inovações nas mãos de governantes menos escrupulosos podem ter consequências terríveis. Imagine o que seria a possibilidade de um governo poder determinar o sexo das crianças consoante as necessidades do seu país.

Céu Neves



Sida: um problema clínico e social



A aplicação ao Homem da Genética Molecular

Um dos grandes desafios científicos

O conhecimento cada vez mais aperfeiçoado da forma como a informação genética está condensada no DNA e é transmitida aos aparelhos efectores da célula - muito à maneira do registo de instrução e dados em informática - permitiu desenvolver técnicas que já são úteis em Medicina, sobretudo nos campos da terapêutica mais eficaz e do diagnósticos precoce, mesmo pré-natal.

É possível hoje introduzir genes humanos em bactérias, levando-as a produzir, de forma altamente purificada, substâncias de que o organismo humano necessita, como a insulina e a hormona de crescimento, e até descobrir substâncias que fabricamos em quantidades mínimas ou em periodos muito fugazes e são importantíssimas para o correcto desenvolvimento .Como exemplo, acaba de publicar-se a estrutura prevista para a proteína de superfície celular, cuja alteração é responsável pela fibrose cística, uma doença que afecta cerca de 1 em cada 2 a 3 mil recém-nascidos. Cabe agora à farmacologia descortinar a forma de corrigir o defeito, num trabalho que provavelmente será ainda demorado.

Por outro lado, a forma como certos fermentos bacterianos dividem o DNA de cada um de nós em fragmentos diferentes (os chamados RFLPs) e as «sondas de DNA», altamente específicas para um gene ou para segmentos de DNA muito próximos de um gene, servem para identificar - por vezes numa célula só, mesmo uma das células resultantes das primeiras divisões do ovo - a presença do gene de uma doença, indicando portadores, doentes e susceptíveis.

Para pessoas em risco de virem a ser afectadas por certas doenças neurológicas, hipertensão arterial, e outras, podem agora visar-se métodos de tratamento preventivos muito antes do aparecimento dos primeiros sintomas, embora o conhecimento de que uma criança ou um adulto jovem irá ter uma destas afecções possa acarretar graves efeitos psicológicos, sociais e profissionais.

Mais, o estudo das sequências de DNA, pela sua exactidão e baixo custo (cerca de 27 contos na Inglaterra), tornou-se o método de eleição na definição da maternidade e paternidade e já deu as suas provas em tribunal na identificação de indivíduos.

Todavia, a maior parte deste panorama permanece, por diversos motivos, ainda no campo da aplicação limitada: trata-se de tecnologia cara, que exige estudo atento de custos e efeitos e uma colaboração atenta e honesta entre grupos de investigadores, com métodos diversos, cada um dos quais se aplica a um grupo muito restrito de doentes.

Na realidade, se as doenças hereditárias são, no seu conjunto, muito frequentes - afectando mais de metade da população, se incluirmos as afecções de aparecimento tardio, na idade adulta - cada uma delas tem uma incidência relativamente baixa. Por exemplo, os problemas dos hemofílicos são muito diferentes dos que têm o sindrome de Down ou a paramiloidose.

Que o digam os familiares de crianças que sofrem de uma determinada doença hereditária, quando chega a hora de juntar esforços para obter facilidades terapêuticas ou assintênciais.

No futuro próximo (talvez já pouco útil para os actuais doentes) esperam-se progressos rápidos, pelo empenho das grandes potências industriais (EUA e Japão) no grandioso projecto da «sequenciação do genoma humano», do qual a CEE se demitiu por falta de verba, e que levará à proliferação e embaratecimento das técnicas do exame genético (o custo de uso de uma «sonda» pode baixar aos 75$00). No entanto, esta transformação da prática médica, ficará na dependência de tecnologia e patentes que pertencerão àqueles países.

O trabalho básico da genética molecualr consiste em cortar DNA e reunir fragmentos de forma diferente, numa «manipulação» que atemoriza certos grupos de ecologistas e de fundamentalistas religiosos. Como sempre, não é do conhecimento que advém o perigo real para o Homem, mas da aplicação pervertida que se possa fazer desse conhecimento.

Mas as espécies são entidades dinâmicas, que a natureza mantém em permanente modificação, e quando o Hom[illegible]dera a informação genética dos indiv[illegible] tudo em doentes, para tratar) at[illegible] são mais alta de domínio sob[illegible] que lhe modelou o fenótipo. E[illegible] grandes desafios científicos [illegible] século.

Amândio

Prof. Cat. de Genética Méd[illegible]

Olhos postos no espaço vão ver as feridas e os recursos da Terra

Novo sistema de observação dos desequilíbrios ecológicos vai «revolucionar os estudos mundiais»

O olhos postos no espaço não é aqui uma frase literária que signifique que estaremos na nova década a olhar romanticamente as estrelas, embora haja, naturalmente, quem o vá fazer. O que queremos dizer com isso é que, ao contrário, haverá muitos mais olhos que, do espaço, vão espiar atenta e sistemáticamente a Terra, avaliar os males que o Homem lhe tem feito e inventariar os benefícios que dela ele pode ainda tirar.

Mais do que das prováveis tentativas que americanos e soviéticos farão para ir mais longe nas rotas interplanetárias e realizar tarefas cada vez mais longas e mais complexas nas suas estações orbitais, das missões que poderemos chamar de cabotagem espacial, a realizar por satélites colocados a relativa proximidade do nosso planeta, esperam-se resultados de aplicação imediata em soluções de vários problemas fundamentais da Humanidade e, por isso, com influência no nosso futuro próximo.

Um investimento de 30 milhões de dólares

Concluida a fase experimental realizada, no decorrer dos últimos anos, com os primeiros satélites de observação meteorológica e de prospecção geológica, os Estados Unidos vão agora lançar o programa «Missão ao planeta Terra». Apesar deste título de obra insólita de ficção científica, trata-se do projecto espacial com mais amplo envolvimento de diferentes especialistas e movimentando um investimento dos mais vultuosos. A Administração norte-americana, que suportará quase integralmente as despesas (haverá alguns contributos estrangeiros) irá gastar com ele até um total de 30 milhões de dólares, num período de 15 a 20 anos.

Não é, como se deduz do programa financeiro, um projecto para ser realizado integralmente durante esta década, mas para arrancar em termos práticos e realizar a maior parte das fases planeadas até ao final do século.

O programa criará o primeiro sistema de satélites não tripulados capaz de avaliar a interacção dos principais factores do ambiente mundial. e cujas observações, tratadas em computador, permitirão um quadro global, mas extremamente detalhado, do clima e dos eco-sistemas da Terra

Uma tarefa inadiável

A realização deste programa, que está a ser planeado pela NASA, com a colaboração da Agência Espacial Europeia e pelo departamento de actividades espaciais do Japão, é considerado pelos seus responsáveis como uma tarefa inadiável, sob pena do planeta enfrentar a curto prazo dificuldades muito graves.

Um climatologista ligado à NASA e seleccionado para a equipa dos principais investigadores ligado ao programa, Thomas Donahue, afirmou que «Missão ao planeta Terra» tinha capacidade para «revolucionar os estudos mundiais».

A própria NASA, através de um dos directores de departamento, considerou o projecto

como «o maior programa científico que a agência alguma vez empreendeu»., acrescentando que ele fornecerá «uma contínua torrente de dados» sobre aspectos físicos do clima, mas também sobre a biologia e outros aspectos relacionados com o equilíbrio ambiental.

Um sistema muito complexo

Os novos satélites afectos ao programa serão equipados com uma série de sensores - radares por imagem, lasers, espectrómetros, etc. - alguns dos quais já foram testados em satélites anteriores. O sistema apoia-se fundamentalmente em quatro plataformas colocadas em órbitas polares e transportando cada uma 15 toneladas de carga, incluindo mais de uma dezena de aparelhos de medida.

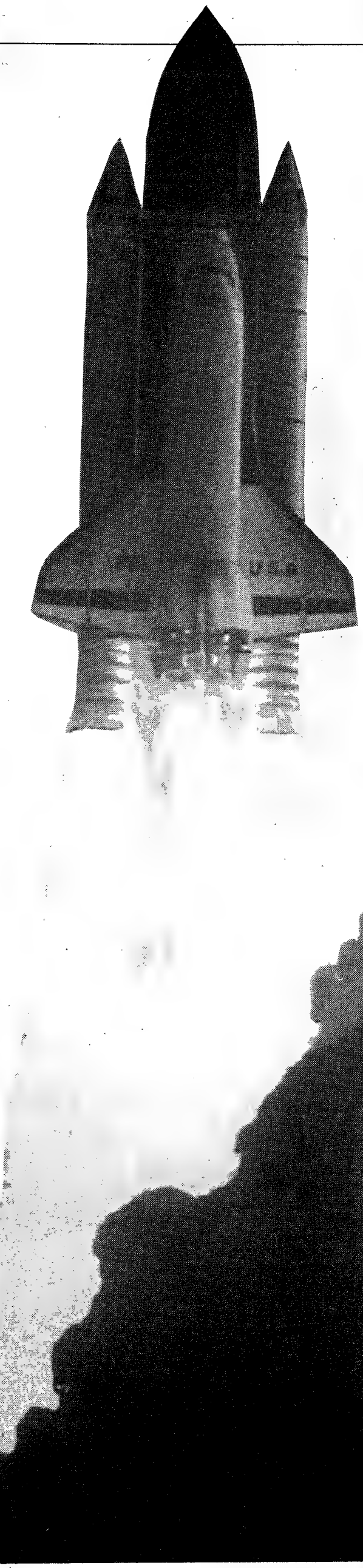
A primeira dessas plataformas deverá ser lançada pela NASA, em 1996, com o impulso de um foguetão Titan. A segunda, da Agência Espacial Europeia, será posta em órbita por um foguetão Ariane, em 1997. No ano seguinte, serão lançadas a terceira, de novo pelos EUA,

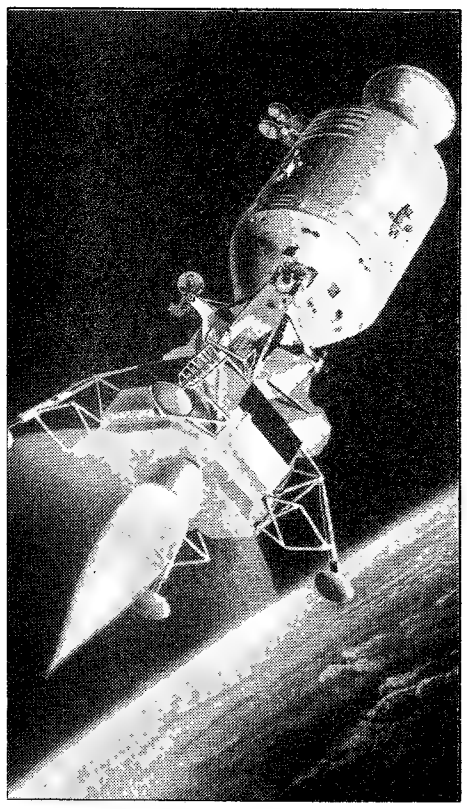
e a quarta, pelo Japão.

As plataformas europeia e japonesa terão equipamentos americanos, além de aparelhagens próprias. Aos dados recolhidos por todas elas terão acesso cientistas de todas as nacionalidades.

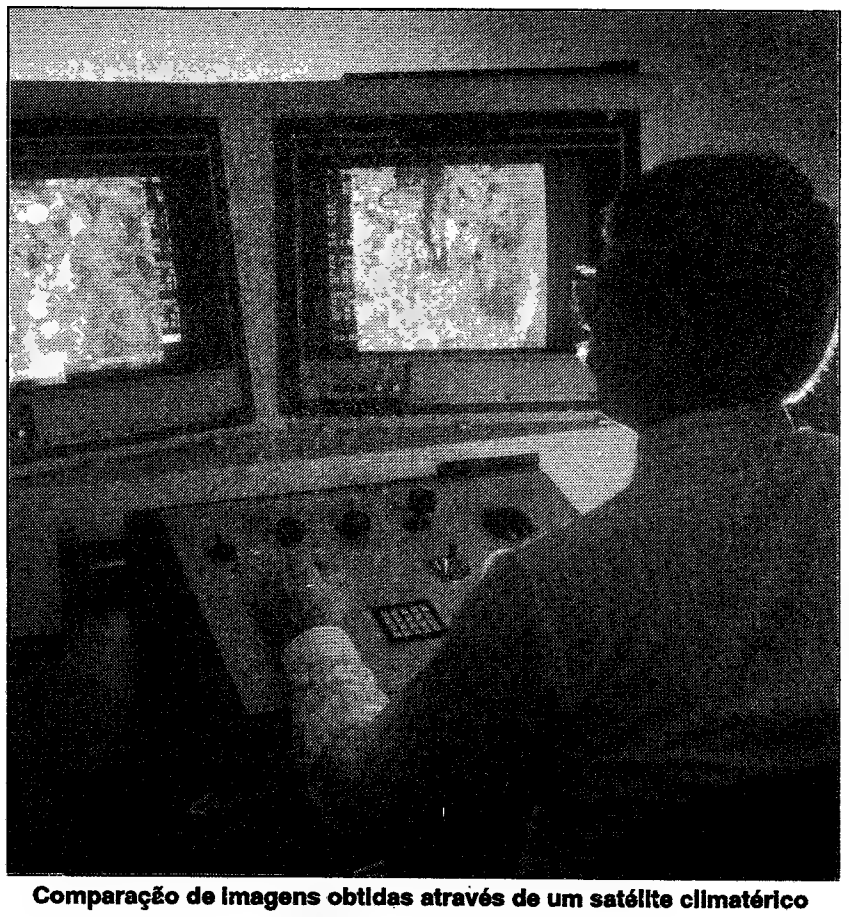
Dependerá dos recursos financeiros disponiveis pelas potências empenhadas no projecto,a colocação em órbita de outras plataformas, mas isso só deverá concretizar-se depois do ano 2000. Para essa altura, está igualmente projectada a implementação de um sistema complementar constituido por pequenos satélites e sondas terrestres com funções específicas, que complementarão com dados de pormenor a imagem, já nessa altura nítida e muito vasta, que teremos das devastações operadas neste martirizado planeta.

Redacção DL





Os novos satélites do programa «Missão ao planeta Terra» vão permitir obter em imagens os resultados da degradação ambiental



Comparação de imagens obtidas através de um satélite climatérico

As missões a desempenhar pelos vai-vem espaciais serão fundamentais para a montagem do sistema de observação terrestre

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Europa dos Dezoito está a ser criada

O desafio do Pacífico, a reacção dos Estados Unidos à sua própria fraqueza na cena mundial e as transformações no Leste europeu levam os doze países da CEE e os seis da EFTA a acelerar as negociações para a construção de um espaço económico global e coeso.

Mais um passo foi dado na constituição de um espaço económico que englobe todas as nações da Europa Ocidental. No passado dia 19 de Dezembro, em Bruxelas, os ministros dos Estrangeiros dos doze países da CEE e dos seis da EFTA comprometeram-se a avançar naquele sentido de forma decisiva durante o ano que acaba de começar.

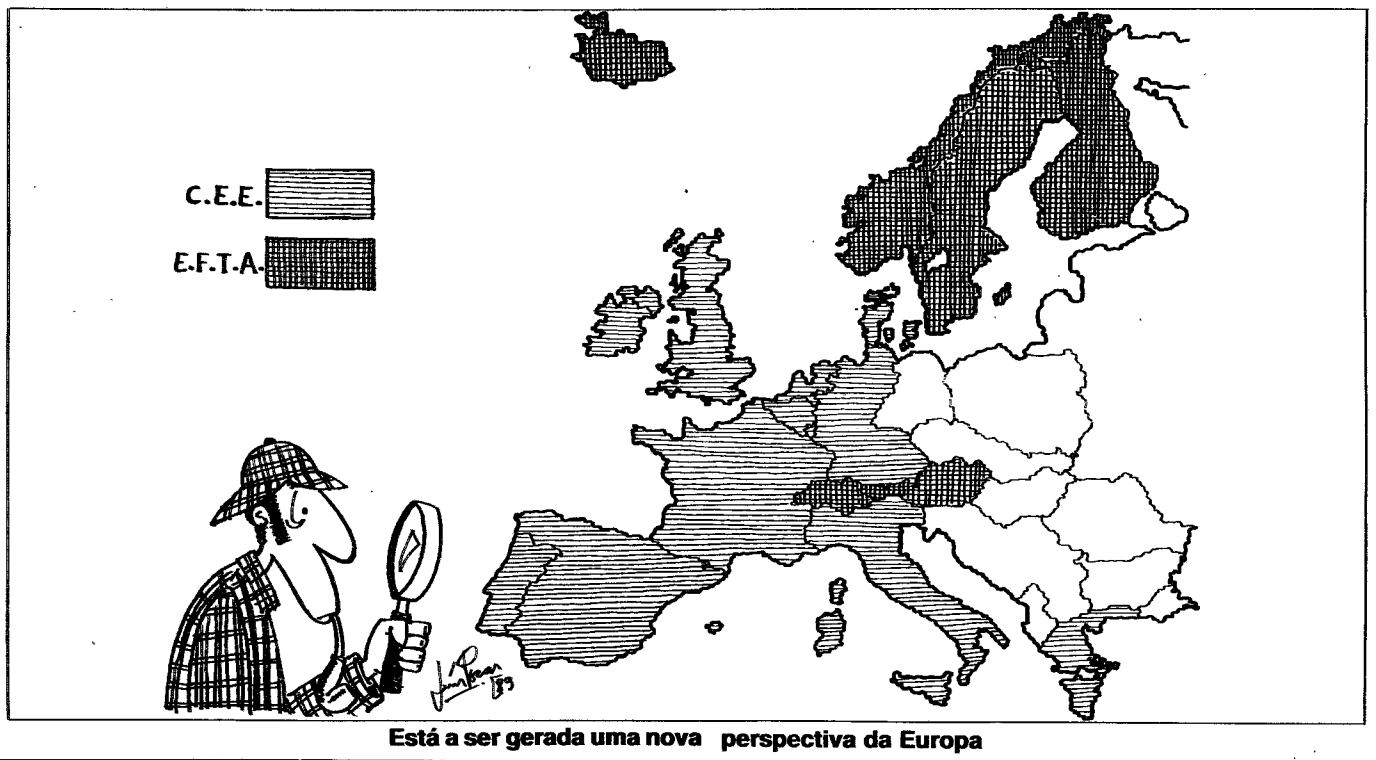
Embora com economias fortemente complementares, os países-membros das duas organizações vão encontrar grandes dificuldades no caminho do alargamento da cooperação que levará, fatalmente, a uma efectiva Europa dos Dezoito.

E fatalmente porque a Europa tem de ser, cada vez mais, um bloco coeso, política e economicamente. O desafio da área do Pacífico, a natural reacção de uns Estados Unidos a verem-se ultrapassados na cena mundial e as transformações políticas e económicas que se verificam no Leste europeu, são factores determinantes para que a Europa acelere fortemente os mecanismos que podem levar à sua unidade, a qual, segundo diz o analista Mário Baptista, não significa unicidade, mas «homogeneidade dento da diversidade».

Aceleração que também se torna urgente para reequilibrar a Europa face a uma Alemanha que percorre os árduos caminhos da reunificação e que se torna necessário «ancorar nas comunidades», como refere Rui Machete.

Mas todo este processo está a ser travado por poderosas considerações de ordem política na medida em que se têm de adaptar as diferentes dinâmicas da CEE e da EFTA. É que a comunidade encontra-se num momento sensível da sua existência que não permite grandes concessões. Estará a EFTA disposta a compreender esta situação?

Para já, verifica-se um consenso que o prof. Jacinto Nunes sintetiza: «Vai haver uma reorientação dos fundos estruturais». Tocar nesta matéria é falar de Portugal, País que deverá sair prejudicado. Mas outras vantagens poderá ganhar se as souber conquistar. **Centrais**



Está a ser gerada uma nova perspectiva da Europa

Macau: o passado e o futuro

Macau: economia progride

A economia de Macau apresenta-se saudável, mas não deixam de ser feitos esforços para que ela seja diversificada, principalmente através de investimentos estrangeiros e portugueses que lhe dêem a solidez necessária para enfrentar a futura integração na China.

Os indicadores daquele território sob administração portuguesa são promissores, nomeadamente no que se refer às trocas comerciais, que levam a que a sua balança seja positiva: 934 milhões de patacas (18,6 milhões de contos) em Setembro de 1989, cifra que reflecte o aumento de 9,4 das vendas ao exterior desde Janeiro do mesmo ano.

Entretanto, prosseguindo na sua abertura ao investimento estrangeiro, foi decidido dar luz verde à instalação em Macau de uma agência comercial e de turismo de Taiwan. É bom recordar que Taiwan tem vindo ultimamente a assumir importantes investimentos em Macau depois de, em 1967, ter sido afastado daquele território por imposição da China.

De referir que, no entanto, o representante da China em Macau, embora saudando a iniciativa, lembrou que Taiwan não poderá abrir no território qualquer representação oficial ou semioficial.

Na página 3 deste suplemento publicamos mais noticiário sobre Macau.
Pág. 3

Portugal à conquista de mercados

Portugal resolve apostar na conquista de três mercados. Resultado: campanhas de promoção em Espanha, Estados Unidos e Japão decididas em Conselho de Ministros. Desenvolvidas por agências de publicidade internacionais, são acompanhadas pelo ICEP, IPT e MNE. São 1,5 milhões de contos para investir durante 1990. Se os publicitários — esses exagerados de sempre — consideram a verba exígua, em contrapartida as organizações empresariais defendem a ideia, tida como positiva, oportuna e necessária.

Dar a conhecer o Portugal de hoje, as suas realidades e o campo que representa, como terreno fértil para investimentos, tal como é uma porta de acesso à Europa comunitária antes mesmo de 1992, eis os principais objectivos da campanha.

A par da captação de investimentos, há a possibilidade das empresas portuguesas alargarem o seu campo de acção, recorrendo ao associativismo. Portugal não é só o sol e mar. É um país com grande potencial de recursos, de mão-de-obra e até de tecnologia.

Última

Armando de Castro: «É necessária especialização»

Política de fomento rural sem projecto ou futuro

A actual política de fomento rural, baseada na aplicação dos fundos comunitários, «não tem quadro, projecto ou futuro», afirma Armando de Castro, do ISEG e especialista de política agrícola comunitária. A definição de um modelo de desenvolvimento e especializão e de uma política de rendimentos que complemente a de preços são outras necessidades que aborda.

Da comunidade surgem notícias de divergências sérias, entre a comissão e o parlamento, a propósito da proposta da primeira que pretende o congelamento e a redução dos preços agrícolas para a próxima campanha.

No meio, permanece a agricultura portuguesa sacrificada por outras prioridades da política económico-financeira, como o expressam António Birne, da ACAP, e Joaquim Casimiro, da CNA.

Págs. 6/7

ECONOMIA

Quimigal constitui novas sociedades

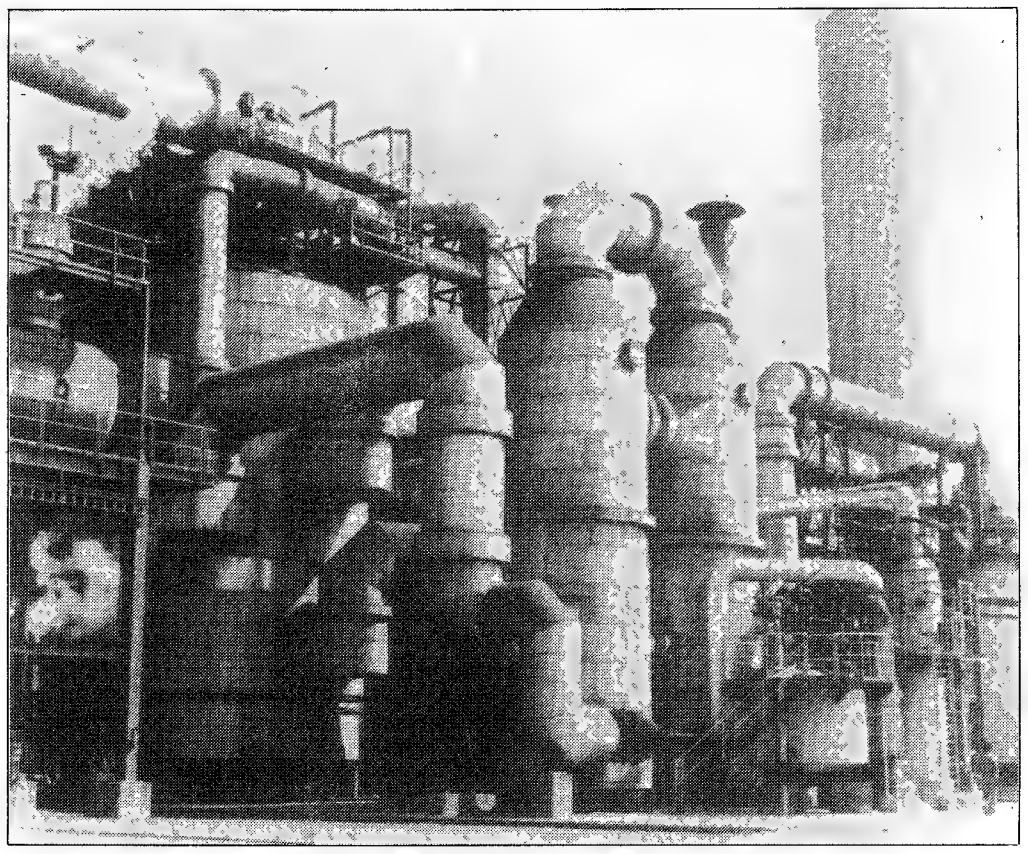
Uma empresa que se posiciona cada vez mais como uma «Holding»

A Quimigal acaba de criar três novas empresas, num processo interno de autonomização de negócios e serviços, posicionando-se, cada vez mais, como uma «holding». São elas a Quimiparque, A CUF Têxteis e a Plasquisa.

A primeira sociedade tem por objectivo desenvolver e gerir parques industriais. Terá a sua sede no Barreiro, o capital social de cinco mil contos, e dedicar-se-á basicamente ao sector de imobiliário industrial, alugando terenos e serviços.

A CUF Têxteis tem origem na divisão têxtil e irá dedicar-se à produção e comercialização de alcatifas, carpetes e produtos de decorção para o lar. O seu capital social é de 300 mil contos.

A Plasquisa foi criada a partir da divisão de plásticos da Quimigal, a qual já comercializava produtos sob a designação de Quimiplas. Passará agora a ter um capital social de 875 mil contos, desenvolvendo a sua actividade também no mercado externo. Continuará a comercialização de embalagens industriais derivadas das ráfias e polietilenos.



Quimigal em processo de autonomização

Outras empresas

Neste processo de remodelação da Quimigal, foram igualmente constituídas a Agroquisa e a Nutasa. A Agroquisa produz insecticidas, fungicidas, herbicidas e outros produtos que contribuam para a melhoria da produção vegetal e da higiene humana e animal. O seu capital social é de um milhão de contos.

A Nutasa, por sua vez, com um capital social de 900 mil contos, tem por objectivo a fabricação e comercialização de rações para bovinos, aves e suínos, sob a marca «CUF-Sanders», empresa francesa com quem estabeleceu um acordo de apoio tecnológico por cinco anos.

A Quimigal prevê que os seus negócios/divisões, ainda não autonomizados, o fiquem até ao final do corrente ano, devendo a empresa assumir plenamente o seu estatuto de sociedade de controlo.

BCP aumenta capital social

O Banco Comercial Português, (BCP), aumentou o capital social de 30 para 66 milhões de contos. Este aumento processa-se através da incorporação de reservas de 15 milhões de acções e de novas entradas em dinheiro, no montante de 21 milhões de acções.

Esta quantia será repartida em 6 milhões de acções destinadas aos actuais accionistas e 15 milhões oferecidas à subscrição pública com 999 mil destinadas aos Banco Popular Espanhol, 14 010 mil ao público.

Os 127 accionistas presentes na Assembleia Geral do BCP, realizada no passado dia 27, decidiram alterar o artigo sétimo dos estatutos do banco, o qual define as competências do Conselho Fiscal para decidir dos aumentos de capital social até 100 milhões de contos.

O BCP registou, no terceiro trimestre deste ano, o crescimento das suas actividades, apresentando 402 milhões de contos de activo total líquido, enquanto no mesmo período o ano passado apresentava 09 milhões.

Ramo automóvel

Seguradoras preocupadas lançam campanha

Preocupadas com os prejuízos sofridos com o ramo automóvel, as seguradoras portuguesas, através da sua associação, lançaram uma campanha de prevenção rodoviária que visa sensibilizar os automobilistas para o grau de responsabilidade nos acidentes de viação.

«Você poderá ser a próxima vítima» é o lema da campanha com a qual se pretende, igualmente, chamar a atenção dos condutores e cidadãos em geral para os elevados índices de sinistralidade nas estradas portuguesas.

Acidentes fazem reagir seguradoras

Deste modo, durante 1990, vai ser distribuído um folheto em que se lembra aos automobilistas que todos os meses morrem em acidentes de viação 207 pessoas e 1013 ficam incapacitadas, temporária ou definitivamente.

Embora sendo uma campanha simples, os seus responsáveis dizem que, pelo menos, *«estamos a fazer alguma coisa»*. Se a campanha for bem sucedida, acrescentam, *«ficamos todos a ganhar: os cidadãos, o País e as seguradoras»*.

O folheto pretende também fazer meditar no facto de Portugal ter a triste liderança europeia em acidentes de viação. Em 1988, recorda-se, registaram-se neste país 275 mil acidentes rodoviários que causaram prejuízos superiores a dez milhões de contos.

BREVES

Refrige em expansão

Numa cerimónia a que estará presente o Presidente da República, a Refrige, Empresa Portuguesa de Refrigerantes inaugura amanhã, nas instalações de Cabanas, Palmela, duas novas linhas de alta produção, encerrando assim o plano de investimento de valor global de dois milhões de contos.

Com a aplicação de tecnologia avançada, a empresa pretende, com estas duas novas unidades, triplicar a sua anterior capacidade de produção e de engarrafamento.

O objectivo é responder às necessidades de um mercado que se encontra em declarada expansão. O crescimento da Refrige é traduzido por um volume de vendas de cerca de 7,5 milhões de contos, em 1989, mais 3,9 milhões que no ano anterior.

À velocidade de 1100 garrafas por minuto, na primeira das linhas de produção, e com a capacidade de engarrafamento de 24 mil litros por hora, em garrafas de plástico «pet» produzido em Portugal, na segunda, a empresa aposta na independência da importação de matéria-prima e no maior abastecimento do mercado.

Economia moderna vai ser debatida

Democratização, dívida externa e desenvolvimento da América Latina serão os pontos principais da Terceira Confereçência Bienal promovida pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento e pelo International Herald Tribune, a ter lugar em Londres no próximo mês de Fevereiro.

As atenções serão centradas na forma como as novas Administrações democráticas modernizarão as suas economias e como os seus parceiros económicos intervirão na crise da dívida e na promoção de um novo e sustentado crescimento económico.

Em discussão estarão os seguintes temas: implicações do «Uruguai Round» para a região, novas iniciativas para aliviar o peso da dívida, cooperação internacional no ambiente, grandes empresas e o mercado latino-americano, papel das pequenas empresas na América Latina e estímulos ao comércio e ao investimento.

Entre os participantes, contar-se-ão Jacques Atali, conselheiro especial do presidente Mitterrand, Pedro Aspe, ministro das Finanças do México, Diego Cordovez, ministro dos Negócios Estrangeiros do Equador, Enrique Garcia Rodriguez, ministro do Planeamento da Bolívia, Toyoo Gyohten, conselheiro esspecial do ministro das Finanças do Japão, Christopher Patten, secretário do Estado do Ambiente da Grã-Bretanha, William Rhodes, presidente do «Comité» de Reestruturação do Citibank de Nova Iorque, Enrique V. Inglesias, presidente do BIAD, e Louis Emmerij, presidente do Centro de Desenvolvimento da OCDE em Paris.

IPE «larga» Lisnave

O IPE — Investimentos e Participações do Estado, vendeu a parte que detinha na Lisnave a José Manuel de Melo, tendo o valor da transacção sido superior a 3,3 milhões de contos.

O contrato assinado entre o IPE e o accionista da Lisnave põe termo ao processo de negociações destinado a concretizar a alienação dos cerca de 20 por cento que o grupo e a Soponata detinham, em conjunto, no capital da «holding» estatal.

O objectivo desta venda, como referido na altura, é a resolução do saneamento económico-financeiro da Lisnave.

Teixeira Duarte constrói hospital

O futuro hospital de Queluz e o Centro dos Congressos do Estoril vão ser construídos pela firma Teixeira Duarte.

Esta empresa acaba de ganhar estas adjudicações, orçadas em 10 milhões de contos, consolidando, deste modo, as suas experiências anteriores no sector.

O futuro Hospital Professor Doutor Fernando da Fonseca, a construir no lado sul da via rápida Lisboa/Sintra, próximo do Palácio de Queluz, disporá de uma área de construção de 72 mil metros quadrados, com seis pisos e capacidade para 670 camas.

Servirá uma população de 350 mil habitantes dos concelhos da Amadora e Sintra, prevendo-se a sua inauguração em 1993.

ECONOMIA

Economia de Macau tem saldo positivo

Jogos de fortuna e azar continuam a ser a grande fonte de riqueza

Uma situação singular passa-se na história da contabilidade de Macau. O valor do saldo corrente das contas públicas daquele território, no final do primeiro trimestre de 1989, foi superior ao próprio valor das despesas apuradas.

Feitas as contas, verifica-se que em Julho a diferença entre as receitas e as despesas de Macau permitia ao gabinete do governador Carlos Melancia dispor de mais de 770 milhões de patacas (15,4 milhões de contos), ou seja, o dobro do valor apurado em período homólogo de 1988 e nove vezes mais do saldo contabilizado nos primeiros seis meses de 1987.

Quando no dia 31 de Dezembro fecharem as contas públicas do ano de 1989, Macau deverá contar com um saldo corrente da ordem dos 1055 milhões de patacas (21,1 milhões de contos), valor que será 60 por cento superior ao observado em 1988 e equivalente ao montante que a administração do território se propõe investir em 1990.

Estes números falam do bom desempenho da economia de Macau no ano passado, o qual, apesar de tudo, fica marcado para a história do território pelos acontecimentos de Junho na Praça Tienanman, em Pequim, que fizeram abrandar a actividade económica nalguns sectores, nomeadamente o turismo.

Seguindo uma rotina já habitual nos últimos anos, Macau que tem cerca de meio milhão de habitantes, dos quais 97 por cento são chineses, obteve nos primeiros seis meses de 1989 um aumento das receitas da ordem dos 50 por cento. Este aumento deve-se, em grande parte, aos incrementos verificados nas rendas da concessão de exclusivos, designadamente dos jogos de fortuna e azar.

Paraíso fiscal

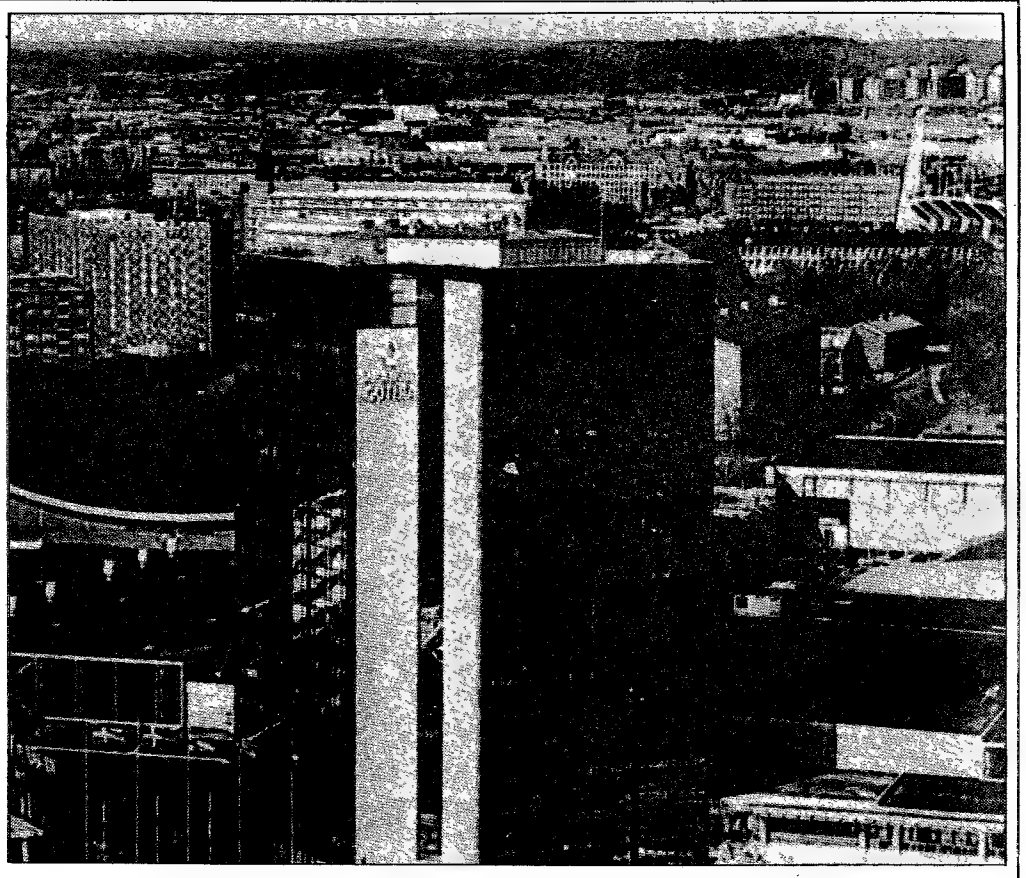
Neste verdadeiro paraíso fiscal implantado numa área de pouco mais de 17 quilómetros quadrados, incluindo as ilhas de Taipa e Coloane, a concessão de exclusivos representou até Julho deste ano 47,5 por cento do total da receita cobrada pelo território, com 88 por cento da exploração dos jogos de fortuna e azar entregues a Stanley Ho.

Com o aumento de cerca de 50 por cento nas receitas, Macau viu crescer as suas despesas públicas no primeiro semestre deste ano apenas 13 por cento relativamente a igual período de 1988, perspectiva esta que se manterá até ao final do ano, deixando o território na invejável e confortável situação de iniciar a década de 90 na sua posição de credor sobre o exterior.

Com a pataca a assumir uma das mais elevadas taxas de cobertura do mundo, cerca de 400 por cento, Macau viu ao longo deste ano reforçadas as suas disponibilidades líquidas sobre o exterior, que atingiram em Outubro a soma recorde de 12 521 milhões de patacas, mais de 250 milhões de contos.

Aliás, a actividade económica em Macau caracterizou-se em 1989 pelo crescimento dos principais agregados monetários que, à excepção do período que coincide com o esmagamento do movimento pró-democracia em Pequim, no mês de Junho, revelaram sempre, ao longo do ano, uma tendência de evolução positiva.

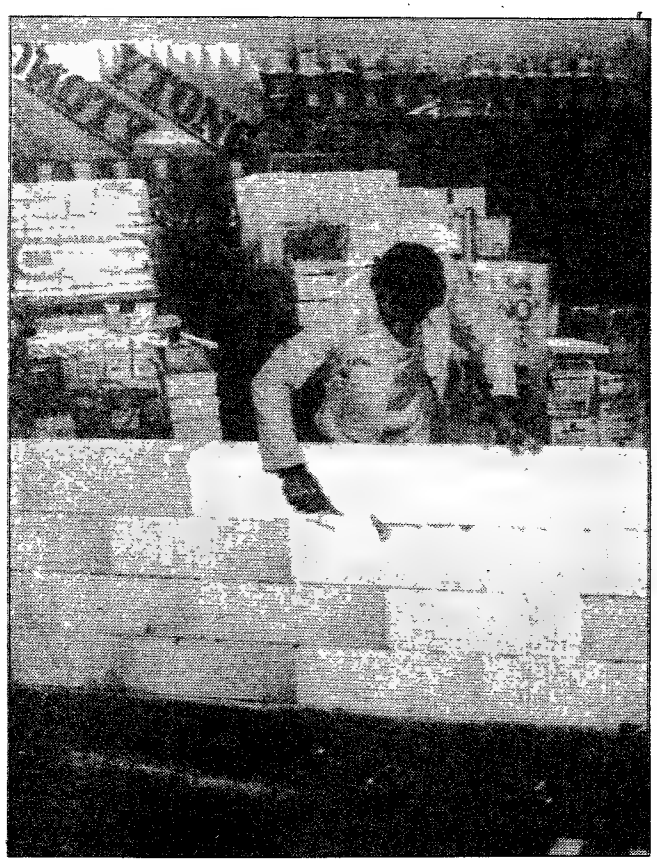
Tudo isto se passa num território onde a inflação em 1989 vai rondar os 10 por cento e onde se verifica o pleno emprego, que obriga, frequentemente, a administração do território a autorizar a importação de mão-de-obra de países vizinhos, designadamente da República Popular da China.



Macau: um paraíso fiscal

O ano de 1989, o segundo no processo de transição da administração de Macau para aquele país, vai ficar ainda assinalado como um marco decisivo no percurso da auto-afirmação do território em matéria de infra-estruturas, onde o aeroporto vem ocupar o fulcro da alavanca do futuro desenvolvimento.

Paulo Ramalheira, Lusa



Uma demonstração da Ytong

Ytong alarga mercado e faz campanha

A Ytong Ibérica decidiu fazer a cobertura total do território português até final de 1990, nomeando revendedores para Trás-os-Montes, região a sul do Tejo, Açores e Madeira. A nova Ytong iniciou a fabricação em Portugal do material de construção civil do mesmo nome há cerca de ano e meio. Conta hoje com 60 revendedores. Entretanto, iniciou uma campanha de divulgação junto de várias instituições e dirigida a arquitectos, engenheiros, alunos de cursos superiores, construtores e operários, tendo já realizado duas sessões: uma no Centro de Formação Profissional da Indústria de Construção Civil e Obras Públicas do Sul e outra no Instituto Superior Técnico.

Verbas japonesas apoiam estrangeiro

O governo japonês, chefiado pelo primeiro-ministro Toshiki Kaifi aprovou, no passado fim-de-semana, um orçamento de 66 273 biliões de ienes para o ano fiscal de 1990.

Este aumento, a iniciar em Abril deste ano, é 9,7 por cento superior ao do ano transacto e vai incidir, nomeadamente, nos apoios ao estrangeiro e nas despesas militares. O sector da Defesa é o mais polémico, esperando-se que a oposição ao governo de Kaifu venha a levantar uma série de dúvidas quanto ao montante das verbas a atribuir sectorialmente.

O orçamento refere um aumento de 6,1 por cento para a Defesa, 4159 biliões de ienes, ou seja, um por cento do produto nacional bruto do Japão. Para o apoio económico ao estrangeiro, o orçamento cresceu 8,2 por cento, 817 biliões de ienes.

O maior bolo vai para a segurança social, com um aumento de 6,6 por cento, ou seja, 11 614 biliões de iénes. Esta medida é vista como uma manobra eleitoral do governo com vista a obter maior apoio popular nas eleições parlamentares previstas para este mês.

Por outro lado, o governo cativou uma verba de 14 500 biliões de ienes para o Ministério do Comércio Internacional e da Industria Japonês lançar uma série de acções destinadas a promover a importação de produtos estrangeiros.

Diz Oliveira e Costa

Aumento de preços era inevitável

«Era inevitável.» É assim que a UGT considera o aumento de preços e bens essenciais anunciado pelo Governo no final de 1989. Segundo Oliveira e Costa, tal teria de acontecer, numa *«economia aberta de mercado europeia»*.

Este dirigente sindical acrescentou que o aumento de preços *«não é uma boa notícia para o país em geral e para os trabalhadores em particular»*, *mas a União Geral de Trabalhadores «não pretende entrar em demagogia e, pura e simplesmente, pronunciar-se contra todo e qualquer tipo de aumento de preços»*.

Este problema, para a UGT, *«centra-se fundamentalmente na correlação preços/salários, nomeadamente no que respeita às pensões de reforma»*. Disse Oliveira e Costa que *«o que preocupa uma central sindical responsável é o salário real, a distribuição do rendimento e a melhoria das condições de vida dos portugueses»*.

Seguem-se palavras duras para o Governo que, segundo a UGT, neste domínio *«tem tido uma actuação que não é aceitável»*, *uma vez que dada a situação económica e financeira do país, Não é aceitável uma diminuição do poder de compra dos salários e pensões»*, acrescentou Oliveira e Costa.

Segundo disse, *não se compreende que os salários cresçam a um nível inferior ao da inflação em 1989»*.

O desafio que se coloca em 1990 é que haja uma plena recuperação do salário real e uma justa retribuição do rendimento», disse também o dirigente da UGT.

Inflação na CEE sobe este ano

Deverá ascender, no final deste ano, a 5,5 por cento a taxa média de inflação na Comunidade Europeia, segundo revela o Eurostat, ao anunciar uma subida de 0,4 por cento no mês de Novembro. Quer isto dizer que se mantém em 1989 uma ligeira tendência para a subida. Relativamente ao ano passado (média dos últimos doze meses) o índice aumentou 5,4 por cento. A subida verificada em Novembro ficou a dever-se aos acréscimos verificados em Portugal (um por cento), Grécia e Reino Unido (ambos com 0,9 por cento).

Fim do mês mais fácil

A partir de agora o fim do mês poderá ser mais fácil para muitos portugueses, desde que tenham acesso ao novo benefício da conta multi-serviços do Banco Português do Atlântico. É uma facilidade de crédito simples, que permite ao titular, entre os dias 15 e 27 de cada mês, pedir um adiantamento de dinheiro para despesas imprevistas, bastando para tal escrever uma carta ao banco. O máximo possível de crédito é de 250 contos e terá que ser pago até ao penúltimo dia do mês respectivo.

Uma Europa para enfrent

Depois do desafio da área do Pacífico, tran as negociações entre a CEE e a EFTA par

O dia 19 de Dezembro foi marcado pelo início das negociações entre a CEE e a EFTA (Associação Europeia de Comércio Livre) com vista a um estreitamento da cooperação (que já vinha sendo negociada e desenvolvida desde os anos 60), mas também (e aqui um novo elemento qualitativamente muito importante) com o objectivo de se criar um espaço comum onde seja possível a livre circulação de pessoas, mercadorias, serviços e capitais, bem como a igualdade de concorrência.

Espaço este que, ao fim e ao cabo, não é outro do que aquele que os doze países-membros da CEE têm vindo a criar e a desenvolver e que pretendem concretizado a partir de 1 de Janeiro de 1983. Ou seja, o grande mercado interno.

Estamos, portanto, perante a perspectiva de uma nova realidade: a de uma Europa dos Dezoito e já não dos Doze. Talvez não institucionalizada em termos legais e administrativos, mas implantada em bases bem reais no terreno das relações económicas e humanas.

Trata-se de concretizar um bloco que, no seu conjunto, detém mais de 350 milhões de habitantes, e é marcado por uma forte inter-relação de economias, simultaneamente complementares e concorrentes.

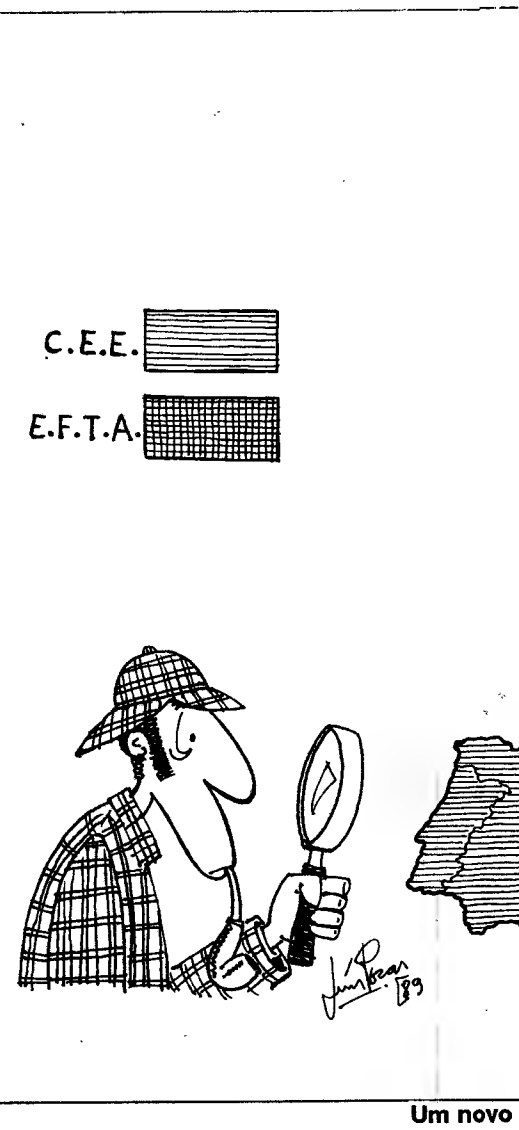
A decisão agora tomada em Bruxelas pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos 18 países membros das duas organizações apresenta-se, contudo, com algumas dificuldades na sua concretização, em particular num dos princípios impostos à EFTA pela CEE: o equilíbrio entre as vantagens e as obrigações.

Se até recentemente ele funcionou em favor da CEE, natural que agora ele se vire contra quem o enunciou. Quer dizer, será agora a vez da EFTA relembrá-lo, reiterando a necessidade do referido equilíbrio. Até que ponto vão os países da EFTA exigi-lo, é uma questão em aberto. Será que quererão beneficiar, também, dos fundos estruturais? E assim sendo, será que a CEE lhes vai exigir a integração no sistema monetário europeu?

Embora natural esta aproximação, pelas proximidades culturais, políticas e económicas, embora desejável esta aproximação que visa a criação de uma espaço europeu mais coeso e dinâmico, a verdade é que o alargamento **de facto** da Comunidade Europeia não vai ser fácil, mas tem de ser feito com urgência.

Estamos perante uma situação nova, que nos é colocada pelas reformas que grassam pelo Leste e que levam a um reequacionamento e a um reequilíbrio do espaço europeu, o que, aliás, já se fazia sentir face à pressão da área do Pacífico e à mais do que certa reacção dos Estados Unidos à concorrência europeia.

As decisões saídas da reunião de Bruxelas do passado



Um novo

Estreitamento de relações é um imperativo

"O estreitamento de relações entre a CEE e a EFTA é um imperativo", afirma o Prof. Jacinto Nunes. EFTA que, diz, foi criada para fazer frente a uma Comunidade Europeia nascente, mas que, com o alargamento desta, foi diminuindo de dimensão, embora não de importância: ainda hoje, com mais de 30 milhões de habitantes, é o principal parceiro comercial da CEE.

É nesta base que Jacinto Nunes considera que se justifica que ambas as organizações procurem entender-se de uma forma mais estreita e intensa. *"Trata-se de uma cooperação assente numa realidade muito forte"*, afirma.

Para ele, o actual processo de negociações deverá concretizar-se *"num alargamento de facto"*, com a generalização de trocas comerciais mais liberalizadas e com uma maior integração entre os dezoito países.

Esta integração, explica, resultará da extensão recíproca dos princípios de cada uma das zonas económicas, pois que, não sendo antagónicos, têm ainda a virtude de se complementarem. Trata-se, acrescenta, de *"promover uma liberalização conjunta, através de uma relação muito estreita que elimine as distorções existentes"*.

Jacinto Nunes considera que os acontecimentos verificados no Leste são determinantes para o fortalecimento da unidade europeia no seu sentido mais vasto. Unidade que, afirma, *"é essencial para manter a República Federal Alemã dentro do esquema, de forma a que não se suscite o problema de uma Alemanha unida"*.

Jacinto Nunes

Portanto, é necessário contrabalançar económica e politicamente o peso da Alemanha através de um maior equilíbrio entre as várias potências económicas. *"O estreitamento das relações entre a CEE e a EFTA tem interesse económico e pesa no reequilíbrio da Europa face à potência alemã"*, explica Jacinto Nunes.

A seguir a uma integração dos países da EFTA na CEE o passo seguinte mais lógico seria o da integração progressiva dos países do Leste. Mas Jacinto Nunes pensa que, para já, essa hipótese não se coloca, tanto mais que há o problema da convertibilidade da moeda, o qual está estreitamente relacionado com a produção. Mesmo considerando que se iniciaria já o processo de desnacionalização da economia no Leste, não deixariam de se pôr complexas questões que são de lenta resolução.

Processo de liberalização no qual, afirma Jacinto Nunes, convém que intervenha uma Europa unida. *"Seria uma concorrência desastrosa se cada país decidisse intervir isoladamente para ajudar as economias do Leste a resolver os seus problemas"*, acrescenta.

No que se refere a Portugal, pensa que o novo realinhamento europeu se fará sentir a médio prazo de forma negativa (embora com aspectos positivos). *"Vai haver uma reorientação dos fundos estruturais e, por outro lado, Portugal sofrerá a concorrência de alguns produtos em que perderá a vantagem comparativa da mão-de-obra barata"*, conclui.

Estabelecer o equilíbrio

A aceleração das negociações entre a CEE e a EFTA têm a ver com a necessidade de se estabelecer um reequilíbrio resultante da abertura do Leste ao Ocidente. Esta a opinião de Mário Baptista, analista económico e responsável por um Gabinete de Estudos Económicos.

O aprofundamento das relações entre a CEE e a EFTA, diz, é necessário. *"A economia comanda sempre a política e se não se acautelarem as questões de ordem económica e tecnológica as áreas políticas serão perturbadas"*, afirma.

O novo quadro europeu resultante da abertura do Leste, acrescenta, obriga a que toda a filosofia do Mercado Interno tenha de ser repensada e reequocionada, nomeadamente no que se refere à área dos fundos estruturais, os quais têm de contar com uma acrescida concorrência dos países do Leste, que detêm vantagens comparativas, em particular ao nível dos salários.

"Tem de se verificar um novo fôlego dos fundos e programas estruturais, sob risco de Portugal poder ficar ainda mais em perigo no contexto internacional", afirma Mário Baptista que refere o facto de nos últimos trinta anos se terem agravado as assimetrias entre o Norte e o Sul da Europa. *"Foi a entrada de Portugal e da Espanha na Comunidade que veio a constituir um pretexto para se formular uma nova filosofia dos fundos estruturais"*.

Embora não acredite que a médio prazo se venha a pôr a hipótese de qualquer país do Leste poder aderir à CEE, Mário Baptista insiste que a actual fase transitória exige uma nova dinâmica dos fundos estruturais, de forma a que não se agravem as assimetrias regionais. Um acordo entre a CEE e a EFTA para a criação de um espaço económico europeu mais alargado, explica, torna-se, portanto, necessário para que a Europa possa sobreviver num contexto mundial. *"Trata-se de criar um espaço global, homogeneizado dentro da diversidade, que espelhe uma unidade, que é fundamental, mas não uma unicidade"*, conclui.

Mário Baptista

Uma consequência do Acto Único

A recente proposta da Comissão Europeia e o subsequente acordo entre a CEE e a EFTA para uma cimeira de onde resulte, no próximo ano, um tratado ou acordo de cooperação, é já uma consequência de uma dinâmica e do fortalecimento da CEE após a assinatura do Acto Único.

Representa, também, uma importante oportunidade para a CEE em matéria de política externa de dar, de forma flexível, um passo importante para a criação de um espaço económico europeu mais vasto sem que para tal tenha de proceder, necessariamente, a um alargamento.

Se for firmado com êxito um tratado de cooperação, a CEE poderá, simultaneamente:

- Ensaiar uma fórmula interessante de cooperação económica cuja geometria variável poderá ser aplicável a alguns países do Leste europeu;
- Afirmar uma capacidade de decisão e uma força atractiva capazes de manter a Alemanha Ocidental ancorada nas Comunidades e de lhe dar, também, uma ajuda na complexa tarefa de reunificação alemã;
- Provar que a criação de um terceiro polo mundial no equilíbrio dos poderes começa, de facto, a constituir-se.

Para além disso, se a EFTA aceitar as quatro liberdades - de circulação de bens, serviços, capitais e pessoas - e a predominância da legislação comunitária, terá também dado um passo importante na obtenção de vantagens económicas recíprocas entre os países-membros da CEE e da EFTA.

As dificuldades institucionais são, de certo, muitas, mas o que está em jogo justifica que se faça um grande esforço para as vencer e quase obriga ao êxito.

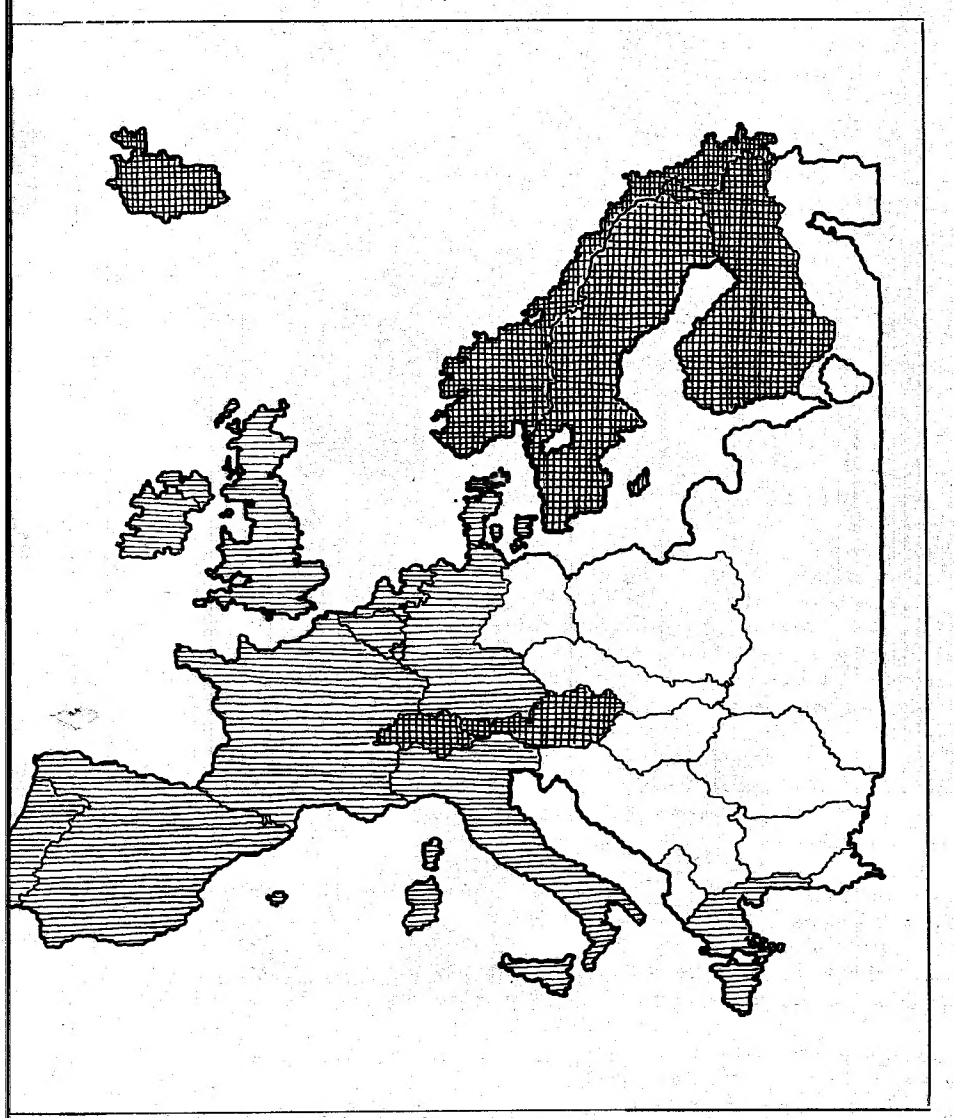
Os recentes desenvolvimentos vêm demonstrar uma vez mais como oportuna foi a entrada de Portugal na CEE em 1985 e quanta razão tiveram aqueles que, no culminar das negociações em Maio desse mesmo ano, se bateram para que não houvesse adiamentos.

Rui Machete

Portugal pode, assim, muito melhor defender os seus interesses como membro da CEE do que aconteceria se fosse mero associado de uma organização tão fluida como a EFTA, a qual, afinal, agora também bate à porta da Comunidade.

ba dos Dezoito ntar o mundo

transformações nos países do Leste aceleraram para criar um espaço económico comum



m novo quadro europeu a "Dezoito"?

e dia 19 levaram a Comissão a reagir pela voz do seu vice-presidente, Frans Andriessen, que desde logo afastou a hipótese de uma conclusão rápida das negociações entre a CEE e a EFTA para a criação de um Espaço Económico Europeu (EEE).

"Queremos começar as negociações em 1990, mas não nos empurrem", disse Andriessen, salientando que a CEE ainda tem muito trabalho a realizar para a concretização do grande mercado interno europeu, a instaurar em 1993.

Por seu turno, o presidente em exercício da EFTA, Jon Baldvin Hannibalsson, igualmente ministro islandês dos Estran-geiros, admitiu haver *"ligeiras diver-gências a nível de acordo institucional"* entre a CEE e a EFTA, embora considerando que as novas relações entre as duas organizações devem ser vistas como *"um passo decisivo para a futura integração europeia"*.

O percurso

Em Janeiro de 1960, a Áustria, Reino Unido, Dinamarca, Noruega, Portugal, Suécia e Suíça assinaram a Convenção de Estocolmo, que criava a Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA). Em 1961 aderiu a Finlândia e em 1970 a Islândia. Saíram, entretanto, por terem aderido à CEE o Reino Unido, Dinamarca e Portugal.

Criada para, de alguma forma, fazer frente à CEE, a EFTA cedo sentiu a necessidade de estreitar os laços com a Comunidade. É assim que em 1972 e em 1973 foram estabelecidos acordos particulares com cada um dos países pertencentes à segunda, com o objectivo de manter, com excepções, privilégios em matéria de isenção de direitos aduaneiros, com vista à sua redução progressiva no espaço de ambas as organizações.

Os acordos entretanto firmados previam a criação de uma zona de comércio livre para os produtos industriais na área da CEE e da EFTA (concretizada em 1977). Com a adesão da Grécia, Espanha e Portugal, os referidos acordos foram revistos, comprometendo-se os dois parceiros *"evitar qualquer violação das regras da concorrência leal, susceptível de afectar as trocas comerciais"*. Na altura é aceite o princípio da adopção de medidas de salvaguarda.

Entretanto foi-se desenvolvendo uma cada vez mais estreita e intensa cooperação nos domínios da protecção do meio ambiente, dos transportes e da investigação científica e técnica. Por outro lado, o desafio da área do Pacífico leva a que se acelere a cooperação no sentido de se criar uma zona económica única constituída pelos países da CEE e da EFTA.

O primeiro grande passo naquela via foi dado em Abril de 1984. Um encontro ministerial dos dois blocos decidiu desenvolver a cooperação nos domínios da investigação e da indústria, com a criação de um quadro jurídico favorável, que visava igualmente a eliminação dos obstáculos técnicos às trocas.

V.L./ José Rui Cunha (em Bruxelas)/ Lusa/ Fichas Técnicas sobre as Actividades da Comunidade Europeia

Problema mais político que económico

É em 1985 que vamos encontrar a primeira grande razão para a aceleração do processo de integração EFTA-CEE. Foi naquele ano que a Comissão Europeia iniciou o projecto para a criação de um mercado interno comunitário.

Isto viria a suscitar na EFTA o receio de os seus países-membros poderem vir a ser relegados para uma posição marginal e desvantajosa em relação aos da CEE.

Teoricamente os países da EFTA poderiam adoptar toda a legislação comunitária relativa ao mercado interno, mas punha-se uma importante questão política: seria aceitável estar-se cada vez mais dependente de uma gigantesca entidade política e económica, como é a CEE, sem ter influência nas decisões por ela tomadas?

Por outro lado, a Comissão estabelece os três princípios em relação à cooperação com a EFTA: prioridade à criação do grande mercado interno; total autonomia na definição da legislação comunitária; e equilíbrio entre as vantagens e as obrigações.

Significa isto que a EFTA não pode interferir nas tomadas de decisões . Mas também que nenhum país poderá usufruir das vantagens dos estados-membros da CEE se não estiver disposto, simultaneamente, a assumir as obrigações daqueles.

Em 2 de Fevereiro de 1988 novo salto qualitativo regista-se nas relações EFTA-CEE. Na segunda reunião ministerial (em Bruxelas), reafirma-se a mútua vontade de prosseguir na via da cooperação e a EFTA aceita o princípio do "justo equilíbrio". A decisão de Abril de 1984 é considerada irreversível. A então proposta zona económica única passa a denominar-se Espaço Económico Europeu (EEE).

Finalmente, a rapidez dos acontecimentos no Leste europeu levam à reunião do passado dia 19 de Dezembro em que se marca o primeiro semestre de 1990 para dar maior e mais profunda substância às declarações de princípios entretanto formuladas.

COMENTÁRIO

Um mundo cooperante

É evidente que uma Europa dos Doze é, actualmente, uma Europa amputada nos aspectos culturais, políticos e económicos. Portanto uma Europa permeável. E daqui a uns anos (50, 100?) uma Europa dos Dezoito também o deverá ser se a dinâmica da presente evolução a Leste se mantiver.

Por isso é natural que se consolidem e desenvolvam os passos já dados para uma crescente unidade da Europa dos Dezoito, de forma a criar-se um bloco coerente de interesses e objectivos que passa (o que é que não passa?) por um espaço de cooperação económica ao nível da produção e dos mercados.

A Humanidade sempre viveu, dia após dia, com a perspectiva de um mundo novo.

O engenho artesanal do Homem, primeiro, a ciência e a tecnologia, depois, criaram uma dinâmica de recriação do mundo que é imparável e que tem vindo, século após século, ano após ano, a acelerar.

Modificações profundas foram sucessivamente introduzidas no mundo em que vivemos. E se aqui não cabe elaborar um "processo histórico", convém, no entanto, lembrar que os interesses do capital (fosse qual fosse a forma que assumiram) sempre estiveram por detrás das grandes estratégias políticas.

E podemos dizer que actualmente nada se alterou quantitativamente.

O que se verifica é uma profunda modificação qualitativa. É que, ao contrário do que até recentemente acontecia, a estabilidade e a paz, se são essenciais ao Homem, também o são para o capital.

Resulta isto da crescente internacionalização da produção e da mundialização dos mercados. A instabilidade política, a guerra como sua consequência última, são presentemente prejudiciais ao capital, tal como em tempos ainda recentes foram úteis. Agora são as empresas que dizem aos políticos qual o caminho a seguir: alianças e cooperação, estabilidade e paz.

E é da qualidade das alianças e da profundidade da cooperação que nasce o êxito empresarial. Ao nível puramente económico? Não apenas, pois que o capital necessita de mais e melhores mercados. Isto implica que os políticos sejam "obrigados" a cooperar no desenvolvimento dos países de economia mais débil, na elevação do nível de vida das populações. Quer dizer, o capital ganha uma nova consciência social, pois que só há mercados "bons" com "bons" consumidores.

Não interessa mais a teoria dos três mundos. Os fortes blocos militares são crescentemente ignorados. Assiste-se a uma realinhar das forças mundiais em áreas de influência económica. O Leste apercebeu-se disso. A área do Pacífico já o compreendeu, os Estados Unidos estão a aprender a nova realidade. A Europa deu o exemplo, procura alargá-lo.

E que visão, que realinhamento nos oferece o mundo do futuro próximo? Sem certeza de nada, alinhemos um quadro com uma Europa Ocidental coesa, comunitária, dos Dezoito; uma Europa Oriental, aberta e organizada em torno de um projecto económico comum; uma área do Pacífico a seguir as mesmas pisadas (o que já acontece); os Estados Unidos e o Canadá (e porque não o México?) a formarem o seu próprio bloco; uma América Latina e uma África divididas em zonas de influência económica lideradas pelos países africanos mais desenvolvidos.

Os três mundos serão, portanto, substituídos por um mundo de muitos blocos, não divididos por conflitos militares, mas cooperantes entre si porque interdependentes.

Vitor Leitão

Um mundo sem problemas? Não sejamos utópicos.

Eles existirão, qualitativamente diferentes; talvez mais controláveis e de resolução mais pacífica. Mas sempre presentes, quanto mais não seja para servir de estímulo à própria Humanidade na via de tornar cada vez melhores as suas sociedades.

Armando de Castro, do ISEG, considera que a especialização é mais importante do que os preços altos

Portugal necessita de um modelo de desenvolvimento agrícola

«*Do que a agricultura portuguesa necessita é de um modelo de desenvolvimento e especialização e não de preços altos*» , afirmou ao "DL" Armando de Castro, coordenador do Centro de Estudos de Economia Internacional do ISE.

A urgência deste modelo é tanto mais candente quanto uma das consequências das actuais negociações do GATT é o congelamento dos preços agrícolas comunitários, por se entender que a subsidiação da produção e da exportação é contrária ao comércio livre.

"Albanização"

Segundo Armando de Castro, porque a tendência é o fim dos subsídios e a baixa dos preços agrícolas, o Estado português deve orientar a produção para as áreas onde somos mais produtivos e escolher os sectores onde nos vamos especializar. E acrescenta: «*Uma política de preços altos, que se limite a dar mais-valias às agriculturas competitivas, não nos interessa*».

Exemplos comunitários de modelos nacionais não faltam. Os holandeses especializaram-se em transformar produtos importados que não pagavam, nem pagam, direitos niveladores. Hoje, a Holanda é o segundo maior Estado exportador da CEE e o que mais ganha com a PAC, com o que demonstra que o modelo de desenvolvimento agrícola não se esgota na produção agrícola nem depende dos recursos naturais. O modelo inglês apostou desde sempre na transformação agrícola, onde se revelou e revela bastante eficiente. O modelo dinamarquês assenta na exportação de dois produtos.

Isto leva Armando de Castro a dizer que «*o interesse nacional é não perder de vista que a formação de interesses , a dinâmica agrícola e a especialização desenquadrada de qualquer modelo definido pelo País, que está a acontecer, pode constituir um legado negativo para a integração plena*» , porque, alerta, «*podemos estar a estruturar interesses desfocados das tendências em formação na CEE e interessados em subsistir à sombra dos poderes públicos*».

É a presença do modelo que, para o nosso interlocutor, deve nortear a posição portuguesa quanto à política de preços. Caso contrário, denuncia, «*verificar-se-á o financiamento comunitário de um autocentramento*». situação esta que, de resto, já mereceu reparos da própria Comissão, a propósito de vários empreendimentos localizados em diversos sectores.

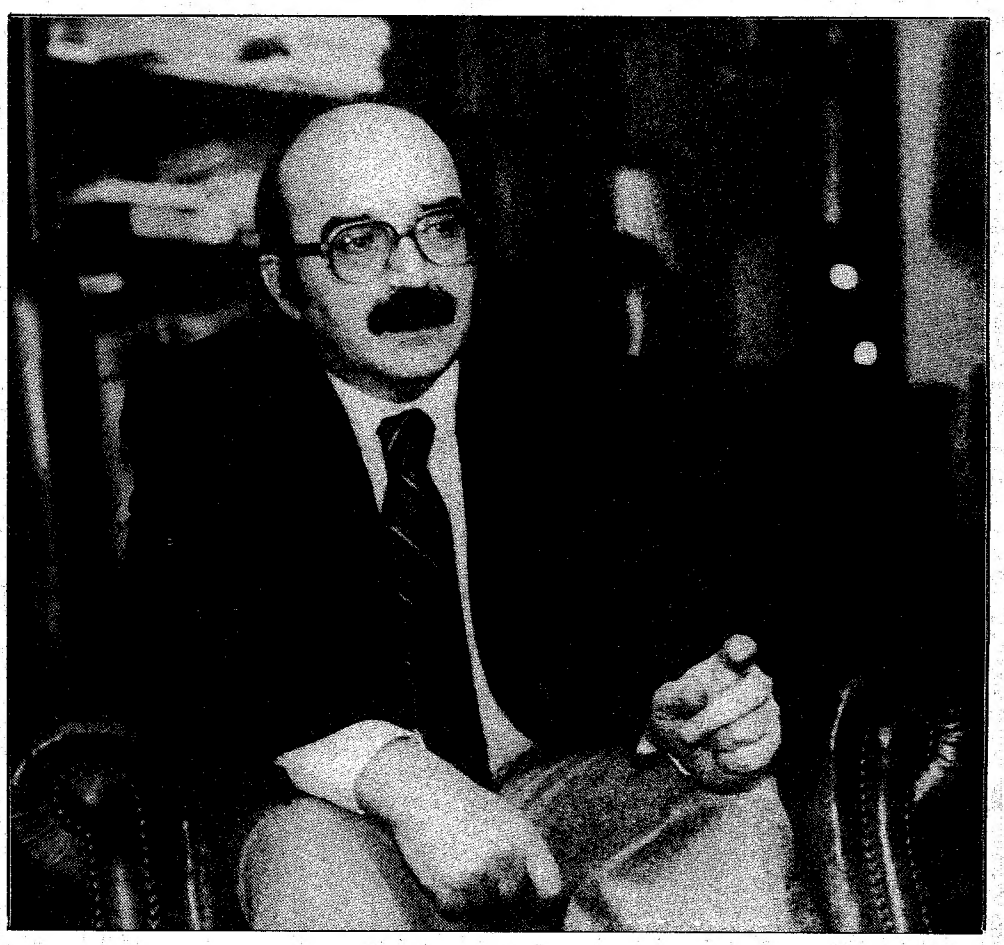
Rendimentos e preços

Armando de Castro considera que, à partida, «*os preços altos são ruinosos para Portugal, não só porque somos o Estado com mais população no campo, como também porque,por exemplo, se os preços portugueses fossem preços-padrão à escala comunitária as agriculturas desenvolvidas viam os seus lucros disparar em flecha*». Estaríamos, portanto,perante transferências invisíveis de rendimentos de Portugal para a Comunidade.

Assim, o que interessa a Portugal é uma « *política de rendimentos, que complemente a política de preços, para compensar os que seriam eliminados do mercado com a aplicação exclusiva desta última*».

Armando de Castro interroga-se mesmo sobre «*qual é o nosso interesse em exigir preços altos, sem mercado, sem modelo, sem especialização? O reforço de uma especialização desvantajosa?*» , para apontar de imediato que «*estamos a seguir uma política cega e proteccionista ao estilo da PAC antes da reforma: primeiro aumenta-se a produção e depois escolhe-se a especialização, sem levar em linha de conta que se estão a criar resistências à mudança*».

Instado a comentar a opinião de que os pequenos agricultores eram os grandes prejudicados pelo congelamento de preços, Armando de Castro declarou-nos que «*quem tal defende ou está ao serviço das grandes empresas, que querem juntar mais-valias aos lucros lícitos, ou não sabe o que diz, ou está a defender o modelo de Leste, o socialismo real*».



Armando de Castro: "A actual política de fomento rural não tem quadro, projecto e futuro"

Para este perito, «*ninguém pode dizer que o congelamento prejudica o pequeno produtor. Como este tem sempre custos de produção altos, o raciocínio-base é o de separar as políticas de preços das de rendimentos e, desta forma, assegurar aos pequenos agricultores a sobrevivência que não lhes é proporcionada pelo mercado*».

Em todo o caso, o nosso interlocutor afirmou-nos que, ao invés do que tem acontecido, «*Portugal deve fomentar políticas de pré-reforma, o que só não ocorre porque o Governo sabe que essa transferência de rendimentos para os pequenos agricultores seria menos vistosa do que a actual política de fomento rural (aplicação de fundos comunitários) sem quadro, projecto e futuro.*» **Rui Nunes**

Subsídios de 150 milhões

Fundos comunitários "adubam" investimentos

O valor dos subsídios atribuídos à agricultura portuguesa durante este ano ronda os 150 milhões de contos. Este número, agora revelado pelo IFADAP, respeita a projectos de investimento que ascendem a 230 milhões de contos.

Mais de 56 milhões de contos é o valor dos subsídios concedidos aos 13 760 projectos apresentados ao IFADAP, até ao fim do mês de Novembro, integrados no Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa (PEDAP), correspondentes a investimentos totais de 63 milhões.

A maior parte daqueles subsídios (40 milhões oriundos da Comunidade e 15 milhões nacionais) foram absorvidos por programas localizados nas áreas de "acção florestal" (20 milhões), "caminhos agrícolas e rurais" (10 milhões) e "electrificação de explorações" (cinco milhões).

Os 15 922 projectos apresentados no âmbito do regulamento 797 (melhoria da eficácia das explorações agrícolas) beneficiam de subsídios no montante de 39 milhões de contos e correspondem a um investimento total de 90 milhões.

Naquele espaço de tempo, a Comunidade aprovou também 369 projectos cobertos pelo regulamento 355 ("melhoria das condições de transformação e comercialização dos produtos agrícolas e da pesca"). Para investimentos previstos de 53 milhões de contos, a CEE atribuiu 23 milhões e Portugal sete.

O regulamento 4 028 ("melhoria e adaptação das estruturas dos sectores da pesca e da aquicultura") suscitou a aprovação de 312 projectos de investimentos na ordem dos 21 milhões de contos, que beneficiam de subsídios de 10 milhões.

Por fim, o melhoramento das estruturas vitivinícolas em Portugal, abrangidas pelo regulamento 2 239, teve 1 883 processos aprovados que recebem três milhões de contos. **R.N.**

Só dois por cento dos agricultores investiram na melhoria da eficácia

Parlamento contra Comissão

Preços dividem CEE

Os grupos parlamentares socialista e popular-europeu opõem-se à proposta da Comissão de congelamento dos preços agrícolas para a próxima campanha. Carvalho Cardoso, porta-voz do Partido Popular Europeu para os preços agrícolas, disse ao "DL" que a proposta não é favorável a Portugal, embora só 15 por cento dos nossos produtos sejam directamente afectados. «*A Comissão congela quase todos os preços e chega mesmo a descer alguns, principalmente os mediterrânicos, o que nos afecta*», afirmou.

Nem mesmo a prevista subida do preço do azeite em um por cento é motivo de regozijo, porque, de uma maneira geral, os preços descem em valores reais, devido à inflação. Assim, acrescenta, é certo que «*os rendimentos dos agricultores vão descer*».

Como, por outro lado, o "ECU verde" cresce só 4,7 por cento, ao ser fixado em 200,98 escudos (com base nos câmbios da semana de 6 a 12 de Dezembro) e como a inflação portuguesa será superior, Carvalho Cardoso entende que «*isto dá-nos um poder de manobra negativo*». Dado que, agora, também serão desmantelados os montantes compensatórios, Portugal enfrentará a próxima campanha agrícola bastante "mal-tratado".

O euro-deputado democrata-cristão sugeriu que o Governo português negoceie o estabelecimento do valor do "ECU verde" com base nos valores cambiais da semana em que o Conselho decidir sobre este assunto, o que deverá acontecer só lá para Abril.

Por fim, Carvalho Cardoso anunciou-nos a próxima reunião do seu grupo parlamentar no dia 9 de Janeiro, em Berlim, onde o assunto será discutido, após o que os "populares-europeus" encetarão negociações com os socialistas para a alteração da proposta.

Posição diferente é a apresentada por Cunha de Oliveira, euro-deputado socialista açoreano, membro da comissão parlamentar da Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural, ao afirmar que, «*embora os preços agora fixados não venham de encontro, globalmente, à política agrícola defendida pelo grupo socialista do PE, também não são, na generalidade, desfavoráveis a Portugal*».

"Falta de visão"

O grupo socialista condenou a proposta da Comissão de congelar e baixar os preços agrícolas, anuncia a Lusa, que justifica: no seu entender, as propostas em causa consubstanciam um « *reforço da política de mercado*» e revelam « *falta de imaginação e falta de visão a longo termo dos problemas do sector agrícola europeu*».

Criticam ainda a ajuda atribuída aos pequenos agricultores - os que cultivam uma superfície inferior a 20 hectares -, por ser «mínima» e lhe faltar «*a aproximação global desejada pelo Parlamento Europeu para resolver os problemas das pequenas explorações familiares em todos os países da Comunidade Europeia*».

Os euro-socialistas contestam também o facto de a Comissão não ter conseguido mostrar a correlação das suas propostas com as negociações a decorrer no âmbito do GATT. Realçam «*que, mais uma vez, a Comissão apresenta as suas propostas de preços sem as integrar numa política global a favor do desenvolvimento rural da Comunidade Europeia*». Acrescentam que, novamente, as propostas não apresentam qualquer contribuição que permita resolver os problemas do meio ambiente relacionados com a agricultura.

Carvalho Cardoso: "Rendimentos dos agricultores vão descer"

A análise feita leva este grupo parlamentar à conclusão que a Comissão «*apresenta-se mais como um gestor desinteressado da política agrícola existente, do que como uma instituição da Europa Comunitária, que deveria guiar a longo termo o desenvolvimento da agricultura nas regiões rurais europeias*».

R.N.

António Birne (ACAP)

Os dinheiros comunitários não resolvem tudo

Os dinheiros comunitários auxiliam, mas não resolvem os problemas da agricultura portuguesa. Com esta premissa, António Birne, dirigente da Associação Central da Agricultura Portuguesa ,faz depender da revisão do período de transição uma melhor preparação da nossa agricultura para o embate comunitário.

Falando ao "DL", diz: «*Se os outros países levaram mais de duas décadas para chegar onde chegaram, não se pode esperar que Portugal faça o mesmo em menos tempo, mais a mais quando os mercados e os grupos europeus já estão preparados em termos de 'marketing' ou financeiros, por exemplo*».

António Birne declara, por outro lado, que «*os agricultores portugueses, incluindo os grandes, não têm disponibilidades financeiras para corresponder aos subsídios comunitários*». E acrescenta: «*Esta situação é agravada pelo facto do Estado não comparticipar, ou atrasar a entrega das suas comparticipações, devido a outras prioridades da política económico-financeira*».

Leste perturba

Com vários problemas estruturais por resolver, a realidade da agricultura portuguesa está "condenada" a aproveitar oportunidades decorrentes de factores exógenos.

Como afirma o dirigente da ACAP, «*o congelamento de preços proposto pela Comissão refere-se mais aos outros Estados do que a nós*».

Com efeito, António Birne diz que «*enquanto a Europa está a reduzir a sua produção, devido à 'guerra' latente que tem com os Estados Unidos, por estes terem preços mais baixos, e à dificuldade que tem em financiar os excedentes, Portugal tem benefícios de transição e é lógico que os aproveite*" enquanto existem, o que já levou, como o "DL" apurou junto do Secretariado Agrícola para as Relações Europeias, a que o nosso País tenha aumentado a sua produção de manteiga e já a esteja a exportar.

António Birne chama, entretanto, a atenção para as alterações da cena política internacional, que poderão "dar" o mercado de Leste à Europa, o que não deixará de vir ao arrepio da actual redução da produção comunitária.

R.N.

Joaquim Casimiro (CNA)

Governo põe o carro à frente dos bois

Incentivos às reformas, diminuição dos custos dos factores de produção, em particular dos juros, contenção das importações «tanto quanto possível » e apoios ao desenvolvimento das zonas mais atrasadas, são algumas das medidas governamentais desejadas pela Confederação Nacional da Agricultura, afirma ao "DL" o seu dirigente Joaquim Casimiro.

Preocupado com a quebra de rendimentos dos agricultores decorrente da inflação portuguesa, que" comerá" o aumento real de 5,4 por cento, em escudos, do congelamento de preços proposto pela Comissão Europeia , Joaquim Casimiro admitiu a não ocorrência desta quebra.

Tal dependerá «*da vontade do Governo invocar a especificidade da nossa agricultura nas negociações que vão decorrer.*» . Depois de afirmar que «*não se pode desejar o aumento de produtivividade, quando temos os factores de produção mais caros e as taxas de juro das mais elevadas de toda a Europa*», Joaquim Casimiro disse que «*se o Governo estiver interessado, também pode invocar isto*».

Reformar a PAC

O tratamento uniforme dado pela CEE aos agricultores e a falta de apoio das autoridades nacionais constituem outros motivos de críticas formuladas por este dirigente da CNA.

Uma PAC reformada «*que tenha em conta as diferenças entre os países ricos e pobres, que apresentam produções e produtividades incomparáveis*» e uma colaboração e ajuda do Estado incrementada, a nível da elaboração dos projectos, por exemplo,seriam acontecimentos bem acolhidos pelos agricultores.

Joaquim Casimiro exige «*a consideração de todo o Portugal agrícola como zona desfavorecida*», denuncia que só dois por cento dos agricultores tviveram acesso aos benefícios do Regulamento 797, que trata do financiamento da melhoria da eficácia das explorações agrícolas, e refere que só uma ínfima parte dos agricultores tem possibilidade de investir o montante correspondente ao necessário para obter os subsídios comunitários.

Esta última situação provoca que os que vão à banca fiquem a pagar juros elevados, pormenoriza.

Prioridades económicas

"*Barbaridade*" e "*pôr o carro à frente dos bois*" foram os qualificativos atribuídos por este dirigente da CNA à liberalização das importações de vinho espanhol e à intenção do Governo criar quotas leiteiras a partir de 1991, 1992.

«*A CEE não nos aborreceria se estas quotas aparecessem lá para 1996, 1997. Agora, nunca sermos nós a pedi-las, a criá-las. Isto não se percebe, é irracional. E sobre a liberalização da importação do vinho espanhol, um vinho sem qualidade, o Governo decidiu-a só para combater a inflação*», disse.

Falta de produtividade caracteriza agricultura portuguesa

Promoção no estrangeiro é oportuna e necessária

Campanha em Espanha, Estados Unidos e Japão bem recebida por empresários

Portugal, a qualidade dos seus produtos, serviços e campo para investimentos estão a ser promovidos, em Espanha, Estados Unidos e Japão, numa campanha que foi considerada «*positiva, oportuna e necessária*» por Ivo Cruz, responsável das Relações Internacionais da AIP — Associação Industrial Portuguesa.

O Conselho de Ministros decidiu esta acção e a campanha arranca, em termos formais, no princípio de 1990, acompanhada pelos presidentes do Instituto de Comércio Externo Português (ICEP) e do Instituto de Promoção Turística (IPT) e por um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A verba destinada para a promoção nos três países, 1,5 milhões de contos, foi considerada por um representante de uma agência de publicidade como curta, tendo em vista os mercados a que se destina. «*Mas mais vale isso que nada*», acrescentou. Os preços que as agências internacionais praticam, bem como os custos da publicidade nos meios são de tal maneira elevados que, ainda segundo a mesma fonte, terá sido necessário um apurado estudo para rendibilizar essa verba. «*Continuamos a ser o país que somos*», disse ainda.

Apresentada em meados de Dezembro passado, a acompanha, que em Espanha já está nas páginas dos jornais, visa atingir mercados que, na sua totalidade, têm grande peso na balança comercial portuguesa, com as percentagens de 18 a 21,5 para os Estados Unidos e Japão.

Considerada sem precedentes, esta acção promocional destina-se a dar a conhecer um país de origem de produtos de qualidade, com destaque para divulgação das potencialidades do comércio externo, do campo para investimentos e do turismo.

O facto de serem estes os três países onde a acção vai ter lugar foi definido por serem aqueles cujas balanças comerciais são tradicionalmente deficitárias para o mercado português. Disse Ivo Cruz que, em relação aos Estados Unidos, «*é extremamente necessário dar a conhecer a realidade nacional, pois há, nesse país, um desconhecimento total do que se passa*».

As campanhas

Embora publicitários portugueses lamentem que uma acção desta envergadura não tenha um «budget» que se aproxime dos cinco milhões de contos, a verba definida pelo Conselho de Ministros poderá ser a suficiente, nesta fase. Para tal terá que contribuir o trabalho desenvolvido pelas agências a quem foram adjudicadas as campanhas.

Do total de 1,5 milhões de contos, 500 mil vão ser investidos em Espanha e restante dividido pelos EUA e Japão. As agências que irão gerir estas contas são respectivamente, em cada um destes países, a Lintas, a Sawyer Miller Group e a Sima Creative House, Tokyo.

As delegações do ICEP nos três países indicaram nomes de diversas agências e, posteriormente, foi feito um concurso restrito. Após terem mantido representantes em Portugal, durante alguns meses, apresentaram as suas propostas, que foram analisadas, de que resultou a escolha das referidas empresas.

Segundo Eurico Roseta, do ICEP, a verba para Espanha será diversificada, já que serão «*utilizados meios de outros países que permitam atingir o Mercado Comum*». Neste país o tema geral da campanha é «Portugal é mais do que imaginas», enquanto que para os mercados norte-americanos e japonês o nosso país surgirá como a porta de entrada no Mercado Comum Europeu.

«Portugal, a melhor aposta para estar na Europa antes de 1992» é o tema forte da campanha norte-americana, centrada nas cidades de Boston, Atlanta, San Diego e Minneapolis. Será a tentativa de conquistar novos mercados e novos investimentos nos EUA, que foi, em 1988, o sétimo fornecedor e o quinto comprador do nosso país.

A escolha destas quatro cidades teve por base o estudo de mercado feito, que mostrou serem as mais representativas e importantes, como mercado potencial. «*Foram seguidos critérios baseados nas taxas de crescimento e nas características económicas e sociais*», conforme disse Eurico Roseta.

Em relação ao Japão, país onde as crianças aprendem na escola os laços históricos e culturais que ligam o seu país a Portugal desde o século XVI, a promoção da imagem nacional aposta nessas relações, mas não deixa de apontar para a captação de investimentos.

Refira-se que, para além dos conhecidos intereses dos ramos automóvel e de electrónica, no Japão já há muitas empresas que apostam nos sectores imobiliário e de serviços. «*Há muito japonês a comprar, em Portugal, o local para passar o resto da vida*», afirmaram ao «DL».

Publicidade em jornais e revistas, «mailling», exposições e outras actividades são as principais características desta campanha. Os seus resultados serão avaliados durante o período em que decorre.

Almeida Henriques

Os novos conquistadores

O ICEP — Instituto do Comércio Externo de Portugal merece sempre, por parte das organizações ligadas aos sectores produtivo e comercial, referências elogiosas. A acção de promoção de Portugal nos mercados de Espanha, Estados Unidos e Japão não é excepção. Elementos ligados à AIP, CIP e CCP mostraram a sua receptividade e afirmaram ser esta a oportunidade de mostrar agressividade de conquistar mercados até aqui pouco explorados.

As balanças comerciais com estes três países são normalmente deficitárias para Portugal. Em 1988 o mercado nacional exportou, para Espanha, 174 milhões de contos e comprou 325 milhões. No mesmo ano vendeu ao Japão 12 milhões de contos e adquiriu 86 milhões, respectivamente 1 por cento das exportações e 4 por cento das importações.

Os Estados Unidos mereceram a Ivo Cruz, da AIP, a afirmação de ser um país onde era urgente uma campanha como esta, já que existe ali um desconhecimento total das capacidades de Portugal, país onde consideram haver ainda as convulsões próprias do período pós-25 de Abril.

«*Há um campo a aproveitar a vários níveis, nomeadamente no associativismo, com a formação de 'joint-ventures' e estamos a defender a participação de entidades empresariais portuguesas dos Estados Unidos na participação desta campanha*», disse Ivo Cruz ao «DL».

A expansão do comércio pode ser outra realidade, competindo à Confederação do Comércio Português um papel activo neste campo. Há mercados a conquistar e há uma diversificação de mercados a criar. Segundo foi dito, torna-se necessário «*diversificar e criar mercados*». Quer na indústria quer no comércio há um núcleo de empresas com grande capacidade de investimento, sendo este «*o momento oportuno*».

Modernizar e avançar

Segundo Ivo Cruz, em certos sectores há empresas que terão de modernizar-se, para responderem à promoção desencadeada. «*Haverá que ajustar uma certa mentalidade empresarial vigente, por quem a competitividade de mercado não se compadece*», acrescentou.

Se os Estados Unidos, mercê de uma forte componente empresarial de portugueses ali radicados, podem vir a ser, em breve, um bom mercado para bens, serviços e de captação de capitais, já com o Japão, apesar dos laços histórico-culturais, não há «background» económico.

«*É intenção de Portugal estabelecer ligações institucionais com este país*», acrescentou Ivo Cruz, que disse também que a AIP tudo fará nesse sentido. Importante, a breve prazo, é a necessária correcção da ideia de que Portugal é um mero receptor de bens e «*não é de excluir a reciprocidade de investimentos na zona asiática*», disse também.

O avanço pode conhecer agora uma nova fase, assim os empreendedores portugueses respondam positivamente, embora possa ser inquietante a pergunta feita, aquando da apresentação formal da iniciativa, por um empresário que quis saber se haveria subsídios para se abalançar na conquista dos novos mercados.

Quanto a esse ponto o Governo informou já que está a fazer o que lhe compete. O resto será com os empresários. «*Têm de aprender a não ser dependentes*», disse Eurico Roseta, do ICEP, que acrescentou «*que têm sido informados do que se está a fazer. Aproveitem esta campanha o melhor possível e ataquem*». **AH**

Anúncio publicado na revista espanhola «Cambio 16»